

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM NO CONTEXTO SOCIAL

DIFUSÃO SÓCIO-GEOGRÁFICA DO PORTUGUÊS
EM CONTATO COM O ITALIANO NO SUL DO BRASIL

FELÍCIO WESSLING MARGOTTI

PORTO ALEGRE, NOVEMBRO DE 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM NO CONTEXTO SOCIAL

**DIFUSÃO SÓCIO-GEOGRÁFICA DO PORTUGUÊS
EM CONTATO COM O ITALIANO NO SUL DO BRASIL**

FELÍCIO WESSLING MARGOTTI

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial de avaliação para a obtenção do título de Doutor em Letras.

ORIENTADOR: PROF. DR. CLÉO VILSON ALTENHOFEN

PORTO ALEGRE, NOVEMBRO DE 2004.

DIFUSÃO SÓCIO-GEOGRÁFICA DO PORTUGUÊS EM CONTATO COM O ITALIANO NO SUL DO BRASIL

FELÍCIO WESSLING MARGOTTI

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do título de Doutor em Letras (Área de Concentração: Linguagem no Contexto Social) e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof^a Dr^a Sabrina Pereira de Abreu
Coordenadora do Curso

Apresentada à Comissão Examinadora, integrada pelos professores:

Cléo Vilson Altenhofen, Dr.
Presidente

José Luiz da Veiga Mercer, Dr.
Membro

Ana Maria Stahl Zilles, Dra.
Membro

Paulino Vandresen, Dr.
Membro

Gisela Collischonn, Dra.
Membro

À *Rita de Cássia*, minha esposa, pela compreensão, carinho e incentivo em todas as horas, principalmente nas necessárias ao distanciamento e ao isolamento.

AGRADECIMENTOS

- À Universidade Federal de Santa Catarina, por ter autorizado meu afastamento;
- Aos colegas professores do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da UFSC, que me incluíram no Plano de Capacitação Docente e me substituíram durante a ausência;
- À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo acolhimento e aprendizado;
- Aos professores e colegas do Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS, pela experiência e conhecimento compartilhados;
- À Professora Hilda Gomes Vieira, pela troca de experiências, apoio e sugestões oferecidas;
- Aos professores José Luiz da Veiga Mercer e Ana Maria Stahl Zilles, pelas valiosas sugestões apresentadas na qualificação do projeto e incorporadas ao texto;
- Às Professoras Diane Dal Mago e Edair Maria Görski, pela leitura do texto e recomendações valiosas;
- Aos familiares e amigos pelo incentivo e pela crença no sucesso de minha empreitada;
- Aos amigos Gilberto e Lourdes, pela hospedagem em Porto Alegre;
- Em especial ao Professor Cléo Vílson Altenhofen, pela atenção, pelo estímulo e pela sábia e constante orientação.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	IX
LISTA DE TABELAS	X
LISTA DE GRÁFICOS	XII
LISTA DE MAPAS	XIII
RELAÇÃO DE SÍMBOLOS FONÉTICOS	XIV
RESUMO	XV
ABSTRACT	XVI
RIASSUNTO	XVII

INTRODUÇÃO	01
------------------	----

CAPÍTULO 1 – VARIAÇÃO DO PORTUGUÊS EM CONTATO COM O

ITALIANO NO SUL DO BRASIL	07
1.1 Delimitação do Objeto de Estudo	07
1.2 Variáveis Lingüísticas	08
1.2.1 Neutralização de [r] forte e [r] fraco	09
1.2.2 Alçamento de [e] e de [o] em posição átona final	11
1.2.3 Substituição do ditongo nasal tônico [ãw̃] por [oãw̃] ou por [õ]	12
1.2.4 Alternância de [ʃ] com [s̃] e de [ʒ] com [z̃]	14
1.2.5 Africação de [t] e [d] diante d [i]	15
1.2.6 Pronúncia da vogal [a] seguida de consoante nasal	16
1.3 Variáveis Geográficas e Sociais	18
1.3.1 Dimensão diatópica	18
1.3.2 Dimensão diazonal	19
1.3.3 Dimensão diageracional	20
1.3.4 Dimensão diastrática	20
1.3.5 Dimensão diagenérica	21
1.3.6 Dimensão dialingual	22
1.3.7 Dimensão diafásica	22
1.3.8 Dimensão diarreferencial	23

1.4 Objetivos da Pesquisa	24
1.5 Hipóteses	25

CAPÍTULO 2 – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-LINGÜÍSTICA

DO ESTUDO: O CONTATO ITALIANO-PORTUGUÊS

NO SUL DO BRASIL

2.1 O Contexto da Imigração Italiana no Sul do Brasil e a Formação da Coiné Vêneta	31
2.2 A Questão da Língua e o Contexto da Imigração	36
2.3 O Contexto Lingüístico Brasileiro	45
2.3.1 Diversidade e unidade lingüística do português do Brasil	47
2.3.2 Estudos de variação do português no Sul do Brasil	54
2.3.3 Estudos sobre o contato italiano-português no Sul do Brasil	66

CAPÍTULO 3 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA DA

PESQUISA

3.1 Variação Lingüística e Dialetoлогия Tradicional Monodimensional	78
3.2 Dialetoлогия Pluridimensional: origem e princípios	84
3.3 Contato Lingüístico e Bilingüismo	95
3.4 Difusão Lingüística	100
3.5 Definição da Rede de Pontos da Pesquisa	104
3.5.1 Caxias do Sul (Área RS1)	109
3.5.2 Nova Palma (Área RS1)	110
3.5.3 Rodeio (Área SC1)	112
3.5.4 Orleans (Área SC1)	114
3.5.5 Sananduva (Área RS2)	116
3.5.6 Sarandi (Área RS2)	118
3.5.7 Chapecó (Área SC2)	120
3.5.8 Videira (Área SC2)	121
3.6 Dimensões e Parâmetros de Análise da Variação e Difusão Lingüística.....	123
3.7 Definição dos Informantes e das Entrevistas	125
3.8 Instrumentos da Coleta de Dados e Procedimentos de Aplicação	127
3.9 Análise e Tratamento dos Dados	130

3.9.1 A base de dados do ALERS	131
3.9.2 Tratamento estatístico e cartográfico dos dados	132

CAPÍTULO 4 – DIFUSÃO DO PORTUGUÊS EM CONTATO COM

O ITALIANO: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS 136

4.1 Introdução	136
4.2 Variação do Português em Contato com o Italiano: variáveis lingüísticas .	140
4.2.1 Realização do nasal tônico [ãw̃]	140
4.2.2 Realização do [r] forte e do [r] fraco	154
4.2.3 Realização da vogal [a] seguida de consoante nasal	162
4.2.4 Alçamento da vogal átona final [e]	168
4.2.5 Alçamento da vogal átona final [o]	175
4.2.6 Africação das consoantes [t] e [d] seguidas de [i]	181
4.2.6.1 Consoante [t] diante de [i]	182
4.2.6.2 Consoante [d] diante de [i]	188
4.2.7 Realização das consoantes fricativas [f] e [ʒ]	193
4.2.7.1 Consoante fricativa [f]	195
4.2.7.2 Consoante fricativa [ʒ]	200
4.3 Variação do Português em Contato com o Italiano: dimensões e parâmetros	204
4.3.1 Pontos da pesquisa (localidades)	209
4.3.2 Variação diazonal (áreas urbanas e rurais)	217
4.3.3 Variação diageracional (idade)	219
4.3.4 Variação diastrática (escolaridade)	223
4.3.5 Variação diagenérica (sexual)	225
4.3.6 Variação dialingual (etnia)	228
4.3.7 Variação diafásica (estilos)	232
4.3.8 Variação diarreferencial (comentários metalingüísticos e epilingüísticos)	238

CONSIDERAÇÕES FINAIS	254
----------------------------	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	265
ANEXOS	280
Anexo 1 – Mapa de Antenor Nascentes (1953)	280
Anexo 2 – Instrumentos de Coleta de Dados	281
Anexo 3 – Mapas Pluridimensionais Gerados pelo Sistema de Processamento de Dados Geolingüísticos (SPDGL)	287

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Esquema de H. Thun	87
QUADRO 2 – Dimensões e parâmetros controlados pela pesquisa	124
QUADRO 3 – Fluxograma para definição da matriz de informantes da pesquisa	125
QUADRO 4 – Matriz dos informantes e das entrevistas por ponto	127

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Distribuição das ocorrências das variáveis lingüísticas pesquisadas, por estilos de fala	138
TABELA 2 – Distribuição do ditongo nasal [ãw̃]	145
TABELA 3 – Uso do ditongo [ãw̃] e os pontos de pesquisa	146
TABELA 4 – Uso do ditongo [ãw̃] em relação à zona de residência dos informantes ...	149
TABELA 5 – Uso do ditongo [ãw̃] em relação à idade dos informantes	149
TABELA 6 – Uso do ditongo [ãw̃] em relação aos estilos de fala	150
TABELA 7 – Uso do ditongo [ãw̃] em relação à etnia dos informantes	151
TABELA 8 – Uso do ditongo [ãw̃] em relação ao contexto precedente	151
TABELA 9 – Uso do ditongo [ãw̃] em relação ao tamanho do vocábulo	152
TABELA 10 – Distribuição do [r] no início de vocábulos, no início de sílabas precedidas por consoante e em posição intervocálica	156
TABELA 11 – Uso do [r] forte nos oito pontos de coleta de dados	158
TABELA 12 – Uso do [r] forte nas colônias novas e colônias velhas	159
TABELA 13 – Uso do [r] forte por falantes urbanos e rurais	160
TABELA 14 – Uso do [r] forte, por estilos de fala	160
TABELA 15 – Distribuição da vogal [a] seguida de consoante nasal	163
TABELA 16 – Fechamento da vogal [a] seguida de consoante nasal, por pontos de pesquisa	164
TABELA 17 – Fechamento da vogal [a] seguida de consoante nasal, considerando sílabas tônicas e sílabas átonas	166
TABELA 18 – Fechamento da vogal [a] seguida de consoante nasal e o contexto seguinte	167
TABELA 19 – Fechamento da vogal [a] seguida de consoante nasal e as classes morfológicas	168
TABELA 20 – Distribuição da vogal átona final [e]	169
TABELA 21 – Alçamento da vogal átona final [e] por pontos de pesquisa	170
TABELA 22 – Alçamento da vogal átona final [e] e a zona de residência	173
TABELA 23 – Alçamento da vogal átona final [e] e a idade	173
TABELA 24 – Alçamento da vogal átona final [e] e os estilos de fala	175
TABELA 25 – Distribuição da vogal átona final [o]	176
TABELA 26 – Alçamento da vogal átona final [o] por pontos de pesquisa	177

TABELA 27 – Alçamento da vogal átona final [o] e a escolaridade	179
TABELA 28 – Alçamento da vogal átona final [o] e os estilos de fala	180
TABELA 29 – Distribuição da consoante [t] diante de [i] e de [e]	183
TABELA 30 – Distribuição da consoante [t] diante de [i]	183
TABELA 31 – Africação da consoante [t] diante de [i] por pontos de pesquisa	184
TABELA 32 – Africação da consoante [t] diante de [i] por falantes urbanos e rurais	186
TABELA 33 – Africação da consoante [t] diante de [i], considerando o acento Lexical	187
TABELA 34 – Distribuição da consoante [d] diante de [i] e de [e]	188
TABELA 35 – Distribuição da consoante [d] diante de [i]	189
TABELA 36 – Africação da consoante [d] diante de [i] por pontos de pesquisa	190
TABELA 37 – Africação da consoante [d] diante de [i], por zona de residência	192
TABELA 38 – Distribuição da consoante fricativa desvozeada [ʃ]	195
TABELA 39 – Realização da consoante fricativa [ʃ], em vez de [s], por pontos de pesquisa	196
TABELA 40 – Realização de [ʃ], em vez de [s], por falantes urbanos e rurais	198
TABELA 41 – Realização de [ʃ], em vez de [s], e o contexto seguinte	199
TABELA 42 – Distribuição da consoante fricativa vozeada [ʒ]	200
TABELA 43 – Realização da consoante [ʒ], em vez de [z], por pontos de pesquisa	201
TABELA 44 – Realização da consoante [ʒ], em vez de [z], por falantes italianos e Lusos	203
TABELA 45 – Realização da consoante [ʒ], em vez de [z], de acordo com o acento lexical	203
TABELA 46 – Distribuição das variantes lingüísticas associadas ao português por grupos entrevistados padronizados em cada ponto	205
TABELA 47 – Distribuição percentual das variáveis associadas ao português por grupos padronizados	206
TABELA 48 – Realização das variantes [+ptg] e das variantes [+ita] por pontos da pesquisa	209
TABELA 49 – Distribuição dos grupos de informantes por sexo	226
TABELA 50 – Distribuição percentual das variantes [+ptg] por estilo de fala	233

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Realização das variantes associadas ao português, por estilos de fala (Leitura, Resposta ao Questionário e Conversa)	236
GRÁFICO 2 – Realização das variantes associadas ao português, por estilos de fala (Leitura, Resposta ao Questionário e Conversa), nos oito pontos da pesquisa	237
GRÁFICO 3 - Proficiência em italiano dos ítalo-brasileiros da amostra	240
GRÁFICO 4 – Com quem os ítalo-brasileiros falam italiano?	241

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 – Áreas bilíngües de colonização de imigrantes não-lusos na região	
Sul do Brasil	35
MAPA 2 – Áreas bilíngües português-italiano no sul do Brasil	42
MAPA 3 – Região Sul do Brasil: pontos e áreas da pesquisa	108
MAPA 4 – Base para os procedimentos cartográficos dos dados	135
MAPA 5 – Difusão diatópico-social do ditongo nasal [ãw]	148
MAPA 6 – Difusão diatópico-social do [r] forte	157
MAPA 7 – Difusão diatópico-social da vogal [a] seguida de consoante	
nasal	165
MAPA 8 – Difusão diatópico-social do alçamento da vogal átona final [e]	172
MAPA 9 – Difusão diatópico-social do alçamento da vogal átona final [o]	178
MAPA 10 – Difusão diatópico-social da africação de [t] diante de [i]	185
MAPA 11 – Difusão diatópico-social da africação de [d] diante de [i]	191
MAPA 12 – Difusão Diatópico-social da consoante fricativa palatal desvozeada [ʃ]	197
MAPA 13 – Difusão diatópico-social da consoante fricativa palatal vozeada [ʒ]	202
MAPA 14 – Difusão geral das variantes associadas ao português	208
MAPA 15 – Difusão diatópica do português	211
MAPA 16 – Difusão diazonal do Português (áreas rurais e urbanas)	218
MAPA 17 – Difusão diageracional do português (idade)	222
MAPA 18 – Difusão diastrática do português (escolaridade)	224
MAPA 19 – Difusão diagenérica do português (sexo)	227
MAPA 20 – Difusão diagrupal (italo-brasileiros e luso-brasileiros)	229
MAPA 21 – Difusão diafásica do português (estilos de fala)	234

RELAÇÃO DE SÍMBOLOS FONÉTICOS

- ['] – acento primário;
- [~] – sinal de nasalidade;
- [a] – vogal anterior, baixa, aberta;
- [ɑ] – vogal posterior, média-baixa, meio-aberta;
- [ɐ] – vogal central, média-baixa, meio-aberta;
- [ɛ] – vogal anterior, média-baixa, meio-aberta;
- [e] – vogal anterior, média-alta, meio-fechada;
- [ɪ] – vogal média-anterior, média-alta, meio-fechada;
- [i] – vogal anterior, alta, fechada;
- [j] – semivogal palatal;
- [ɔ] – vogal posterior, média-baixa, meio-aberta;
- [o] – vogal posterior, média-alta, meio-fechada;
- [ɔ̃] – vogal média-posterior, média-alta, meio-fechada;
- [u] – vogal posterior, alta, fechada;
- [w] – semivogal velar;
- [b] – consoante oclusiva, bilabial, vozeada;
- [p] – consoante oclusiva, bilabial, desvozeada;
- [k] – consoante oclusiva, velar, desvozeada;
- [g] – consoante oclusiva, velar, vozeada;
- [t] – consoante oclusiva, alveolar, desvozeada;
- [tʃ] – consoante africada, alveopalatal, desvozeada;
- [tʃ̃] – consoante africada, alveolar, pré-palatal, desvozeada;
- [d] – consoante oclusiva, alveolar, vozeada;
- [dʒ] – consoante africada, alveopalatal vozeada;
- [dʒ̃] – consoante africada, alveolar, pré-palatal, vozeada;
- [v] – consoante fricativa, labiodental vozeada;
- [f] – consoante fricativa, labiodental, desvozeada;
- [l] – consoante lateral, alveolar, vozeada;
- [ɫ] – consoante lateral, velar, vozeada;
- [ʎ] – consoante lateral, palatal, vozeada;
- [r] – consoante vibrante, alveolar, vozeada;
- [x] – consoante fricativa, velar, desvozeada ou desvozeada;
- [ɾ] – consoante tepe, alveolar, vozeada ou desvozeada;
- [ɹ] – consoante aproximante, ápico-alveolar, vozeada;
- [s] – consoante fricativa, alveolar, desvozeada;
- [ʃ] – consoante fricativa, alveopalatal, desvozeada;
- [ʃ̃] – consoante fricativa, pré-palatal, desvozeada;
- [ʒ] – consoante fricativa, alveopalatal, vozeada;
- [ʒ̃] – consoante fricativa, pré-palatal, vozeada;
- [m] – consoante nasal, bilabial, vozeada;
- [m̃] – nasal de transição entre vogal tônica e oclusiva bilabial, vozeada;
- [n] – consoante nasal, alveolar, vozeada;
- [ñ] – consoante nasal de transição entre vogal tônica e oclusiva alveolar;
- [ɲ] – nasal de transição entre vogal tônica e oclusiva velar;
- [ɲ̃] – consoante nasal, palatal, vozeada.

RESUMO

A Região Sul do Brasil, do ponto de vista da diversidade lingüística, caracteriza-se, entre diversos outros aspectos, pelo contato do português com as línguas dos imigrantes europeus que colonizaram a região desde o século XIX. Monolíngües no início, esses imigrantes tornaram-se bilíngües ao adquirir o português ao longo dos anos e, atualmente, a tendência é serem monolíngües em português. Em tal contexto, os italianos assumem posição de destaque, não só pelo número de falantes, mas também pelas áreas ocupadas e pela influência no contexto lingüístico, sociocultural e econômico. O português falado nas regiões em que ocorre o contato com o italiano assumiu traços específicos que refletem a constituição social e étnica dessas áreas, distinguindo-se, assim, do português falado em outras regiões e da variedade-padrão subjacente. Considerando esse cenário, o objetivo deste estudo é explicitar a dinâmica de difusão do português no espaço pluridimensional de contato com o italiano, mais especificamente em oito pontos (municípios) do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. A linha teórica da pesquisa segue a perspectiva da dialetologia pluridimensional e relacional, a qual busca constituir uma ciência da variação lingüística que corrija as deficiências da geolingüística tradicional e acrescente à sociolingüística uma importância maior ao valor do espaço no debate sobre a variação: “o conceito das interrelações no espaço”, segundo Harald Thun. Os dados foram coletados através de trinta e duas entrevistas, nos estilos conversa semidirigida, resposta a questionário e leitura, nas quais foram controladas dimensões sociais e geográficas, visando a verificar a pronúncia variável do ditongo nasal tônico [ãw̃], do [r] forte, da vogal [a] seguida de consoante nasal, do alçamento das vogais átonas finais [e] e [o], da africacão de [t] e [d] diante de [i], da realização das fricativas [ʃ] e [ʒ]. Os resultados, demonstrados através de tabelas estatísticas e de mapas pluridimensionais, evidenciam que a difusão dos traços associados ao português varia no modo e na intensidade. No plano diatópico, ocorre difusão mais intensa em Orleans (SC) e Caxias do Sul (RS), ao passo que a maior resistência à inovação lingüística foi detectada em Rodeio (SC) e Sananduva (RS). Na perspectiva diassocial, o uso de variantes sem interferência do italiano é liderado, sucessivamente, pelos falantes urbanos, pelos mais jovens e mais escolarizados.

Palavras-chave:

variação lingüística, difusão lingüística, contato lingüístico, dialetologia pluridimensional

ABSTRACT

Considering the linguistic diversity, the south of Brazil is characterized, among several other aspects, by the contact of Portuguese with the languages of the European immigrants who colonized the area since the 19th century. Monolingual at first, those immigrants became bilingual as they acquired the Portuguese language along the years and, nowadays, they tend to be monolingual in Portuguese. In this context, the Italians assume a prominent position, not only because of the amount of speakers, but also because of the areas they occupy and the influence in the linguistic, socio-cultural and economic context. The Portuguese spoken in the areas where there is contact with Italian acquired specific characteristics that reflect the social and ethnic constitution of those areas, becoming, therefore, distinct from the Portuguese spoken in other areas and from the underlying standard variety. With this in mind, the objective of this study is to explain the dynamics of the diffusion of Portuguese in the pluridimensional space of contact with Italian, more specifically in eight cities of Rio Grande do Sul and Santa Catarina. The theoretical approach adopted was the pluridimensional and relational dialectology. This approach intends to constitute a science of linguistic variation that can correct the deficiencies of the traditional geo-linguistics and emphasize, in socio-linguistics, the role of space in the debate about variation: "the concept of the interrelations in space", according to Harald Thun. The data were collected through thirty-two interviews, carried out as semi-scripted conversations, answers to a questionnaire and readings, in which social and geographical dimensions were controlled, in order to verify the diverse pronunciation of the tonic nasal diphthong [ãw̃], the strong [r], the vowel [a] followed by nasal consonant, the raising of the final unstressed vowels [e] and [o], the affrication of [t] and [d] before [i], the production of the fricatives [ʃ] and [ʒ]. The results, demonstrated through statistical tables and of pluridimensional maps, show that the diffusion of the features associated to Portuguese varies in manner and in intensity. In the diatopic level, more intense diffusion happens in Orleans (SC) and Caxias do Sul (RS), whereas the strongest resistance to linguistic innovation was detected in Rodeio (SC) and Sananduva (RS). In the intersocial perspective, the use of variants without interference from Italian is stronger, successively, in urban speakers, in youngsters and in those with more years of schooling.

Key-words:

linguistic variation, linguistic diffusion, linguistic contact, pluridimensional dialectology

RIASSUNTO

La regione sud del Brasile, dal punto di vista della diversità linguistica, ha come caratteristica, tra diversi altri aspetti, il contatto del portoghese con le lingue degli immigranti europei, che hanno colonizzato la regione dal XIX secolo. In principio monolingui, questi immigranti sono diventati bilingui, quando hanno imparato il portoghese, e oggi tendono a essere monolingui in portoghese. In questo contesto, gli italiani hanno assunto una posizione di distacco, non soltanto per il numero di parlanti, ma anche per le zone occupate e per la loro influenza nel contesto linguistico, sociale, culturale ed economico. Il portoghese parlato nelle zone dove è avvenuto il contatto con l'italiano, ha assunto tratti specifici che dimostrano la formazione sociale ed etnica di queste zone, distinguendosi, così, dal portoghese parlato in altre regioni e della varietà standard soggiacente. Considerando questo scenario, l'obiettivo del presente lavoro è chiarire la dinamica della diffusione del portoghese nello spazio pluridimensionale di contatto con l'italiano, più specificamente in otto punti (*municípios*) di *Rio Grande do Sul* e di *Santa Catarina*. La linea teorica di questa ricerca segue la prospettiva della dialettologia pluridimensionale e relazionale, che cerca di costituire una scienza della variazione linguistica che corregga le deficienze della geolinguistica tradizionale e aggiunga alla sociolinguistica un'importanza più grande al valore dello spazio nel dibattito sulla variazione: "il concetto delle interrelazioni nello spazio", secondo Harald Thun. I dati sono stati raccolti attraverso trentadue interviste, del tipo rigido, risposta a questionari e lettura, nelle quali sono state controllate dimensioni sociali e geografiche, cercando di verificare la pronuncia variabile del dittongo nasale tonico [ãw], della [r] forte, della vocale [a] seguiti da consonante nasale, dell'innalzamento delle vocali deboli finali [e] e [o], della fricazione di [t] e [d] davanti alla [i], della realizzazione delle fricative [ʃ] e [ʒ]. I risultati, presentati attraverso schede statistiche e mappe pluridimensionali, evidenziano che la diffusione dei tratti associati al portoghese cambiano di modo e di intensità. Nel piano diatopico, abbiamo una diffusione più intensa a *Orleans* (SC) e a *Caxias do Sul* (RS), mentre una resistenza più grande alle innovazioni linguistiche è stata rilevata a *Rodeio* (SC) e a *Sananduva* (RS). Nella prospettiva dissociale, l'uso delle varianti senza l'interferenza dell'italiano è dominato, dai parlanti urbani, dai più giovani e dai più scolarizzati.

Parole-chiave:

variazione linguistica, diffusione linguistica, contatto linguistico, dialettologia pluridimensionale.

INTRODUÇÃO

O Sul do Brasil caracteriza-se, do ponto de vista da diversidade lingüística, como uma área *sui generis*. Contribuem para isso vários fatores, entre os quais se destacam: a) é região de fronteira com países de língua hispânica; b) foi terra disputada, originalmente, por portugueses e espanhóis, e os portugueses dela se apossaram definitivamente somente a partir do século XVII e XVIII; c) grandes levas de imigrantes europeus, principalmente italianos e alemães, falantes de línguas diferentes do português, foram estabelecidas na região a partir do século XIX.

No conjunto dos falares brasileiros, a Região Sul do Brasil faz parte daquela área que, na clássica distribuição dos falares brasileiros proposta por Antenor Nascentes em 1922, representa o falar que ele chama de "sulista".¹ Estudos recentes, todavia, evidenciam que essa divisão já não mais se sustenta, ou seja, a generalização de Nascentes não dá conta das variedades do português falado no espaço geográfico mencionado. Os dados preliminares do *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS), por exemplo, permitem delimitar pelo menos oito áreas lingüísticas principais na configuração diatópica do português falado na Região Sul do Brasil (ALTENHOFEN, 2002a, p. 134).

Uma dessas áreas é decorrente do contato do português com as línguas dos imigrantes europeus não-lusos, que começaram a chegar no início do século XIX: alemães (a partir de 1824), italianos (1875), poloneses (1891), japoneses (1918), dentre outros. Ocuparam sobretudo as regiões então cobertas por florestas (ROCHE, 1969, p. 51), inicialmente nos vales dos Sinos, Caí, Taquari e região da Serra, no Rio Grande do Sul, e faixa entre o litoral e serra, em Santa Catarina, estendendo-se, posteriormente, num processo de desbravamento, para áreas do Alto Uruguai, na Região Norte e Nordeste do Rio Grande do Sul, Centro-Oeste de Santa Catarina e Sudeste do Paraná (KOCH, 2000, p. 55).

Entre os grupos étnico-lingüísticos europeus em contato com o português, o italiano assume uma posição de destaque, tanto pelo número de falantes quanto pela área ocupada e sua influência no contexto lingüístico e sociocultural brasileiro. Os dados estatísticos, embora limitados, revelam que, nos séculos XIX e XX, o Brasil recebeu mais de

¹ Antenor Nascentes propôs a divisão do “falar brasileiro em seis subfalares”, reunidos em dois grupos: o do norte (amazônico, nordestino e baiano) e o do sul (fluminense, mineiro e sulista). (Cf. Anexo 1).

cinco milhões de imigrantes, sendo o maior contingente formado por italianos: cerca de um milhão e meio (IANNI, 1979, p. 13).

Entre os diversos contingentes de imigrantes italianos, o colono² é o que mais interessa para a presente pesquisa, pois foi esse estrato social que predominou na colonização das terras ainda devolutas no Sul do país. Esses imigrantes, bastante ligados à terra, à tradição e à religião, tendo que enfrentar as condições locais de isolamento e dificuldades de manutenção e sobrevivência, bem como a desilusão devida a falsas promessas, agarrou-se ainda mais a seus valores religiosos, culturais e lingüísticos. Os dialetos trazidos da Itália por esses colonos aqui sofreram processos de nivelamento lingüístico (*Sprachausgleich*), no contato interdialeto, e acabaram sendo, em parte, assimilados pelo vernáculo. Em vista desse processo, nas áreas de contato do português com as variedades dialetais trazidas pelos imigrantes italianos, o vernáculo apresenta uma série de traços particulares que o caracterizam como variedade específica – atestada, aliás, por diversos estudos acadêmicos sobre os quais falaremos adiante – e que são percebidos em parte também pelos falantes em contato, sejam de origem italiana ou não.

A localização dos imigrantes italianos em áreas mais ou menos delimitáveis, cobertas originalmente por densas florestas (BUNSE, 1978, p. 13), tanto nas colônias velhas quanto nas colônias novas, permite deduzir que, nessas áreas, existe uma variedade de língua portuguesa – ou “brasileira”, como dizem os ítalo-brasileiros – com características próprias, proveniente “das especificidades lingüísticas de seus falantes e das condições de aprendizagem da língua oficial do Brasil” (ALTENHOFEN, 2002a, p. 131). A forma de colonização – assentamentos homogêneos em picadas abertas no meio do mato na maioria das vezes – e o isolamento advindo dessa situação retardaram e desfavoreceram em muito o processo de aquisição da língua do novo meio.

Estudos sobre a diversidade dialetal em regiões de colonização italiana no Sul do Brasil revelam que, nos centros urbanos maiores, a fala dialetal cedeu lugar à língua portuguesa; nos centros urbanos menores, o dialeto italiano está sendo relegado em favor da língua portuguesa, especialmente entre pessoas de menos idade; nas comunidades rurais, os dialetos ainda persistem, porém com nivelamento bastante acentuado no âmbito dos próprios dialetos e também com influências da língua portuguesa.

² Toma-se o termo “colono” não apenas no sentido original de habitante das colônias, mas sobretudo no sentido de lavrador, trabalhador da roça, em oposição ao habitante urbano.

Diante desse quadro, marcado por muitas lacunas nos estudos, elegemos como objeto de investigação **a difusão do português em contato com os dialetos italianos**, visando a definir, no espaço pluridimensional em que esse contato ocorre, graus de difusão e de padronização de traços do português na fala de bilíngües de italiano e português. Correlacionando a fala em língua portuguesa com estratos da malha social, pretende-se descrever o modo como se dá a aquisição de traços do português em contato e o grau de participação de diferentes grupos sociais nesse processo.

Considerando as características da colonização do Sul do Brasil e a crescente expansão da língua portuguesa, a língua oficial e dominante, nessas áreas, e considerando, além disso, os mecanismos que levam à manutenção, transformação e/ou mortandade das variedades dialetais dos imigrantes, é imperiosa a necessidade de aprofundar as investigações sobre as situações de contato desses dialetos com o português, não apenas “por causa das implicações teórico-práticas da alfabetização e do ensino de línguas para os descendentes de imigrantes” (ALTENHOFEN, 1997, p. 17), mas também para que seja devidamente documentado o atual estágio da língua portuguesa nessa região que, como se sabe, sofreu e sofre fortes influências das línguas dos imigrantes.

Nas áreas ocupadas pelos imigrantes europeus, em que “o bilingüismo constitui uma das características mais marcantes, senão a mais significativa, da paisagem lingüística do Sul do Brasil” (ALTENHOFEN, 2002a, p. 131), além da existência de diferentes situações e graus de bilingüismo, o português em contato com as línguas dos imigrantes assumiu traços específicos que refletem a constituição social e étnica dessas áreas. As variedades de português oriundas desse contato, com repertórios de elementos fonético-fonológicos, morfossintáticos, semântico-lexicais e pragmático-discursivos, são, como já se sustentou, intuitivamente percebidas pelos falantes da região e por forasteiros, que distinguem nelas traços associados à presença do italiano e do alemão, entre outros.

Para a realização de nossa pesquisa, levamos em conta o fato de que, na manutenção e difusão de certos traços característicos do português, em contato com o italiano, não interagem apenas aspectos relacionados às línguas em si, mas também ao contexto (espaço) pluridimensional em que se dá a interação. Nesse sentido, a explicação para a ocorrência de fenômenos de variação e mudança no português, no espaço delimitado para o levantamento de dados, depende significativamente dos recortes a serem feitos dessa realidade.

Deste modo, por exemplo, a explicação para i) realização de [õw̃] ou [õ] em substituição ao ditongo nasal tônico [ãw̃], ii) realização da vogal anterior, baixa, aberta [ã] quando seguida de consoante nasal em vez da vogal posterior, média-baixa, meio aberta [ã] ou da vogal média-baixa central [ẽ], iii) ausência de neutralização entre vogais médias-altas orais [e] e [o] e vogais altas em posição átona final, iv) a neutralização entre [r] forte e [r] fraco em posição inicial de vocábulos ou em posição intervocálica, entre outros, no português falado em comunidades ítalo-brasileiras, não deve ser buscada apenas nas variedades dialetais italianas, mas também no *continuum* dos diferentes domínios de ordem geográfica e social em que ocorre a interação.

Por isso, para estudar a variedade dialetal do português falado em áreas bilíngües de contato com o italiano, como língua de imigrantes, no Sul do Brasil, é preciso, a nosso ver, contextualizar antes a formação dessa variedade numa perspectiva sócio-histórico-cultural. Isso implica incluir na pesquisa diferentes dimensões espaciais, sociais e estilísticas da fala, na linha do que Radtke e Thun (1996) chamam de dialetologia pluridimensional.

Em relação aos imigrantes italianos, vale enfatizar que, assim como os outros imigrantes europeus, eram monolíngües em sua língua de origem ao chegarem ao Sul do Brasil. A aquisição da língua do novo meio, o português, ocorreu apenas progressivamente ao longo dos anos, e das gerações, segundo as próprias condições de acesso e contato com a língua dominante. Como resultado, contam-se diferentes situações de bilingüismo, em graus diversos, porém com acentuada tendência para a substituição das línguas dos imigrantes pelo português, isto é, para o monolingüismo em português.

Segundo Mioranza (1990, p. 599), no início da colonização, o dialeto italiano³ não convivia diretamente com o português brasileiro, configurando-se antes como superstrato. À medida que as colônias italianas começaram a produzir excedentes para o mercado externo às colônias, a situação sociolingüística se modificou, passando o italiano à condição de adstrato, numa situação de convivência dos dois sistemas: português e italiano. O colonizador tornou-se, então, bilíngüe. Numa terceira etapa, segundo o mesmo Mioranza, com início na década de 50, a língua portuguesa passou a predominar, e o dialeto italiano persistiu numa situação de substrato, perdendo gradativamente a condição de língua de mercado.

³ A expressão “dialeto italiano”, ou simplesmente “italiano”, refere-se genericamente ao conjunto dos dialetos italianos falados em toda a região de colonização italiana.

Admitindo a **tese** de que esse processo, ocorrido no eixo da diacronia, moldou uma variedade própria do português falado nessas áreas de contato com o italiano, detemos, nesta pesquisa, nas características essenciais do processo que engendrou essa variedade, confrontando-a com variedades do português de outras regiões do país e, como não poderia deixar de ser, com o português-padrão suprajacente. Não apenas isso: não se trata de uma variedade uniforme, seja no plano diatópico (entre pontos e áreas diferentes), seja no plano diassocial (entre estratos sociais distintos). Quer dizer: sustentamos a hipótese de que essa variedade de contato apresenta também uma variação interna em seus elementos constitutivos, que é, aliás, da essência de todo sistema lingüístico natural.

De certo modo, nossa pesquisa se insere num objetivo mais amplo de descrição do português do Sul do Brasil, na linha do que vem sendo perseguido por projetos como o *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS) e *Variação Lingüística Urbana na Região Sul* (VARSUL), entre outros, os quais já possibilitaram a realização de diversos estudos significativos.

Olhando para esse cenário lingüístico do Sul do Brasil, especificamente para as áreas colonizadas por ítalo-brasileiros, nosso **objetivo principal** é explicitar tendências da difusão do português no espaço pluridimensional dessas áreas de contato com o italiano. Para alcançar esse objetivo, cujas implicações serão apresentadas mais adiante (ver seção 1.4), levamos em conta os resultados das pesquisas do ALERS e do VARSUL, entre outras, e, mais especificamente, os dados levantados por nós em oito localidades distintas de etnia predominantemente italiana, sendo quatro no Rio Grande do Sul e quatro em Santa Catarina.

Nossa linha teórica segue a perspectiva da dialetologia pluridimensional e relacional, a qual busca constituir uma ciência da variação lingüística que corrija as deficiências da geolingüística tradicional e acrescente à sociolingüística uma importância maior ao valor do espaço no debate sobre a variação: “o conceito das interpelações no espaço” (THUN, 1998b, p. 701). Através de mapas lingüísticos microrregionais circunscritos às áreas ocupadas predominantemente por descendentes de imigrantes italianos, pretendemos, com base nos dados levantados e, também, em correlação com outros estudos relacionados a essas áreas, como o ALERS e o VARSUL, definir tendências da topodinâmica das variedades dialetais de contato do português com o italiano. Acreditamos que a comparação e a análise dos mapas do ALERS, que se referem à área total dos três estados da Região Sul, com os mapas específicos de colonização e povoamento por italianos, confrontados com os dados

obtidos através de inquéritos realizados por nós, permitirá uma delimitação da área dialetal de contato entre o italiano e o português, bem como das respectivas variedades dialetais. Através do princípio da pluridimensionalidade da análise da variação lingüística, relacionaremos à variação horizontal (diatópica) parâmetros de ordem social, tais como idade, escolaridade, sexo (gênero), bilingüismo, etnia, estilo e situação de fala.

A **estrutura do estudo** divide-se em quatro capítulos. O capítulo 1 é dedicado à definição e delimitação do objeto de estudo – a dinâmica da difusão do português em áreas bilíngües de contato como o italiano – em relação aos objetivos fixados e às hipóteses lançadas. Nesse capítulo, também enumeramos as variantes lingüísticas e extralingüísticas que serão descritas e analisadas e justificamos a sua escolha.

No capítulo 2, buscamos contextualizar nossa pesquisa, tanto em termos da área de estudo, quanto da diversidade lingüística do português e dos estudos já realizados, dos quais fazemos uma revisão bibliográfica.

O capítulo 3 é dedicado à discussão do aparato teórico que dá sustentação a esta pesquisa, buscando integrar aspectos sócio-geolingüísticos de variação, e à definição da metodologia de pesquisa. O instrumental teórico inclui conceitos básicos da *dialetologia pluridimensional*, *variação lingüística*, *língua e dialeto*, *contato lingüístico*, *bilingüismo e difusão lingüística*. Entre os procedimentos metodológicos da pesquisa, incluem-se: discussão das dimensões e parâmetros de análise da pesquisa pluridimensional, definição dos critérios de escolha dos informantes, definição da rede de pontos, isto é, locais para levantamento de dados, e explanação sobre os procedimentos utilizados na coleta e análise de dados.

Por fim, o capítulo 4 analisa os resultados acerca da variação diatópica e diassocial no contato do português com o italiano, conforme os dados coletados na pesquisa de campo. A análise e discussão desses dados visa, sobretudo, a detectar os mecanismos e processos de difusão do português nos oito pontos pesquisados, levando em conta as variáveis fonético-fonológicas e os parâmetros extralingüísticos escolhidos para a metodologia da pesquisa.

CAPÍTULO 1

VARIAÇÃO DO PORTUGUÊS EM CONTATO COM O ITALIANO NO SUL DO BRASIL

1.1 Delimitação do Objeto de Estudo

Dentre as diferentes questões que dizem respeito ao contato lingüístico italiano-português no Sul do Brasil, optamos por avaliar as macro-tendências da “difusão” do português no espaço de ocupação (eixo da diatopia), ao longo do período de contato com o italiano (eixo da diacronia), identificando os mecanismos e condições sociais desse processo (eixo da diastratia). Tal intento tem, no entanto, esbarrado em alguns problemas que nos parecem fundamentais para o desenvolvimento dessa linha de pesquisa:

- a) a falta de conexão entre os estudos existentes ou em andamento;
- b) a carência de estudos lingüísticos proporcionalmente às lacunas ainda existentes nas áreas de contato do português com o italiano;
- c) as dificuldades, no âmbito da geolingüística, no sentido de superar determinados pontos de vista, não mais relevantes no atual estágio da lingüística, como a delimitação ou o reconhecimento de variedades dialetais.

Em vista disso tudo, propomo-nos a uma investigação que busque abranger diversos aspectos da engrenagem social (perspectiva vertical) em uma rede de pontos representativos (perspectiva horizontal), através dos quais seja possível apreender a dinâmica das relações de uso do português em contato com o italiano e de sua difusão gradual no espaço pluridimensional de ocorrência desse contato. A pluridimensionalidade, cujo conceito retomaremos no capítulo 3, desempenha um papel central na constituição de nosso objeto de estudo e nos objetivos de pesquisa que definiremos a seguir.

Para isso, selecionamos algumas variáveis fonético-fonológicas que, segundo estudos já realizados, são representativas do português de contato com o italiano. Essas variáveis são apresentadas a seguir, juntamente com as justificativas.

1.2 Variáveis Lingüísticas

Para a realização deste estudo, escolhemos nove variáveis lingüísticas através das quais buscamos visualizar mecanismos e tendências gerais do processo de difusão do português de contato característico dos falantes (bilíngües) de italiano. Nesse sentido, podemos dizer que nosso estudo assume certo caráter filológico, pois as variáveis lingüísticas escolhidas funcionam não como fim em si do estudo, mas como meio, através do qual se busca detectar relações lingüísticas do grupo étnico em questão. Partimos da língua para chegar à sociedade, e não o contrário. Isso nos libera de qualquer pretensão, ou mesmo obrigação, de esgotar a descrição dos condicionadores de cada variante. Por esta razão, também, preferimos a multiplicidade de variáveis à completude dos condicionadores, esperando garantir maior representatividade dos dados para as tendências gerais da língua, no caso o português de contato com o italiano.

Tendo em vista que nosso estudo gira em torno da difusão de traços do português no “meio” italiano, adotamos como critério de escolha das variáveis lingüísticas da amostra o fato de que as mesmas constituem regras variáveis que contrastam traços [+ptg]¹ com traços [+ita]. Neste particular, uma nova dificuldade se impôs: o que nos daria a garantia de que determinada variante do português seria marcada por um traço [+ita]? Ou ainda, o que nos garantiria que determinada realização definida como [+ita] fosse, de fato, decorrente de interferência² da variedade de italiano falada pelo informante? Para solucionar essa questão, apelamos a dois critérios que acreditamos serem suficientes para o nosso propósito:

- 1) as evidências apontadas por estudos já realizados, como por exemplo Bonatti (1968), Bunse (1975, 1978), Frosi e Mioranza (1983), Boso (1992), Zilio (1995), entre outros;
- 2) a percepção metalingüística e epilingüística³ dos próprios falantes das comunidades bilíngües pesquisadas.

¹ As convenções [+ptg] e [+ita] significam, respectivamente, "associadas ao português" e "associadas ao italiano".

² Empregamos o termo *interferência* no sentido atribuído por William F. Mackey (1972, p. 569): "Interferência é o uso de característica que pertence a uma língua, mas se fala ou se escreve em outra".

³ Empregamos o termo *metalingüístico* no sentido de relativo à linguagem para descrever ou falar sobre outra linguagem, ao passo que o termo *epilingüístico* quer dizer qualquer fato associado a fatos lingüísticos, mas estruturalmente não conexo com eles.

Em função disso, decidimos concentrar a pesquisa na análise da difusão de traços exclusivamente fonéticos, por nos parecerem justamente mais perceptíveis e, portanto, mais marcados socialmente.⁴

Apresentamos a seguir a relação das nove variáveis escolhidas (três delas agrupadas) e as respectivas justificativas a partir de estudos já realizados.

1.2.1 Neutralização de [r] forte e [r] fraco

O fonema /r/ apresenta elevado grau de poliformismo. Essa variação se deve à amplitude do espaço articulatorio existente para a realização desse segmento fônico, seja no grau de abertura no eixo vertical (vibrante ou fricativa, por exemplo), seja na área de articulação na dimensão longitudinal (alveolar, velar, uvular ou faríngeo, por exemplo) (CALLOU, MORAES; LEITE, 1996, p. 465). Em português, o uso variável do /r/ está relacionado à posição que ele ocupa na sílaba: “se pré-vocálico, em início de palavra (*roupa*) e em início de sílaba precedida por consoante (*gen-ro*), a forma mais comum é o [r] forte (vibrante alveolar ou fricativa velar); em coda silábica (*a-ler-tar*) e em encontros consonantais tautossilábicos (*bra-do*), o [r] fraco é predominante, mais precisamente, o tepe” (MONARETTO, 2002, p. 254). O contraste fonêmico entre [r] fraco e [r] forte só é atestado em posição intervocálica,⁵ como em *era* [ˈɛrɐ] e *erra* [ˈɛrɐ], *careta* [kaˈrɛtɐ] e *carreta* [kaˈrɛtɐ].

No português brasileiro, o [r] forte apresenta inúmeras possibilidades articulatorias, mas, no Sul do Brasil, há um processo de substituição da vibrante alveolar [r] por uma fricativa velar [x] (CAGLIARI, 1981, p. 30), indicando uma tendência ao desaparecimento da vibrante anterior, a exemplo do que já ocorreu em outras regiões brasileiras.⁶ Também de acordo com Cagliari (1997, p. 34),

⁴ Referindo-se à interferência fônica, Uriel Weinreich (1974 [1953], p. 14) diz que "o problema da interferência fonológica consiste no modo como um falante percebe e reproduz os sons de uma língua, que pode ser indicada como secundária, em relação a outra, dita primária. Há interferência quando o bilíngüe identifica um fenômeno do sistema secundário como pertencente ao sistema primário e, ao reproduzi-lo, sujeita-se às regras do sistema primário.

⁵ Cf. Silva (2001, p. 142).

⁶ Cf. Votre (1978), Monaretto (2002), entre outros.

embora tradicionalmente se use o termo *vibrante* para os sons que se escrevem com a letra R em Português, com exceção do Português Europeu e de algumas **pronúncias muito particulares no Brasil, em geral, oriundas de dialetos que envolvem outras línguas, como o dialeto brasileiro de origem italiana, o que se ouve mais freqüentemente é um som fricativo (velar ou glotal) e um tepe** (grifo nosso).

De fato, um dos estereótipos mais comuns do português de contato com o italiano é o abrandamento de [r] forte, seja na posição inicial de vocábulos, seja na posição intervocálica, ou mesmo no início de sílaba precedida por consoante. Como na coiné⁷ vêneta inexistente o [r] forte,⁸ a influência do italiano no português faz com que os falantes bilíngües português-italiano, ou mesmo falantes monolíngües nas áreas de contato do português com o italiano, usem [r] fraco (tepe) em lugar de [r] forte (vibrante ou fricativa): [ga'ɾafa] por [ga'rafa] ou [ga'xafa], por exemplo.

Por outro lado, verifica-se, em vista disso e da percepção das diferenças fonéticas entre esses sons, casos de hipercorreção, empregando [r] forte quando o esperado é o [r] fraco: [a'reja] por [a'ɾeja] (FROSI; MIORANZA, 1983, p. 367-369). Essa explicação, no entanto, é controversa, pois, em sendo sistemática num grande número de usuários, pode representar uma evolução lexical, ou seja, para um conjunto de falantes, esse vocábulo é sempre [a'reja]. Se esse for o caso, não há variação num mesmo indivíduo.

Para verificar o grau de difusão do português em contato com o italiano, investigaremos, entre outras regras, a variação de /r/ em posição inicial de vocábulos, em posição intervocálica e em início de sílaba precedida por consoante, a exemplo dos seguintes vocábulos, entre outros: *macarrão, cerração, chimarrão, garrafa, garrafão, morro, rio, terra, carro, serrote, morrer, genro, rato, revólver, rosa, rapaz, arame, areia, caro, João-de-barro, rejubilar*.

⁷ Para R. Wardhaugh (1993, p. 37), coiné é uma forma de fala compartilhada pelas pessoas de diferentes vernáculos ("a form of speech shared by people of different vernaculars"). Maiores detalhes sob a formação da coiné vêneta serão fornecidos na seção 2.1.

⁸ Cf. Mescka (1983, p. 121-122), Froisi e Mioranza (1983, p. 347).

1.2.2 Alçamento de [e] e de [o] em posição átona final

A respeito das vogais do português na posição tônica, Camara Jr. (1970, p. 34) identifica a existência de sete vogais: [a], [ɛ], [e], [i], [ɔ], [o], [u]. Nas posições átonas, observa-se um processo de neutralização, condicionado prosodicamente, que provoca uma redução no quadro vocálico de tal forma que, em posição pretônica, manifestam-se cinco vogais: [a], [ɛ], [i], [o], [u]; e, na posição postônica, três vogais: [a], [i], [u].

Embora Camara Jr. sustente que, na posição postônica final, existem somente três vogais, estudos revelam que, no Sul do Brasil,⁹ não se constata neutralização categórica entre vogais médias e vogais altas, como ocorre na variedade carioca por ele descrita. Vogais médias em final de palavra tendem a se manifestar, no Sul, ora como vogais médias, ora como vogais altas (VIEIRA, 2002, p. 1). Assim, é possível observar alternâncias de pronúncias: doent[e] ~ doent[i] e assoalh[o] ~ assoalh[u].

Ainda de acordo com Vieira (p. 22), os informantes de zona de colonização italiana, como Flores da Cunha/RS e Chapecó/SC, cidades incluídas em sua pesquisa, são os que mais preservam o [e] átono final. Isso confirma o que já havia sido apontado por outros estudos, como, por exemplo, Frosi e Mioranza (1983, p. 345-347). Esse fenômeno está relacionado à interferência da estrutura dos dialetos italianos, especialmente do vêneto e do trentino, no português, uma vez que, nos dialetos italianos, o [i] raramente aparece em formas de número singular, sendo o [e] final vogal temática, tanto de nomes masculinos quanto de nomes femininos; o [i] é morfema de plural dos nomes masculinos, e o [e] é morfema de plural dos nomes femininos.

De modo semelhante, nas áreas de contato do português com o italiano, o alçamento do [o] átono final para [u] não prevalece. A explicação deriva do fato de que no sistema de vogais átonas finais do vêneto, dialeto predominante entre os ítalo-brasileiros e base da coíné italiana desses falantes, não existe a vogal [u].¹⁰ Assim sendo, o falante que se habituou a ouvir e a realizar [o] em posição átona final por influência da língua italiana transfere para o português essa regra em detrimento do alçamento para [u], variante comum em outras variedades do português.

⁹ As vogais átonas finais [e] e [o], no Sul do Brasil, são variantes antigas em processo de regressão.

¹⁰ Cf. Tekavčić (1974, v. 1, p. 125).

Levando em conta, então, o pressuposto de que, entre os ítalo-brasileiros, prevalecem as vogais [e] e [o] átonas finais em vez das vogais [i] e [u] quando falam português, mas também considerando que essa é uma regra variável devida, ao menos parcialmente, à interinfluência lingüística, estudaremos, em relação à amostra desta pesquisa, como essa regra se realiza na dimensão espacial e social. Para tanto, serão incluídos no inquérito os seguintes vocábulos, entre outros: *morro, carro, americano, campo, genro, serrote, leite, saúde, tarde, semente, gente*.

1.2.3 Substituição do ditongo nasal tônico [ãũ] por [õũ] ou [õ]

A substituição do ditongo decrescente nasal final [ãũ], ortograficamente -ão, por [õũ] ou [õ] – por exemplo, *coraç[õũ]* ou *coraç[õ]* em vez de *coraç[ãũ]* –, no português falado nas comunidades ítalo-brasileiras da Região Sul do Brasil, é um fenômeno apontado por vários autores (FROSI; MIORANZA, 1983; MESCKA, 1983; ALTENHOFEN, 2002a), mas ainda muito pouco estudado. Há indícios de que ocorre fenômeno contrário quando esses mesmos falantes, num processo de hipercorreção, substituem formas como *s[õ]m* e *bat[õ]m* por *s[ãũ]* e *bat[ãũ]*, respectivamente. Apesar dessa possível hipercorreção ser recorrente entre os ítalo-brasileiros, convém considerar que também os brasileiros, particularmente os do meio rural, realizam tal pronúncia: *b[õ]m* ~ *b[ãũ]*.

Em pesquisa sobre os dialetos italianos na Região de Colonização Italiana no Rio Grande do Sul, Frosi e Mioranza (1983) constataram que o ditongo [ãũ], existente no sistema de sons da língua portuguesa, inexistia nos dialetos italianos. Os autores verificaram, também, que os falantes de etnia italiana não realizam o ditongo, mas mantêm a nasalização: *ver[oN]* por *ver[ão]*, *coraç[oN]* por *coraç[ão]*, *fog[oN]* por *fog[ão]*, *cerraç[oN]* por *cerraç[ão]*.¹¹ Nas formas levantadas por Frosi e Mioranza (*op. cit.*), não foi verificada nenhuma realização do ditongo nasal [ãũ], mas o mesmo ditongo foi atestado, embora em quantidade limitada, sem o traço de nasalidade.

¹¹ A alternância do ditongo [ãũ] com os monotongos [-oN] e [-uN] não considera, para o caso, a possibilidade da eventual existência de glide após a vogal /ã/. Para todos os efeitos, adotar-se-á, para a transcrição dos dados, o ditongo nasal [ãũ] de um lado e, de outro, uma vogal com til, representando elemento consonântico nasal.

O estudo desse fenômeno torna-se ainda mais relevante se considerarmos que a redução de ditongos nasais tônicos em português não é esperada (BATTISTI, 2000, p. 258). O caráter tônico da sílaba como fator inibidor da desnasalização também é apontado por Guy (1981, p. 329): “sílabas acentuadas [...] não sofrem desnasalização”.

Como explicar, então, a redução dos ditongos [ãw] na fala dos ítalo-brasileiros? Mais uma vez, ao que parece, esse fenômeno está relacionada com o sistema fonético-fonológico do italiano.

Na perspectiva diacrônica, se no sistema do português as três estruturas latinas – *one*, *-ane* e *-anu* convergiram para uma única forma –*ão* [ãw], no sistema dialetal italiano essas mesmas estruturas evoluíram do seguinte modo: *one* > ã (*n*) ou *u*, *ane* > ã (*ne*) e *anu* > ã (*n*) ou ã (*no*). Observe-se, no entanto, que em italiano os nomes com terminação ã (*n*) ou ã (*no*) têm baixa frequência, ao contrário dos nomes terminados em ã (*n*) que, em termos reais, é bastante elevada. “Disto resulta que o processo de interferência fônica do dialeto italiano na língua portuguesa efetua-se com a substituição do *ãu* por ã (*n*); nunca ã (*n*) ou ã (*no*) ocupam lugar de *ãu*” (FROSI; MIORANZA, 1983, p. 337).

Presume-se, então, que o problema situa-se no processo da percepção e estende-se para a articulação. O falante que tem como língua materna um dialeto italiano nunca ouve, em seu sistema de sons original, a sequência [ãw] e, sobretudo, nunca ouve esse ditongo nasalizado [ãw̃]. Em razão disso, tem dificuldade em distinguir, na fala de língua portuguesa, [ãw] de [ã].

Resta explicar a realização de [u], em vez de [ãw] ou [ã]. Neste caso, o falante realiza [u] quando deveria realizar [ãw] e, em vez de [ã], que é vogal nasal média simples, realiza uma vogal alta simples não nasal. O fenômeno, quando ocorre em empréstimos do português, é resultado da influência de um único dialeto italiano: o bergamasco. E sobre esse dialeto italiano, afirma Gerhard Rohlfs (1966):¹² “In bergamasco la nasalizzazione si é generalmente perduta e in luogo della vocale nasale sono subentrate vocali orali” [Em bergamasco a nasalização, de um modo geral, perdeu-se e, no lugar da vogal, foram introduzidas vogais orais – N.T.].

Feitas as considerações acima, espera-se que nas áreas de contato do português com o italiano delimitadas para esta pesquisa, a realização do ditongo tônico [ãw], característico do português, apresente uso alternado com o monotongo [ã], que é

¹² Citado por Frosi e Mioranza (1983, p. 338).

característico do italiano. Ao contrário, palavras com monotongo tônico final [õ] em português podem ser pronunciadas como se tivessem ditongo [ãw̃]. E, para estudar essa variação em diferentes dimensões, observaremos o emprego de palavras como as seguintes, entre outras: *fogão, pão, alemão, mão, macarrão, sabão, procissão, João-de-barro*. E, para analisar fenômenos relacionados a uma possível hipercorreção, serão estudadas formas como *batom, filé mignon, marrom etc.*

1.2.4 Alternância de [ʃ] com [ʂ] e de [ʒ] com [ʐ]

No sistema fonológico do português ocorrem os fonemas /ʃ/ e /ʒ/, que inexistem na coine vêneta. Por isso, o falante bilíngüe italiano-português às vezes os substitui, respectivamente, por [tʃ] e [dz] ou por [ʂ] e [ʐ] na fala portuguesa, constituindo-se numa das marcas do chamado *sotacon*.¹³ Essa substituição também é explorada por Iotti na fala do Radicci e, principalmente, para caracterizar a fala dos personagens mais velhos, como sendo uma marca distintiva dos ítalo-brasileiros.¹⁴

De acordo com Frosi (1987b),

Hoje se observa que /ʃ/ e /ʒ/, na fala de muitos bilíngües, evoluem para uma fricativa pré-palatal, surda e sonora, respectivamente; outros ainda manifestam regularmente a interferência, realizando /ʃ/ e /ʒ/ conforme a “aproximada” em português seja surda ou sonora e, enfim, outros aprenderam a usar as “aproximadas” segundo os traços peculiares à fala dos monolíngües.¹⁵

Com efeito, a ausência das duas consoantes fricativas alveopalatais [ʃ] e [ʒ] no italiano acarreta dificuldades para o falante ítalo-brasileiro na produção desses segmentos fônicos que se constituem, no sistema da língua portuguesa, em fonemas distintos das fricativas pré-dorsais [ʂ] e [ʐ], ou ainda de outros segmentos aproximantes de [ʃ] e [ʒ].

¹³ *Sotacon* é marca de identidade dos descendentes de italianos que, ao falar português, denunciam sua origem, impregnando a fala de marcas do dialeto italiano. É o sotaque que denuncia a origem étnica.

¹⁴ Cf. Santos (2001).

¹⁵ Citado por Ponso (2003, p. 69, nota 37).

Observe-se, ainda, que em italiano os fones [tʃ] e [dʒ] são fonemas ([*tʃelo*] e [*dʒête*]), ao passo que, em português, são alofones ([*tía* ~ *tʃia*] e [*dia* ~ *dʒia*]).

Para estudar a realização variável dos fones [ʃ] e [ʒ] nas áreas de contato do português com o adstrato italiano, será analisada a pronúncia de palavras como *churrasco*, *chimarrão*, *bocha*, *xícara*, *chiqueiro*, *peixe*, *chaminé*, *gente*, *avião a jato*, *hoje*, *tijolo*, entre outras.

1.2.5 Africação de [t] e [d] diante de [i]

De acordo com Cagliari (1981, p. 26), um som é africado quando ocorre uma oclusiva seguida de uma fricativa homorgânica, isto é, pronunciadas no mesmo lugar da articulação da oclusiva. A africação é induzida pela presença de [i]. Em português, o caso mais típico é o das africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], uma desvozeada e outra vozeada. Essas africadas ocorrem em certas variedades do português do Brasil, como, por exemplo, no carioca, na mineira, na baiana, e são geralmente seguidas de [i]: [pʊtʃi] “pote”, [tʃia] “tia”, [pʊdʒi] “pode”, [dʒia] “dia” etc.¹⁶

As consoantes [t] e [d] seguidas de [i] palatalizam-se e, na sequência, sofrem africação. Pode haver palatalização sem que ocorra africação. É esse condicionamento que explica a ocorrência das homorgânicas [ʃ] e [ʒ], e não [s] e [z].

A realização variável [t] e [tʃ] é entendida pelos falantes do português como uma só unidade, um só fonema /t/. O mesmo ocorre com as variantes [d] e [dʒ], que equivalem ao fonema /d/. Assim, [tʃ] e [dʒ] são variações alofônicas num contexto específico, isto é, antes de [i]. Trata-se de uma distribuição posicional de alofones. Diante da vogal [i], realizam-se ora a oclusiva, ora a afrizada; diante das demais vogais, somente a variante oclusiva.

Então, por que essas variáveis foram incluídas nesta pesquisa? Ocorre que em italiano também existem as africadas [tʃ] e [dʒ], mas sua distribuição é diferente da do português, realizando-se, em princípio, diante de qualquer vogal. Em vista disso, há

¹⁶ Segundo Silva (2001, p. 38), os segmentos consonantais [tʃ] e [dʒ] são típicos do Sudeste brasileiro, mas ocorrem também em outras regiões delimitadas do Norte e Nordeste. No dialeto baiano, as referidas africadas também são atestadas depois de semivogal alta da sílaba precedente, registrando-se, com frequência, o desaparecimento do segmento condicionador, como em *muito* [ˈmũtʃu], *oito* [ˈotʃu], *doido* [ˈdodʒu], *cuidado* [ˈkudʒadu] (cf. Mota, 1998, p. 475).

evidências de que o falante bilíngüe de italiano-português aplica, em português, regras distintas para africadas e para não-africadas. Dito de outra forma

o fenômeno lingüístico da realização de [t] e [d] diante da vogal anterior alta encontra explicação no fato de que o falante opera transferindo para a sua fala de língua portuguesa a estrutura específica que mantém [t] e [d] como oclusivas no sistema fonológico de sua língua materna, em qualquer contexto vocálico (FROSI; MIORANZA, 1983, p. 364).

Diferentemente do português, em italiano [tʃ] e [dʒ] são fonemas que têm origem em estruturas latinas. Assim sendo, o falante bilíngüe português-italiano, em sua fala em língua portuguesa, não realiza, por um lado, a variação [t] ~ [tʃ] e [d] ~ [dʒ] por entender, com base no italiano, que a representação mental das respectivas variantes não são idênticas. Por outro lado, pode-se argumentar que o baixo índice de não-africação de [t] e [d] entre os ítalo-brasileiros também está associada à ausência de contexto para isso, uma vez que esses falantes costumam não fazer o alçamento do [e] átono final (cf. seção 1.2.2).

De uma forma ou de outra, conclui-se, pois, que o fenômeno da não-realização das africadas correspondentes a [t] e [d], na fala portuguesa dos ítalo-brasileiros, constitui uma interferência fônica do italiano no sistema fonológico da língua portuguesa, embora possam existir outras motivações, entre as quais o fato de a ausência de africação na Região Sul do Brasil ser também uma característica do falar açoriano-catarinense.¹⁷

Levando isso em conta e considerando a possibilidade de interinfluência lingüística resultante do contato, estudaremos, na perspectiva pluridimensional definida para esta pesquisa, o processo de africação das consoantes [t] e [d] antes da vogal [i] através da articulação de palavras como *bom dia*, *tio*, *mentira*, *dinheiro*, *tijolo*, *perdido*, entre outras. Também fazem parte da amostra itens lexicais com vogal átona final [e], como *leite* e *gente*, que podem, na fala, sofrer o processo de alçamento, criando as condições para a africação.

1.2.6 Pronúncia da vogal [a] seguida de consoante nasal

Se o véu palatino, durante a articulação de uma vogal, estiver abaixado, parte do fluxo de ar se desviará, passando pelas cavidades nasais e saindo pelas narinas, e parte passará pelas cavidades orais, saindo pela boca. Uma vogal produzida desse modo chama-se vogal

¹⁷ Cf. Furlan (1989).

nasalizada. A nasalização de vogais fechadas é facilmente perceptível, ao contrário da vogal [a], que é aberta. Segundo Cagliari (1981, p. 53), a percepção da nasalização do [a] só é possível se o véu palatino estiver relativamente bem abaixado, causando grande integração da cavidade faríngea com a cavidade nasofaríngea.

Em português, a articulação da vogal [a], tônica ou átona, quando seguida de [m], [n], ou [ɲ], às vezes sofre processo de nasalização. Nasalizada ou não, a pronúncia da vogal [ɑ], quando seguida de consoante nasal, tende a ser posterior, média-baixa, meio-aberta, diferentemente da vogal [a] oral, cuja pronúncia é anterior, baixa e aberta, contraste que pode ser observado em exemplos como: *c[ã]nta* e *c[a]ta*, *c[ã]ma* e *c[a]la* etc. Entre os falantes ítalo-brasileiros, no entanto, às vezes não ocorre essa diferenciação, mantendo-se nos contextos de nasalidade o [a] anterior, aberto e baixo. Ou seja, em geral, no português do Brasil, a vogal [a], nos contextos seguidos de consoante nasal, será [+] ou [-] nasalizada e [+] fechada; no português falado pelos ítalo-brasileiros, a vogal [a] tende a ser [+] ou [-] nasalizada e [-] fechada.

A explicação para isso está também no italiano. Nessa língua, não existem vogais nasais, nem ocorre processo de nasalização de vogais quando essas vêm seguidas de consoante nasal. Isso significa que a ausência de diferenciação entre a vogal oral [a] e a correspondente nasal no português de contato com o italiano, em contexto seguido de consoante nasal, representa a manutenção de uma regra da língua italiana. Como não existe no sistema dialetal italiano uma regra fonológica que leve à nasalização e ao fechamento da vogal [a], o ítalo-brasileiro tem dificuldade em perceber essa variação. Por isso, nos contextos em que é esperada a nasalização do [a] e, conseqüentemente, o fechamento, os ítalo-brasileiros tendem a variar o uso: [ʒĩ'kɑna] ~ [ʒĩ'kana], [sa'lame] ~ [sa'lame], [kã'ta] ~ [kã'ta] ~ [ka'ta], [ʒã'ta] ~ [ʒã'ta] ~ [ʒa'ta].

Quando seguida de consoante nasal, a realização da vogal [a] anterior, média-baixa e meio-aberta, nasalizada ou não é, portanto, um traço do português de contato com o italiano, distinguindo-se, foneticamente, da vogal [ɑ] posterior, média-baixa, média-aberta, nasalizada ou não, característica do português-padrão. Para estudar essa regra variável, tanto na dimensão diatópica quanto na diastrática, examinaremos como os informantes articulam palavras do tipo das que seguem: *arame*, *canga*, *cantam*, *cama*, *americano*, *italiano*, *banana* etc.

1.3 Variáveis Geográficas e Sociais

As variáveis lingüísticas listadas na seção anterior serão correlacionadas com as dimensões explicitadas a seguir, as quais caracterizam a pluridimensionalidade da pesquisa. Estas dimensões abrangem aspectos da engrenagem social (perspectiva vertical) em uma rede de oito pontos representativos das áreas de contato do português com o italiano nos dois estados do extremo Sul do Brasil (perspectiva horizontal), em três diferentes estilos de fala. Incluímos, ainda, a análise de comentários atitudinais.

1.3.1 Dimensão diatópica

As áreas de contato do português com o italiano, no Sul do Brasil, são representadas por dezenas de municípios (cf. *Mapa 1*). Em alguns, a população é formada quase que exclusivamente por descendentes de imigrantes italianos; noutros, apesar de prevalecer o elemento ítalo-brasileiro, constata-se a presença de outras etnias européias, como a alemã, a polonesa, a austríaca etc., além da luso-brasileira e africana; por fim, há municípios em que os italianos são minoria comparativamente a outras etnias. Além disso, deve-se considerar que alguns municípios colonizados por italianos tiveram origem na fundação de antigas colônias, onde foram assentados imigrantes vindos da Itália; outros, fundados posteriormente, resultaram do deslocamento interno de populações, incluindo-se os italianos e seus descendentes.

Considerando, então, as limitações que se impõem a uma pesquisa individual, decidimos limitar a coleta de dados a uma rede de oito pontos (localidades) que julgamos representativas das áreas nas quais se registra a presença de italianos. Na definição dessa rede de pontos, adotamos os seguintes critérios: a) todos os municípios da amostra são formados predominantemente por descendentes de italianos; b) metade deles é formada por colônias originais, com imigrantes europeus, a outra metade é formada por municípios colonizados mediante processo de imigração interna; c) os pontos situam-se relativamente afastados uns dos outros, representando uma determinada região, tanto do ponto de vista geográfico, quanto econômico; d) todos os oito pontos fazem parte da lista de pontos pesquisados pelo ALERS.

A rede de pontos assim constituída deve permitir comparações diversas sobre a difusão do português em contato com o italiano, tendo em vista as peculiaridades de cada

ponto (idade do ponto, constituição da população, forma de ocupação, grau de industrialização e de desenvolvimento, densidade demográfica, redes de comunicação, entre outros aspectos), inclusive observações a respeito da mobilidade dos informantes, considerando o deslocamento interno, na direção do que H. Thun (1998a, p. 375) chama de diatopia-topostática (informantes demograficamente estáveis) e diatopia-cinética (informantes demograficamente móveis).

No plano espacial, o ideal seria incluir, ainda, pontos representativos de colonização italiana no Estado do Paraná, já que o estudo trata do contato do português com o italiano no Sul do Brasil. Todavia, como dissemos antes, as limitações que se impõem à presente pesquisa fizeram com que excluíssemos essa possibilidade. Do mesmo modo, há de se perguntar por que a rede de pontos ficou restrita a oito, quando o ideal seria uma malha mais abrangente? As razões para tal recorte são as mesmas. Apesar disso, consideramos que a amostra é representativa do contato do português com o italiano na dimensão espacial, permitindo uma visão macroanalítica da questão.

1.3.2 Dimensão diazonal

Através da dimensão diazonal, que caracteriza os informantes quanto ao espaço rural ou urbano de suas residências, pretendemos ampliar a capacidade de estabelecer correlações pontuais, incorporando à perspectiva vertical de análise lingüística do ponto do inquérito a perspectiva espacial-horizontal.

Em cada um dos oito pontos de coleta de dados, foram realizadas quatro entrevistas: duas na zona rural e duas na zona urbana. Com isso, além de levar em conta a variação diastrática (escolaridade), diageracional (idade), dialingual (etnia) e diagenérica (sexo), incorporamos ao trabalho a possibilidade de analisar a variação diazonal, distinta da variação diatópica mais ampla, que considera os diferentes pontos de levantamento de dados. Neste sentido, a variação diazonal visa a considerar o espaço numa perspectiva mais estreita e refinada, pois permite confrontar a fala de habitantes de um mesmo município, mas que residem em áreas distintas. Os habitantes rurais vivem mais isolados do que os urbanos e, tradicionalmente, estão menos sujeitos à influência externa. Em razão disso, são considerados lingüisticamente mais conservadores e, como tal, autênticos representantes da fala local, razão pela qual eram os informantes preferidos pela geolingüística tradicional. Por outro lado, de

acordo com os estudos sociolingüísticos, a fala urbana tem mais prestígio do que a fala rural, o que pressupõe o exercício da liderança na condução da mudança lingüística.

1.3.3 Dimensão diageracional

Outro aspecto importante para o estudo da difusão do português no espaço pluridimensional delimitado para esta pesquisa é a idade dos informantes. Neste sentido, optamos por confrontar a fala de indivíduos de uma geração mais velha (45 a 60 anos), mas ainda ativas econômica e socialmente, com a fala de indivíduos de uma geração mais jovem (15 a 30 anos), que recém inseriu-se no mercado do trabalho ou está em vias de se inserir. Entre a geração mais velha e a geração mais jovem, há um interregno de, pelo menos, quinze anos, de modo que, *mutatis mutandi*, podemos dizer que a amostra inclui a fala dos pais e a fala dos filhos.

Na linha sucessória dos imigrantes italianos no Sul do Brasil, considerando o tempo de vinte e cinco anos entre uma geração e outra, os informantes da pesquisa representam, aproximadamente, a quarta e a sexta gerações, respectivamente. Com essa polarização na perspectiva diacrônica, buscamos verificar alterações no comportamento lingüístico dos descendentes de italianos como subsídio para a análise da difusão do português no espaço pluridimensional da pesquisa. Na definição dos parâmetros desta variável, levamos em conta os resultados dos estudos que apontam os indivíduos mais jovens como inovadores¹⁸ e também as indicações de que as línguas de imigrantes tendem a desaparecer.¹⁹ Conseqüentemente, a expectativa é de que os informantes mais jovens favoreçam mais a difusão do português do que os mais velhos.

1.3.4 Dimensão diastrática

A dimensão *diastrática* inclui todos os parâmetros que definem a classe social, entre os quais o nível socioeconômico, escolaridade, profissão etc. No entanto, para fins desta

¹⁸ Cf. Naro (2003, p. 81) e Guy (2001, p. 11).

¹⁹ Cf. Heredia (1989, p. 218).

pesquisa, decidimos controlar apenas o grau de escolaridade em dois pólos: escolaridade até a oitava série do ensino fundamental (inclusive nenhuma escolaridade) e escolaridade superior à oitava série. Na definição desses parâmetros, levamos em consideração os estudos que apontam as classes com maior grau de escolarização como usuárias de variantes de prestígio (não-estigmatizadas), prescritas pela escola ou adquiridas através de materiais escritos e da interação com pessoas letradas (VOTRE, 1992). Espera-se, pois, que os falantes menos escolarizados produzam mais traços de influência italiana do que os falantes mais escolarizados. Ou dito de outra forma: os falantes mais escolarizados favorecem mais a difusão de traços do português do que os falantes menos escolarizados.

Neste caso, também por limitações inerentes a esta pesquisa, apenas um dos quatro grupos entrevistados em cada ponto (município) – o grupo formado por indivíduos jovens urbanos – tem escolaridade superior à oitava série do ensino fundamental. Neste caso, o contraste binário será feito com mais propriedade quando houver comparação com o grupo formado por jovens rurais, que, no caso, têm escolaridade até a oitava série.

1.3.5 Dimensão diagenérica

A inclusão na amostra de informantes de ambos os sexos (dimensão *diagenérica*) tem como objetivo fazer correlações entre o desempenho lingüístico e o sexo. Estudos sociovariacionistas apontam a mulher na liderança das inovações, principalmente quando se trata de implementação de formas de prestígio.²⁰ Assim sendo, espera-se que as mulheres estejam menos sujeitas à influência dos traços italianos do que os homens. Isso pode, todavia, não ocorrer se uma ou mais estruturas conservadoras, portanto mais italianas, forem símbolo(s) ou traço(s) de identificação do grupo italiano em oposição a outro grupo considerado dominante.²¹

²⁰ A variante é de prestígio se for associada a um falante ou grupo social de *status* considerado superior e, como tal, passa a ser usada por pessoas de classe inferior (cf. Labov, 1990; Paiva, 1992).

²¹ É o que Labov (1972) chama de *prestígio encoberto*.

1.3.6 Dimensão dialingual

Outro aspecto relevante em nossa pesquisa é a dimensão *dialingual*. Nesse caso, por se tratar de um estudo de línguas em contato, decidimos comparar a fala de descendentes de italianos, independentemente do grau de bilingüismo que apresentam, com a fala de descendentes de luso-brasileiros (descendentes de portugueses, mestiços ou afro-brasileiros, que os italianos chamam de “negri” em algumas regiões e de “brasiliani” em outras).²² Para todos os efeitos, consideramos descendente de italianos o informante que, na sucessão genealógica, tenha entre seus ancestrais, um imigrante italiano. Nesse caso, nossa expectativa é de que os informantes descendentes de italianos apresentem, em seu desempenho lingüístico, mais traços da língua italiana do que os informantes não-descendentes. Por outro lado, isso não significa que os informantes não-descendentes nas comunidades ítalo-brasileiras pesquisadas não tenham marcas de interinfluência lingüística, resultantes do contato do português com o italiano.

1.3.7 Dimensão diafásica

Com o fim de analisar com mais profundidade a difusão do português em contato com o italiano, optamos por fazer a coleta de dados através de três instrumentos, a saber: Conversa Semidirigida, Questionário e Leitura. Esta decisão está amparada no pressuposto os estilos apresentam resultados diferenciados quanto à variação lingüística, uma vez que o monitoramento da fala tende a crescer nos estilos mais formais. Para todos os efeitos, consideraremos que conversa é um estilo de fala mais descuidado do que resposta ao questionário, e este estilo de fala, por sua vez, é mais descuidado do que leitura, tendo em vista a influência do ensino escolar, pautado pela variedade lingüística de prestígio, designado genericamente de português-padrão.

A opção pela conversa semidirigida, em vez da conversa livre, além de permitir a realização dos traços fonético-fonológicos controlados pela pesquisa, visa a obter comentários

²² Trata-se de falantes monolíngües de qualquer origem, excluindo-se os imigrantes europeus que vieram para o Brasil a partir do século XIX.

sobre a língua, a cultura e as etnias em contato, que servirão de base para a análise de atitudes étnico-lingüísticas (dimensão diarreferencial, explicitada adiante).

O questionário visa a obter a pronúncia de uma lista de sessenta palavras que contêm um ou mais dos traços fonético-fonológicos enfocados no presente estudo. A expectativa é que o informante, ao centrar a atenção no item lexical solicitado, realize a pronúncia da forma mais espontânea possível.

O texto escolhido para leitura é *A parábola do filho pródigo*, que também foi usado em outras pesquisas dialetológicas, como é o caso do *Atlas Diastrático e Diatópico do Uruguai* (ADDU). Trata-se de um texto bíblico que, supõe-se, seja amplamente conhecido pelos informantes e, por isso, facilite a leitura.

1.3.8 Dimensão diarreferencial

Por fim, através da dimensão *diarreferencial*, pretendemos desenvolver observações e análises qualitativas dos comentários e referências metalingüísticas (expressões que descrevem a língua) e referências epilingüísticas (comentários sobre fatos associados à língua, mas estruturalmente não-conexos com ela) dos informantes, visando a fazer asserções fundamentadas a respeito da identidade étnica e das atitudes lingüísticas nas áreas de colonização italiana. Partimos do pressuposto de que a variedade de português de contato com o italiano, conhecida como *sotacon*, é a marca de identidade lingüística e cultural dos descendentes de italianos (SANTOS, 2001). Isso se opõe, de certo modo, à afirmação de que os descendentes de italianos revelam atitudes negativas em relação à origem (MIORANZA, 1990) e à fala do português com interferências dos dialetos italianos (FROSI, 1996), sentindo *vergonha* de assumir sua italianidade.

Neste caso, o que pretendemos é verificar em que medida a variedade do português considerada padrão e de prestígio, disseminada pela escola e por outros meios, principalmente o rádio e a televisão, determina a atitude dos falantes ítalo-brasileiros face à sua própria variedade. Partimos do princípio de que, atualmente, ao contrário do que acontecia até a época da comemoração do primeiro centenário de imigração italiana, os ítalo-brasileiros já não desenvolvem os mesmos sentimentos de culpa e inferioridade lingüística que apresentavam antes, quando desvalorizavam sua língua étnica e se sentiam

envergonhados de não saber falar de outro modo, mesmo que ainda persistam os indícios de que os não-italianos avaliam pejorativamente a variedade dialetal portuguesa marcada por traços italianos.

Neste estudo, essa dimensão será explorada qualitativamente, uma vez que os comentários metalingüísticos e epilingüísticos dos participantes serão usados como subsídios para a análise dos dados cartografados.

1.4 Objetivos da Pesquisa

O português de contato com o italiano é marcado por uma série de traços característicos da identidade étnica dos ítalo-brasileiros, muitos dos quais já foram evidenciados por diversos estudos que resumiremos no Capítulo 2. Por outro lado, o mapeamento das áreas bilíngües efetuado pelo ALERS (ver *Mapa 1*, na seção 2.1) visualiza a representatividade geográfica, ou seja, o alcance do contato do português com o italiano, no plano macro-analítico. Essas constatações, porém, pouco nos instruem sobre o modo como o português se difunde entre os membros falantes de italiano dessas comunidades bilíngües.

Constitui, por isso, **objetivo principal** deste estudo explicitar a dinâmica de difusão do português no espaço pluridimensional de áreas bilíngües de contato com o italiano falado por descendentes de imigrantes italianos no Sul do Brasil, mais especificamente em uma rede de oito pontos distribuídos em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Tal objetivo inclui, como **objetivos específicos**, responder as seguintes perguntas:

- a) Há variação no grau de intensidade e no modo de difusão do português, considerando:
 - a₁ – o comportamento específico dos diferentes traços lingüísticos controlados pela pesquisa?
 - a₂ – a dimensão diatópica, entre um ponto (área) e outro?
- b) Quais os parâmetros (fatores) sociais que favorecem ou inibem a difusão do português na comunidade bilíngüe? Ou melhor, por onde se inicia, ou se amplia, o processo de difusão do português, considerando:
 - b₁ – jovens e velhos (variação diageracional)?
 - b₂ – homens e mulheres (variação diagenérica)?

- b₃ – falantes rurais e falantes urbanos (variação diazonal)?
- b₄ – falantes menos escolarizados e falantes mais escolarizados (variação diastrática)?
- b₅ – falantes bilíngües de português-italiano e falantes monolíngües de português (variação dialingual)?
- c) Há variação no grau de intensidade e no modo de difusão do português, na dimensão diafásica, considerando os domínios e as funções da Leitura (L), Respostas ao Questionário (R) e Conversa Semidirigida (C)?
- d) Quais atitudes favorecem ou inibem a difusão do português?
- e) Os dados levantados por nós na rede de oito pontos em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul confirmam resultados já apontados pelo ALERS e por outros estudos de variação do português na Região Sul do Brasil?
- f) Em que medida os mapas geolingüísticos pluridimensionais permitem visualizar o estágio de difusão de traços do português de contato com o italiano na região pesquisada?

1.5 Hipóteses

Considerando os objetivos e perguntas da pesquisa, as variáveis lingüísticas a serem controladas, bem como a rede de pontos e a abrangência dos dados, segundo as dimensões e parâmetros, colocam-se as seguintes hipóteses em relação aos objetivos fixados acima:

- a) *A difusão dos traços associados ao português varia em modo e intensidade:*
 - a₁) *de uma variável lingüística para outra.*

Esta hipótese considera que as razões da interferência do italiano no português não são as mesmas para todos os fenômenos fonético-fonológicos estudados. Observe-se, por exemplo, que /f/ e /z/ não existem na coíné vêneta e, por isso, o falante bilíngüe de italiano-português tem dificuldade de realizar esses segmentos fônicos na fala portuguesa. Por outro lado, a eventual ausência de alçamento das vogais átonas finais [e] na fala portuguesa de ítalo-brasileiros não está relacionada com a inexistência de [i] na língua italiana, ou mais

especificamente, para o caso, na coíné vêneta com a qual o português está em contato. Para o caso, há restrições de ordem sintática (ver 1.2.2). Em vista disso, supõe-se que há variáveis cujo estágio de difusão esteja mais avançado em relação a outras com difusão menos intensa.

Ao se falar em intensidade da difusão, estamos considerando a variação quantitativa de traços associados ao português [+ptg] e de traços associados ao italiano [+ita], ao passo que o modo de variação da difusão leva em conta as diferentes dimensões (grupo de fatores) controladas pela pesquisa.

a₂) de um ponto para outro.

Esta hipótese fundamenta-se sobretudo no fato de que os lugares que compõem o espaço de contato do português com o italiano no Sul do Brasil são distintos uns dos outros, tanto na formação histórica, quanto na organização social e econômica. Essas diferenças tendem a se acentuar entre os pontos (municípios) da pesquisa, uma vez que, na escolha, levamos em consideração o tempo de ocupação pelos italianos (pontos mais antigos e pontos mais novos), a constituição étnica da população (mais de 50% são ítalo-brasileiros), a sua distribuição no espaço (pontos relativamente bem afastados uns dos outros), a representatividade regional (baseada em critérios econômicos, históricos e populacionais), seu nível de industrialização, grau de urbanização e desenvolvimento, entre outros aspectos que detalharemos no capítulo 3.

b) A difusão de traços do português nos pontos (áreas) da pesquisa é favorecida pelos(as):

b₁ – jovens;

b₂ – mulheres;

b₃ – falantes urbanos;

b₄ – falantes mais escolarizados;

b₅ – falantes monolíngües de português (lusos).

Tais hipóteses levam em conta diversas tendências já apontadas por outros estudos de variação lingüística.²³ Assim, ao incluir na amostra informantes de idades distintas (15 a 30

²³ Cf. Faraco (1998, p. 122-123).

anos – GI e 45 a 60 anos – GII), serão consideradas a mudança *em tempo aparente*, a qual se baseia na hipótese clássica de que um falante mais velho tende a reproduzir o estado de língua adquirido no início de sua vida, até a puberdade, e a hipótese da mudança *em tempo real*, a qual prevê que o sistema lingüístico do indivíduo muda ao longo dos anos, mas não o da comunidade.²⁴ Também levaremos em conta as tradicionais indicações de que línguas de imigrantes tendem a desaparecer, especialmente quando são faladas por grupos minoritários de fato, ou considerados minoritários pelas classes dominantes.

Por outro lado, a hipótese de que a difusão do português é favorecida pelas mulheres fundamenta-se na idéia bastante difundida de que elas são mais susceptíveis à inovação lingüística do que os homens, especialmente com relação às formas de prestígio. Há razões para acreditar que, em comunidades mais desenvolvidas, devido ao acesso das mulheres a posições mais relevantes na organização social, elas liderem a difusão de traços associados ao português, visto que, nessas comunidades, falar com *sotaque* é usar uma linguagem com “erros”, típica de “colono grosso”.

Da mesma forma, na rede de comunicação existente em cada ponto da pesquisa, supõe-se que os falantes urbanos tendem a rechaçar as marcas da língua que são associadas ao modo de falar dos italianos, visto que esse modo de falar é estigmatizado. É, inclusive, motivo de piada, tanto da parte dos próprios descendentes de italianos quanto da parte de falantes não-italianos. Mesmo as mudanças de atitudes que resultaram dos movimentos de resgate da história e valorização da cultura italiana, ocorridos principalmente a partir das festividades comemorativas do primeiro centenário de imigração, não foram e não são suficientes para reverter essa tendência favorável à difusão do português. Pelo exposto, espera-se que os falantes urbanos sejam mais inovadores, e os falantes rurais tendam a apresentar uma fala e uma postura mais conservadoras.²⁵

Considerando de antemão que as variantes associadas ao português têm mais prestígio do que as associadas ao italiano, espera-se, por outro lado, que as classes sociais mais escolarizadas tendem a fazer uso mais intenso daquelas variantes em detrimento destas. As variantes de prestígio, como se sabe, são prescritas pela escola, ou adquiridas através de materiais escritos e da interação com outras pessoas letradas. De certo modo, as pessoas mais

²⁴ Cf. Naro (2003, p. 48). Trataremos de mudança *em tempo real* e mudança *em tempo aparente* com mais detalhes na seção sobre *difusão lingüística*, adiante.

²⁵ Cf. Faraco (1998, p. 122).

escolarizadas são também as mais habilitadas a distinguir as variantes lingüísticas e, assim, usar aquelas que carregam maior *status* social, de acordo com as conveniências de mercado.

As razões que levam um falante ítalo-brasileiro a usar, em sua fala de português, traços identificados como marcas do contato com o italiano são, também, de caráter psicolingüístico. Trata-se de questões relacionadas à aquisição da língua: processos de percepção e de articulação. Um falante, ao adquirir o português, num ambiente de contato com o italiano, adquire-o com as marcas desse contato e, assim, reproduz essas marcas ao longo da vida. Mesmo nos casos em que o falante consegue perceber as diferenças entre uma variedade e outra, terá dificuldades de abandonar aqueles traços adquiridos em sua infância. Supõe-se que isso seja válido tanto para os falantes ítalo-brasileiros quanto para os luso-brasileiros. No entanto, como o contato com o italiano é maior entre os ítalo-brasileiros, muitos dos quais são ainda bilíngües, espera-se que a difusão de traços do português seja mais intensa entre os luso-brasileiros.

Outras considerações teóricas e metodológicas a respeito das dimensões diageracional, diagenérica, diazonal, diastrática e dialingual serão feitas adiante, no capítulo 3.

- c) Os estilos mais formais favorecem mais a difusão do português do que os estilos informais, o estilo de leitura favorece mais do que o de resposta ao questionário, e a resposta ao questionário favorece mais do que a conversa semidirigida.*

Ao associar a difusão do português ao estilo, consideramos que a conversa semidirigida, as respostas a questionário e a leitura representam um *continuum* que vai de uma forma mais casual (descuidada) de interação a uma forma mais tensa (cuidada), ou de um estilo mais informal a um estilo mais formal. Quanto mais formal for o estilo, maior o grau de atenção e monitoramento da fala e, por conseqüência, maior a difusão de traços do português, língua prescrita pela escola e com valor no mercado.

- d) Atitudes negativas em relação às variantes [+ita] favorecem a difusão do português, ou seja, quanto mais estigmatizados forem os traços do português de contato tanto mais sujeitos estão à difusão de traços do português-padrão.*

Esta hipótese se baseia na concepção de que atitudes negativas a respeito dos italianos, sua língua e cultura, favorecem a difusão do português. Neste caso, trata-se de associar a variação lingüística que resulta das diferentes posturas com respeito à língua ao comportamento lingüístico. Em sentido inverso, se for constatado que o chamado *sotacon* representa uma marca de identidade positiva dos ítalo-brasileiros, pode-se pressupor que isso represente um fator inibidor da difusão do português.

e) Os dados levantados nos oito pontos da pesquisa confirmam os resultados apontados pelo ALERS, relativamente às áreas de colonização italiana.

Os dados já cartografados pelo ALERS fornecem indicadores consistentes a respeito da existência das áreas de bilingüismo na Região Sul do Brasil, embora diferenciadas quanto ao grau, haja vista as circunstâncias específicas de cada ponto de pesquisa. Em vista disso, temos a expectativa de que também os dados de nossa pesquisa venham a confirmar, de modo mais consistente e preciso, aquilo que o ALERS aponta. A diferença está no número de dimensões controladas: enquanto no ALERS há somente um informante por ponto (masculino, rural, de baixa escolaridade e de idade superior a trinta anos), em nossa pesquisa há quatro entrevistas (cada uma com, pelo menos, três participantes) por ponto e controle de diversas dimensões (rural e urbano, jovens e adultos, mais escolarizados e menos escolarizados, italianos e não-italianos, entre outras).

f) Os mapas geolingüísticos pluridimensionais permitem visualizar o grau de difusão do português nas áreas da pesquisa, fornecendo argumentos mais consistentes para as conclusões.

Partindo do pressuposto de que as condições sociais de difusão do português nos contextos bilíngües em estudo, envolvendo o contato com o italiano, variam de localidade para localidade, é de se esperar que a análise dessa difusão no espaço pluridimensional permita uma descrição mais ampla da complexidade das relações em jogo e de sua variação tanto no plano geográfico, entre os diferentes pontos e áreas da pesquisa, quanto no plano social, entre os diferentes segmentos e situações sociais dos pontos e áreas pesquisados. Tal intento vem sendo feito com êxito por H. Thun e outros, em diversos estudos do Atlas

Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU) e do Atlas Lingüístico Guaraní – Románico (ALGR-S). Neste sentido, o presente estudo configura-se como uma contribuição à execução e comprovação da validade dos estudos pluridimensionais em andamento. Mostra, além disso, um caminho para a ampliação dos resultados de estudos mais modestos de atlas monodimensionais, como o ALERS.

CAPÍTULO 2

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-LINGÜÍSTICA DO ESTUDO: O CONTATO ITALIANO-PORTUGUÊS NO SUL DO BRASIL

2.1 O Contexto da Imigração Italiana no Sul do Brasil e a Formação da Coiné Vêneta

O fenômeno da imigração de europeus para a América no século XIX e início do século XX está relacionado à expansão do capitalismo no velho continente (Revolução Industrial) e transformações políticas, econômicas e sociais decorrentes; na América, coincide com o fim da escravidão e as políticas de ocupação territorial. No Brasil, transformações econômicas, abolição da escravidão, processo de urbanização, início da industrialização, criação do setor terciário e mais intensamente, no Sul, a consolidação dos limites territoriais, são alguns desses aspectos em que se insere o processo de imigração dessas populações.

De acordo com Ianni (1979, p. 12), a opção dos governantes de trazer imigrantes europeus (alemães, italianos, poloneses, espanhóis e portugueses) fazia parte de uma estratégia de reduzir a presença do negro e do mulato, ou seja, os imigrantes trazidos para o Brasil nessa época, além de agregar à economia a capacidade do trabalho artesanal e o domínio de técnicas que poderiam ser úteis à economia, destinavam-se a “branquear o país”.¹

O início da substituição da mão-de-obra escrava por trabalhadores europeus assalariados nas grandes lavouras de monoculturas paulistas deu-se através de *contratos de parceria*. Ainda no país de origem, o trabalhador contraía uma dívida, da qual dificilmente se livraria para o resto da vida. Aqui chegando, “era colocado a trabalhar ao lado de escravos e acabava recebendo um tratamento idêntico ao do cativo” (DE BONI; COSTA, 1984, p. 29). Por causa dessa prática de *escravidão camuflada*, a Prússia (1859) e o estado alemão (1871) passaram a dificultar a emigração para o Brasil, através de medidas restritivas como a *von der*

¹ Italianos de diferentes segmentos sociais entraram no Brasil, entre eles, os colonos para as colônias do Sul e colônias do Estado de São Paulo. Para cá também vieram o operário agrícola, que substituiu o escravo nas fazendas de café de São Paulo, sendo, no início, tratado como escravo branco, os operários urbanos, artesãos, alfaiates, sapateiros, barbeiros, marceneiros, técnicos e intelectuais (cf. Ianni, 1979, p. 15-16).

Heydsche Rescript.² Em virtude dessas restrições, os agentes brasileiros voltaram-se com mais intensidade para o recrutamento de imigrantes na Itália, onde não havia essa restrição e onde a população, nessa época, principalmente a rural, passava por grandes necessidades.

Na Itália, os camponeses recebiam terras para trabalhar mediante a entrega de uma terça parte ou mesmo da metade do que colhiam aos proprietários delas. Essas terras assim cedidas denominavam-se de “campi” e correspondiam à área de 1 ha. Cada família recebia um só “campo”, espaço que, mesmo fértil, revelava-se insuficiente para retirar dele todo o sustento de que uma família precisava.³

O quadro era desolador. Sobrava gente no campo, e as cidades não estavam em condições de absorver tantas pessoas, oferecendo-lhes emprego nas indústrias que iam surgindo. Uma das alternativas de solução seria, em médio prazo, modificar o sistema fundiário e a distribuição de encargos sociais; a outra, uma revolução socialista. Todavia, em lugar dessas alternativas, o que prosperou foi a emigração em grande escala, “permitindo à classe dirigente manter e mesmo aumentar seus privilégios, enquanto os pobres rumavam, em número incalculável, para outros países, principalmente de além-mar” (DE BONI; COSTA, 1984, p. 53).

No Brasil, para onde vieram milhares de imigrantes italianos, além da política de substituir a mão-de-obra escrava nas fazendas de café de São Paulo e Espírito Santo, desejavam-se, de um lado, criar núcleos destinados à produção de gêneros para o mercado urbano interno, que já começava a se constituir, e, de outro, garantir a ocupação do território. Todos os imigrantes naturalmente vinham para o Brasil motivados pela perspectiva de uma vida melhor e, além disso, os que eram destinados ao Sul, tinham o ideal de serem proprietários de terras.

Em seus primórdios, a história dos imigrantes italianos é muito semelhante em todas as colônias. De um lado, o planejamento precário, a assistência quase inexistente, os administradores corruptos, a floresta perigosa e traiçoeira, a derrubada da floresta, o isolamento; de outro lado, os sonhos de liberdade e do enriquecimento, os atos de coragem e bravura, os ideais de propriedade, a mística do trabalho e os princípios de fé e honestidade. E, sobretudo, a suprema esperança de uma vida de fartura.

² Com o Rescrito de Von Heydt (ministro prussiano do Comércio, da Indústria e das Obras Públicas), que vigorou de 1869 a 1896, o governo da Prússia “não proibia a imigração para o Brasil, como dizem, mas recusou-se a proteger os agentes dessa imigração, em razão das queixas que lhe haviam sido transmitidas e das más informações que recebera, entre 1862 e 1868, sobre a situação dos colonos” (Roche, 1969, p. 108-109).

³ Cf. Busanello (1999, p. 8).

Os primeiros imigrantes europeus a chegar ao Sul do Brasil foram os alemães: no Rio Grande do Sul, a partir de 1824, estabeleceram-se na bacia do rio dos Sinos, do Caí, Taquari e, mais tarde, Ibicuí (BARBOSA, 1995, p. 63) e, em Santa Catarina, a partir de 1829, inicialmente em São Pedro de Alcântara e imediações, ao longo do caminho que levava a Lages e, em seguida, ao Norte, na bacia do Itajaí-Açu, e ao Sul, na vertente norte do rio Tubarão.⁴

Quanto à “grande imigração italiana” para a Região Sul do Brasil, que é de interesse mais específico de nossa pesquisa lingüística, os historiadores consideram que teve início em 1875, tanto no Rio Grande do Sul quanto em Santa Catarina. Todavia, houve, em 1836, em Santa Catarina, uma tentativa de formação de uma colônia, a *Nova Itália*, hoje São João Batista, localizada há alguns quilômetros da atual cidade de Nova Trento, no vale do rio Tijucas. Essa colônia, no entanto, teve vida curta e atormentada.⁵ Quanto ao início da colonização italiana no Rio Grande do Sul, também subsistem algumas dúvidas, conforme comenta Bombassaro (2001, p. 390-391):

No relatório que o presidente da província rio-grandense enviou à Assembléia Legislativa, em 1876, consta que 729 italianos entraram no território gaúcho no decorrer de 1859 a 1875. No entanto, por mais que os pesquisadores procurassem, não foram encontrados documentos dessas entradas de imigrantes peninsulares.

De acordo com De Boni e Costa (1984, p. 65), muitos dos italianos que chegaram ao Rio Grande do Sul antes de 1875 devem ter vindo como “austriacos”, por residirem em territórios então pertencentes ao domínio austro-húngaro.

No Rio Grande do Sul, “os primeiros imigrantes [italianos] foram localizados na borda do Planalto Sul Brasileiro, entre 400 e 800 metros de altitude, pois as regiões inferiores já tinham sido ocupadas por colonos de origem germânica” (BUNSE, 1982, p. 67). A região da encosta superior do Norte gaúcho, imprópria à produção pastoril, foi parcelada e destinada à colonização italiana. Conde D’Eu (Garibaldi), Dona Isabel (Bento Gonçalves) e Caxias foram as três primeiras colônias. Em 1877, foi fundada Silveira Martins, a quarta colônia, em terras mais baixas, mas também montanhosas e de florestas, nas proximidades de Santa Maria, no Oeste do Rio Grande do Sul. Logo seguiram-se outras.

⁴ Cf. Peluso Júnior (1991, p. 255-263).

⁵ Cf. Piazza (1969, p. 442) e Boso (1992, p. 20).

Em Santa Catarina, por volta de 1875-1877, fundaram-se Rio dos Cedros, Rodeio, Ascurra e Apiúna, na periferia de Blumenau, além de Botuverá, Nova Trento, perto de Brusque, e Luiz Alves, no Vale do Rio Itajaí-Açu; no Sul, a partir de 1877, fundaram-se os núcleos de Azambuja, Urussanga, Grão-Pará, Orleans, Nova Veneza, Nova Beluno (Siderópolis).

Esses imigrantes em sua quase totalidade procederam do Norte da Itália,⁶ como mostram os registros de imigração e os nomes de famílias, além da toponímia no novo meio: Nova Veneza, Nova Trento, Nova Pádua, Nova Milano, Nova Beluno, Nova Treviso etc.⁷ Nos anos de 1876, 1877 e 1878, período em que a Itália passava por uma séria crise, circulares, jornais e conferencistas desenhavam na Europa, particularmente na Itália, as cores de ouro da América, apontando-a como a “terra prometida”; o Brasil surge como o país da *cuccagna*, conforme se depreende do poema extraído do jornal italiano *La Voce Cattolica*, de 23/01/1877, citado por Santos (1999, p. 33), que reproduzimos a seguir.

PAESI DI CUCCAGNA

*Al Brasile, al Brasile, o buone genti,
Al Brasile, al Brasile presti correte;
Orsù che fato? In queste steppe nigenti
D'inedia e povertà tutti morrete!
Celà di latte e miel scorren torrenti,
Fruttar salami i larici vedrete,
E sei stagioni all'anno in quei tepenti
Climi! A bigonci el vin raccoglierete.
E questo è ancor un nulla: ogni campagna
(Son galantuomo, amici, e dico il vero)
Di gemme è piena e d'oro ogni montagna
Chi assevera il contrario, no sa um zero;
È il paese il Brasil della cuccagna;
Lo vidi io stesso... stando qui in Primiero.*

PAÍS DA COCANHA

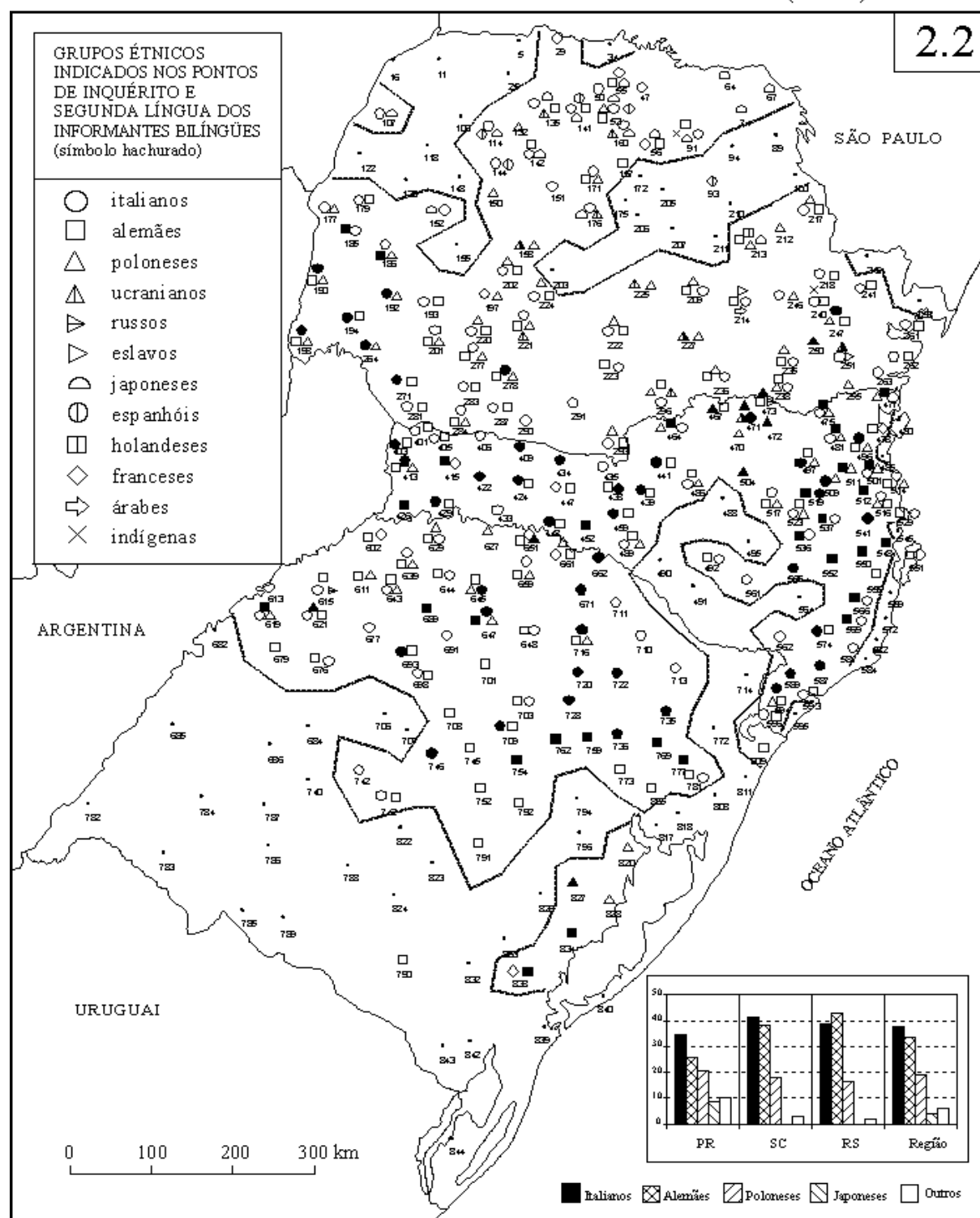
Ao Brasil, ao Brasil, ó boa gente,
Ao Brasil, ao Brasil, rápido correi;
O que estais fazendo nestas gélidas estepes
De inanição e pobreza todos morrereis!
Lá de leite e mel correm torrentes,
Produzir salames os pinheiros vereis
E seis estações no ano naquele tépido
Clima! Em cântaros o vinho recolhereis.
E isto é nada ainda: cada campo
(Sou homem sério, amigo, e falo a verdade)
É cheio de gemas e de ouro cada montanha.
Quem fala o contrário, nada sabe
É o país o Brasil da *cuccagna*:
Eu mesmo o vi... estando aqui no Primeiro.

⁶ Enquanto os italianos do Piemonte partiram aos milhares para cultivar os pampas da Argentina, os Vênetos, que até então não sabiam o que fosse emigrar, desciam das altas montanhas do Cadore e unidos aos da província de Beluno, Treviso, Údine, Pádua, Mântua e Verona, dispunham-se a partir para o Brasil (cf. Marzano, 1985 [1903], p. 54).

⁷ Cf. Bunse (1982, p. 67).

MAPA 1 – Áreas bilíngües de colonização de imigrantes não-lusos na Região Sul do Brasil (ALTENHOFEN, 2002a, p. 140)

ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)



MAPA 2.2 - Áreas bilíngües de acordo com os informantes do ALERS

Nessa época, entre as comunidades rurais italianas na Itália, a palavra de ordem era “*andare in Mérica*”.⁸ De acordo com as estatísticas da época, estima-se que, entre 1875 e 1914, estabeleceram-se no Norte do Rio Grande do Sul “entre 80 a 100 mil italianos” (DE BONI; COSTA, 1984, p. 68), vindos, sobretudo, da Lombardia, do Vêneto e de Trento. De acordo com De Rosa (1987)⁹, com base nas estatísticas de entrada de imigrantes nos portos do Rio de Janeiro e de Santos, no período de 1820 a 1908, entraram no Brasil: 1.277.040 italianos, 672.213 portugueses, 303.508 espanhóis, 96.006 alemães, 62.209 austríacos, 60.374 russos, além de contingentes menores de franceses, ingleses, suíços, belgas, suecos e outros, totalizando 2.656.177 imigrantes.¹⁰

As terras ocupadas pelos primeiros imigrantes, em geral com famílias grandes, logo revelaram-se escassas, ou mesmo pouco produtivas, para abrigar e dar sustento a todos os descendentes. Com isso, muitos se deslocaram em busca de novas terras, estendendo-se a ocupação, no Rio Grande do Sul, até o rio Uruguai e Região Nordeste, e, em seguida, o Centro-Oeste de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná.¹¹ Esse fenômeno de deslocamento de pessoas de um meio rural para outro meio rural, motivadas por excesso de população ou esgotamento das terras, foi denominado de “*enxameamento*” por Jean Roche (1969, p. 319).

As áreas ocupadas por imigrantes não-lusos nos três estados do Sul do Brasil podem ser visualizadas no *Mapa 1* (ALERS, 2002, v. 1, p. 86), citado por Altenhofen (2002a, p. 140).

2.2 A Questão da Língua e o Contexto da Imigração

Olhando para o panorama em que se deu a imigração italiana para o Sul do Brasil e o tempo decorrido desde o início desse processo de integração dos imigrantes ao novo meio, cabe perguntar o que sucedeu com a(s) língua(s) falada(s) por eles.

⁸ Sobre o tratamento dado pelos periódicos italianos ao fenômeno da emigração de massa para a América no último quartel do século XIX, consultar Santos (1990, 1999).

⁹ Citado por Santos (1999, p. 64).

¹⁰ Segundo dados estatísticos citados por Carneiro (1950), no período que compreende os anos de 1819 a 1947, entraram no Brasil 4.903.991 imigrantes, dos quais 1.513.151 italianos. De acordo com Roy Nash, citado por Piazza (1976, p. 43), entre 1831 a 1920, entraram no Brasil 4.698.277 imigrantes, sendo 1.388.893 italianos.

¹¹ Cf. Koch (2000, p. 56) e Vandresen (1982, p. 28-29).

A questão lingüística nas regiões de colonização européia no Sul do Brasil, mais especificamente nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, passados mais de 180 anos desde que chegaram os primeiros alemães e cerca de 130 anos desde que chegaram os primeiros italianos, costuma ser descrita em três fases: a fase monolíngüe, quando os imigrantes falavam a língua de origem e, paulatinamente, iniciaram a aquisição do português como segunda língua; a fase bilíngüe, em que os imigrantes e seus descendentes usavam o português como língua do meio externo e a língua de seus ancestrais nas comunicações familiares e comunitárias; e a fase inicial de difusão do português, que corresponde às terceira e quarta gerações dos descendentes, quando se iniciou, em graus variáveis, um processo de mortandade das línguas dos imigrantes.

Especificamente com relação à situação lingüística nas regiões de colonização italiana, Frosi (1987b, p. 220) considera que, nas primeiras décadas, prevalece a diversidade dialetal, uma vez que a comunicação se realiza em diversos dialetos italianos¹² dentro de um contexto sociocultural marcadamente italiano. Em seguida, o bilingüismo tornar-se-ia realidade, concomitantemente à aculturação dos ítalo-brasileiros, que, progressivamente, mudam e alternam sua linguagem, usos e costumes. Essa segunda fase se acentua na década de 30 com o movimento de “nacionalização do ensino” imposto pelo governo de Getúlio Vargas, que inibia as populações bilíngües de assumirem abertamente seu bilingüismo,¹³ passa pelo crescimento e expansão da indústria do vinho na década de 40-50 e vai até fins da década de 60, quando começaram a se romper as barreiras do isolamento das comunidades mais afastadas dos maiores centros urbanos, com a construção de estradas, expansão dos meios de comunicação, eletrificação rural e abertura de novas escolas, nas quais o ensino era, obrigatoriamente, em português. A partir de então, apesar do bilingüismo, o português passa a

¹² A expressão “dialetos italianos” tanto se refere aos grupos dialetais presentes no Sul do Brasil (vênetos, lombardo, friulano e trentino) quanto aos subgrupos (grupo lombardo: bergamasco, cremonês, mantuano, milanês; grupo vêneto: feltrino-belunês, paduano, rovigoto, trevisano, veronês, vicentino; grupo trentino: trentino; grupo friulano: friulano) e às variedades em contato. A respeito das diferenças e semelhanças entre os diferentes dialetos italianos, especialmente aqueles falados pelos imigrantes italianos do Sul do Brasil, vejam-se Bunse (1975), Frosi e Mioranza (1983), entre outros.

¹³ “Com a II Guerra Mundial (1939-1945) houve mais um golpe na possibilidade de manter a língua original destas imigrações, quando o governo proibiu o uso das línguas estrangeiras, tanto para falar como também para publicações impressas. Cite-se o exemplo do *Staffetta Riograndense* que teve de mudar seu nome para *Correio Riograndense*, passando a circular em português. [...] Além de todas as causas ligadas à imigração, veio somar-se a questão da guerra, que não conseguiu pôr um ponto final na conservação da língua original e dos valores culturais, especialmente entre descendentes de italianos. Pelo contrário, ajudou a acrescentar pontos que se tornaram decisivos na criação de um clima adverso na recuperação da história e da pesquisa da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Nas famílias, e em muitas pequenas localidades do interior, a proibição de falar e de escrever em língua estrangeira não teve qualquer repercussão.” (Borghetti, 2001, p. 840-841).

predominar sobre as línguas de imigrantes; aos poucos, vai se consolidando a integração dos ítalo-brasileiros à nação.

Hoje em dia, o maior ou menor grau de manutenção da língua italiana varia de um lugar para outro e, nos casos em que ainda se verificam situações de uso cotidiano dessa língua de imigrantes juntamente com o português, os estudos têm revelado que a língua da etnia distanciou-se significativamente da língua trazida pelos primeiros imigrantes, constituindo-se numa variedade com características próprias. Essa constatação não é nova. Bunse (1975), ao confrontar material etnolingüístico sobre o viticultor e a vitivinicultura na Antiga Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul¹⁴ com o *Atlas Lingüístico e Etnográfico da Itália e da Suíça* (A. I. S.), verificou que os dialetos falados na referida região “apresentam as características fonológicas, morfológicas, sintáticas e lexicais dos dialetos do Norte da Itália” (p. 67). Constatou, ainda, que “predomina o dialeto vêneto, respectivamente os subdialetos vênetos, fundido com elementos de outros dialetos setentrionais numa koiné”¹⁵ dialetal, principalmente sob o ponto de vista lexical, prevalecendo a fonologia do vêneto” (p. 67).

Na ocupação dos lotes das colônias,¹⁶ não foi levado em conta o critério etnolingüístico. As levas de imigrantes italianos eram, em geral, mistas, provenientes de diferentes províncias e, portanto, falantes de dialetos diferentes. O contato de diferentes dialetos italianos no Sul do Brasil deu origem a um modo de falar característico e bastante peculiar, conhecido como *talian*, ou *coiné* vêneta (italiano brasileiro). Os vênetos, que vieram em maior quantidade – os números giram em torno de 60% –, irradiaram com maior intensidade seu dialeto e seus costumes. Dessa forma, o dialeto vêneto foi se impondo de forma natural na Região Sul do Brasil. É esse dialeto, aqui modificado pelo contato com outros dialetos italianos, especialmente o lombardo, que dá origem ao *talian* ou à *coiné* vêneta.

Foi essa *coiné* que se defrontou, na escola e na vida sócio-político-econômica, com o português, falado diversamente nas diferentes regiões. A miscigenação lingüística se deu à semelhança da mistura dos sangues. Nas primeiras décadas houve resistência aos casamentos,

¹⁴ A “Antiga Região Colonial Italiana” do RS corresponde aos atuais municípios de Caxias do Sul, São Marcos, Farroupilha, Garibaldi, Bento Gonçalves, Flores da Cunha, Antônio Prado, Nova Prata e Veranópolis.

¹⁵ “A *coiné*, resultado da fusão dos dois grupos mais representativos (vêneto e lombardo), torna-se, pois, o instrumento lingüístico de comunicação entre as diversas comunidades ítalo-brasileiras tanto no convívio familiar quanto no relacionamento comercial” (Frosi e Mioranza, 1979, p. 99).

¹⁶ Parcela de terra equivalente a 24 ha, também denominada “colônia”.

depois as barreiras foram caindo. Na língua ocorreu um fenômeno semelhante. Hoje, ao falar o *talian* (vêneto brasileiro) em qualquer lugar da *regione* vêneto, os italianos de lá reconhecem a língua, embora na fala vêneto do Brasil apareçam formas e expressões da língua portuguesa e algumas vozes dialetais brasileiras próprias do Sul do Brasil.

De acordo com Giovanni Meo Zilio (2001), o fenômeno mais importante sobre a história dos imigrantes sem história, como alguém melancolicamente definiu, é a manutenção, depois de um século, da própria língua de origem em nível familiar, interfamiliar e, em determinadas ocasiões (festas, jogos, reuniões sociais), até em nível comunitário.

Si può parlare di un'isola linguistica, relativamente omogenea, dove la lingua veneta ha finito per trionfare sul lombardo, sul friulano ecc., estendendosi come una koiné interveneta all'interno di un contesto eterofono (il lusobrasiliano). Essa ci consente di ricostruire, come in vitro, dopo tre o quattro o anche cinque generazioni, la lingua dei nostri nonni o bisnonni, soprattutto per gli aspetti orali non documentati come la pronuncia e l'intonazione, o per l'uso di certi proverbi, modi di dire, canti d'epoca e degli stessi... (...) Così attraverso la storia delle parole (quelle conservate, quelle alterate e quelle sostituite) possiamo ricostruire alcuni spaccati della storia, commossa e commovente, di quelle comunità. (p. 497).¹⁷

Luzzatto (1994), ao pesquisar a maneira característica de falar (*el nostro parlar*) dos imigrantes, assinala que

dos imigrantes italianos que colonizaram o Sul do Brasil, aproximadamente 95% eram provenientes do Vêneto, do Trentino-Alto Ádige, do Friuli-Venezia Giulia, isto é, do Tri-Vêneto, e da Lombardia. Desses imigrantes, mais de 60% possuíam a língua e a cultura vênetas. Tinham falares diferentes, sotaques distintos, mas a língua-mãe era a mesma: o vêneto. Quando aqui chegaram foram instalados em colônias, sem respeitar a origem de cada família. Assim, uma família trentina da Valsugana, por exemplo, passava a ser vizinha de uma friulana, de Pordenone, de um lado, e de outra lombarda, de Bérgamo, com várias famílias vênetas ao seu redor. Evidentemente era preciso entender-se. Daí resultou uma língua de comunicação, uma *coiné*, muito mais vêneto do que lombarda, ou friulana, ou trentina, pois vêneto era a maioria (p. 21-23).

O vêneto e o trentino foram, sem dúvida, os dialetos italianos que marcaram presença mais forte nos estados do Sul do Brasil. O vêneto tem força acentuada no Rio Grande do Sul, inclusive com produção escrita, textos em prosa e verso, gramática

¹⁷ Pode-se falar de uma ilha lingüística, relativamente homogênea, onde a língua vêneto acabou triunfando sobre o lombardo, sobre o friulano etc., estendendo-se como uma *coiné* intervêneto ao interior de um contexto eterófono (o lusobrasiliano). Essa língua possibilita reconstruir, como uma espécie de mosaico, depois de quatro ou cinco gerações, a língua de nossos avós e bisavós, sobretudo por seus aspectos orais não documentados como a pronúncia e a entonação, ou pelo uso de certos provérbios, modos de dizer, cantos da época e dos acentos... Assim, através da história da fala (aquela que se conserva, aquela que foi alterada e aquela que foi substituída), é possível reconstruir aspectos da história daquela comunidade (N. T.)

sistematizada¹⁸ e, sobretudo, diversos estudos acadêmicos, dissertações e teses de pós-graduação. O trentino, embora também tenha sido estudado sociolinguisticamente, é mais pobre em publicações.

Segundo José Curi (1994, p. 1-2),

se nos limitarmos ao trentino-vêneto ou à *coiné* italiana que cobre não só o Estado de Santa Catarina, mas todo o Sul do Brasil, não seria absurdo admitirmos uma ‘cultura do talian’, incluindo nesse conceito dialetos como o nosso trentino, o vêneto, o lombardo, o friulano, o piemontês, o vicentino, o padovano, o bergamasco, o napolitano etc., ou, para falar filologicamente, todos os dialetos que denunciam abertamente as suas longínquas matrizes latinas e pré-latinas, já que nossos dialetófonos, embora mais numerosos do Tri-vêneto, trouxeram vozes da Itália lombarda e meridional.

Apesar da propalada **homogeneização** do falar dialetal vêneto, nos casos em que houve assentamento predominante de determinado grupo étnico ao longo de um mesmo travessão, houve o surgimento de ilhas dialetais particularizadas¹⁹. Trata-se, todavia, de casos isolados, pois ainda que a maioria dos imigrantes italianos falasse seus respectivos dialetos, e não a língua italiana da Toscana – a chamada língua nacional, oficial –, todos esses dialetos, se eram díspares na configuração, eram semelhantes na essência, visto que todos tinham base latina. Em razão disso e obviamente da presença mais numerosa de falantes do dialeto vêneto, já a partir da segunda geração dos imigrantes italianos, o contato interdialetal transformou praticamente todos os dialetos italianos trazidos ao Sul do Brasil numa *coiné* de base vêneto,²⁰ que irá influenciar – e ser influenciada – o português do Sul do Brasil, não só no léxico, mas sobretudo na morfossintaxe e na fonética. O relacionamento dos imigrantes italianos com os luso-brasileiros (*negri* ou *brasiliani*) falantes de português, mesmo ocorrendo numa variedade de português distanciada daquela falada nos maiores centros urbanos, e, como tal, considerada padrão, foi o primeiro passo para a interinfluência não só de costumes e técnicas, mas também, e com acentuada intensidade, na língua. Logo no início, o italiano, aos poucos, distanciava-se daquele das origens, impregnado de traços do português. Do mesmo modo, o português, impregnado de traços do italiano, traz, ainda hoje, em muitas comunidades em que prevalecem os descendentes dos primeiros imigrantes, as marcas da língua italiana. Tentaremos demonstrar isso ao longo deste trabalho.

¹⁸ Há inclusive o *Dicionário português-talian*, de Honório Tonial (2001), e o *Dicionário vêneto sul-rio-grandense-português*, de Alberto Vitor Stawinski, ambos publicados pela Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes.

¹⁹ Cf. Frosi (1996, p. 159).

²⁰ Cf. Curi (1997, p. 2).

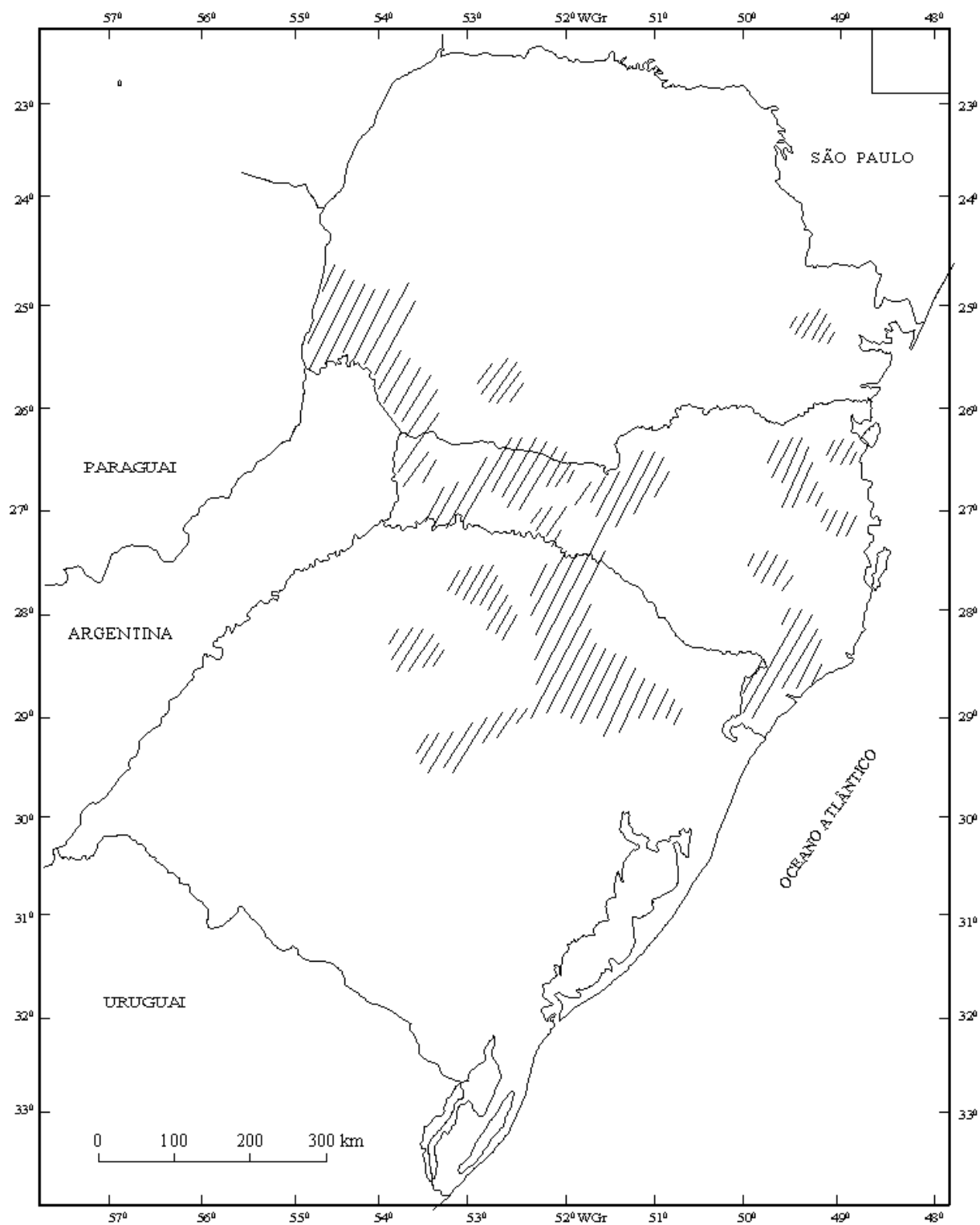
Considerando o panorama da imigração italiana na área delimitada para o nosso estudo, destacamos os seguintes aspectos que julgamos como relevantes para os nossos objetivos:

- 1) **Recorte temporal** – O estudo opera sobre um período de tempo de 130 anos de presença das diversas variedades do adstrato italiano em contato com o português, o que permite prever condições de difusão do português cada vez mais atuantes nas comunidades ítalo-brasileiras, tendo em vista a crescente integração de seus membros à sociedade brasileira.
- 2) **Representatividade demográfica** – Os italianos, que vieram da Itália para a Região Sul em grande quantidade (ver estatísticas já citadas), e aqui constituíram famílias com numerosos filhos, representam, atualmente, um contingente significativo de descendentes, fato que, certamente, favorece a difusão de traços lingüísticos associados ao grupo étnico. De acordo com Furlan (1997, p. 22), os ítalo-brasileiros constituem cerca de 38% da população no RS, 22% em SC e 12% no Paraná, totalizando, aproximadamente, 6 milhões de habitantes.
- 3) **Representatividade geográfica** – Considerando as colônias originais (colônias velhas) – tanto no Rio Grande do Sul quanto em Santa Catarina, além de assentamentos menores no Paraná – e as colônias novas resultantes das imigrações internas, as áreas ocupadas por italianos representam um espaço considerável na Região Sul do Brasil. Esse espaço é composto, principalmente, por diversos municípios nos vales dos rios Itajaí-Açu, Tubarão e Araranguá, situados em terras entre o mar e a Serra Geral, em Santa Catarina, por diversos municípios nas proximidades de Santa Maria/RS, e por uma centena de outros municípios que ocupam vasta área, desde a Serra gaúcha até o Sudoeste do Paraná, conforme pode ser visualizado no *Mapa 2*.²¹

²¹ O espaço ocupado por descendentes de italianos é, na verdade, maior do que o representado no Mapa 2, visto que esse mapa refere-se somente às áreas com informantes bilíngües italiano-portugueses do ALERS, ou seja, áreas em que os ítalo-brasileiros representam mais de 50% dos habitantes.

MAPA 2: Áreas bilíngües português-italiano no Sul do Brasil

O Português em Contato com o Italiano no Sul do Brasil (*F. MARGOTTI*)



- 4) **Mobilidade geográfica** – O assentamento de colonos italianos, inicialmente, em terras montanhosas e cobertas de florestas levou a um isolamento inicial, tanto em relação aos luso-brasileiros, alemães etc., quanto no tocante às comunidades italianas entre si, retardando a integração dessas populações ao novo meio e, conseqüentemente, o acesso ao português e à sua aquisição. Todavia, impelidos a buscar novas terras (colônias novas), num processo de desbravamento, esses migrantes internos transportaram também o material lingüístico utilizado nos locais de colonização inicial (colônias velhas). A topodinâmica²² dessas migrações certamente repercute nos processos de difusão lingüística, especialmente em situações de contato lingüístico efetivo (ver *Mapa 1*).
- 5) **Diversidade dialetal do italiano falado pelos imigrantes** – A imigração para um novo meio (Brasil) pôs em contato diferentes variedades dialetais, representativas das regiões de procedência dos imigrantes na Itália. Conforme a procedência das famílias, têm-se desde colônias formadas predominantemente por italianos que falavam o mesmo dialeto até colônias formadas por italianos que falavam dialetos bastante diferentes (como se sabe, na distribuição dos lotes, não havia um critério etnolingüístico). O contato interdialetoal desencadeou, deste modo, nas novas comunidades, ao longo do período, um processo de maior ou menor nivelamento lingüístico (*Sprachausgleich*), com predomínio de uma ou de outra variedade dialetal ou mesmo um *mixing* de traços de diferentes variedades.
- 6) **Coiné vêneta** – Os vênetos, que representam cerca de 60% dos imigrantes italianos, irradiaram com maior intensidade seu dialeto, razão pela qual ele se impôs e, modificado pelo contato com os outros dialetos italianos, veio a se constituir numa variedade peculiar, denominada *talian* ou coiné vêneta.

Em termos do contato (histórico, geográfico, social), onde se deu essa imigração, valem ainda as seguintes considerações:

²² Cf. Thun (1996, p. 212).

- 7) Comparação **com outras etnias**, especialmente a alemã. Quando os italianos chegaram no Brasil, os alemães aqui já estavam há cerca de 50 anos. Isso, obviamente, teve conseqüências na distribuição de relações de poder e no número de descendentes: embora os italianos tenham vindo em maior número, quando eles aqui chegaram, os alemães já estavam na segunda geração.²³ Do início da colonização européia até a década de 70 do séc. XIX, tendo em vista o modelo econômico e outros aspectos culturais e religiosos, as famílias de imigrantes, seja de italianos, seja de alemães, eram, em geral, numerosas, o que obrigava os descendentes a buscar novas terras para o próprio sustento.
- 8) **Religião** – Desde o início, os italianos praticavam a religião católica, que era a religião oficial do novo país, ao contrário dos alemães, que eram predominantemente protestantes. De certa forma, essa diferença religiosa, associada a outros aspectos lingüísticos e culturais, fez com que os alemães, mesmo tendo chegado ao Brasil antes dos italianos, preservassem mais sua língua e cultura.
- 9) **Papel da semelhança lingüística e cultural** – Os italianos constituem um grupo de cultura de língua românica, portanto mais semelhante ao português do que a língua alemã, as línguas eslavas e asiáticas. Indaga-se, por isso, nas pesquisas, se a maior facilidade de intercompreensão tenha propiciado uma integração mais rápida dos italianos e uma *language shift* mais intensa das variedades dos imigrantes italianos. Cabe ponderar, no entanto, que a semelhança entre as línguas italiana e portuguesa nem sempre se aplicam à comparação entre dialetos dessas línguas. Muitos casos, mesmo dois dialetos da mesma língua, podem ser ininteligíveis entre si. Tal ocorre, por exemplo, entre dialetos do baixo e alto alemão.

²³ Apesar das restrições do governo prussiano à imigração para o Brasil (*Rescrito de Von Heydt*, que vigorou de 1869 a 1896), a imigração de alemães para o Brasil não estava proibida. Por isso, mesmo representando percentuais menores em relação aos italianos, os alemães continuaram a migrar para o Sul do Brasil na segunda metade do século XIX e início do século XX.

- 10) **Período de desenvolvimento** – Embora polêmico, deve-se considerar, também, que a imigração italiana ocorreu num período de maior desenvolvimento do que o período em que se iniciou a imigração alemã. Na época da imigração italiana, estavam em curso a Revolução Industrial, os processos de urbanização, a construção de ferrovias e outras vias de comunicação, entre outros aspectos que, de certo modo, facilitaram a integração dos italianos ao novo meio, a despeito das imensas dificuldades e do isolamento iniciais.

2.3 O Contexto Lingüístico Brasileiro

Paralelamente às perguntas em torno dos imigrantes italianos e do *background* lingüístico por eles trazido, convém também perguntar, considerando os objetivos da pesquisa, sobre o contexto brasileiro em que se inserem esses imigrantes. Ou seja, quem são os "brasileiros" com os quais os imigrantes entram em contato e com qual variedade de português brasileiro se dá, de fato, o contato lingüístico?

Como costumam destacar os manuais escolares, a população brasileira é constituída da miscigenação de índios (nativos), lusos, negros, alemães, italianos, poloneses, japoneses e de outras etnias que para aqui imigraram. Assim como não existe uma etnia dita brasileira, pode-se dizer que também não existe uma única língua brasileira. Além das variantes regionais, sociais e estilísticas do português do Brasil, como língua comum e oficial, a presença de etnias diversas resultou num quadro variado de línguas, falares e dialetos que convivem lado a lado com a língua oficial. É o caso das línguas indígenas do Norte, Centro-Oeste e Sul do país e das línguas de imigrantes europeus (italianos, alemães e eslavos) no Sudeste e, em particular, no Sul.

A língua portuguesa tem, no Brasil, o mesmo *status* sócio-político que em Portugal, mas com a diferença de que lá ela é falada por pouco mais de 10 milhões de indivíduos e no Brasil por mais de 170 milhões. Pode-se dizer que, atualmente, tanto em Portugal quanto no Brasil, as fronteiras lingüísticas praticamente coincidem com as políticas, exceto em alguns pontos da fronteira Sul do Brasil, nos quais avançam o espanhol e o guarani

– do mesmo modo que o português avança nas fronteiras com o Uruguai, Argentina e Paraguai – e pontos da fronteira amazônica. Também diferentemente do que ocorre em Portugal, no Brasil o português convive com cerca de 170 línguas indígenas (chamadas *autóctones*), faladas “por mais de 220.000 índios que sobreviveram e sobrevivem ao processo etnocida e glotocida que desde o século XVI segue e persegue o avanço da língua portuguesa” (MATTOS E SILVA, 1991, p. 17) e cerca de 30 línguas de descendentes de imigrantes (chamadas *alóctones*). “Somos, portanto, como a maioria dos países do mundo – em 94% dos países do mundo é falada mais de uma língua – um país de muitas línguas, plurilíngüe” (OLIVEIRA, 2000, p. 84).

Evidentemente que no passado o Brasil foi muito mais plurilíngüe do que é hoje. Segundo estimativas de Rodrigues (1993, p. 23), quando aqui aportaram os portugueses em 1500, falavam-se, no país, cerca de 1.078 línguas, 85% das quais desapareceram, vítimas do extermínio de seus falantes e das políticas de imposição do português como língua do império.

Mas não foram apenas os índios vítimas das políticas lingüísticas dos estados lusitano e brasileiro, também os imigrantes que para cá vieram – principalmente depois da primeira metade do séc. XIX – e seus descendentes passaram por violenta repressão lingüística e cultural.

O Estado Novo (1937-1945), regime ditatorial instaurado por Getúlio Vargas, marca o ponto alto da repressão às línguas *alóctones*, através do processo que ficou conhecido como *nacionalização do ensino* e que pretendeu selar o destino das línguas de imigração no Brasil, especialmente o do alemão e do italiano na região colonial de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Foi nesses dois estados, nos quais a estrutura minifundiária e a colonização homogênea de certas regiões garantiram condições adequadas para a fixação do alemão e do italiano, que a repressão lingüística, através do conceito jurídico de ‘*crime idiomático*’, inventado pelo Estado Novo, atingiu sua maior dimensão (OLIVEIRA, 2000, p. 87).

Como resultado dessa **política de homogeneização lingüística**, as escolas comunitárias foram ocupadas por agentes do governo e desapropriadas, jornais e outras publicações em alemão e italiano foram proibidos, pessoas foram perseguidas, presas e até torturadas, simplesmente por falarem suas línguas maternas, em público ou em casa, inviabilizando em grande parte a preservação dessas línguas e acarretando perdas culturais consideráveis. Essas línguas, que perderam sua forma escrita e seu lugar nas cidades, mantiveram-se apenas oralmente e em zonas rurais cada vez menos extensas.

Apesar de a história do Brasil mostrar que, não fosse pela ação do Estado e pela omissão dos intelectuais, poderíamos ser hoje um país muito mais plurilíngüe e, conseqüentemente, muito mais multicultural, ainda somos um país pluricultural e multilíngüe, não só pela atual diversidade das línguas ainda aqui faladas, mas também pela diversidade interna da língua portuguesa. Para G. Guy (New York University), III Congresso Internacional da ABRALIN (Rio de Janeiro: mar./2003), o português do Brasil apresenta uma diversidade significativa em múltiplas dimensões (geográfica, social, temporal e lingüística), como poucas línguas no mundo. Entre esses processos de variação, citam-se: palatalização das sibilantes (chiado); palatalização de [t] e [d] antes de [i]; aspiração das sibilantes; processos de monotongação e de ditongação; realização variável de [r]; ieísmo e vocalização de [l]; alçamento de vogais átonas pretônicas e postônicas; desnasalização; inserção de vogais em encontro consonantal; eliminação de [s] e [r] finais; vocalização e mesmo eliminação de [l] final; perda de vogais postônicas mediais; ensurdecimento de vogais átonas finais precedidas de consoantes surdas; perda das formas verbais de segunda pessoa do singular e do plural; perda dos pronomes de segunda pessoa; perda de concordância nominal e de concordância verbal; alteração do sujeito nulo (pro-drop); objeto nulo; alteração na ordem SV; alternâncias de tempos verbais; dupla negação; uso de *nós/a gente*, entre muitos outros fenômenos fonético-fonológicos, morfossintáticos, semânticos e pragmático-discursivos.

2.3.1 Diversidade e unidade lingüística do português do Brasil

Ao se falar em diversidade lingüística, necessariamente põe-se em curso, como contraface, a idéia de unidade. A abordagem do tema supõe atentar para os percursos e encontros de línguas que, submersos na história da colonização do Brasil por Portugal, resultam no fato de que o português é a língua do Brasil. “Língua portuguesa do Brasil que se estabelece como *diferença* em relação ao português de Portugal, e se constitui na relação com línguas diversas (indígenas, africanas, européias etc.)” (MORELLO, 2001, p. 89). Entre as diferentes faces desses percursos e encontros, interessa saber quais são os mecanismos que constituem uma unidade para o português do Brasil e, ao mesmo tempo, quais são os mecanismos que constituem sua diversidade.

Na perspectiva histórica, o destino do português no Brasil remonta ao processo de colonização, no qual Portugal impõe sua cultura e sua língua ao longo de mais de trezentos anos. Essa imposição, se no geral ocorreu de forma natural, teve também, em certos momentos, a ação deliberada de educadores e das autoridades. Em meados do século XVIII, por exemplo, o Marquês de Pombal, por lei de 3 de maio de 1757, inicialmente aplicada ao Pará e ao Maranhão, e estendida, em 17 de agosto de 1758, a todo o Brasil, proibiu o uso da língua geral e obrigou oficialmente o uso da língua portuguesa, no período subsequente à expulsão dos jesuítas,²⁴ proscrevendo o uso de quaisquer outras línguas.²⁵

Após a independência, em 1822, o Brasil vai, naturalmente, valorizar tudo o que o distingue da ex-metrópole. Culturalmente, valoriza as raízes indígenas, deixa-se influenciar pela França e passa a acolher imigrantes europeus de nacionalidade diversa da portuguesa, principalmente alemães e, em maior número, italianos. Como o tráfico de negros africanos cessou por volta de 1850 e os índios se diluíram na miscigenação brasileira, a vinda de grandes levas de europeus, sobretudo no período de 1870-1950, atende ao interesse das elites de “branquear” o Brasil contemporâneo. Aos poucos, esses novos habitantes aculturam-se e fundem-se na sociedade brasileira. “Ao mesmo tempo, o pólo de desenvolvimento desloca-se para o centro-sul. Finalmente, a urbanização e a industrialização transformam inteiramente a aparência do país” (TEYSSIER, 1997, p. 97).

Diante desse quadro, como explicar as particularidades do português do Brasil? Comparando o português do Brasil com o português de Portugal, Mateus *et alii* (1983, p. 20-21) selecionam quatro indicadores fonéticos que distinguem extensivamente essas duas variedades da língua portuguesa.

Mas se essas características fônicas distinguem genericamente o português do Brasil do português de Portugal, isso não quer dizer que cada uma das variantes tenha a mesma distribuição no espaço. De acordo com Cintra (1971),²⁶ os dialetos regionais portugueses podem ser divididos em dois grandes grupos: os setentrionais e os meridionais, os quais, por sua vez, formam subgrupos. Sem entrar em maiores detalhes, destacamos que as variedades nortenhas apresentam traços que não são encontrados no Brasil.²⁷ Ao contrário, verificam-se certas coincidências de traços entre as variedades (ou dialetos) meridionais do

²⁴ Cf. Cunha (1981, p. 92).

²⁵ Cf. Houaiss (1985, p. 94).

²⁶ Obra citada por Mattos e Silva (1991, p. 24).

²⁷ A relação dos traços que constituem as isoglossas que separam os dialetos do norte de Portugal dos do sul pode ser encontrada em Cintra (1971, *apud* Mattos e Silva, 1991, p. 24).

português europeu com os dialetos brasileiros.²⁸ Por outro lado, supõe-se que outros traços, além daqueles listados por Mateus *et alii*, não se encontram nem no Sul de Portugal, os quais opõem, de modo geral, o português daqui ao de lá.²⁹ Além disso, entre as variedades regionais do português brasileiro há muitas outras variantes específicas, ainda não totalmente descritas, como é o caso do /r/ retroflexo e das palatalizações das oclusivas /t/ e /d/ diante de /i/, já citadas.

Português de Portugal	Português do Brasil
Vogais átonas muito reduzidas	Vogais átonas pouco reduzidas
Inexistência de palatalização de /t/ e /d/ antes de [i]	Palatalização de /t/ e /d/ antes de [i]
Velarização do /l/ em coda silábica	Vocalização do /l/ em coda silábica
Realização da vibrante alveolar /r/ em final de vocábulos	Velarização do /r/ em posição final do vocábulo ou apagamento.

Mesmo assim, é lugar-comum nas obras que tratam do português brasileiro destacar a unidade, considerando principalmente as dimensões continentais do país. Essa concepção é, de fato, estereotipada e não se fundamenta no conhecimento exaustivo da realidade lingüística do Brasil, que é ainda insuficiente e fragmentariamente estudada.³⁰ O *Atlas Lingüístico do Brasil*, projeto esboçado por Antenor Nascentes,³¹ advogado por Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e outros, ainda não se cumpriu, o que inviabiliza um confronto sistemático de dados que possibilitem uma visão das macrotendências da variação do português e todo o território do Brasil.³²

A divisão dialetal do português do Brasil proposta por Antenor Nascentes já em 1922, refeita por ele, posteriormente, em 1933 e 1953, e que nunca considerou definitiva, põe em evidência a diversidade lingüística geográfica do português brasileiro. Alguns estudos em áreas do Centro-Nordeste, como o de Cardoso (1996), reforçam a classificação de Nascentes.

²⁸ O que sucedeu, de fato, foi que os colonos portugueses do Brasil elaboraram uma *koiné* por eliminação de todos os traços marcados dos falares portugueses do norte e por generalizações das maneiras não marcadas do centro-sul (Teyssier, 1997, p. 98).

²⁹ Cf. Furlan (1989, p. 182).

³⁰ Numa primeira fase, a dialetologia no Brasil voltou-se para o estudo do léxico (cf. Ferreira e Cardoso, 1994, p. 37). Nova fase, com trabalhos voltados para estudos da gramática, foi inaugurada com a publicação de *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, e *O linguajar carioca*, de Antenor Nascentes, ambos em 1922.

³¹ Ver *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil I* (1958) e *II* (1961).

³² Sob a coordenação de Suzana Alice Marcelino Cardoso, o *Atlas Lingüístico do Brasil* (ALiB), cujos questionários já estão definidos, prevê a aplicação dos mesmos em duzentos e cinquenta pontos do território brasileiro e, no momento, aguarda financiamento para efetiva execução (Cardoso e Mota, 2003).

O que falta, no entanto, para que a proposta seja empiricamente comprovada “através de dados representativos de *toda a extensão* do território” (ALTENHOFEN, 2002a, p. 117) é o atlas.

Os resultados preliminares do *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS, 2002, v.1 e 2) indicam, por exemplo, a necessidade de reformular a hipótese relativa ao chamado *falar sulista* que, de acordo com Nascentes, inclui regiões dialetologicamente diversas como São Paulo e Rio Grande do Sul, às quais “poderíamos acrescentar, sem exagero, Paraná e Santa Catarina” (ALTENHOFEN, 2002a, p. 117).

Como se sabe, a Região Sul do Brasil, por sua pluralidade social, cultural e geofísica, tem “uma interessante trajetória de contatos lingüísticos com línguas indígenas (missões) e africanas, com uma diversidade de línguas de imigrantes europeus e asiáticos e com o espanhol de três países vizinhos” (VANDRESEN, 2002, p. 5), o que lhe dá um *status* peculiar no que diz respeito ao português brasileiro. Entre os fatores determinantes dessa peculiaridade, relacionamos aqui quatro, já assinalados por Koch (2000, p. 59) e por Vandresen (2002, p. 5-7):

- 1) A presença de açorianos e madeirenses, que ocuparam áreas específicas da costa sul brasileira, a partir do século XVIII, como São Francisco do Sul, Desterro (Florianópolis) e Laguna, em Santa Catarina, e Porto dos Casais (Porto Alegre) e Rio Grande, no Rio Grande do Sul;
- 2) A existência de fronteiras políticas (historicamente oscilantes e, às vezes, sem acidentes geográficos) com três países de fala hispânica e o contato português-espanhol derivado dessa situação;
- 3) O contato entre paulistas e gaúchos em dois fluxos migratórios opostos, inicialmente num movimento de bandeiras que, entre outras coisas, vinha prear índios na região das missões, e posteriormente o papel das rotas dos tropeiros de gado;
- 4) A existência de áreas bilíngües significativas, originadas do assentamento, nas (antigas) zonas de florestas, inicialmente de imigrantes de língua alemã (1824 a 1870), e depois de escravos (poloneses e ucranianos) e de italianos (a partir de 1875), além de outras etnias européias.³³

³³ A imigração japonesa, iniciada em 1908, voltou-se principalmente para São Paulo; na Região Sul, há contingentes no Norte do Paraná.

A esses fatores, Altenhofen (2002a, p. 122) acrescenta a relevância das migrações internas, no processo de ocupação de novas áreas no final do séc. XIX e primeiras décadas do séc. XX, do Rio Grande do Sul para Santa Catarina, atingindo posteriormente o Paraná e região amazônica, incluindo parte do Paraguai. As terras do Norte do Paraná começaram a ser ocupadas a partir de 1940, para a expansão do plantio de café, por paulistas, mineiros, nordestinos e também asiáticos.

Outro fenômeno importante para a configuração sociolingüística da Região Sul do Brasil foi o êxodo rural, a partir da década de 50 do século passado, que “trouxe um sotaque rural às periferias das principais cidades, acelerando a variação e mudança lingüística nas áreas urbanas” (VANDRESEN, 2002, p. 7-8).

Em vista desse panorama e dos dados já cartografados pelo ALERS (2002, v.2), Altenhofen (2002a), dando continuidade às indicações anteriormente apresentadas por Koch (2000), apresenta as seguintes “fotografias geolingüísticas do português no Sul do Brasil” (cf. *Mapa 06*, p. 145).

- 1) Rio Grande do Sul e Paraná formam duas áreas distintas, separadas por Santa Catarina, caracterizada como uma área de transição (Koch denomina essa área de transição de *leque catarinense*);
- 2) O chamado *leque catarinense* apresenta um traçado em forma de cunha pelo corredor central, no sentido norte-sul, que coincide com as antigas rotas migratórias dos paulistas;
- 3) Outro desdobramento do *leque catarinense* é o avanço da área rio-grandense, sobretudo da subárea bilíngüe sob influência dos imigrantes europeus, por um corredor lateral, através do Oeste de Santa Catarina até o Sudoeste do Paraná;
- 4) No lado leste, verifica-se a projeção de isoglossas que transpõem o Rio Grande do Sul até a orla de Santa Catarina, constituindo-se numa área denominada por Koch de *feixe secundário rio-grandense*, cuja coincidência de traços denuncia a ocupação comum por açorianos e a unidade geofísica dos Campos de Cima da Serra e Lages, bem como a presença de populações bilíngües;
- 5) No litoral catarinense, mais especificamente na área que vai de Laguna a São Francisco do Sul, registra-se uma área que Furlan (1989) designa de *falar açoriano-catarinense*;

- 6) Ao Norte do Paraná, configura-se uma área denominada por Koch (2000) de *feixe secundário paranaense*, associada por Mercer (1992) à forma de colonização;
- 7) Na fronteira sul do Rio Grande do Sul, verificam-se traços provenientes do contato do português com o espanhol, numa região em que as fronteiras oscilaram ao longo da história;
- 8) Como resultado do contato dos paulistas com os gaúchos em período anterior à chegada dos primeiros imigrantes alemães (1824) e italianos (1875), distingue-se uma área que coincide com as rotas comerciais antigas, que partiam dos primeiros povoamentos lusos, seguiam pelas vias fluviais, como o rio Jacuí, e contornavam as florestas através do campo, em direção norte (de Rio Grande e Pelotas para Bagé, atingindo Santa Maria, Júlio de Castilhos e Cruz Alta e, depois, com várias bifurcações em direção norte e noroeste, até atingir Lages);
- 9) Nas áreas de florestas, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, ocupadas por imigrantes europeus, têm-se as áreas de bilingüismo, em diferentes situações e graus que, nos dados do ALERS precisam, segundo Altenhofen (2000, p. 77), ser consideradas sob três possibilidades mais amplas:
 - a) O português de falantes *bilíngües* que nasceram e se criaram em uma comunidade de maioria bilíngüe;
 - b) O português de falantes *monolíngües* que nasceram e se criaram em uma comunidade de maioria bilíngüe;
 - c) O português de falantes *monolíngües sem contato* com uma comunidade bilíngüe.

Esses primeiros estudos de dialetologia diatópica certamente ainda estão longe de dar resposta adequada à afirmação de Teyssier de que “as divisões dialetais do Brasil são menos geográficas que sócio-culturais”. Enquanto isso, da década de setenta do século passado para cá, vêm crescendo os estudos de variação diastrática do português brasileiro, seguindo a metodologia preconizada pela sociolinguística laboviana. Um dos primeiros estudos em sociolinguística do Brasil é atribuído a Dinah Callou, uma das colaboradoras do *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, e Maria Helena Marques: *O -s implorativo na linguagem do*

Rio de Janeiro, em que demonstram a relação entre as variantes de -s final e fatores sociais, como procedência, nível cultural, profissão, idade.

Concentrada, em princípio no Rio de Janeiro, e sob a orientação de A. J. Naro, a bibliografia sobre a diversidade sociolingüística ou dialeção diastrática cresce, não só no âmbito da pesquisa que se desenvolve nos cursos de pós-graduação, mas em projetos maiores e abrangentes, como por exemplo, o pioneiro projeto NURC (Norma Urbana Culta) e outros mais recentes, como o Censo Sociolingüístico do Rio de Janeiro e o projeto que se desenvolve no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sobre vários aspectos de complexa diversidade lingüística do Sul do Brasil (MATTOS E SILVA, 1991, p. 27).

Evidentemente, numa sociedade fragmentada e complexa como a brasileira, os estudos sociolingüísticos adquirem especial relevância, ainda mais se considerarmos que o Brasil é uma nação multilíngüe e pluriétnica, em que os grandes centros urbanos abrigam populações em vários graus de aculturação, de que decorrem problemas sociais diversos. Entre esses problemas, sobressai o estabelecimento da norma ou das normas de prestígio que, a despeito das controvérsias, existe(m) em uma sociedade segmentada e em que a língua escrita é instrumento essencial.

Com o desenvolvimento dos estudos de variação e mudança, tornam-se bastante intensos os debates em torno do que seja a norma culta do português brasileiro, enquanto “língua de cultura”, língua oficial, base da cultura letrada, modelo para o ensino. Entre os lingüistas, parece formar-se um certo consenso de que a norma ou as normas do português brasileiro em uso, que se entrecruzam na comunicação cotidiana com as variedades diatópicas e diastráticas de milhões de brasileiros, muito pouco tem a ver com a norma codificada na tradição gramatical portuguesa. Estabelecer princípios para os usos lingüísticos socialmente controlados do português do Brasil é uma tarefa que está na intenção manifesta do projeto NURC e de outras iniciativas, mas que ainda está longe de se consolidar. Enquanto isso não acontece, pelo menos em grau de abrangência que permita uma adaptação pedagógica fundamentada nas variedades lingüísticas dos segmentos cultos, discute-se com frequência, intensidade e paixão, em diversas instâncias da sociedade (SILVA; MOURA, 2000; LUCCHESI, 1994; MATTOS E SILVA, 1995), supostos “males, desmandos e até degradação” que sofre a língua portuguesa no Brasil.

2.3.2 Estudos de variação do português no Sul do Brasil

Ao se falar em estudos de variação lingüística, devemos levar em conta pelo menos quatro grandes subáreas, a saber: i) *multilingüismo*, que inclui línguas de imigração, línguas indígenas, crioulos e outras situações de contato; ii) *lingüística histórica*, que estuda a variação e mudança da língua na dimensão temporal; iii) *geolingüística*, que estuda a diversidade lingüística na dimensão espacial ou diatópica; iv) *sociolingüística*, que estuda a variação da língua na dimensão social e situacional, incluindo bidialetalismo, atitudes, interação etc. No presente estudo, tenta-se combinar iii) e iv) para ver i), considerando na medida do possível ii). Daí a importância de uma visão, mesmo parcial, do que já tem sido feito nessas áreas de pesquisa.

Na Região Sul do Brasil, os estudos de variação lingüística iniciaram na década de 70, com a criação dos cursos de pós-graduação em Letras, e tiveram maior impulso na década de 80, com a realização de diversos encontros promovidos por pesquisadores das universidades federais (UFRGS, UFSC e UFPR). No IV Encontro de Variação Lingüística e de Bilingüismo na Região Sul, realizado na UFRGS, por exemplo, já estavam delineados três grupos de trabalho, responsáveis, respectivamente, por três áreas específicas: *variação lingüística*, coordenado por Leda Bisol, com o objetivo de descrever variantes identificadoras da fala urbana do Sul do País; *atlas lingüístico-etnográfico*, sob a coordenação de Walter Koch, com o objetivo de levantar e registrar, em mapas, variantes diatópicas da fala; *bilingüismo*, coordenado por Paulino Vandresen, com o objetivo de identificar as áreas de bilingüismo e descrever o comportamento dos falantes bilíngües. Posteriormente, como resultado desses encontros, os lingüistas das principais universidades sulistas se organizaram em dois grupos: um para compor o *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS), que cobre o português de 275 localidades rurais e das 18 cidades mais populosas dos três estados do Sul, e o outro para organizar o Banco de Dados sobre a *Variação Lingüística Urbana na Região Sul* (VARSUL), composto por 288 entrevistas, de 45 a 60 minutos, com falantes de áreas urbanas (VANDRESEN, 2002, p. 8).

Em 1998, mais ou menos dez anos depois do início dos projetos ALERS e VARSUL, pesquisadores das UCPel (Universidade Católica de Pelotas) e UFPel (Universidade Federal de Pelotas) começaram a executar o projeto BDS-Pampa, com o

objetivo de coletar dados sobre a língua portuguesa falada em 21 cidades ao longo da fronteira com o Uruguai e a Argentina.

Calcados em dados desses projetos interinstitucionais, dezenas de dissertações, teses e artigos foram escritos e também diversas publicações vieram a lume nos últimos anos, entre as quais, citam-se: revista *Letras de Hoje* (2000, v. 35, n. 1), revista *Organon* (2000, v. 14, n. 28 e 29), o livro *Fonologia e variação* (2002), organizado por Leda Bisol e Cláudia Brescancini, o livro *Variação e mudança no português falado da Região Sul do Brasil* (2002), organizado por Paulino Vandresen, e os dois primeiros volumes do *Atlas lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil* (2002), organizados por Walter Koch, Mário Silfredo Klassmann e Cléo Vilson Altenhofen.

Apresentar os resultados dessas pesquisas de forma exaustiva foge aos nossos propósitos para o momento. Todavia, dentre as marcas de variação do português falado na Região Sul do Brasil, de acordo com os estudos já realizados, destacam-se os seguintes:

a) *Ditongação e monotongação*

Questões relacionadas ao uso variável de ditongos na fala do Sul do Brasil foram examinadas por Bisol (1989, 1994), Cabreira (1996, 2000), Leiria (1995, 2000), Battisti (1997, 2000, 2002), Margotti (2001). Embora cada estudo apresente peculiaridades no que diz respeito ao fenômeno em si, quer lingüísticas, quer sociais, constata-se, em geral, que o uso variável dos ditongos está muito mais vinculado a fatores lingüísticos do que a fatores sociais.

Cabreira (1996, 2000), a exemplo do que já fizera Bisol (1989, 1994), conclui que a monotongação ocorre apenas com ditongos verdadeiros. Ao contrário, os ditongos derivados nunca são monotongados. De acordo com Bisol, os ditongos verdadeiros são os fonológicos, isto é, que os ditongos que possuem uma semivogal na estrutura profunda (e.g., *outro*, *pouco*). Ditongos derivados são os ditongos fonéticos, formados pela transformação de [l] pós-vocálico em semivogal (e.g., *solteiro* ~ *sowteiro*, *voltar* ~ *vowtar*).

A redução dos ditongos nasais átonos como *-ão* (*órgão*, *falaram*) e *-em* (*ontem*, *homem*) foi estudada por Battisti (1997, 2000, 2002). A autora constata que esse fenômeno está presente na fala do Sul do Brasil, mas nada indica que essa regra variável seja uma marca local, pois “a eliminação da nasalidade em contexto final átono já era registrada nos primeiros documentos escritos da língua portuguesa e descritos em tratados posteriores sobre a evolução

da língua” (BATTISTI, 2002, p. 201). Trata-se, ao que parece, de uma variação mais ou menos estável, comum à língua portuguesa, que se mantém ao longo da história, condicionada por fatores lingüísticos mais do que por fatores sociais.

A formação de ditongos orais por epêntese do glide anterior em sílabas tônicas finais travadas por /S/, com base em dados das três capitais do Sul do Brasil, foi estudada por Leiria (1995, 2000). Os resultados indicam que “a ditongação se aplica, preferencialmente, na presença das vogais [e] e [a], seguidas da fricativa alveolar quando esta pertence à raiz da palavra e forma sândi com o contexto seguinte ao controlado” (LEIRIA, 2000, p. 140). Mas, quanto aos fatores extralingüísticos, a variável geográfica é determinante, indicando que a ditongação predomina em Curitiba, seguida por Florianópolis e Porto Alegre (2000, p. 135). Essa tendência é confirmada pelo ALERS (2002, v. 2, p. 33-51), através de seis cartas analíticas e quatro cartas sintéticas, que representam o emprego dos itens *(p)az*, *(cr)uz*, *(tr)ês*, *(d)ez*, *(s)eis*, *(d)ois*. Ou seja, esse tipo de ditongação é mais comum no Paraná e em Santa Catarina do que no Rio Grande do Sul.

Com base em dados do VARSUL colhidos em Chapecó/SC e Flores da Cunha/RS, comunidades formadas predominantemente por descendentes de italianos, Margotti (2001) analisou o uso variável do ditongo nasalônico [-ãũ]. Os resultados indicam uma forte substituição do referido ditongo pelo monotongo [-õ], resultante da interferência da língua italiana no português. Indicam também que o grau de variação é determinado principalmente pela *classe das palavras e pela idade, escolaridade e cidade* do informante.

b) *Vogais médias postônicas*

O comportamento das vogais médias postônicas finais e não finais foi estudado por Vieira (1994). Os resultados indicam que, na fala da Sul do Brasil, a neutralização das vogais postônicas apontada por Camara Jr. (1970, p. 34), com base no linguajar carioca, não se confirma plenamente. As vogais [o] e [e] ora se elevam, ora não se elevam. A elevação do [o] é favorecida quando é antecedida por consoantes labiais, já a vogal [e] é favorecida pela antecendência das fricativas [s] e [z] (VIEIRA, 2002, p. 157). Na perspectiva diatópica, os resultados de Vieira, com base nos dados do VARSUL, indicam que o Rio Grande do Sul tende a elevar ambas as vogais médias, Santa Catarina eleva e não eleva na mesma proporção e Paraná preserva as vogais. A autora, todavia, faz uma ressalva, dizendo que a variação pode

ocorrer dentro do mesmo estado, como é o caso da vogal átona final [e], que é bastante preservada nas comunidades formadas por imigrantes italianos (Chapécó e Flores da Cunha) e eslavos (Irati).

A elevação de vogais médias, em posição átona final, na fala do português na Região Sul, também foi objeto de estudo de Roveda (1998). Com base em dados do VARSUL, relativamente a Porto Alegre, Florianópolis, Flores da Cunha e Chapécó, a autora conclui que os monolíngües de ambas as capitais tendem a elevar as vogais [e] e [o] para [i] e [u], respectivamente, de modo quase que categórico; entre os descendentes de italianos, ao contrário, verifica-se uso variável da regra, cabendo aos jovens maior índice de elevação, o que permite interpretar o fenômeno como uma mudança em progresso.

Analizando os mapas lingüísticos 31, 32 e 33 do ALERS (2002, v. 2, p. 109-113), observa-se que a preservação do [e] átono final é fortemente associada às áreas ocupadas por imigrantes italianos, alemães e eslavos – mas também aos açorianos do litoral catarinense – e muito menos às áreas da campanha e fronteira com Uruguai e Argentina, contrariando o que o estereótipo associado ao gaúcho poderia inicialmente indicar. Mercer (1992, p. 96) constata que na porção meridional do Paraná – que ele denomina de o Paraná do “leite quente” – é baixíssima a frequência de alçamento da vogal [e], mas na Região Noroeste a frequência de alçamento é altíssima.

O ALERS não cartografou o uso variável da vogal átona final [o]. Todavia, a variação na pronúncia de alguns itens, como [ˈgalɔ], [ˈkarɔ] e [fɛrˈvẽːdɔ] (ALERS, 2002, p. 154, 164 e 184), nos quais o [o] átono final é elevado, ocorre em maior quantidade no Rio Grande do Sul, em torno de 50% em Santa Catarina e em menor número no Paraná, confirmando assim o que Vieira (2002) também apontou.

c) *Supressão e acréscimo de segmentos fônicos*

A síncope de um ou mais segmentos em sílaba átona postônica foi objeto de estudo de M. do Amaral (2000, 2002). Os dados foram levantados pela autora em São José do Norte, cidade próxima a Rio Grande, entre a Lagoa dos Patos e o Atlântico. De acordo com esses dados, a supressão é favorecida em determinados contextos estruturais nos quais os segmentos remanescentes resultam em uma sílaba formada de acordo com os padrões da língua, como é o caso do contexto seguinte formado pela vibrante líquida (chá.ca.ra > chá.cra). Quanto aos

fatores extralingüísticos, a escolaridade inibe a aplicação da regra e o estilo informal a favorece. Todavia, o fenômeno não é um traço dialetal próprio da fala local, mas inerente à língua portuguesa de modo geral, atestado ao longo da história do latim ao português.

A epêntese vocálica no português do Sul do Brasil foi objeto de estudo de Collischonn (1996, 2000, 2002). O fenômeno consiste em desfazer um encontro consonantal pelo acréscimo de [i], como em [*a-di-mi-rar*], ou pela vogal alternativa [ə], como em [*ʔa-kə-tu-aw*] “factual”.³⁴ As conclusões da autora indicam que a epêntese é variável e, ao que parece, subordina-se mais a fatores lingüísticos do que a fatores sociais ou regionais, embora, na comparação dos dados das três capitais sulbrasileiras, os falantes de Porto Alegre usem significativamente mais epênteses do que os falantes de Florianópolis e Curitiba.³⁵ Trata-se também, salvo estudos mais abrangentes e aprofundados, de uma característica da língua portuguesa.³⁶

d) *Consoantes /r/ e /l/*

O uso da vibrante no Sul do Brasil foi estudado por Marquardt (1977), Monaretto (2000 e 2002), Spessatto (2001), entre outros. A realização da vibrante, por suas características articulatorias, apresenta elevado grau de polimorfismo, especialmente em coda silábica, tanto em português quanto em outras línguas (CALLOU; MORAES E LEITE, 1996, p. 465). A face extrema disso é o apagamento, em posição final, em todas as variedades dialetais, principalmente em verbos no infinitivo (CALLOU; MORAES; LEITE, 1998).³⁷

Com base em dados próprios e do VARSUL, Monaretto (2002, p. 254) constata que “o uso da vibrante está relacionado à posição que o [r] ocupa na sílaba: se pré-vocálico, em início de palavra (*rato*) e em início de sílaba, precedido por consoante (*honra*), a forma preferida é o [r] forte (fricativa velar ou vibrante alveolar); se pós-vocálica (*mar*, *carta*), [r] forte é a variante predominante, mais precisamente, o tepe”. Constata, também, através de estudo em tempo real, comparando dados da década de 80 com dados da década de 90, que, na fala do Sul do Brasil, em ataque de sílaba, manifesta-se o uso decrescente da vibrante

³⁴ O mapa lingüístico n. 35 do ALERS (2002, v. 2), sobre o item *advogado*, indica cerca de 85% de ocorrências de epêntese das vogais [e] ~ [ə] e cerca de 5% da vogal [i].

³⁵ Cf. Collischonn (2002, p. 226-227).

³⁶ Cf. Camara Jr. (1969) e Cagliari (1981), *apud* Collischonn (2002, p. 205-206).

³⁷ Obra citada por Monaretto (2002, p. 253).

alveolar e crescimento da fricativa velar. Trata-se de uma tendência que já havia sido constatada na maioria das regiões brasileiras.³⁸

O *Mapa 44* do ALERS (2002, v. 2, p. 149) sobre o item *revólver* aponta o uso preponderante da vibrante alveolar em posição inicial da palavra com cerca de 60% das ocorrências. O uso de fricativa velar predomina na região Norte do Paraná, de influência paulista e mineira, e em alguns pontos do litoral catarinense, de influência açoriana. Nessa posição, o tepe, ao que parece, está associado ao contato com o alemão e também ao italiano. Quanto ao [r] em início de sílaba, precedido por consoante (*honra*), o *Mapa 45* do ALERS (2002, v. 2, p. 151) mostra um predomínio do tepe em cerca de 50% dos casos, a vibrante alveolar em cerca de 30% e a fricativa velar em cerca de 15%. A distribuição no mapa também indica que o uso do tepe está claramente associado ao contato do português com as línguas de imigrantes.

Em Chapecó/SC, por exemplo, o estudo realizado por Spessato (2001) mostra que os descendentes de italianos realizam, em início de palavra, o tepe (48% das ocorrências) ou uma variante “intermediária”³⁹ entre a vibrante múltipla e o tepe (24% das ocorrências). Entre vogais (e.g., *carro*, *bairro*), registrou 42% de tepe e 49% de variante “intermediária”.

No Sul do Brasil, como observa Monaretto (2002, p. 267), o processo de passagem do [r] anterior para posterior atua de forma ainda lenta por causa do contato do português com o italiano, o alemão e o espanhol. Em posição pós-vocálica, ainda de acordo com Monaretto (2002, p. 267), cresce o apagamento do [r], e o índice de ocorrências de tepe diminui.

A variação e mudança do segmento lateral na coda da sílaba na fala do Sul do Brasil, mais especificamente no Rio Grande do Sul, foi objeto de estudos realizados por Quednau (1993), Tasca (1999) e Espiga (2001, 2002a, 2002b), entre outros. Embora os recortes e os objetivos dos três pesquisadores não fossem exatamente os mesmos, ao fazer o confronto dos resultados obtidos, Tasca (2002, p. 293) constata que: i) nas comunidades de contato com o italiano e o alemão e em algumas comunidades de contato com o espanhol,

³⁸ Cf. Camara Jr. (1953), Votre (1978), Cagliari (1997) Callou, Moraes e Leite (1998), *apud* Monaretto (2002, p. 255).

³⁹ Spessatto (2001, p. 17-18) define /r/ ‘intermediário’ como aquele em que “a vibração não ocorre com o ápice da língua nos alvéolos, como na vibrante, mas sim com a lâmina da língua”. Em nosso trabalho, essa variante será considerada como uma ‘aproximante’ ápico-alveolar, sem vibração, representada por [ɹ].

prevalece o [l] alveolar, mas o [ɫ] velar está em curso;⁴⁰ ii) em Santa Vitória do Palmar, verifica-se uso predominante da forma velarizada-labializada [l^w], seguindo o percurso: [l] > [ɫ] > [l^w]; iii) e em Porto Alegre, prevalece a forma vocalizada. Ao associar esses resultados com a idade dos informantes, Tasca (2002, p. 294) verifica que a forma conservadora [l] é mais usada pelos velhos, as formas inovadoras [ɫ] e [l^w] são mais usadas pelos jovens e a forma [w] apresenta equilíbrio no uso. Conclui, então, com base no princípio de que a mudança lingüística se reflete no tempo aparente, que a lateral alveolar (ou dental) em posição de coda silábica, característica da fala do extremo Sul do país, sofre variação de acordo com a seguinte regra telescópica: [l] > [ɫ] > [l^w] > [w].

A variação diatópica da lateral em coda silábica é demonstrada pelo ALERS (2002, v.2) através dos mapas lingüísticos 37 (cação) e 39 (revóluver). Nos três estados do Sul, prevalece a forma alveolar [l], usada por cerca de 50% dos informantes. O segundo lugar pertence à forma velarizada [ɫ], usada por 20% dos informantes. Todavia, ao comparar os estados entre si, verifica-se que [l] alcança 80% no Rio Grande do Sul; em Santa Catarina, há uso equilibrado de [l] e [ɫ] e, no Paraná, uso mais ou menos equilibrado entre as diferentes realizações do [l]. De acordo com Mercer (1992, p. 73), no Paraná, ocorrem três variantes de [l] em trava silábica (semivogal velar, o tepe – alveolar ou retroflexo – e a lateral apicoalveolar) em todos os quadrantes, mas predominam a semivogal e o tepe.

e) *Regras de harmonização vocálica*

A harmonização vocálica, que consiste numa regra variável de elevação (ou abaixamento) das vogais pretônicas por influência (assimilação) de uma vogal alta homorgânica (*menino* ~ *minino*) em sílaba subsequente ou mesmo não homorgânica (*cortina* ~ *curtina*; *novela* ~ *nɔvela*), no que diz respeito ao português do Sul do Brasil, foi matéria de estudo principalmente de Bisol (1981), Schwindt (1995, 2002) e Pontes (2003). O estudo de Bisol foi feito com dados de 44 informantes, sendo 8 monolíngües açorianos (Porto Alegre), 8 bilíngües alemães (Taquara), 8 bilíngües italianos (Monte Bérico, município de Veranópolis), 8 monolíngües fronteiriços (Santana do Livramento), além de 12 falantes do projeto NURC. A pesquisadora confirma a hipótese de que a presença da vogal alta no gatilho é o principal

⁴⁰ Em São Borja, os dados revelam mudança em curso na direção [l] → [ɫ].

condicionador da elevação da pretônica. O estudo de Schwindt (2002), por sua vez, baseia-se nos dados de 64 informantes do VARSUL do Rio Grande do Sul: 16 de Flores da Cunha (italianos), 16 de Panambi (alemães), 16 de São Borja (fronteiriços) e 16 de Porto Alegre (metropolitanos). Após análise, em que os dados foram confrontados com fatores lingüísticos e sociais conforme a teoria da variação, Schwindt (2002, p. 181) chega às seguintes conclusões: i) a regra de harmonização vocálica cresceu no Rio Grande do Sul, mas os dados caracterizam uma *variação estável*; ii) a harmonização vocálica é condicionada preponderantemente por fatores lingüísticos, com destaque para a vogal alta subsequente; iii) o exame dos fatores lingüísticos aponta para a existência de uma regra fonética (articulatória ou acústica), como apontou Bisol em 1981, que coexiste com a regra fonológica, mas a descrição disso depende ainda de estudos mais aprofundados.

A distribuição diatópica do [e] e do [i] pretônicos em posição inicial e medial como regra de harmonização vocálica, no estado do Paraná, é apresentada por Pontes (2003), com base em dados do *Atlas Lingüístico do Paraná* (AGUILERA, 1994), demonstrando que o alçamento do [e], tanto na posição inicial quanto na medial, é mais freqüente na metade Norte do estado.

f) *Tu e você, nós e a gente*

Com base em dados do VARSUL, Loregian (1996)⁴¹ “constatou: i) a não-existência de *tu* em Curitiba; ii) a ocorrência de *tu* e de *você* tanto em Florianópolis quanto em Porto Alegre, com diferentes graus de distribuição no uso dos dois pronomes e iii) uma menor concordância canônica com o pronome *tu* na capital gaúcha”. Outro estudo citado por Menon e Loregian-Penkall (2002, p. 57-58) é o de Hausen (2000), que analisou a distribuição dos pronomes *tu/você* no interior de Santa Catarina (Lages, Blumenau e Chapecó), constatando que, nesses lugares, há predominância do uso de *você*. Todas essas entrevistas foram retomadas por Menon e Loregian-Penkall (2002) para uma análise mais acurada, visando a testar a variação na comunidade e nos indivíduos.

O *Mapa 44* do ALERS (2002, v. 2, p. 321) sobre *tu e você* mostra que, de fato, a forma *tu* não é usada no Paraná, predomina no Rio Grande do Sul com 75% de ocorrências e tem uso equilibrado em Santa Catarina, que se comporta como área de transição, separando o

⁴¹ Obra citada por Menon e Loregian-Penkall (2002, p. 157).

português paranaense (traço [+você]) do português riograndense (traço [+tu]). Neste estado, as ocorrências de *tu* concentram-se no Litoral e no Oeste, como resultado de migrações de gaúchos. O uso categórico do pronome *você* no planalto central sugere que essa região sofre influência das antigas rotas migratórias de paulistas (MENON, 2000, p. 159; ALTENHOFEN, 2002a, p. 125).

A variação no uso das formas *nós* e *a gente* na fala do Sul do Brasil também mereceu a atenção dos lingüistas vinculados ao VARSUL e ao ALERS. Seara (2000), com base em doze entrevistas de informantes de Florianópolis, verifica que a forma *a gente* é mais freqüente, com 72% dos casos. Isso indica, juntamente com o incremento do uso entre os mais jovens, que, a exemplo do que vem ocorrendo em outras regiões do país,⁴² a forma *a gente* está, progressivamente, substituindo a forma *nós*, provocando, assim, uma simplificação do paradigma de flexão verbal.⁴³

g) *Fenômenos discursivos com indícios de gramaticalização*

A análise de fenômenos discursivos como padrões gramaticais,⁴⁴ norteada pela teoria da variação, de inspiração laboviana, em confluência com o funcionalismo lingüístico, tem sido feita através de diversas pesquisas vinculadas ao projeto integrado *Gramaticalização/discursivização de itens de base verbal e adverbial: funções e formas concorrentes*, desenvolvido na área de Sociolingüística do Programa de Pós-Graduação da UFSC. A atenção, nesse caso, dirige-se aos itens que desempenham papel no âmbito discursivo, funcionando como conectores ou seqüenciadores (*e, aí, daí, então*), como requisitos de apoio interacional (*sabe? Entende? Não tem?*) ou como reformuladores (*quer dizer, vamos dizer*). Uma síntese da fundamentação teórica da gramaticalização e da associação entre essa teoria e a teoria variacionista, bem como dos resultados de diversas pesquisas sobre fenômenos discursivos com dados do VARSUL, é apresentada por Görski et al. (2003) e Tavares (2003). A variação no âmbito da seqüenciação retroativa-propulsora dos

⁴² Cf. Omena e Braga (1996), *apud* Seara (2000, p. 181).

⁴³ Considerando também a substituição de *tu* por *você* e o desaparecimento da forma *vós*, os pronomes pessoais do caso reto no português brasileiro são: *eu, você (tu, em alguns dialetos), ele/ela, a gente (nós, em alguns registros), vocês, eles/elas*. Essas mudanças geram alterações nos clíticos, nos possessivos e, também, no paradigma flexional dos verbos (cf. Silva, 1998).

⁴⁴ O paradigma da Gramaticalização, de acordo com a proposta givoniana de onda cíclica, prevê os seguintes estágios: discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero (Givón, 1979, p. 83, *apud* Görski et al., 2003, p. 106, nota 1).

itens *e*, *aí*, *daí*, *então*, com base no *corpus* do VARSUL/Florianópolis, é apresentada por Tavares e Görski (2002) e Görski et al. (2003). As autoras concluem

que, quanto à subfunção seqüenciadora temporal, *aí* é favorecido pela seqüenciação temporal, *então* pela retomada e pela seqüenciação textual. *Daí* disputa com *então* as subfunções de introdução de efeito e de finalização. *Aí* também disputa a introdução de efeito. Considerando-se a influências dos níveis de articulação discursiva, verifica-se um contraste entre *aí*, *daí* e *então*, cujo emprego é favorecido nos níveis maiores que o inter-oracional, e *e* que é fortemente favorecido pelo nível inter-oracional (TAVARES; GÖRSKI, 2002, p. 289-290).

As diversas funções da expressão *quer dizer* na fala da Região Sul do Brasil, com base em 56 entrevistas do VARSUL (Florianópolis, Blumenau, Chapecó, Porto Alegre, São Borja, Curitiba e Londrina), foram apresentadas por Dal Mago e Görski (2002) e Görski et al. (2003). De acordo com as autoras, a análise dos contextos de ocorrência da expressão *quer dizer* permitiu identificar-lhe nove funções, reagrupadas em quatro macrofunções: i) *significação*, que se manifesta numa locução verbal Ex.: “Eu fazia comboio. Comboio *quer dizer* tomando conta dos navios mercantes de Belém do Pará, até atracar lá.”; ii) *ratificação* (*retomador*, *explicativo*, *esclarecedor* e *conclusivo*). Ex.: “Monte Belo, antigamente, pertencia a Antônio Prado, *quer dizer*, Caxias do Sul.”; e iii) *retificação* (*atenuador*, *retificador de conteúdo* e *retificador de forma*), que constituem o grupo dos articuladores textuais reformuladores. Ex.: “Então *quer dizer* que dá pra tirar um bom dinheiro, dá pra viver bem da profissão de alfaiate?”; e iv) *planejamento verbal* (*preenchedor de pausa*), que atua na interação entre falante/discurso e falante/ouvinte. Ex.: “Agora hoje você sai, vai pesquisar e pode combater, certo? (pausa) *quer dizer*, (pausa), nas matérias que são realmente (pausa, *quer dizer*, o negócio da terra, o ar.” Quanto à distribuição diatópica da forma *quer dizer*, constatou-se que a mesma não tem uso generalizado na Região Sul, sendo usada por menos de 40% dos informantes.

h) *Variação nas categorias verbais de tempo e modo*

Görski et al. (2002) apresentam uma síntese das pesquisas sobre a variação na codificação do futuro do presente do indicativo, do futuro do pretérito do indicativo, do pretérito mais-que-perfeito do indicativo e do presente do subjuntivo, apoiadas na perspectiva

de confluência entre a teoria da variação e da mudança lingüística⁴⁵ e o funcionalismo lingüístico americano.⁴⁶ O conjunto dos trabalhos, feitos com base nos dados do VARSUL/Florianópolis, traz evidências de que na fala ocorre uma redução no paradigma modo-temporal, com nítida preferência dos falantes pelas seguintes formas: i) formas perifrásticas em lugar do futuro do presente, com ausência quase que categórica da terminação *-rei*; ii) pretérito imperfeito pelo futuro do pretérito e, em consequência, há baixa frequência de formas em *-ria*; iii) formas do pretérito perfeito no lugar do pretérito mais-que-perfeito; iv) formas do presente do indicativo em contextos normatizados como do modo subjuntivo (p. 218).

Dentre os estudos de variação no uso de tempos verbais, relaciona-se também o estudo de Görski (2000) sobre o infinitivo pessoal. Tendo analisado 1.429 ocorrências de infinitivo fornecidas por 24 informantes do banco de dados do VARSUL de Florianópolis, a autora conclui que “os falantes florianopolitanos utilizam muito pouco o infinitivo pessoal, flexionando o verbo em apenas 8% das ocorrências sujeitas à flexão e preenchendo o sujeito em 29% dos casos analisados, com tendência a marcar duplamente os casos de concordância, uma vez que a flexão é fortemente condicionada por sujeito expresso diante de infinitivo”(p. 111). Certos contextos de natureza sintático-discursiva favorecem a pessoalização do infinitivo; outros, a impessoalização.

i) *Concordância verbal e nominal*

As regras variáveis de concordância verbal e nominal também mereceram a atenção dos estudiosos do português da Região Sul. Zilles et al. (2000a), por exemplo, investigaram a variação da concordância do verbo com a primeira pessoa do plural na língua falada de Porto Alegre (comunidade cosmopolita de base açoriana) e Panambi (comunidade bilíngüe português-alemão). Os dados, extraídos de 32 entrevistas do VARSUL, compreendem 1.035 ocorrências, cujos resultados foram os seguintes: 53% na forma padrão (*-mos*), 34% com apagamento de *-s* (*-mo*) e 13% com desinência zero. Os resultados indicam que a desinência verbal *-mos* (*-mo*) ainda é bastante produtiva na amostra considerada, e mais ainda entre falantes mais escolarizados.

⁴⁵ Cf. Weinreich et al. (1968), entre outros.

⁴⁶ Cf. Givón (1995), entre outros.

A concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala de 24 informantes de Florianópolis (VARSUL) foi estudada por Monguilhott e Coelho (2002). Na análise probabilística, a saliência fônica foi a que se mostrou mais relevante, ou seja, formas acentuadas nas quais o plural se opõe ao singular através de ‘mudança na qualidade da vogal’ (*tá/tão, vai/vão* etc.) e pelo acréscimo de segmentos (*bateu/bateram, viu/viram, veio/vieram, é/são, disse/disseram* etc.) tendem a favorecer a concordância. Ao contrário, formas não-acentuadas (*conhece/conhecem, quer/querem, vive/vivem, era/eram* etc.) tendem a desfavorecer a concordância. Quanto ao paralelismo formal, os resultados indicam “tendência ao uso de marcas de plural nos verbos quando existe presença de forma de plural explícita no último elemento e quando há presença de numeral no último elemento” (p. 211). A marca de plural nos verbos é acentuada também nos casos em que o SN sujeito ocupa a posição imediatamente anterior ao verbo (SN V). Situação inversa ocorre quando o sujeito ocupa posição à direita do verbo (V SN). Além desses fatores, as autoras controlaram ‘traço humano no sujeito’, ‘tipo de verbo’ e ‘tipo de sujeito’.

A correlação entre concordância de número no sintagma nominal e a concordância nos predicativos e particípios passivos, na fala de 30 informantes florianopolitanos, foi objeto de estudo de Vazzata-Dias e Fernandes (2000). As autoras detiveram-se na abordagem de duas variáveis lingüísticas (paralelismo formal e saliência fônica) e de três variáveis sociais (sexo, idade e escolaridade). Constataram que, de modo geral, variáveis lingüísticas e variáveis sociais têm comportamento semelhante em relação à aplicação da regra. Tanto num fenômeno quanto noutro, os dados indicam que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros” (p. 129). Também se verificou a aplicação do princípio da saliência fônica, isto é, itens mais salientes, por serem mais perceptíveis, foram mais marcados com desinências de plural. Os resultados, tendo em vista a limitação dos dados e das variáveis controladas, não permitem visualizar uma mudança em curso, mas uma variação estável.

O uso variável da marca de concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas foi o tema da tese de doutorado de Luís I. C. Amaral (2003). Os resultados de sua pesquisa, com base em 90 entrevistas, com controle de gênero, faixa etária e classe social dos informantes, apontam na direção do apagamento da desinência número-pessoal do verbo em virtude de uma regularização do paradigma verbal em que são privilegiadas formas neutras. Trata-se, segundo o autor, de uma mudança lingüística em fase final de realização e, para a

qual, concorrem tanto fatores lingüísticos (saliência fônica, ausência de pronome-sujeito e tipo de frase), quanto sociais.

j) *A ordem S V e V S*

As construções verbo-sujeito foram estudadas, por exemplo, por Zilles (2000b) e Coelho (2000). De acordo com Coelho e Vandresen (2002, p. 340), “a variação da ordem S V / V S está diretamente relacionada ao grupo de fatores reanalisado, como natureza sintático-semântica do verbo”, evidenciando que há uma forte correlação entre ordem V S e verbos inacusativos, isto é, verbos que selecionam um argumento interno, gerado na posição de complemento do verbo, como, por exemplo, *chegar, sair, existir, morrer* (MONGUILHOTT; COELHO, 2002, p. 204).⁴⁷ Além dessa correlação, Coelho e Vandresen (2002, p. 340-341) apontam aquela presente entre sentenças inacusativas e interpretação locativa [Loc V S], como em *Ali encostava o navio Hoepke* e *O navio Hoepke encostava ali*, evidenciando que o locativo/temporal é parte da estrutura argumental do predicado.

Obviamente, os estudos mencionados aqui não constituem uma lista exaustiva de todos os trabalhos, principalmente teses de doutorado, dissertações de mestrado e monografias de iniciação científica, cujo foco é a variação do português no Sul do Brasil. Ao apresentar a síntese de alguns estudos sobre variação do português falado nessa região, tivemos como objetivo situar a questão da variação na perspectiva diatópica e na perspectiva diassocial, buscando subsídios para o estudo da variação do português em contato com o italiano, que é objeto específico de nossa investigação.

2.3.3 Estudos sobre o contato do português-italiano no Sul do Brasil

Em relação às áreas de colonização italiana no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, as publicações anteriores à década de 60 pouco tratam do contato lingüístico. Os aspectos lingüísticos, quando mencionados, quase sempre inserem-se em estudos de cunho histórico-sociológico e antropológico, portanto não como objeto de estudo, como fim em si,

⁴⁷ Sobre a natureza dos verbos monoargumentais (inacusativos e intransitivos), veja-se Coelho (2000).

mas como dado secundário. Todavia, essas informações, embora escassas, juntamente com as informações sobre os fatos histórico-sociais, políticos e econômicos, são importantes para o estudo da diacronia do contato italiano-português.⁴⁸

Por exemplo, Marzano (1985 [1904]), que foi padre missionário em Urussanga/SC e região no início do século XX, dedica um capítulo à descrição do linguajar dos colonos italianos (p. 129-130). Afirma que os colonos falam o dialeto da província de origem, mas,

para fazer-se entender pelos outros formam um italiano entremeado de palavras portuguesas. Assim resulta uma linguagem, não digo árabe, mas pouco menos que babélica. (...) O dialeto que mais sobressai e que é língua oficial da colônia é o dialeto vêneto, ainda que bastante modificado por muitos vocábulos advindos de outros dialetos (p. 129).

Como denominação para crianças, Marzano (1985 [1904]) registra as seguintes formas lexicais: *fanciullo*, *putel*, *scit*, *bagai*, *ceo*, *toso*, *fantat*, *nenê* e *menino*.

À nossa chegada muitos se aproximavam e nos saudavam em português. Ao respondermos em italiano tentavam eles também falar tal língua, era toda misturada de português, convencidos, talvez, que fosse italiano puro. Por exemplo: Queixavam-se que ‘i menini’ os faziam desesperar. Diziam ‘Sta bom’ por ‘sta bene’; ‘precisava’ por ‘bisogna’, ‘ragliare’ por ‘gridare’, ‘prata’ por ‘argento’ e outros muitíssimos vocábulos portugueses-italianizados. (...) Conversando um dia com um bom velho que tem uma mulher sem prole, perguntei-lhe por que não voltava à Itália. Ele respondeu-me: ‘Mi son pronto e vado a volentier, ma la me vécia me dize che in Talía la toca poi baratar Salve Regine per polenta freda: qui almeno la magnemo calda’. (Eu estou pronto e iria com prazer, mas minha velha me diz que na Itália é preciso murmurar Salve Rainhas para conseguir polenta fria. Aqui pelo menos a comemos quente). Com isso queria dizer que para ir à Itália é preciso dinheiro e que lá não queria ir pedir esmolas (p. 129-130).

E conclui Marzano que, pouco a pouco, esses dizeres vão desaparecendo e, com o auxílio da escola, “se introduz um falar e um escrever muito mais correto” (p. 130).

As primeiras pesquisas acadêmicas sobre o bilingüismo nas áreas de colonização européia nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina foram realizadas em fins da década de 60 e início da de 70, coincidentemente com a expansão das universidades e criação dos cursos de pós-graduação em Letras. No Rio Grande do Sul, essas pesquisas foram

⁴⁸ Segundo Paulino Vandresen (1982, p. 29), as fontes de estudos sobre bilingüismo até o início da década de 80 são textos sem pretensões acadêmicas, apresentados em publicações comemorativas das cidades, colônias ou mesmo de pequenas localidades. Não são estudos lingüísticos de fato, mas as informações neles contidas são relevantes para se compreender os fenômenos do contato lingüístico nessas primeiras décadas de colonização.

conduzidas principalmente por Heinrich A. W. Bunse e, em Santa Catarina, por Paulino Vandresen.

Mesmo assim, o que se verifica ainda hoje é que os estudos do contato de línguas dos imigrantes com o português na Região Sul do Brasil não têm recebido a atenção devida, levando em conta a importância do problema e suas dimensões geográficas e sociais (ALTENHOFEN, 1997, p. 17), apesar dos avanços obtidos nas duas últimas décadas, com a realização de diversos encontros de Variação Lingüística e Bilingüismo⁴⁹ e dos trabalhos desenvolvidos pelas equipes dos macro-projetos *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS) e *Variação Lingüística Urbana na Região Sul* (VAR SUL).

As contribuições de Bunse para os estudos de dialetologia no Rio Grande do Sul podem se descrever em três etapas:⁵⁰ a primeira refere-se à publicação *Estudos de Dialetologia no Rio Grande do Sul: problemas, métodos, resultados* (1969), com a colaboração de Mário S. Klassmann, na qual o autor apresenta uma metodologia para a pesquisa dialetológica no Estado do Rio Grande do Sul e procura estimular esses estudos; a segunda etapa refere-se à publicação *Dialetos italianos no Rio Grande do Sul* (1975),⁵¹ através da qual Bunse faz um estudo genérico sobre os dialetos italianos do Rio Grande do Sul, com dados colhidos em quatro localidades através de um questionário de 240 perguntas, concluindo que o falar da região é uma coíné dialetal com nítida predominância do vêneto; e a terceira etapa refere-se ao estudo etnográfico-lingüístico do viticultor ítalo-brasileiro, cujos resultados podem ser conhecidos através da obra *O Vinhateiro: um estudo etnográfico-lingüístico sobre o colono italiano no RS* (1978). O autor, além de tratar da fisionomia da região, da história da imigração e da viticultura, põe no centro de seu estudo a figura do colono italiano, abordando aspectos sócio-econômicos, religiosos e morais, cultura material e aculturação, capítulo em que descreve o caminho percorrido desde o monolingüismo dos primeiros colonos até a fase do bilingüismo generalizado de hoje. O estudo finaliza com um glossário trilingüe: dialeto, italiano culto e português, com cerca de 900 palavras.

⁴⁹ Na década de 80, foram promovidos seis encontros para estudar questões relevantes sobre variação lingüística e bilingüismo nos três estados do Sul do Brasil. A partir desses encontros, foram elaborados e implantados os macro-projetos ALERS e VAR SUL, ainda hoje em execução.

⁵⁰ Cf. Froisi e Mioranza (1983, p. 1-2).

⁵¹ Esse estudo foi apresentado por Bunse, em sua versão preliminar, em 1972, na reunião anual da SBPC, em São Paulo, com o título *A sobrevivência dos dialetos italianos no Rio Grande do Sul*, motivado pela necessidade de conhecer o *substratum* sobre o qual se coloca a língua portuguesa. Reformulado, esse estudo foi publicado em 1975, sob o título *Dialetos italianos no Rio Grande do Sul*.

No desenvolvimento dos estudos dialetológicos em áreas de colonização italiana, são relevantes os estudos de Frosi e Mioranza. Como resultado de pesquisas realizadas no período de 1973 a 1979, com apoio da Universidade de Caxias do Sul, abrangendo cinquenta distritos em dezesseis municípios colonizados por italianos,⁵² Frosi e Mioranza publicam, em 1975, *Imigração italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira*, através da qual apresentam as bases geohistórico-etnográficas sobre as quais seriam assentados os futuros estudos de bilingüismo e de línguas em contato na RCI (Região de Colonização Italiana),⁵³ e, em 1983, *Dialetos italianos: um perfil lingüístico dos ítalo-brasileiros do Nordeste do Rio Grande do Sul*.

Segundo os autores, os objetivos desses estudos foram

registrar, no que ainda fosse possível, elementos lingüísticos de uma minoria étnica italiana (...); apontar características diferenciadoras dos grupos de dialetos existentes; indicar interinfluências dialetais; enumerar e descrever algumas interferências recíprocas dos sistemas lingüísticos falados pelos informantes da amostra, português e italiano; e levantar alguns traços dos dialetos italianos na fala de língua portuguesa da RCI (1983, p. 1).

Ainda sobre a questão lingüística dos ítalo-brasileiros, são de autoria de Vitalina Frosi *Provérbios dialetais italianos; uma linguagem em extinção* (1989), dissertação de mestrado, e *Os dialetos italianos no Rio Grande do Sul: convivência e mescla lingüística* (2000). Citam-se, ainda, outros estudos de Frosi: *I dialetti nel Rio Grande do Sul e il Loro sviluppo nel contesto socio-culturale ed economico: prevalenza del dialetto veneto* (1987a) e *Interrelazioni fra il dialetto veneto e la lingua portoghese-brasiliana* (1987b). Esses textos apresentam em parte os resultados das pesquisas efetuadas pela autora no período de 1973 a 1978, publicados em co-autoria com Ciro Mioranza, em 1983.

Dentre as pesquisas lingüísticas pioneiras sobre o contato de línguas de imigrantes com o português está o estudo de Marquardt sobre *A vibrante no Rio Grande do Sul: uma análise computacional* (1977). O estudo inclui “casos de interferência em zonas de imigração”, em especial a alemã e a italiana.⁵⁴

⁵² Os estudos de Frosi e Mioranza delimitam o espaço geográfico da pesquisa sob a denominação de Antiga Colônia I, Antiga Colônia II e parte da Nova Colônia (Guaporé), com o fim de estudar os dialetos italianos transportados da Itália para a RCI e dialetos transportados internamente e também diretamente da Itália.

⁵³ A nosso ver, a expressão “Região de Colonização Italiana” (RCI) é imprecisa, pois refere-se, no caso, a certa área no nordeste do RS, não se aplicando a toda a área ocupada por imigrantes italianos.

⁵⁴ Cf. Bunse (1982, p. 65).

Entre os estudos que tratam da variação fonológica do português falado no Rio Grande do Sul, as pesquisas realizadas por Leda Bisol, como, por exemplo, *Harmonização vocálica, uma regra variável* (1982) e *A palatalização e sua restrição variável* (1986), confrontam os resultados obtidos de informantes das etnias alemã e italiana com os de informantes da capital e os da região fronteira com o Uruguai. Em ambas as pesquisas, fica evidenciado que o contato do português com as línguas dos imigrantes produz efeitos distintos e específicos na realização de regras fonológicas.

Diversos outros estudos têm sido realizados com o objetivo de verificar *interferências lingüísticas* entre as línguas em contato. Dentre esses estudos na Região de Colonização Italiana do Rio Grande do Sul, consta o de Mescka (1983), que apresenta uma análise contrastiva dos sistemas fonológicos do “dialeto italiano” e do português, mostrando as causas da interferência do primeiro no segundo. Para realizar esse estudo, Mescka aplicou um questionário de 200 perguntas a 60 alunos da quarta série do primeiro grau de Erechim. A comparação do “dialeto italiano” com o português revelou que entre os dois sistemas fonológicos existem pontos de semelhança, mas, por outro lado, há importantes diferenças, que constituem as dificuldades mais significativas para o desempenho gráfico e fonológico dos alunos da comunidade estudada.

Outro estudo sobre interferência é o de Paviani (1992), cujo foco é o uso do pronome *me* enfático no português falado na localidade de Nova Roma, um traço característico do português falado pelos ítalo-brasileiros, como em “Os guris *me* dormiram toda a noite” e “Eles *me* comem bem feijão com arroz”.

Ainda sobre interferências do italiano no português, cita-se a dissertação de mestrado de Ponso (2003), intitulada *Variação do português em contato com o italiano na comunidade bilíngüe de São Marcos – RS*, na qual a autora analisa, numa perspectiva dialetológica pluridimensional, interferências fonéticas do italiano no português, concluindo, entre outras coisas, que, na comunidade bilíngüe estudada, está em curso uma mudança em direção ao monolingüismo português, inclusive com substituição progressiva dos traços [+ita] no português falado por traços [+ptg].

Em sua dissertação sobre as *Transferências lexicais da língua portuguesa para a fala dialetal italiana em uma comunidade bilíngüe do Nordeste do Rio Grande do Sul*, Gianni (1997) estuda os aspectos do bilingüismo societal resultante do processo de migração de italianos para a Região Nordeste do estado do Rio Grande do Sul, concebendo o fenômeno em

termos de grau, considerando, inclusive, o conhecimento passivo. Com base em dados colhidos na comunidade de Santa Giustina, Gianni analisa casos de transferências lexicais do português para o dialeto italiano, fornecendo uma lista desses empréstimos e transferências.

Em *Reações subjetivas à fala com sotaque italiano na região de colonização italiana*, Dall’Corno e Santini (1998) apresentam “os resultados de uma pesquisa de campo realizada em uma zona rural de Caxias do Sul, que busca verificar a questão do preconceito em relação ao falar com sotaque italiano na RCI” (SANTOS, 2001, p. 82).

Santos (1998), em artigo intitulado *O uso da fala dialetal italiana por falantes urbanos como marca de identidade cultural*, traça um panorama da questão lingüística da Região de Colonização Italiana no Rio Grande do Sul desde o início da colonização, enfocando especialmente a identidade lingüística e os ajustamentos sociais nos contatos intergrupais.⁵⁵

A preocupação com o *ensino em áreas bilingües* de colonização italiana no Rio Grande do Sul também está presente em vários trabalhos, entre os quais cita-se a tese de doutorado de Paviani (1997), intitulada *Atuação do professor de português em situações de bilingüismo*. Nessa pesquisa, a autora preocupa-se em investigar condutas lingüísticas e procedimentos pedagógicos no ensino de português para descendentes de imigrantes italianos em situações de bilingüismo. Observando não apenas os aspectos lingüísticos, mas também a situação sociocultural do aluno, o estudo de Paviani examina, ainda, os resultados do processo pedagógico.

O tema da *identidade e das atitudes lingüísticas* em relação à fala dos imigrantes aparece na dissertação de mestrado de Santos (2001), intitulada *O Radicci no contato italiano-português da região de Caxias do Sul: identidade, atitudes lingüísticas e manutenção do bilingüismo*. É analisada a recepção da fala do personagem Radicci (e de sua família), criado pelo cartunista e radialista Carlos Henrique Iotti, entre os falantes e descendentes de italiano de Caxias do Sul, cidade onde nasceu o personagem. O objetivo do estudo é verificar até que ponto essa fala representa lingüística, étnica e socialmente o colono ítalo-brasileiro da região de Caxias do Sul e em que medida a figura do Radicci contribui para a manutenção ou substituição da língua da etnia. A autora, mesmo não se aprofundando na análise comparativa dos traços lingüísticos da fala do personagem Radicci e da fala dos ítalo-brasileiros, conclui pela identidade lingüística entre as duas falas. Conclui, também, que esse personagem atua

⁵⁵ Cf. Santos (2001, p. 82).

positivamente na manutenção do italiano, podendo, inclusive, contribuir para a reversão do processo de substituição.

Em Santa Catarina, dentre os primeiros estudos lingüísticos envolvendo comunidades bilíngües italiano-português, está a tese de doutoramento de Bonatti (1968).⁵⁶ Bonatti pesquisa o dialeto trentino falado na comunidade de Pomeranos, localidade de Rio dos Cedros, com retrospecto sobre a imigração para Pomeranos, a fonologia do dialeto trentino, o vocabulário, o ambiente e a cultura. Segundo o autor, os imigrantes trentinos chegaram a Rio dos Cedros em dois grupos: um em 1875 e outro em 1876. Analisando a fala dialetal dos habitantes de Pomeranos (Rio dos Cedros), Bonatti conclui que o sistema fonológico trentino não sofreu alterações profundas no novo ambiente brasileiro, mantendo-se praticamente idêntico ao sistema fonológico do trentino de Mattarello, local de origem dos italianos que residem na comunidade estudada. Pequenas diferenças são atribuídas ao contato com o português e o alemão. De certo modo, essas conclusões indicavam, à época, a existência de uma espécie de ilha dialetal em Rio dos Cedros, uma vez que os imigrantes ali instalados eram procedentes de uma mesma região do território trentino.

Outro exemplo de ilha dialetal é representado pela comunidade de Rodeio, Santa Catarina, fundada em 1875,⁵⁷ ano em que chegaram os primeiros imigrantes italianos ao Vale do Itajaí. O estudo sociolingüístico realizado por Lenard (1976) identifica duas línguas na comunidade: o português e o trentino. Na época em que foi realizado o estudo, a autora observou que, pela análise dos usos e das funções das duas línguas, bem como das atitudes dos falantes, a população de Rodeio caracterizava-se como bilíngüe equilibrada,⁵⁸ com indicadores favoráveis à sua preservação, havendo lealdade lingüística e cultural à origem trentina. A aquisição do dialeto trentino como primeira língua era predominante, tanto na zona rural quanto na zona urbana. A autora verificou, ainda, que na zona rural as mulheres jovens eram mais bilíngües do que as mulheres velhas, ao passo que, em todas as faixas etárias, os homens eram mais bilíngües do que as mulheres. Os informantes com maior instrução

⁵⁶ Nos anos de 1973 e 1974, Bonatti publicou três artigos na Revista da Faculdade Salesiana, de Lorena/SP, através dos quais apresenta os resultados de sua tese.

⁵⁷ “O contingente trentino no Vale do Itajaí estabeleceu-se sobretudo nos municípios de Rio dos Cedros, Rodeio e Nova Trento, onde a população é quase que exclusivamente trentina ou de ‘tirolezes’, como eram chamados” (Bonatti, 1973, p. 28-29).

⁵⁸ Considerando que o grau de bilingüismo é variável de pessoa para pessoa (cf. Titone, 1993, p. 39), a afirmação de que em Rodeio (SC) existe bilingüismo equilibrado deve ser entendida como bilingüismo estável, sem predomínio de L1 ou L2.

também revelaram ser mais bilíngües do que os informantes menos instruídos. Apenas nos serviços públicos, na escola e na igreja foram verificadas “sanções sociais” ligadas ao uso de variedades consideradas não-padrão. Concluiu-se que, em Rodeio, manifesta-se uma tendência à preservação do dialeto trentino e do português, sem prejuízo a nenhum deles.

Com o objetivo de estimular a *introdução da língua italiana nas escolas* dos municípios de Santa Catarina com raízes italianas, Boso (1989), em trabalho monográfico intitulado *Análise contrastiva português/italiano: dificuldades do aluno brasileiro na aprendizagem do italiano*, fez um levantamento da composição étnica dos municípios de Santa Catarina, identificando aqueles em que, percentualmente, predominam habitantes ítalo-brasileiros. Além disso, identifica e analisa os traços fonético-fonológicos do português e do italiano que distinguem as duas línguas, chamando a atenção para as possibilidades de interferência do português na aquisição do italiano-padrão na escola.

Boso (1992) faz, posteriormente, um estudo sociolinguístico de uma comunidade bilíngüe de Nova Trento (SC), colonizada por trentinos. A autora constata que, apesar de os imigrantes serem em sua maioria de origem trentina, as diversas comunidades do município de Nova Trento apresentam diferentes fases de aculturação dialetal. Através das redes de comunicação, a autora procura identificar quais os fatores responsáveis pela manutenção ou desaparecimento da língua italiana. Constata que há maior grau de bilingüismo no meio rural do que no meio urbano. Analisando a fluência dialetal em cada grupo de informantes e comparado o uso de itens lexicais em três diferentes grupos etários, a autora constata uma mudança em direção à substituição de palavras da língua italiana por palavras do português. O mesmo ocorre quando falam português: inconscientemente usam muitas palavras do dialeto étnico. Através da lista de palavras, comprova que o dialeto falado em Nova Trento é do tipo roveretano (de Rovereto), predominante no centro urbano, e valsuganoto, predominante na comunidade de Vígolo. Nesse estudo, Boso também fez considerações sobre “problemas” psico-pedagógicos causados pela situação bilíngüe.

Fiorelo Zanella (1985) avalia o grau de fluência no dialeto italiano no município de Taió (SC), tendo em vista o contato com o português. Verifica que há um processo em curso de desaparecimento do italiano devido a fatores sócio-econômicos e políticos, mas em escala menor do que a esperada. Há, na verdade, elevado índice de interferências lexicais das línguas em contato. A mortandade da língua da etnia, que atinge aproximadamente 50% dos falantes do lugar, deve-se: i) ao processo de escolarização; ii) aos casamentos interétnicos; iii)

ao êxodo rural; iv) à construção de estradas e fornecimento de energia elétrica. O italiano é usado em família e nas comunicações comunitárias. O bilingüismo é registrado em 83,27% dos informantes, incluindo crianças. Zanella constatou que as crianças em fase de escolarização sentem vergonha de se expressar na língua materna (o italiano). O autor considera que a escola é o fator que mais contribui para a mortandade lingüística, visto que a alfabetização e o ensino são feitos exclusivamente em português.

Maria Salete Monteiro Dacorégio (1990) descreve o movimento migratório e o comportamento sociolingüístico dos descendentes de italianos no distrito de Invernada, município de Grão-Pará (SC). A autora entrevista e aplica questionários a 95 casais e faz registro de palavras, formas verbais, expressões, frases, provérbios e letras de música. Constata que 70,54% dos adultos do lugar falam italiano; o percentual dos que falam italiano baixa para 25% entre os jovens. A preservação da língua italiana no lugar está cada vez mais enfraquecida. Essa descaracterização cultural e lingüística pode ser atribuída a diversos fatores, dentre os quais, o ensino escolar em português, as relações econômicas com outras comunidades e agentes comerciais externos ao lugar, acesso aos meios de comunicação, especialmente o rádio. Pouco tem sido feito para preservar a língua italiana, apesar de as atitudes dos habitantes de Invernada serem favoráveis a ações nesse sentido.

O processo de aquisição de um dialeto italiano no contexto familiar em comunidades de colonização italiana em Santa Catarina é abordado por Elias José Mengarda (1996). Nesse trabalho, o autor analisa a fala entre adultos e crianças para verificação dos suportes temporários dos adultos (pais e avós) na aquisição do dialeto vênето em crianças de 1,8 a 3,9 anos, inseridas em contexto familiar bilíngüe italiano-português e, posteriormente e de forma subsidiária, de mais quatro crianças, para verificar se os pais e avós tinham motivações culturais para cooperar e/ou ajudar os filhos na aquisição do dialeto vênето no ambiente familiar. O estudo foi realizado nas comunidades de Morro das Pedras e Santa Cruz, município de Treze de Maio, sul do estado de Santa Catarina, e com informantes subsidiários da região de Rio dos Cedros, no vale do rio Itajaí-Açu. Verificou-se que os adultos assumem a função de cooperadores e a aquisição é predominantemente dirigida, isto é, os adultos direcionam a aquisição do dialeto, utilizando variadas estratégias. Além disso, constatou forte motivação cultural para a preservação da língua.

Em *O imigrante italiano de Rio dos Cedros*, Curi (1997) faz um estudo lingüístico-etnográfico da coine vênета em Santa Catarina. Afirma, por exemplo, que “na

segunda geração dos nossos imigrantes italianos, todos os dialetos trazidos, através dos contatos havidos, se transformaram, aqui em Santa Catarina, numa KOINÉ *em que os diversos falares têm por base o vêneto*” (grifo do autor) (p. 2). Considerando que o contato dos italianos com os caboclos e portugueses resultou em diferentes interinfluências lingüísticas, afora técnicas e costumes, Curi se propõe a listar termos e explicá-los etnograficamente, além de historiá-los, com o fim de evidenciar a contribuição do italiano ao português.

No Paraná, por sua vez, o contato entre português e italiano foi estudado principalmente por Cecília Inês Erthal (1977). Trata-se de um estudo do bilingüismo e das atitudes dos habitantes de uma comunidade italiana do município de Campo Largo, região próxima a Curitiba. Erthal constata que, à época, aquela comunidade se encontrava em momento de transição lingüística entre a cultura primitiva italiana e sua inclusão na realidade brasileira. Essa mudança foi provocada não apenas por ações da escola e da igreja, reforçadas pela mídia – rádio e TV – mas também e principalmente por um forte desejo de ascensão social.

Enfim, tentando sintetizar algumas tendências gerais para um balanço dos estudos sobre a fala dos descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, percebemos, na exposição acima, que os pesquisadores evidenciam a existência de situações com diferentes graus de bilingüismo, destacando que, tanto o italiano quanto o português sofrem interinfluências no nível gramatical e lexical decorrentes desse contato. Essas interferências interdialetais devem-se não só a variadíssimos fatores relacionados às diferenças estruturais nos níveis fonético-fonológicos, morfossintáticos, semântico-lexicais e mesmo pragmático-discursivos, mas também a inúmeros outros fatores extralingüísticos. Sobre isso, encontramos em Weinreich (1974 [1953], p. 3) a seguinte afirmação:

The precise effect of bilingualism on a person's speech varies with a great many other factors, some of which might be called extra-linguistic because they lie beyond the structural differences of the languages or even their lexical inadequacies. A full account of interference in a language-contact situation, including the diffusion, persistence, and evanescence of a particular interference phenomenon, is possible only if the extra-linguistic factors are considered.⁵⁹

⁵⁹ O efeito preciso do bilingüismo sobre a fala de uma pessoa varia por causa de muitos outros fatores, alguns dos quais se podem chamar de extralingüísticos porque eles estão fora das diferenças estruturais das línguas ou mesmo de suas inadequações lexicais. Uma completa explicação da interferência na situação de contato lingüístico, que inclui a difusão, a permanência ou a supressão de um particular fenômeno de interferência, é possível, sobretudo, se forem considerados os fatores extralingüísticos (N. T.)

Como vimos, entre os estudos sobre o contato do português com o italiano no Sul do Brasil, os enfoques variam conforme os objetivos de cada pesquisa. Assim, há trabalhos cuja preocupação principal é descrever e identificar os traços característicos da língua dos imigrantes e, a partir dessa descrição, compará-la com a respectiva variedade equivalente à da matriz de origem, na Itália, ou mesmo com outras variedades. Vários desses estudos enfatizaram a *tese da existência ou desenvolvimento de uma coíné de base vêneta*, modificada pelo contato interdialetoal com outras variedades de italiano e interlingual com o português. Os trabalhos mais importantes nessa linha de pesquisa são os de Bonatti (1968), Frosi e Mioranza (1975, 1983), Bunse (1975, 1978), Lenard (1976), Mescka (1983), Zanella (1985), Boso (1992) e Gianni (1997).

Igualmente freqüente se mostra o tema *da manutenção e mortandade (substituição) lingüística do italiano como língua de imigrantes*, como se observa nos estudos de Bonatti (1968), Frosi e Mioranza (1975, 1983), Lenard (1976), Zanella (1985), Frosi (1989), Dacorégio (1990), Santos (2001), Ponso (2003).

Além dessas preocupações mais correntes, alguns dos estudos sobre o contato do português com o italiano dão destaque à *história da imigração* e da colonização italiana e à integração do imigrante italiano ao novo meio, como é o caso, por exemplo, de Bonatti (1968), Frosi e Mioranza (1975 e 1983), Lenard (1976), Bunse (1978), Zanella (1985), Boso (1989 e 1992), Dacorégio (1990), Mengarda (1996), Santos (2001), entre outros.

Em algumas dessas pesquisas, o foco de interesse volta-se para as situações de *predomínio do uso do italiano ou do português*, como é o caso de Lenard (1976), Erthal (1977), Frosi e Mioranza (1983), Dall’Corno e Santini (1998), Santos (1998), Ponso (2003), entre outros. Ao se estudar o uso e as redes de comunicação, evidenciam-se ainda questões relacionadas à cultura, às atitudes e à identidade.

Também há pesquisas voltadas para as questões de ensino, tanto de português nas comunidades bilíngües, quanto de italiano para alunos brasileiros. Vejam-se, por exemplo, Mescka (1983), Boso (1989), Paviani (1997), Mengarda (1996).

Evidentemente, no estudo do contato do português com o italiano, diversas pesquisas centraram a atenção em *questões relacionadas às interinfluências lingüísticas* (interferências, transferências e empréstimos), como é o caso, por exemplo, de Bonatti (1968),

Frosi e Mioranza (1983), Mescka (1983), Zanella (1985), Boso (1992), Giani (1997), Curi (1997).

E, finalmente, há uma lista extensa de pesquisas direcionadas à *descrição da variação do português em contato com o italiano*, sobretudo de cunho sociolinguístico. Entre essas pesquisas, citam-se Frosi e Mioranza (1975 e 1983), Marquardt (1977), Bisol (1982 e 1986), Paviani (1992), embora muitas outras pudessem ser relacionadas. A maioria desses trabalhos leva em conta parâmetros diastráticos e circunscrevem-se a um determinado ponto no espaço (uma cidade, uma localidade).

Sobre o contato do português com o italiano no Sul do Brasil, não constam trabalhos de *variação diatópica*, isto é, que levam em conta a dimensão espacial. Existe, no entanto, a expectativa de que essa lacuna seja preenchida à medida que forem publicados os volumes do *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS) e que outras pesquisas de geolingüística possam contribuir nessa direção.

Ainda sobre o contato do português com o italiano na região citada, poucas são as pesquisas sistemáticas e aprofundadas sobre a *difusão do português*, embora os estudos sobre variação lingüística do português nas áreas de contato possam, ainda que de viés, fazer referência a tal aspecto, como é o caso de Frosi e Mioranza (1983), Bisol (1982), Paviani (1992) e Spessatto (2001).

Feitas essas considerações, ressaltamos que o nosso estudo busca contribuir para o aprofundamento da descrição do português de contato com o italiano, analisando, sobretudo, a difusão do português, tanto na perspectiva diatópica, quanto na perspectiva diassocial.

CAPÍTULO 3

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 Variação Lingüística e Dialectologia Tradicional Monodimensional

Contra o modelo chomskiano, postulador da comunidade lingüística homogênea e do falante-ouvinte ideal, insurgiram-se, na década de 60, três grandes movimentos teóricos: a sociologia da linguagem, com Joshua Fishman; a etnografia da fala, com Dell Hymes; e a sociolingüística, com William Labov.¹ Apesar das diferenças, esses três modelos teóricos postulavam, basicamente, que a lingüística deveria encarar a linguagem como produto social ou cultural e, como tal, que a variação é essencial à própria natureza da linguagem humana.

A sociolingüística variacionista laboviana orienta-se por uma concepção de língua como sistema socialmente determinado: um sistema heterogêneo, cuja variação estrutural está relacionada às alterações dos padrões culturais e ideológicos da comunidade de fala.² Opõe-se, assim, à concepção de língua como sistema homogêneo e autônomo que se impõe unitariamente a todos os falantes da comunidade lingüística indistintamente. Esse conceito permite superar a dicotomia sincronia e diacronia, no sentido que havia adquirido no estruturalismo, uma vez que a análise sincrônica deve-se fundamentar no conceito de língua como um sistema de regras variáveis, no qual um contínuo processo de variação e mudança opera na estrutura lingüística, mantendo, contudo, a unidade em meio à heterogeneidade. Isso só é possível porque “a dinamicidade lingüística é inerente e motivada” (MOLLICA, 2003, p. 12).

Desse modo, o desenvolvimento histórico de uma língua deixa de ser representado pela sucessão de sistemas discretos, unitários, homogêneos e autônomos,³ isto é, as mudanças lingüísticas não podem ser tratadas como leis,⁴ mas determinadas pela “interação da estrutura

¹ Cf. Tarallo (1990a, p. 196-197).

² Sobre o conceito de *comunidade de fala*, sugerimos consultar Gumperz e Hymes (1972, p. 219) e Guy (2000, p. 18 e s.).

³ Cf. Labov (1972, p. 181).

⁴ Faz-se aqui referência a dois grandes princípios ou hipóteses que marcaram o perfil das investigações dos neogramáticos sobre a linguagem no final do século XIX: o princípio da regularidade das mudanças fonológicas e o princípio da analogia. Mutuamente complementares, esses dois princípios permitiam traçar o perfil histórico de um dado sistema lingüístico sem que as eventuais exceções às regras pudessem comprometer o poder de generalização dos resultados. Para maiores informações sobre as leis fonéticas e a analogia, vejam-se Paul Hermann (1966) e Labov (1981).

interna da língua com o processo social que a realiza” (LUCCHESI, 1998, p. 200). A mudança é, conforme esses estudos, em grande parte resultado das relações sócio-políticas e ideológicas que se estabelecem dentro da comunidade de fala (relações de poder e de prestígio, posição social, orientação cultural do falante etc.).

Apesar desse enfoque social e cultural da sociolinguística, cujo mérito foi demonstrar que a variação é inerente à estrutura da língua, coube à dialetologia, no curso da história, descrever e situar os usos em que uma língua se diversifica, não só no espaço geográfico, mas também em sua distribuição sociocultural e cronológica.⁵

Para delimitar o campo de interesse da dialetologia em oposição a outras disciplinas linguísticas, Coseriu (1981)⁶ faz uma distinção entre *estrutura* e *arquitetura* da língua. Para ele, a *estrutura* ocorre na *língua funcional* (variedade); a *arquitetura*, ao contrário, na *língua histórica* (feixe de variedades). Compete à gramática (em sentido amplo) descrever as estruturas, ou seja, a língua como sistema funcional; à dialetologia e outras disciplinas, a variação observável na língua histórica. Ainda segundo Coseriu (1982, p. 19), em uma língua histórica há três tipos de diferenças (variantes) internas: diatópicas (diferenças no espaço geográfico), diastráticas (diferenças sócio-culturais) e diafásicas (diferenças quanto ao uso, conforme a situação de interação).

No curso da história, a dialetologia preocupar-se-ia, prioritariamente, com as relações entre modalidades de uso de uma língua, ou de várias línguas, seja pela identificação dos mesmos fatos, seja pelo confronto da presença ou da ausência de fenômenos em áreas geográficas distintas. Esse objetivo fez da dialetologia a ciência da variação linguística no espaço, como a descreve Coseriu (1982), da delimitação e reconhecimento dos espaços dialetais. No entanto, Chambers e Trudgill (1980), adotando uma posição mais avançada, usam o termo *dialetologia* para designar o estudo de todos os dialetos: espaciais e sociais. Segundo essa perspectiva, todas as disciplinas linguísticas que tratam da variação são, em última instância, subáreas da dialetologia. Este é, aliás, o sentido que, segundo Thun, a dialetologia assumiu em seus primórdios.

⁵ A dialetologia estrutural começou, no entanto, em 1954 com a publicação de um texto de Uriel Weinreich, intitulado *A dialetologia estrutural é possível?* (cf. Chambers e Trudgill, 1980, p. 39). Labov, como se sabe, foi discípulo de Weinreich.

⁶ Obra citada por Elizaincín (1992, p. 11). Dentre outras publicações, cite-se Eugenio Coseriu (1955): *La Geografía Lingüística*.

De qualquer modo, o objeto privilegiado da dialetologia tradicional, iniciada no final do século XIX, é o estudo e a descrição dos dialetos. O sentido mais difundido do conceito *dialeto* é o que se refere ao “falar de uma região”, segundo tradição francesa que remonta a Ronsard, em texto de 1565, citado por Louis-Jean Calvet (1993).⁷ Atualmente, no entanto, o termo *dialeto* tem um emprego bastante amplo e diversificado entre os lingüistas, associado, às vezes, ao conceito de língua, igualmente difuso, fato que tem gerado interpretações diversas.

Para E. Coseriu (1982, p. 11-12), a diferença que há entre dialeto e língua é uma diferença de *status* histórico:

Um dialeto, sem deixar de ser intrinsecamente uma língua, se considera subordinado a outra língua, de ordem superior. Ou, dizendo-se de outra maneira: o termo dialeto, enquanto oposto a língua, designa uma língua menor incluída em uma língua maior, que é, justamente, uma língua histórica (ou idioma). Uma língua histórica – salvo casos especiais – não é um modo de falar único, mas uma família histórica de modos de falar afins e interdependentes, e os dialetos são membros desta família ou constituem famílias menores dentro da família maior (N. T.).

Assim, se tomarmos como referência o português de Cabo Verde, dos Açores, de Angola, do Brasil, de Portugal etc., podemos dizer que cada um deles constitui um diferente dialeto da língua portuguesa. E, do mesmo modo, se olharmos para o português do Brasil, é possível admitir vários dialetos, entre os quais, o carioca, o nordestino, o caipira, o sulista etc. Igualmente, ao examinar o dialeto sulista, por exemplo, é possível distinguir diferentes áreas dialetais, como a da Campanha, a de colonização italiana, a de colonização alemã, a de fronteira com o Uruguai e Argentina,⁸ a do litoral (açoriana), além de oposições do tipo dialeto rural vs. dialeto urbano, e outras designações como *vernáculo*, *coiné*, *patoá*,⁹ etc.

Numa outra perspectiva, se considerarmos que os diferentes grupos sociais possuem características próprias de fala, que são refletidas na pronúncia, no léxico, na sintaxe,

⁷ Cf. Monteiro (2000, p. 45).

⁸ Para o estudo das questões lingüísticas entre o Brasil e Uruguai, conferir Koch (1995) e Thun (1996).

⁹ *Patoá*, por sua vez, é um termo usado para se referir a variedades rurais, ou ao falar das classes sociais baixas, tendo domínio muito menor do que um dialeto regional. Para Dubois et al. (1993), *patoá* é um dialeto social reduzido a certos signos (fatos fonéticos e regras combinatórias), utilizado somente numa área reduzida e numa comunidade determinada, em geral, rural.

na interação, enfim em todas as instâncias de uso da língua, o termo *dialeto* se presta para representar o conjunto das características lingüísticas que distinguem uma comunidade de outra, qualquer que seja o recorte.

O *status* de determinada variedade lingüística é determinado pelo prestígio político, social e cultural da comunidade que a fala, e não pelas qualidades intrínsecas dessa variedade lingüística. Isso não impede, todavia, que o termo *dialeto* seja socialmente estigmatizado. A palavra *dialeto* é freqüentemente associada à idéia de “línguas primitivas” ou “rudimentares” e costuma estabelecer correlações com padrões lingüísticos de “certo” e “errado”, “bonito” e “feio”, “língua pura”, “língua misturada” e “língua deturpada”. É principalmente por essa razão que autores como Ferguson (1964), Fishman (1971, 1972b), Tarallo (1990a), entre outros, adotam o termo *variedade lingüística*, considerado mais neutro do que o termo *dialeto*. Tanto um quanto outro são igualmente imprecisos, mas aquele tem a vantagem de não sugerir conotações de inferioridade ou de desprestígio quanto ao uso da língua.

Na perspectiva sociolingüística, o termo *dialeto* é desprovido de valores e, como tal, não admite quaisquer julgamentos preconceituosos. Trata-se de uma visão de *dialeto* que exclua preconceitos e seja desprovida de estigmas ou de “conotações extralingüísticas, que oscilam entre o politicamente depreciativo e o culturalmente hierarquizante” (Rossi, 1969).¹⁰

Por fim, a despeito do emprego polissêmico do termo *dialeto*, consideramos que, na perspectiva espacial ou geolingüística, há dois sentidos que prevalecem, os quais adotamos: o primeiro refere-se à *variedade de uma língua* (por exemplo, o português do Brasil ou o português dos Açores); o segundo, a uma *língua minoritária* sem *status* oficial (por exemplo, o português de contato com os dialetos italianos, os dialetos italianos em contato com o português, o espanhol de contato com o português etc.).

Feitos esses esclarecimentos, o que vem a ser o foco e o objetivo da geolingüística? Em síntese, trata-se de um método de estudo da variação dialetal no espaço, materializado através de mapas lingüísticos. A abordagem do espaço físico, no entanto, tem seguido enfoques diversos: ora por critérios mais gerais, ora por critérios mais específicos e particularizantes, ou ainda assumindo maiores amplitudes e sob perspectivas distintas. De acordo com Alinei (1994, p. 21), todos os atlas feitos a partir do ALF¹¹ de Gilliéron, de 1903,

¹⁰ Obra citada por Cardoso (2002, p. 1).

¹¹ Atlas Linguistique de la France.

classificam-se em “quatro tipos de atlas, do menor ao maior: (i) regionais, (ii) nacionais, (iii) de grupo lingüístico, (iv) continentais”. Em geral, os atlas lingüísticos, quer regionais, quer nacionais, circunscrevem-se às fronteiras estritamente políticas, o que faz com que “a descrição dos dialetos pare, artificialmente, por aí, ainda que na maioria dos casos os dialetos ultrapassem tais limites” (ALINEI, 1994, p. 22).

No Brasil, os atlas lingüísticos até agora publicados ou em vias de publicação são atlas regionais circunscritos aos limites intra-estaduais. Exceção é dada pelo *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS), único que engloba os três estados (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná).

A maioria dos atlas desenvolvidos até hoje, principalmente os europeus, se ocuparam quase que exclusivamente da variação diatópica, isto é, da variação no espaço geográfico. Essa tendência é chamada hoje de "dialetologia tradicional" ou "monodimensional". Subjaz a essa preocupação diatópica a percepção de que os homens se situam, inevitavelmente, nos espaços geofísicos, e de que as línguas e suas variedades, pelas implicações culturais a que estão sujeitas e que indubitavelmente as refletem, têm um território próprio.

Estudos centrados no léxico e na fonética permitiram estabelecer, uma vez concluída a cartografia, as isoglossas e, assim, os limites dialetais. Mas esses limites dialetais são relativos, isto é, a transição entre as variedades dialetais com origem na mesma língua é sempre de natureza contínua, não discreta.

Os estudos dialetológicos tradicionais, com ênfase na diatopia, tiveram grande interesse entre os neogramáticos, preocupados em obter uma compreensão mais precisa da linguagem humana. No início, o método da geolingüística consistia mais ou menos no seguinte: visitava-se uma ou várias localidades situadas na área previamente escolhida e anotavam-se, no decurso das conversas entabuladas com os habitantes, as particularidades lingüísticas que, sob determinado ponto de vista, apresentavam maior interesse. Prestava-se grande atenção aos sons, depois vinham as formas gramaticais. As particularidades do material assim recolhido eram depois comparadas com as características da língua comum (eventualmente com as características de outros dialetos) e explicadas com o auxílio dos métodos tradicionais da gramática. Se, por um lado, era perfeitamente possível distinguir os dialetos de uma língua, por outro ficavam sem explicação as semelhanças e diferenças, assim como as causas da variação. No início, os lingüistas baseavam em geral suas investigações no

material recolhido em forma de glossários por diletantes que não tinham qualificação científica para uma pesquisa mais profunda e sistemática.

Um passo à frente foi dado quando os lingüistas decidiram apresentar os dados em forma de atlas lingüísticos. Através de um mapa lingüístico é possível visualizar, simultaneamente, as variantes lingüísticas do fenômeno enfocado relativamente ao espaço geográfico estudado, o que vale dizer de todas as variedades dialetais de uma determinada área. Analisando os mapas, é possível observar se eles apresentam regularidade ou não e, com isso, podem-se traçar isoglossas que permitam visualizar o fenômeno em estudo com mais precisão e, assim, formular hipóteses sobre a propagação, fixação ou retração dos fenômenos.

O termo *isoglossa*, usado pela primeira vez por J. G. A. Bielensteins em 1892, significa literalmente ‘língua (*glossa*) igual (*iso*)’. Presumivelmente, o termo pretende expressar o fato de que uma linha desenhada através de uma região mostrará duas áreas, ocorrendo em cada lado alguns usos lingüísticos (ou variantes lingüísticas) que não ocorrem no outro lado (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980, p. 103). Em outras palavras, *isoglossa* é “uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões lingüísticas” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 12-13).

As isoglossas podem apontar, no espaço geográfico, contrastes e semelhanças lingüísticas (isoglossas diatópicas); semelhanças e diferenças lingüísticas sócio-culturais (isoglossas diastráticas); ou mesmo configurar diferenças de estilo (isoglossas diafásicas). Quanto à natureza dos fatos lingüísticos, a isoglossa pode ser lexical (*isoléxica*), fônica (*isófona*), morfológica (*isomorfa*) e sintática (*isossintagmática*).

A definição de *isoglossa* permite definir o *dialeto* como um *feixe de isoglossas*, ou seja, um conjunto de isoglossas que, somadas, formam uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade lingüística em confronto com outras. Deste modo, como bem afirmam Ferreira e Cardoso (1994, p. 16), “essa relativa homogeneidade, demonstrada pelo conjunto das isoglossas, leva ao entendimento de que não existem limites rígidos entre as línguas, uma vez que toda a língua histórica é constituída por um conjunto de dialetos”.

Resumindo, a geolingüística sempre foi, portanto, um método adequado para a dialetologia. No que se refere à dialetologia tradicional monodimensional, sua preocupação primeira foi a diatopia, sendo um de seus interesses recuperar do esquecimento e mesmo do desaparecimento os antigos dialetos locais, ameaçados, segundo esses dialetólogos, pela

rápida difusão da língua comum, o que quase sempre quer dizer língua padrão literária, ou língua oficial.

3.2 Dialetoлогия Pluridimensional: origem e princípios

A despeito do grande desenvolvimento alcançado pela geografia lingüística,¹² esse método de investigação lingüística tem sido alvo de críticas, inclusive da parte de dialetólogos, entre os quais Blanch (1978), Radtke e Thun (1996), Thun (1996, 1998a, 1998b, 2000) e Bellmann (1998, 1999), entre outros.

Uma das críticas principais remete à delimitação dos campos de interesse das disciplinas lingüísticas da variação. Coseriu (1982), por exemplo, partindo do pressuposto de que somente as variações diatópicas (geográficas) podem, no curso da história, vir a transformar-se em novas línguas autônomas – para ele, as variações diastráticas (de níveis sociais) e as diafásicas (de estilo de uso) não têm essa possibilidade – define como centro de interesse da dialetologia o estudo das unidades sintópicas (dialetos regionais) e sobretudo a diversidade diatópica, enquanto caberia à sociolingüística o estudo das unidades sinstráticas (níveis sociais) e a diversidade diastrática, ficando com a estilística as unidades sinfásicas (estilos de fala ou registros) e a diversidade diafásica.

Contra essa equação de que dialetologia equivale à lingüística diatópica e de que sociolingüística é lingüística diastrática, insurge-se Blanch (1978, p. 42): “Se a dialetologia tem como finalidade geral o estudo das falas, deverá tratar tanto das suas variedades regionais quanto das sociais, tanto no eixo horizontal quanto no vertical”. Em outras palavras, como colocam expressamente Radtke e Thun (1996), no lugar do tratamento monodimensional, que restringe a análise ao recorte horizontal da variação diatópica, coloca-se a perspectiva da dialetologia pluridimensional, a qual reúne no mesmo enfoque a análise das dimensões horizontal e vertical (social) da variação lingüística. Como se sabe, a língua não é somente um complexo de variedades regionais, mas também uma superposição de variedades sociais.

No modelo tradicional, a dialetologia dava preferência a um único tipo de informantes.¹³ Em cada ponto de pesquisa, selecionava-se um informante (às vezes, dois),

¹² Pop (1950), Iordan (1973 [1962], p. 197-369) e Radtke e Thun (1996) oferecem amplo panorama dos estudos de geografia lingüística.

¹³ Cf. Thun (1998b, p. 702).

homem, adulto (de preferência em idade avançada), com baixa escolaridade, residente na zona rural, nascido e criado no lugar. O pressuposto básico era de que esse falante conhecia melhor a cultura da comunidade e, conseqüentemente, seria o legítimo representante da fala do lugar. Procurava-se, assim, evidenciar uma variedade dialetal básica, mais arcaica e, possivelmente, pura, livre de contato. Esse informante limitava-se, quase sempre, a responder a um questionário preestabelecido, que tratava, em geral, de assuntos do léxico e, concomitantemente, da fonética. Em resumo, o que a geografia lingüística tradicional enfatizava era captar o conhecimento passivo do léxico que têm os integrantes mais experientes (os anciãos) da comunidade, e, de forma secundária, de outros aspectos da língua.

Ao levar em conta apenas uma dimensão da variação lingüística – a variação no espaço geográfico observada através de informantes com as mesmas características sociais – deixam-se de lado outras importantes dimensões como, por exemplo, a dos estratos sociais. Ao aplicar questionários exclusivamente a informantes de um único perfil quanto à idade, sexo, escolaridade, zona de residência etc., ficam descartadas de antemão as possibilidades de correlacionar a variação aos diferentes fatores sociais. Além disso, a coleta de dados feita com base exclusivamente em questionários, base da quase totalidade dos trabalhos de dialetologia, impede a apuração de outras importantes vertentes da variação lingüística, entre as quais, difusão lingüística, prestígio, atitude e identidade.

Radtke e Thun (1996, p. 26) afirmam que a crítica que se faz aos postulados teóricos da dialetologia em geral e também da geografia lingüística românica, razão de uma suposta crise, baseia-se no argumento de que essas disciplinas afastaram-se da realidade ao deixarem de se ocupar do mundo moderno das cidades, da mobilidade populacional e dos meios de comunicação de massa. Em razão disso, foram superadas por outras disciplinas como a sociolingüística, a pragmática, a psicolingüística, a lingüística de contato e a investigação da oralidade e da escrita. Em resumo: “a geografia lingüística estaria ultrapassada e obsoleta” (p. 26). Todavia, essa generalização não faz sentido, pois todas as disciplinas mencionadas podem, de algum modo, aproveitar-se dos frutos da geolingüística – considerada a mais empírica dentre as disciplinas lingüísticas descritivas – principalmente da geolingüística que começa a experimentar novos parâmetros, métodos e meios técnicos, como é o caso dos atlas lingüísticos mais recentes, entre os quais citam-se o *Atlas Lingüístico da Renânia Central* – MrhSA (BELLMANN), o *Atlas Lingüístico do México* – ALM (J. M. Lope BLANCH), *Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático Del Uruguai* – ADDU (H. THUN; A.

ELIZAINCÍN), *Atlas lingüístico (y etnográfico) de Castilla-La Mancha* – ALECMAN (P. García MOUTON; F. Moreno FERNÁNDEZ), *Atlante linguistico della Sicilia* – ALS (G. RUFFINO), *Atlas Lingüístico Guaraní-Románico . Sociologia*. – ALGR-S (H. THUN; Almidio AQUINO).¹⁴

No Brasil, dentre os atlas já publicados, o controle de variáveis que não sejam exclusivamente diatópicas é praticamente ausente. O Atlas Lingüístico do Brasil – AliB, em vias de implantação, no entanto, realiza entrevistas com duas gerações (jovens e velhos), de ambos os sexos e, nas capitais, adicionalmente de classe alta e baixa.¹⁵

A superação da crise atribuída à geolingüística nos últimos tempos passa, então, pela ampliação das dimensões e parâmetros, com vistas a tornar-se uma “verdadeira ciência da variação” (RADTKE; THUN, 1996, p. 30) que dê conta das mudanças ecológicas das sociedades modernas. Nessa perspectiva, o que se busca é conciliar modelos teórico-metodológicos que, embora distanciados no tempo, interpenetraram-se ao longo da história dos estudos de variação.

A dialetologia areal, monodimensional por tradição, mas não por necessidade intrínseca, é uma sociolingüística (e pragmática) limitada. A sociolingüística, pluridimensional por tradição, mas resistente ao espaço, é uma dialetologia limitada (THUN, 1998b, p. 702).

A concepção de que é necessário agregar, ao estudo da dimensão areal, outros tipos de variação, independentemente do estímulo que foi dado posteriormente pela sociolingüística, foi formulada de forma lúcida por Tomás Navarro Tomás, no “Prólogo à Segunda Edição” da obra *Español em Puerto Rico*:

Está por se realizar o plano ideal que dê conta do estudo do espanhol em toda a ilha, em seus centros urbanos e em seus bairros campestres, e que assinala seus distintos níveis entre idosos, adultos e jovens, e entre homens e mulheres. A fisionomia, as tendências, a vitalidade e a firmeza ou insegurança da língua deverá ser pesquisada na entrelaçada comunicação e convivência desses grupos sociais.¹⁶

Observe-se que a proposta de Navarro contempla diferentes dimensões e parâmetros: variação diatópica (rural e urbano, centro e bairros periféricos) e variação diastrática (escolaridade, idade, sexo). A variação lingüística torna-se palpável pela

¹⁴ Para maiores informações a respeito dos parâmetros em que se assentam esses atlas, consultar Radtke e Thun (1996).

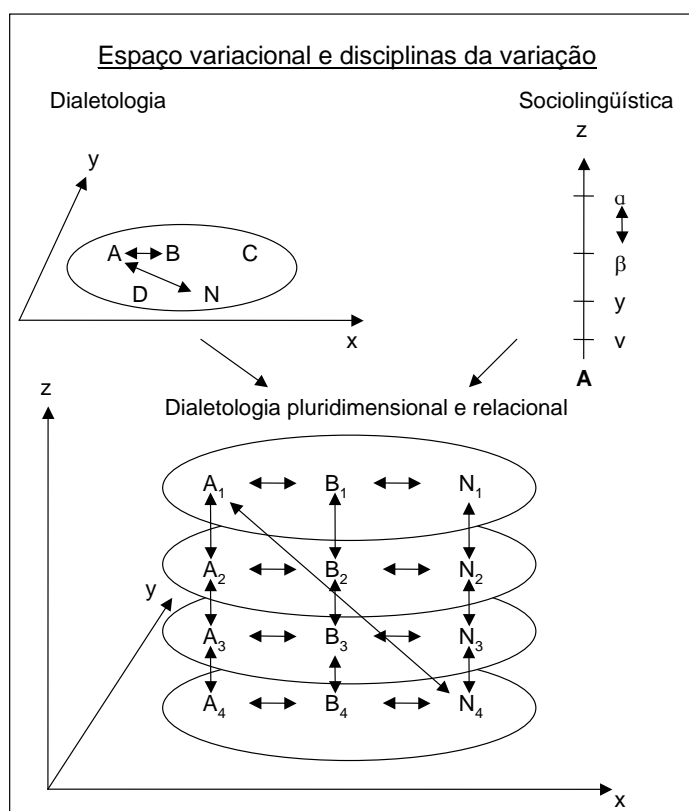
¹⁵ Cf. Cardoso e Mota (2003).

¹⁶ Obra citada por Thun (1998b, p. 702).

comparação das distintas gerações que convivem e pela análise do *status* que têm a variação na fala dos grupos e dos indivíduos.

A idéia de uma “dialetologia pluridimensional”, entendida como a ciência geral da variação lingüística e das relações entre variantes e variedades de um lado e falantes de outro, é resultado da confluência de duas disciplinas separadas historicamente, a saber: dialetologia areal e sociolingüística. Tal intento é visualizado através do esquema de Thun (1998b, p. 5).

Quadro 1 – Esquema de H. Thun



A dialetologia pluridimensional não deixa de ser geolingüística porque não renuncia à variação diatópica e à sua superfície bidimensional, mas esta preferência por macro-análises não exclui a possibilidade de trabalhar com mesozonas e microzonas.

Desse modo, novos campos de observação são incorporados:

O espaço variacional da dialetologia pluridimensional não compreende apenas os dialetos ‘puros’ preferidos pela dialetologia tradicional ou os socioletos da sociolingüística. São de igual interesse as variedades mistas, os fenômenos de contato lingüístico entre línguas contíguas ou superpostas de minorias e de maiorias, formas regionais, a variação diafásica

(ou estilística), o comportamento lingüístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) contrastado com o dos grupos topostáticos (pouco móveis no espaço), a atitude metalingüística dos falantes comparada com seu comportamento lingüístico, e outros parâmetros mais (THUN, 1998b, p. 704).

Assim, à dimensão diatópica ou areal da geolingüística tradicional, incorporam-se outras dimensões, tais como a idade (dimensão diageracional), o sexo (dimensão diassexual), a escolaridade (dimensão diastrática), o estilo de fala (dimensão diafásica), o grupo social (dimensão diagrupal), a língua de contato (dimensão dialingual), a identidade social (dimensão diarreferencial), entre outras, visando a descrever com maior profundidade os fenômenos de variação lingüística.

A dialetologia pluridimensional pretende descrever a variação dos traços de uma língua no espaço geográfico, no plano horizontal (arealidade ou diatopia), e a variação desses mesmos traços numa rede de pontos, projetados no plano vertical (socialidade ou diastrastia) em direção à variedade padrão suprajacente.¹⁷ Trata-se de “um modelo variacional de maior alcance metodológico e que considera novas possibilidades de levantamento de dados” (RADTKE; THUN, 1996, p. 48).

Certos fatores sociais, tais como idade, sexo, escolaridade e profissão, são aspectos da variação que, de forma diferenciada e com distintos graus de focalização, também ocuparam um certo lugar nos estudos dialetais. Por exemplo, nos estudos de sociolingüística laboviana, a variação lingüística detectada em função da idade do falante é questão nuclear, ou seja, a idade é um fator que pode denunciar a ocorrência de um fenômeno de mudança. Mas a preocupação com a diferença entre a fala de pessoas mais idosas e mais jovens não é nova; já aparece entre os primeiros dialetólogos. Em 1891, o foneticista Rousselot¹⁸ chamava a atenção para o fato de que “o conhecimento da idade dos informantes observados é indispensável para que se possam comparar as divergências existentes entre o falar dos jovens e aquele dos idosos, e determinar o seu ponto de origem”. Em 1910, Millardet escolhe informantes de diversas idades com o fim de “registrar ao vivo, no mesmo país, na mesma família, diferentes etapas de transformação lingüística”.¹⁹

Gardette também assinala a importância da variação relacionada à faixa etária ao defender a conveniência de serem ouvidos vários informantes simultaneamente em cada inquérito, destacando que essa estratégia de coleta de dados “[...] permite coletar ao vivo as

¹⁷ Cf. Bellmann (1999 [1996], p. 8).

¹⁸ *Obra citada por* Cardoso (2002, p. 5).

¹⁹ *Obra citada por* Pop (1950, p. 325).

diferenças que separam gerações e por vezes os pequenos povoados de um mesmo município”.²⁰

Todavia, apesar da reconhecida importância que a idade dos informantes tem na variação lingüística, ela não foi contemplada, de forma ampla, na cartografia lingüística. Somente no fim do século XX, através do MrhSA (*Mittelrheinischer Sprachatlas*), de G. Bellmann e seus colaboradores, e principalmente através do ADDU, coordenado por H. Thun e A. Elizaincín, surgem os primeiros mapeamentos de variação lingüística por faixa etária de informantes (jovens e velhos).

A relação entre sexo e linguagem, por sua vez, tem sido privilegiada na sociolingüística através de inúmeras pesquisas que buscam testar as mais diversas hipóteses sobre o que de fato pode ser atribuído ao sexo, sem correr o risco de interpretar como influência dessa variável o que, na realidade, pode vir a se realizar mesmo sem que ela seja considerada.

Por outro lado, alguns estudos mais recentes sobre as diferenças de linguagem entre homens e mulheres buscam dar conta de questões mais abrangentes relacionadas às construções sociais de gênero.²¹

Do mesmo modo que em relação à variação diageracional, a variação na fala de homens e mulheres também se constitui em objeto de interesse desde os primeiros estudos dialetais. É o que se vê, por exemplo, no ALF em que, dentre os 700 informantes, 60 são mulheres. Gouchat, em 1905, a propósito da comparação entre a pronúncia de homens e de mulheres, declara:

Uma vez que a mulher aceitou a inovação, é por seu uso que passará à linguagem da juventude, porque as crianças seguem, principalmente, o exemplo das mulheres que passam muito tempo em casa, em sociedade, a cozinhar, a lavar, e que falam mais do que os homens, envolvidos com o trabalho do campo, no meio dos quais se apresentam taciturnos e muitas vezes isolados durante uma jornada.²²

Referindo-se ao falar das mulheres, Jaberg e Jud (1928), que incluem entre os informantes do *Sprach- und Sachatlas Italiens und der Südschweiz* (AIS) uma quarentena de

²⁰ Texto citado por Pop (1950, p. 217).

²¹ Cf. Wardhaugh (1993, cap. 13), Haeri (1996), Eckert (1997), entre outros. Em razão disso, observa-se tendência em falar em “variação diagenérica”, isto é, de gênero em vez de “variação diassexual”.

²² Texto citado por Pop (1950, p. 194).

mulheres, constatam que na Itália as mulheres conservam melhor o falar de sua área porque quase nunca mudam de lugar.

Apesar desses exemplos ilustrativos que assinalam a preocupação com a fala das mulheres na história dos estudos dialetais, falta, porém, à tradição geolinguística o controle cartográfico dessa variável. Exemplo desse controle é dado também pelo ADDU, que agrega às informações diatópicas, diastráticas e diageracionais, o controle das informações diassexuais, embora de forma “seletiva-explicita”, pois não houve no atlas do Uruguai entrevistas diassexuais completas. A seleção é possível porque foram feitas entrevistas, na maioria dos pontos, com homens e mulheres, segundo o princípio da pluralidade de informantes.²³ O *Atlas Lingüístico do Paraná*, por exemplo, indica no mapa se o informante é homem ou mulher, mas nele não há cartas contrastivas, uma vez que, em princípio, não há informantes de ambos os sexos em todos os pontos.

No caso da dimensão diastrática, que contrasta a fala dos informantes com base na classe social, coloca-se, diferentemente da classificação por sexo e a idade, a dificuldade da definição de classe. A classificação social é “uma noção complexa” (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980, p. 59), que tem levado à identificação dos usuários da língua segundo “fatores tais como trabalho, renda familiar, escolaridade e habitação” (p. 59). Como se sabe, a organização social não obedece a um padrão único e simétrico. Em vista disso, o critério para classificar certos informantes como representativos da classe sociocultural baixa, numa determinada sociedade, pode servir para classificar outros informantes, em outra sociedade, como membros de uma possível classe sociocultural alta.²⁴

Apesar disso, parece haver um certo consenso de que a classe social à qual pertence o indivíduo exerce fortes influências sobre o seu modo de falar. O problema é que há certas variáveis que atuam simultaneamente, dificultando, na maioria das vezes, a comprovação do que é, de fato, influência da classe social por si mesma.²⁵ No Brasil, por exemplo, nas classes menos favorecidas é sabido que o grau de instrução em geral é baixo, mas isso não significa que ter instrução elevada seja condição suficiente para alguém fazer parte dos estratos mais elevados da sociedade.

²³ Técnica de entrevista da qual participam simultaneamente diversos informantes, observadas as características (idade, sexo, classe social etc.) que o pesquisador deseja controlar.

²⁴ Recentemente, no Brasil, por exemplo, em razão da implementação do programa de governo “Fome Zero”, presenciamos uma discussão sobre os critérios para a classificação das pessoas indigentes: segundo o IBGE, são 46 milhões de brasileiros e o IPEA considera, com base em critérios próprios, que são 24 milhões já a FGV diz que são 16 milhões.

²⁵ Cf. Monteiro (2000, p. 77).

Assim sendo, antes de iniciar o trabalho de coleta de dados lingüísticos, “é melhor traçar um perfil sociológico” (RADTKE; THUN, 1996, p. 36) dos informantes que se quer pesquisar. Tomada a decisão sobre quais variáveis será feito o controle na seleção dos informantes, resta tomar as devidas precauções para, na análise dos dados, não fazer conclusões apressadas, haja vista a sempre presente possibilidade de variáveis intervenientes.

Uma das variáveis mais utilizadas na definição dos parâmetros de pesquisas sobre variação lingüística diastrática é a escolaridade. Esta pode ser associada, por exemplo, a formas de prestígio e a formas neutras, a fenômenos lingüísticos estigmatizados e não-estigmatizados, a fenômenos que são objeto de ensino escolar e a fenômenos que não o são, a fenômenos relacionados ao nível do discurso e a fenômenos do nível da gramática, e também à fala em oposição à escrita.²⁶

Na história dos estudos dialetológicos, verifica-se a preocupação em selecionar os informantes de acordo com a condição social. Rousselot considera que podia haver, no mesmo lugar, dois usos diferenciados: “o do povo e o dos senhores”.²⁷ No ALF, Gilliéron reconhece não ter boas informações a respeito da instrução dos informantes, mas declara poder agrupá-los em duas categorias: pessoas que, de acordo com a ocupação, supõe ter instrução secundária e pessoas cuja ocupação poderia indicar apenas instrução primária.²⁸

Na tradição dialetológica, os informantes com maior grau de instrução – os chamados intelectuais – são considerados maus informantes, uma vez que são capazes de fazer uso de diferentes registros, inclusive de registros pouco representativos do padrão da comunidade à qual pertencem, conforme mudam os contextos de interação. Não é por outra razão que, nas pesquisas dialetológicas tradicionais, dava-se preferência a informantes rurais e de baixa escolaridade, considerados bons informantes.

Na atualidade, o tratamento sistemático da variável diastrática é feito pelo atlas do Uruguai, que mantém duas categorias socioculturais: “grupos socioculturalmente altos” e “grupos socioculturalmente baixos” (ADDU, 2000, p. 6), distribuídos, cada um deles, em duas faixas etárias.

Por outro lado, entre os estudiosos de variação lingüística, há consenso de que a melhor forma de documentar uma língua é obter registros de conversa face a face, especialmente entre parentes e amigos. Adota-se o princípio de que nenhum falante utiliza a

²⁶ Cf. Votre (1992, p. 75-77).

²⁷ Texto citado por Pop (1950, p. 43).

²⁸ Cf. Pop (1950, p. 126).

língua da mesma forma em todas as ocasiões, o que significa dizer que há uma escolha entre diversas possibilidades de expressão. Por outro lado, certos tipos de elocução mais espontâneos permitem fazer observações mais reais e consistentes sobre o uso do vernáculo.

Tal entendimento levou os pesquisadores de variação dialetal a recorrer, ao longo da história, a formas diferenciadas de coleta de dados. Além da aplicação de questionários, base da quase totalidade dos trabalhos em dialetologia, tem-se lançado mão de registros da conversa livre, dirigida ou semidirigida, e de leitura de textos previamente selecionados, pois como se afirma no ADDU (2000, p. 11),

toda fala é *fásica*, isto é, se realiza dentro de um estilo e enquanto houver situações comunicativas e intenções expressivas diferentes, haverá variação fásica, o que significa dizer que sempre existe para o falante a possibilidade de selecionar entre vários registros.

Em vista disso, ainda segundo o ADDU (2000, p. 11),

a variação diafásica se apresenta como mais elementar do que os demais tipos de variação e exatamente por esta razão geral é digna de ser estudada pela dialetologia, ciência da variação lingüística. [...] Levar em consideração a variação diafásica significa poder seguir com mais precisão os caminhos da propagação de uma inovação e, simultaneamente, os processos de fixação ou de repulsa à inovação.

O estilo de fala representa um sistema de comunicação controlador da interação social, indicando assim como os falantes devem produzir ou interpretar uma mensagem. Desse modo, o estilo indica graus de formalidade e informalidade, intimidade ou distanciamento entre os interlocutores, além dos usos ritualizados da linguagem, como saudações, tratamento e outras.²⁹

Ressalte-se também que, numa situação de comunicação, o estilo pode fornecer pistas acerca da escolaridade, idade, gênero, origem, etnia, classe social dos falantes, entre outras características, bem como se prestar para certos propósitos pragmáticos, como estimular intimidade ou distanciamento entre os interlocutores. Neste sentido, como esclarece Chaica, “para garantir a continuidade da interação, faz-se necessário compatibilizar o estilo e a identidade dos falantes”.³⁰ Note-se que, em havendo inadequação de estilo, uma das partes em geral toma a iniciativa de tentar repará-la, sugerindo outra forma de expressão.

²⁹ Cf. Monteiro (2000, p. 68).

³⁰ Texto citado por Monteiro (2000, p. 68).

A elucidação dos processos cognitivos e afetivos subjacentes à *convergência* e à *divergência* da fala, ou seja, dos processos que regulam as alternâncias de estilos de fala na interação verbal, é o objetivo perseguido pela *teoria da acomodação da fala*. Neste sentido, convergência é a estratégia lingüística através da qual os indivíduos adaptam-se à fala dos outros por meio de um conjunto de traços, incluindo velocidade da fala, pausa, duração da enunciação, pronúncia etc. Ao contrário, divergência é o modo como os falantes realçam as diferenças vocais entre si e os outros. Neste sentido, *acomodar* o estilo de fala significa adotar uma estratégia interativa como meio de obter um ou mais dos seguintes objetivos: evocar a aprovação social dos ouvintes, alcançar eficiência comunicativa entre os interactantes, e manter identidades sociais positivas (BEEBE; GILES, 1984, p. 7-8).

Há duas perspectivas sociolingüísticas de estudo do estilo. Uma associada aos trabalhos de Hymes, que engloba as múltiplas formas pelas quais os falantes se expressam em diferentes situações – neste caso, as marcas do estilo podem ser rastreadas em todos os níveis lingüísticos, desde o fonológico até o discursivo. A outra perspectiva, definida com base em dimensões sociais e lingüísticas, segue o modelo estabelecido por Labov, que distingue os estilos *casual*, *cuidado*, *de leitura*, *de lista de palavras*, *de pares mínimos*. Nesse modelo, o princípio é de que do estilo casual à leitura de pares mínimos de palavras, o grau de atenção e monitoramento da pronúncia das palavras vai crescendo, de tal modo que estabelece um *continuum* que vai de um máximo de informalidade ou distensão até um máximo de formalidade ou tensão lingüística.³¹

Na condução de pesquisas geolingüísticas, a descrição da variação diafásica evidencia a necessidade de fazer ajustes metodológicos e de aprimorar as técnicas de gravação para que esses dados se convertam em elementos constitutivos do geolingüístico. Diante do elevado número de estilos (“fases”), muitos dos quais ainda não perfeitamente identificados como tal, o pesquisador que pretende cartografar a variação diafásica precisa tomar o cuidado para preservar a “comparabilidade” dos demais parâmetros, mantendo-os, para isso, constantes. Um atlas lingüístico não pode ter a pretensão de ir além da inclusão de alguns poucos estilos, deixando a investigação mais ampla e aprofundada da variação diafásica para estudos mais especializados.³²

³¹ Cf. Monteiro (2000, p. 68-69).

³² Cf. Radtke e Thun (1996, p. 37).

No ADDU, os resultados referentes aos estilos considerados – leitura, respostas ao questionário, conversa livre – são apresentados através de mapas lingüísticos nos quais figuram os percentuais de ocorrência relativos ao fenômeno focalizado em cada uma das modalidades documentadas, apresentando “a variação diafásica como tal e a correlação da variação diafásica com as dimensões diastrática, diageracional e diatópica”.

Além das dimensões tipificadas até aqui, consideramos que um estudo da variação de caráter pluridimensional, não pode deixar de considerar que as línguas são, antes que simples instrumentos que se prestam à comunicação, meios de interação social, que servem de símbolo de união, de termômetro para medir atitudes, normas, valores e comportamentos de um grupo social, o que significa dizer que os grupos sociais se distinguem a si próprios através da língua (APPEL; MUYSKEN, 1992, p. 11). A postura que os indivíduos têm em relação à língua (a sua e a dos outros), manifestada através do comportamento e dos comentários metalingüísticos e epilingüísticos, constitui o que a literatura chama de "atitudes lingüísticas".

Constitui um grande desafio para a geolingüística registrar e cartografar sistematicamente esse saber metalingüístico e epilingüístico, ou mais especificamente a variação lingüística que resulta das diferentes relações entre a "postura com respeito à língua" e "o comportamento lingüístico", o que vem a ser o parâmetro diarreferencial.

Um outro aspecto que deve ser incluído nos estudos de dialetologia pluridimensional, entendida como estudo da variação lingüística na perspectiva diatópica, é a mútua influência que as línguas em contato exercem entre si, apesar das dificuldades que isso representa (RADTKE; THUN, 1996, p. 39). Não se trata apenas de documentar a coexistência de línguas e variedades – o que é uma tradição dos estudos dialetológicos –, mas desenvolver um método de busca e levantamento de dados que considere as interinfluências lingüísticas.

Como vimos no quadro esboçado até aqui, a geolingüística, visando a superar suas limitações que resultam da descrição lingüística variacional enfocada no eixo da arealidade, passa a incorporar outros parâmetros. Assim, os estudos geolingüísticos deixam de ter um caráter exclusivamente diatópico, para exhibir, também cartograficamente, dados de natureza social.

Diante dessa nova realidade, uma questão que se coloca é como tratar cartograficamente esse volume de dados tão diferenciados? Pensando nesse desafio, Thun

(2000b, p. 408) assim se manifesta: “A dialetologia pluridimensional deve pensar em uma organização inteligente e racional da grande quantidade de dados que recolhe”.

Nessa perspectiva, a cartografia de um atlas pluridimensional tende a descobrir caminhos que permitam não só apresentar os dados coletados, mas também a interpretá-los. Confrontando e correlacionando informações, “as cartas pluridimensionais permitem o cruzamento de variáveis e exibem resultados que mostram o comportamento de cada uma delas” (CARDOSO, 2002, p. 11). Isso significa dizer que é possível associar à distribuição diatópica da variável ou das variáveis um percentual de ocorrências desse(s) fenômeno(s) ao uso dos falantes classificados por outros parâmetros (sexo, idade, escolaridade etc.), ou por estilos de fala. Neste sentido, a representação cartográfica de diferentes parâmetros exige que se mantenha rígido controle na seleção e documentação dos informantes.

Se antes a prioridade estava para informantes de pouca ou nenhuma instrução formal, geralmente mais avançados em idade e arraigados à sua terra, o entendimento das relações língua-fatores sociais-espacos geográficos passou a exigir uma diversidade maior de usuários da língua a ser considerada. Já não são prioritários, hoje, os informantes mais idosos, analfabetos e de origem rural; passam a interessar, nas mesmas proporções, informantes urbanos, com maior grau de escolaridade, de diversas faixas etárias e já não apenas o sedentário, mas também aquele que se desloca, que transfere a sua residência e que apresenta certa mobilidade (CARDOSO, 2002, p. 11).

A essa nova visão relacionada à coleta de dados, que inclui, portanto, diversas dimensões e parâmetros, integra-se uma nova concepção dos instrumentos de pesquisa e publicação dos resultados. Os questionários diversificam-se, recobrando diferentes níveis lingüísticos: fonético-fonológico, morfossintático, semântico-lexical, prosódico, pragmático-discursivo. Novas técnicas de gravação permitem também formas diferenciadas de publicação, desde os tradicionais mapas lingüísticos até bancos de dados eletrônicos. Para o futuro, visualiza-se, inclusive, a possibilidade de publicações com recursos multimídia.

3.3 Contato Lingüístico e Bilingüismo

O estudo que aqui apresentamos trata do contato da língua portuguesa com a língua italiana na Região Sul do Brasil. Como tal, aspectos teóricos relacionados ao contato lingüístico e ao bilingüismo necessitam ser retomados, para melhor compreensão das questões específicas desta pesquisa, especialmente o bilingüismo societal, que focaliza, essencialmente,

as mudanças que ocorrem na língua e no seu uso no meio social (manutenção e mortandade lingüística de uma geração para a outra, as situações de diglossia,³³ os domínios sociais, as funções de cada uma das línguas, a comunicação intercultural etc.). No estudo do bilingüismo, além dos aspectos lingüísticos, há também interesse pelas atitudes e pelo comportamento das pessoas em relação ao meio social, às línguas e aos seus usuários.

Em princípio, a maioria das sociedades é bilíngüe, mas elas diferem quanto ao grau ou à forma de bilingüismo, que, teoricamente, são três: (i) parte da sociedade fala uma língua A, parte fala uma língua B; (ii) toda a sociedade fala ambas as línguas A e B; (iii) parte da sociedade fala ambas as línguas A e B e parte da sociedade é monolíngüe.³⁴

Consideraremos que o falante bilíngüe usa suas línguas para diferentes propósitos em diferentes situações e com diferentes pessoas,³⁵ razão pela qual dificilmente ele terá igual fluência em ambas as línguas. Como observa Mackey (1972), é impossível definir o grau de perfeição atingido por um falante na segunda língua. Além disso, nem todos os falantes são igualmente sensíveis em sua língua materna, nem todos possuem o mesmo grau de conhecimento em todos os níveis da língua. Deste modo, é preciso fugir à generalização de um conceito que vê o bilingüismo simplesmente como o domínio de duas línguas. Por isso, sugere-se uma análise mais acurada dos vários aspectos do fenômeno, que conduza a uma classificação sistemática da complexidade implicada no uso de duas ou mais línguas. O falante bilíngüe costuma apresentar diferentes modos de fala, deslocando-se em um *continuum* situacional governado pela situação sociolingüística.³⁶ Nesse quadro, o *code switching* (alternância de código) é um dos modos de fala através do qual o bilíngüe usa alternadamente duas línguas.

Quando o bilíngüe está no modo monolíngüe, ele opta pela língua de seu interlocutor e, tanto quanto possível, desativa a outra língua.³⁷ Todavia, também de acordo com esse mesmo autor, a desativação total de uma das línguas raramente acontece, como o

³³ Ferguson (1964, p. 429) descreveu o conceito de *diglossia* como uma situação estável de contato entre duas variedades de uma mesma língua, cada uma desempenhando um papel definido. Esse conceito tem sido estendido às situações em que duas ou mais línguas estão em contato e cada uma delas apresenta distribuição funcional específica, refletindo um comportamento social.

³⁴ As comunidades incluídas em nossa pesquisa pertencem a este terceiro grupo.

³⁵ Cf. Weinreich (1974 [1953], p. 73).

³⁶ Cf. Mello (1999, p. 82).

³⁷ Cf. Grosjean (1994, p. 1657).

comprovam as interferências³⁸ de uma língua na outra, tanto no modo monolíngüe quanto nos outros modos.

Considerando-se então a relatividade do conceito de bilingüismo, devemos-nos perguntar antes: em que medida o falante usa as duas línguas? Trata-se de verificar o domínio que tem o indivíduo nas línguas A e B, através do qual poderá ser verificado o grau de perfeição nas habilidades lingüísticas de compreender (ouvir e ler) e de expressar (falar e escrever), considerando os níveis fonológico e gráfico, gramatical, lexical, semântico e estilístico-discursivo. Dito de outra forma, trata-se de verificar qual é o repertório lingüístico dos falantes bilíngües da comunidade.

O grau de domínio lingüístico em indivíduos bilíngües relaciona-se ao fato de que uma das línguas pode prevalecer permanentemente no uso ordinário. Os fatores determinantes da escolha e predominância no uso de uma língua, em vez de outra, podem ser múltiplos. Em certas condições, a padronização de uma língua pode tornar-se importante para o indivíduo, não só como meio de comunicação, mas também como meio de integrar-se socialmente, isto é, ser reconhecido pelo grupo. Veja-se, por exemplo, o caso dos imigrantes. A segunda língua pode ser vista como um valor de prestígio, induzindo todo o grupo de imigrantes, ou alguns deles individualmente, a assumir a nova língua e a negar, eventualmente, o conhecimento da primeira.

Além disso, entre os fatores que podem determinar a escolha, a aprendizagem ou o predomínio de uma das línguas em ambientes bilíngües, citam-se: a) o juízo de valor estético que o bilíngüe atribui ao legado literário das línguas que domina; b) o envolvimento emotivo, relacionado à experiência particular, que permite resguardar certos elementos lexicais e certas estruturas sintáticas ou estilísticas; c) o interlocutor, pois, sendo este monolíngüe, leva o falante a ater-se estritamente a um único código; ao contrário, sendo ele também bilíngüe nas línguas do falante, facilita a alternância de uma língua para a outra; d) uso especializado: casos em que o bilíngüe usa um dialeto em família e a língua oficial no trabalho, ou o técnico que usa inglês no laboratório e português em outras situações etc.³⁹

Em resumo, de acordo com Mackey (1972), os estudos de bilingüismo concentram-se em responder, basicamente, a quatro perguntas: a) Até que ponto os falantes

³⁸ A *interferência* acontece quando enunciados de uma língua contêm alguns elementos que pertencem a outra língua. Ou, em outras palavras, diz-se que há interferência quando um sujeito bilíngüe utiliza em uma língua-alvo “A” traços fonéticos, prosódicos, mórficos, sintáticos, discursivo-pragmáticos ou lexicais da língua “B”.

³⁹ Cf. Titone (1993, p. 41).

são bilíngües e qual é o seu controle sobre cada uma das línguas que usam?; b) Em que situações os falantes bilíngües usam as duas línguas e em que situações usam cada uma das duas línguas?; c) Até que ponto os falantes alternam as duas línguas e sob quais condições acontece essa alternância?; d) Até que ponto os falantes bilíngües usam as duas línguas separadamente, ou como sistema integrado? De que maneira o uso de uma língua influencia o uso da outra?

Em situações de bilingüismo, o grau de proficiência em cada língua depende dos usos que o bilíngüe faz da língua e das condições em que ele a usa, ou seja, depende das *funções*. Essas funções podem ser *externas*, isto é, relativas à variação, duração e pressão dos contatos, e *internas*, que inclui usos não-comunicativos, como fala interna, e a expressão intrínseca de atitudes, que influenciam o bilíngüe a resistir ou tirar proveito das situações com as quais mantém contato.⁴⁰

As áreas de contato incluem todos os meios através dos quais a língua foi adquirida ou usada: a língua da família, da comunidade, da escola, dos meios de comunicação de radiodifusão, televisão, teleinformática e palavra impressa (jornais, revistas, livros, correspondência etc.). Como foi dito antes, o grau de influência desses contatos nos hábitos lingüísticos do falante bilíngüe depende da variação, da duração e da pressão do contato.

A língua pode diferir não apenas nos contatos extrafamiliares, mas também no seio da própria família, entre pais, parentes e domésticos de línguas diversas. Alguns pais encorajam o bilingüismo dos filhos, adotando nas relações familiares uma segunda língua ou enviando seus filhos ao exterior, com o propósito de torná-los hábeis no uso de uma segunda língua. Em países bilíngües, existe, eventualmente, a prática de trocar temporariamente as crianças entre famílias que falam línguas diferentes. Numa mesma família, a língua do pai pode ser diferente da língua da mãe, ou de outros membros.⁴¹

Como apropriadamente afirma Heredia (1989, p. 183),

⁴⁰ Cf. Mackey (1972, p. 557 e s.).

⁴¹ Fala-se habitualmente de bilingüismo precoce quando uma criança aprende a falar duas línguas ou mais línguas ao mesmo tempo, isto é, quando tem mais de uma língua materna. O bilíngüe precoce, em que a aquisição de mais de uma língua ocorre no período de 0 a 5 anos, também denominado “eqüilíngüe” ou bilíngüe “equilibrado” (*native-like speaker*, na terminologia de Bloomfield). Por outro lado, a aquisição de uma segunda língua após a idade de 5 anos e, principalmente, depois de adulto, é considerado “bilingüismo aditivo”. Nesse tipo de bilingüismo, as duas línguas são, em geral, valorizadas socialmente e têm papéis complementares. Em paralelo, pode manifestar-se um “bilingüismo subtrativo” quando a língua do meio é valorizada em detrimento da língua familiar: isso pode levar ao “bilingüismo passivo”, ou mesmo à recusa de uso da língua dos pais.

no caso de imigrantes ou de casais residentes no exterior (como os peritos ou os funcionários de sociedades internacionais), o *status* das línguas usadas para se dirigir às crianças na família ou fora dela é desigual e seus usos diferentes, o que vai influenciar seus respectivos desenvolvimentos. As línguas sofrem então, em geral, uma inversão de dominância à proporção que a criança cresce, se socializa e abandona o seio da família. No início predomina a língua dos pais; depois, progressivamente, vai tomando lugar a língua do ambiente, por intermédio dos vizinhos, amigos e mídia. A ruptura se dá freqüentemente quando a criança entra para o jardim de infância. A essas situações chamaremos de bilingüismo precoce sucessivo, em oposição ao bilingüismo precoce simultâneo dos filhos de casais *mistos*.

Casos muito semelhantes a estes ainda podem ser atestados, por exemplo, nas comunidades bilíngües italiano-português e, principalmente, alemão-português no Sul do Brasil, nas quais a primeira língua, a dos pais, é progressivamente substituída pela língua oficial (o português), especialmente quando a criança entra na escola.

O contato lingüístico de um indivíduo com outra língua, na escola, pode ser pensado como a língua através da qual se ensina ou como objeto a ser estudado. Por exemplo, alguns pais podem enviar seus filhos a uma escola em que o ensino é oferecido em outra língua. Em áreas bilíngües, a adoção de uma ou outra língua, ou de ambas, pela escola baseia-se num tipo de política lingüística que leva em conta princípios de nacionalidade, territorialidade, filiação religiosa, origem étnica. À possibilidade de aprender uma língua numa escola que a ensina como objeto, acrescenta-se aquela através da qual o indivíduo prefere aperfeiçoar seus conhecimentos através de outra língua diferente da língua de sua comunidade. Ou, ainda, a possibilidade de aquisição de outra língua através de estratégias autodidáticas. Por outras palavras, o contato lingüístico através da escola, além do estudo e aperfeiçoamento de uma língua diferente daquela de origem, pressupõe, entre diversas possibilidades, aprender na língua dos pais, na língua do território em que vive, na língua do grupo religioso ou na língua do grupo étnico.

Em resumo, diversas podem ser as línguas faladas nos vários setores de uma comunidade, segundo a composição lingüística dos vizinhos, dos grupos étnicos, do grupo religioso, ocupacional e recreativo.

Como foi dito antes, para explicar a variação observada em uma comunidade de fala, é imprescindível que se recorram a outras dimensões além da diatópica, por exemplo a classe social, o sexo, a idade etc. Todavia, numa comunidade bilíngüe (ou plurilíngüe) a implementação de pesquisas geolingüísticas é mais complexa, pois, além das variáveis comuns a qualquer comunidade de fala, somam-se fatos de interferência, que podem ser corrigidos durante a enunciação. E, como afirma Winkelmann (1996, p. 343), “um

plurilingüismo social e constante faz com que se enraízem na língua variantes que procedem, como consequência de uma contínua alternância de códigos, de uma ou de várias línguas em contato”.

A influência de uma língua de contato pode, além de afetar o léxico e diferentes níveis da gramática, variar de intensidade segundo o lugar de residência ou de procedência, a idade, a classe social, o sexo dos membros da comunidade de fala, a mobilidade social, a ocupação etc.

3.4 Difusão Lingüística

O objetivo principal deste estudo, conforme foi explicitado na seção 1.4, é descrever os mecanismos de *difusão* do português no espaço pluridimensional de áreas bilíngües de contato com o italiano falado no Sul do Brasil. Em vista disso, convém esclarecer o que se entende por difusão lingüística.

De acordo com Chambers e Trudgill (1980, p. 163), *difusão* é “o estudo do progresso das inovações lingüísticas”. Essa é, sem dúvida, uma questão de vital interesse para aqueles que se preocupam com variação lingüística. Para descrever a difusão, é preciso responder basicamente as seguintes perguntas: (i) quem são os inovadores?; (ii) quais elementos lingüísticos são veículos da inovação? A resposta a essas perguntas depende, obviamente, das circunstâncias que cercam a inovação.

Qualquer estudo da difusão de uma inovação lingüística deve ser comparativo e, para isso, os dados devem incluir evidências para uma mesma população simultaneamente, ou pelo menos para uma população comparável em duas épocas diferentes (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980, p. 163). No primeiro caso, temos o que os sociolingüistas chamam de *mudança em tempo aparente*; no segundo, *mudança em tempo real*.

O estabelecimento dos fatos lingüísticos em *tempo real* é feito através de pesquisas empíricas sobre o comportamento dos mesmos indivíduos e da mesma sociedade em épocas distintas. Em teoria, essa é a melhor forma de descrever a difusão lingüística, uma vez que, em geral, as inovações lingüísticas são lentas e, por isso, observáveis apenas ao longo de gerações. Temos que levar em consideração, no entanto, que a reaplicação de uma pesquisa com a mesma população em períodos distintos de tempo é praticamente impossível,

pois, ao longo do tempo, é inevitável que alguns membros da comunidade – ou mesmo toda a população – tenham alterado suas circunstâncias: ficando mais velha, movendo-se socialmente de uma classe para a outra, ou trocado de vizinhos, entre outras alterações. Mas o fato de nem sempre ser possível localizar a mesma população não quer dizer que não se possa localizar uma população comparável com a original, na área de pesquisa. Controlando as variáveis independentes, seleciona-se a amostra com o mesmo número de homens e mulheres da pesquisa original, com as mesmas características étnicas e sociais, inclusive a mesma ocupação, exatamente na mesma área da pesquisa. O resultado obtido desse grupo pode ser comparado com o resultado obtido do grupo original, obtendo-se alto nível de confiabilidade, de tal modo que qualquer discrepância entre eles é resultado, no mínimo, de uma *mudança em progresso*.⁴² Assim, através da correlação de dados com as principais discrepâncias e variáveis independentes, podem-se determinar quais grupos são inovadores, que elementos lingüísticos estão conduzindo a inovação, e em que ponto este processo está mais avançado. Em resumo, pode-se estudar os mecanismos da difusão.

Devido às dificuldades que apresentam os estudos em *tempo real*, as pesquisas de difusão lingüística tendem a centrar-se nos estudos *de mudança em tempo aparente*, os quais se baseiam na clássica hipótese de que “um falante adulto reflete o estado de língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade “ (NARO, 2003, p. 44) e de que o falante não muda seu modo de falar depois disso. Assim, a fala de uma pessoa de 70 anos representa a língua de cinquenta e cinco anos atrás, ao passo que a fala de uma pessoa de 50 anos representa a língua de trinta e cinco anos atrás. Levando isso em consideração, as discrepâncias entre os dados da fala de pessoas mais velhas e os dados de pessoas mais jovens indicam *mudança lingüística em progresso*.

Todavia, a hipótese clássica apresenta algumas dificuldades, pois nem toda variação na fala representa uma mudança lingüística em progresso. Existem muitos casos de variação estável que duram séculos, sem que uma das regras prevaleça sobre a outra. Na variação estável, tal como ocorre com a mudança em progresso, a média de realizações da variável dependente associa-se à faixa etária do falante, mas não segue o padrão linear ascendente ou descendente à medida que se opõem as idades. Ao contrário, nos casos de variação estável ocorre um padrão curvilíneo em que os dois extremos – os jovens e os

⁴² No Brasil, citam-se como exemplos de pesquisa de mudança em tempo real o "recontato" de informantes do projeto NURC, em Porto Alegre, sob a coordenação de Ana Maria Zilles, e do projeto PEUL/UFRJ.

velhos – apresentam o mesmo comportamento, contrastando com a população de meia idade. É o que revela um estudo da variável (*ng*) através do tempo aparente em Norwich, na Inglaterra, feito por Chambers e Trudgill (1980, p. 91). Conclui-se que, às vezes, os falantes mudam sua língua no decorrer dos anos, enquanto a hipótese clássica advoga que a língua se estabiliza no indivíduo após a puberdade. Basta ver, por exemplo, a progressão na aquisição de português de um estágio de monolingüismo ou de bilingüismo parcial mais próximo do italiano ao bilingüismo português-italiano, que varia de indivíduo para indivíduo, e no próprio indivíduo ao longo de sua vida. Não se pode perder de vista que, para essas populações de imigrantes, o acesso e a aquisição do português é um longo caminho que pode perpassar gerações. E que, inicialmente, foram monolíngües em italiano, sendo o português o novo, a inovação.

De qualquer modo, em qualquer mudança lingüística em progresso, é natural pensar que algum segmento da sociedade exerça a liderança. Desde o crescimento dos estudos de sociolingüística, os pesquisadores têm sido hábeis em determinar qual grupo social está na vanguarda de uma particular inovação – ou aquisição do português, por exemplo –, correlacionando variáveis lingüísticas com variáveis independentes, tais como idade, sexo, classe social, grupo étnico e área geográfica.

Com freqüência, diversas variáveis independentes se combinam para identificar o grupo inovador, mas, ocasionalmente, e sob circunstâncias sociais interessantes, uma das variáveis claramente toma a dianteira das outras, sendo possível identificar os inovadores, vale dizer, mulheres (apesar da idade, classe social etc.) ou pessoas jovens (apesar do sexo, classe social etc.) (N. T.).⁴³

Depreende-se, então, que, correlacionando a inovação lingüística com variáveis sociais, estaremos aptos a apurar informações relevantes sobre aspectos sociolingüísticos da difusão. Do mesmo modo, gostaríamos de estar aptos a entender aspectos lingüísticos da difusão, isto é, os meios através dos quais as inovações lingüísticas se incorporam às gramáticas dos usuários da língua. A resposta a essa questão, todavia, tem sido motivo de muitas controvérsias. Veja-se, por exemplo, a controvérsia entre as idéias dos neogramáticos e os defensores da difusão lexical. Para os neogramáticos, a mudança fonológica é

⁴³ Very often, several of the independent variables combine to identify the innovating group but occasionally, usually under interesting social circumstances, one of the variables clearly takes precedence over all others and it is possible to identify the innovators as, say, women (regardless of age, social class, etc.) or young people (regardless of Sex, social class, etc.). (Chambers e Trudgill, 1980, p. 167).

foneticamente gradual, mas lexicalmente abrupta; já para os “difusionistas”, a mudança fonológica é, ao contrário, foneticamente abrupta, mas lexicalmente gradual.⁴⁴ De acordo com o modelo neogramático, se muda a representação mental de um som – no caso, de um fonema, conforme veio a ser definido pelos estruturalistas posteriormente – isso acontece em todas as palavras, por exemplo, fonema [s] intervocálico em latim evoluiu para [z] no português. Mas como explicar que isso não tenha acontecido em espanhol? Ou como explicar que no português do Brasil a vogal átona final [e] nem sempre se realize como [i]? Polêmicas à parte, o que os estudos sociolingüísticos têm demonstrado é que a mudança lingüística não é absolutamente mecânica e regular a curto prazo.

Em qualquer estado real da língua, costumam existir formas de diversos estágios de evolução, apesar do fato de que a longo prazo – normalmente no espaço de várias gerações – a mudança quase sempre acaba afetando todos os itens lexicais e todas as estruturas de um determinado tipo. Uma mudança pode ser limitada por um determinado contexto estrutural (por exemplo, as surdas se tornam sonoras entre vogais), mas neste contexto elas não admitem exceções. Isto é a famosa ‘hipótese dos neogramáticos’. Temos, portanto, um conflito aparente entre o curto e o longo prazo (Naro, 2003, p. 43).

De acordo com Chambers e Trudgill (1980, p. 182), as mudanças lingüísticas podem se difundir de um grupo social para outro grupo social (difusão sociolingüística), de uma palavra para outra palavra (difusão lexical), de um contexto lingüístico para outro contexto lingüístico (difusão lingüística) e de um lugar para outro lugar (difusão espacial). Afirmam, ainda, que a difusão espacial de uma inovação lingüística constitui freqüentemente um tipo de reflexo de outros tipos de difusão.

Vejamus um exemplo. Sabemos que no português do Brasil a vogal átona final [e] tende a se realizar como [i]: [ˈbuli], [ˈbawdi] etc. No Sul do Brasil, no entanto, essa neutralização entre [e] e [i] nem sempre acontece, havendo maior preservação da vogal [e] em comunidades bilíngües, principalmente ítalo-brasileiras. Lexicalmente, a preservação do [e] é mais comum em algumas palavras (*parque*) do que em outras (*prece*). Lingüisticamente, o contexto precedente formado por fricativas s/z (*anoitece/treze*) favorece a elevação do [e] e o contexto formado por consoante dorsal (*parque*) desfavorece a elevação. Esses três tipos de

⁴⁴ Para maiores detalhes, sugerimos consultar Paul (1966), Labov (1981), Tarallo (1990b), entre outros.

difusão tem-se propagado também geograficamente, principalmente em áreas de contato do português com o italiano, o polonês, o alemão e o espanhol.⁴⁵

A difusão das inovações lingüísticas, no entanto, não tem sido ilustrada de forma acurada nos mapas geolingüísticos tradicionais. Para superar essa limitação, é preciso, então, abandonar a idéia de que os dialetos se circunscrevem a um espaço descontínuo – segundo Chambers e Trudgill (1980, p. 182), as isoglossas mais implicam uma mudança abrupta do que uma progressão – para incorporar a idéia da variação contínua, seja no eixo diatópico/geográfico, seja no eixo diastrático/social, sendo impossível estabelecer fronteiras em que ela ocorre.

Entre os estudiosos de variação lingüística, há consenso, por exemplo, de que os centros urbanos são importantes irradiadores de inovações lingüísticas. Essa regra fica, no entanto, muito obscurecida quando são confeccionados mapas que não sejam suficientemente detalhados, inclusive com adequadas informações sociais. Da mesma forma, dificilmente são representadas na cartografia lingüística as questões relacionadas à formação das comunidades bilíngües, como colonização, industrialização e relações econômicas, invasões territoriais, migrações etc., que fazem com que os falantes de uma língua sejam forçados a usar outra. Um modo de implementar esse tipo de melhoria é incluir na cartografia geolingüística técnicas quantitativas e ampliar as dimensões representadas, as chamadas variáveis independentes. Fazendo isso, na linha do que propõe a dialetologia pluridimensional defendida por Radtke e Thun (1996), temos a convicção de poder retratar com mais precisão a difusão das inovações lingüísticas relativas às seis variáveis do português em contato com o italiano no Sul do Brasil, listadas na seção 1.2.

3.5 Definição da Rede de Pontos da Pesquisa

A coleta dos dados para a presente pesquisa foi realizada em oito municípios (pontos de realização das entrevistas), caracterizados pela presença de uma população predominantemente formada por descendentes de imigrantes italianos. Além disso, decidimos que metade dos pontos representariam áreas de colonização original, isto é, áreas onde foram assentados colonos vindos diretamente da Itália no fim do século XIX, e a outra metade

⁴⁵ Cf. Vieira (2002).

representaria as áreas de colonização mais recente, resultantes do deslocamento dos imigrantes italianos e principalmente de seus descendentes na primeira metade do século XX. Neste sentido, Rodeio (SC) e Orleans (SC) representam, respectivamente, a colonização italiana original do vale do rio Itajaí-Açu, no Norte, e do vale do rio Tubarão, no Sul; Caxias do Sul (RS) e Nova Palma (RS) representam, respectivamente, a colonização italiana originária da Serra Gaúcha e das terras pertencentes à colônia Silveira Martins, mais ao Sul, nas proximidades de Santa Maria. Já as áreas de colonização mais recente estão representadas primeiramente por Sananduva (RS) e Sarandi (RS), que se situam na parte Nordeste e Norte do Rio Grande do Sul, e, depois, por Chapecó (SC) e por Videira (SC), que se situam no Oeste e Meio-Oeste de Santa Catarina. Na seleção dos pontos (ver *Mapa 3*), decidimos também verificar que os mesmos estivessem incluídos dentre os pontos do *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS), para possibilitar eventuais correlações.

Conforme já foi explicitado, o escopo teórico da presente pesquisa segue os pressupostos da dialetologia pluridimensional, como vem sendo desenvolvida por H. Thun no *Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay – ADDU* e no *Atlas Lingüístico Guaraní-Románico – ALGR*. Isso significa que se buscam macrossínteses da variação lingüística em uma determinada área (definida por mais de um ponto de inquérito no espaço) e em mais de uma dimensão social em cada um dos pontos de inquérito da pesquisa. As implicações para a metodologia da pesquisa a ser adotada são diversas e envolvem, principalmente, os seguintes aspectos a serem detalhados abaixo: (i) definição da rede de pontos; (ii) definição das dimensões de análise da variação lingüística, as quais afetam diretamente, (iii) a escolha dos informantes, (iv) a definição dos instrumentos de coleta de dados e (v) os procedimentos de cartografia utilizados para (vi) a análise e tratamento dos dados. Acrescentem-se a esses aspectos as variáveis lingüísticas escolhidas para o estudo, as quais foram descritas e justificadas na seção 1.2: neutralização entre [r] forte e [r] fraco; alçamento de [e] e de [o] em posição átona final; substituição do ditongo nasal tônico [ãw̃] por [õ]; alternância de [ʃ] e [ʒ] com [s] e [z]; africacão de [t] e [d] diante de [i]; realização de [a] aberto quando seguida de consoante nasal.

Um dos princípios da dialetologia pluridimensional é que a pluralidade de pontos, assim como a pluralidade de informantes, garantem maior representatividade dos dados. Além de levar isso em conta, na definição da rede de pontos da pesquisa, consideramos outros aspectos de ordem lingüística, histórica, social, cultural e metodológica.

Em primeiro lugar, procuramos garantir que os pontos da rede fossem de fato representativos da variedade de português de contato com os dialetos italianos na Região Sul do Brasil. Para isso, consideramos os estudos de variação linguística realizados nessa região e, sobretudo, o ALERS, cujas cartas, especialmente as fonéticas, indicam a existência dessa variedade de português.

Em segundo lugar, considerando a história da ocupação do espaço geográfico por imigrantes italianos no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina no início da colonização e o posterior deslocamento de parte desses imigrantes e de seus descendentes, num processo de migração interna, para ocupar novas terras na região Nordeste do RS, Meio-Oeste e Oeste de SC, avançando para o PR e acima, e o contato desses italianos com outros grupos sociais, decidimos assegurar que essas diferentes regiões, quanto à idade e quanto à forma de ocupação, fossem incluídas na amostra. Assim, entre os pontos da pesquisa, há aqueles que representam as colônias velhas e há aqueles que representam “colônias” novas, isto é, mais recentes e colonizadas através de migrações internas de descendentes de italianos.

Além dos aspectos linguísticos e históricos, em terceiro lugar buscamos assegurar que os pontos fossem representativos de um certo tipo de núcleo social, formado predominantemente por descendentes de italianos, incluindo todos os tipos: puros e mistos. Como não há censos recentes e completos sobre a etnia dos habitantes dos pontos eleitos para a pesquisa, adotamos a classificação apresentada pelo ALERS, feita com base em informações das prefeituras municipais, documentos históricos e dos próprios informantes (ver *Mapa 1*). Veja-se que o critério adotado para classificar a comunidade do ponto da pesquisa como sendo predominantemente formada por descendentes de imigrantes italianos não está relacionado à existência de bilingüismo em algum grau, embora seja esperado que ele exista. Nas entrevistas, buscamos confirmar esse aspecto através dos próprios entrevistados e de consultas a autoridades locais (funcionários das prefeituras, professores), bem como através de documentos.

Em quarto lugar, na definição dos pontos, levamos em conta a existência, na localidade, de algum tipo de ação e de órgãos (festas, instituições, estudos e publicações, meios de comunicação, entidades culturais e folclóricas) voltados para o resgate e valorização da cultura italiana, o que, em tese, representa, de algum modo, atitudes positivas em relação à etnicidade. Em todos os pontos há, pelo menos, um programa de rádio em língua italiana,

além de associações ou círculos dedicados ao resgate, à preservação e à promoção da língua e da cultura italianas.

Por fim, a limitação a oito pontos, distribuídos nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, foi orientada pelo tempo previsto para a realização da pesquisa e pela meta de se obter uma amostra representativa da variedade do português de contato com o italiano, embora não-exaustiva. A meta, como já dissemos alhures, é descrever a difusão do português em contato com o italiano na Região Sul do Brasil, numa perspectiva pluridimensional macrozoneada.

Considerando que a idade e as circunstâncias de colonização e ocupação dos pontos selecionados para a amostra se distinguem consideravelmente, decidimos agrupá-los dois a dois, passando a constituir quatro áreas. É nossa expectativa que essas áreas, tendo em vista o que elas têm de comum entre si e, por outro lado, o que as diferencia das outras áreas da pesquisa, apresentem peculiaridades linguísticas mais italianas, ou menos italianas, conforme o caso.

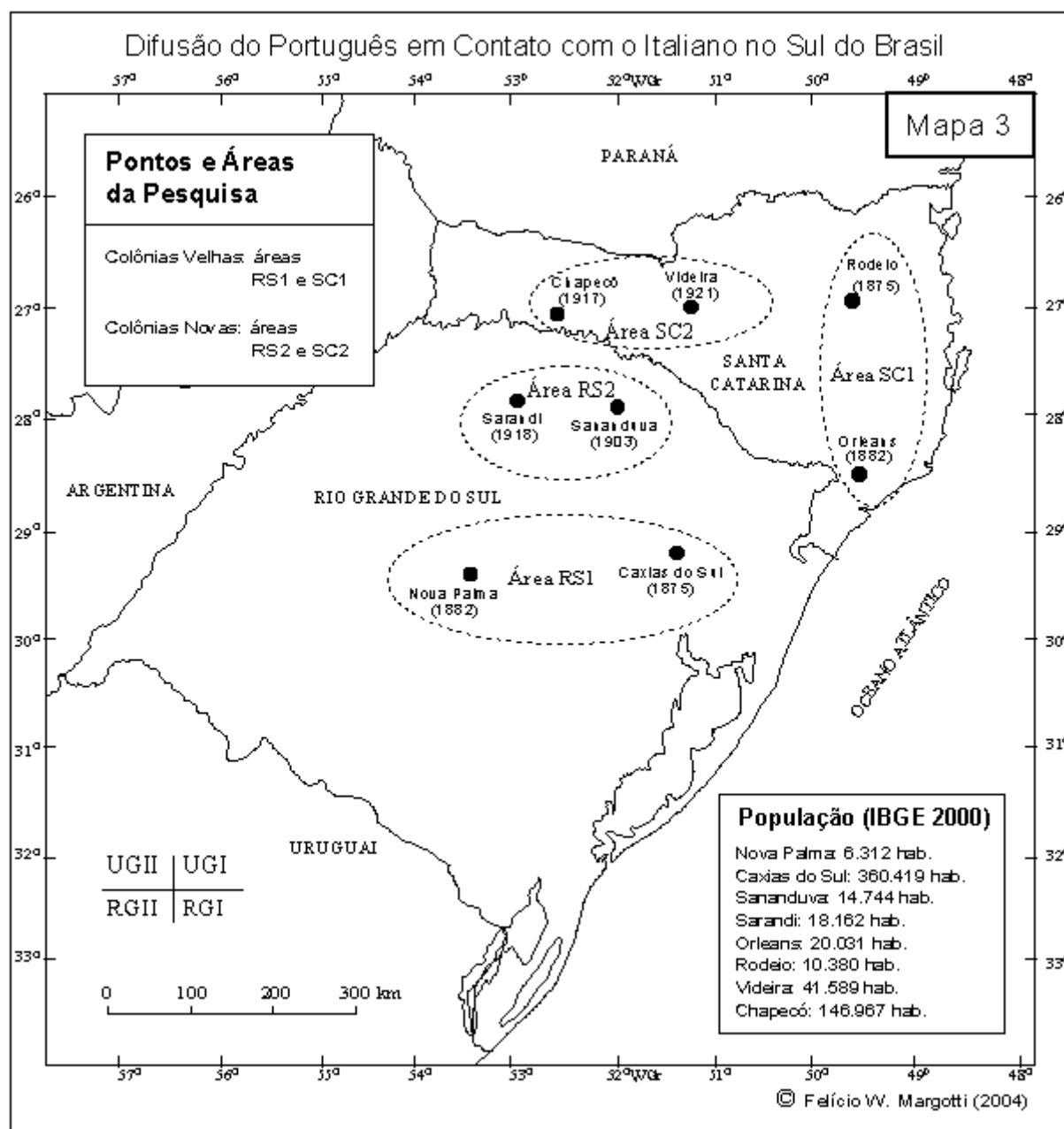
Então, levando em conta esses critérios, os pontos da pesquisa são os seguintes:

- ✓ Área RS1: Caxias do Sul/RS e Nova Palma/RS – colônias velhas
- ✓ Área SC1: Orleans/SC e Rodeio/SC – colônias velhas
- ✓ Área RS2: Sananduva /RS e Sarandi/RS – colônias novas
- ✓ Área SC2: Videira/SC e Chapecó/SC – colônias novas⁴⁶

As chamadas “colônias velhas” foram formadas originalmente por imigrantes italianos que chegaram ao Sul do Brasil a partir de 1875. No Rio Grande do Sul, Caxias do Sul, situada na Serra Gaúcha, foi a primeira colônia imperial de colonização italiana, e Nova Palma, situada no final da Serra Geral, nas proximidades de Santa Maria, pertenceu à quarta colônia imperial de colonização italiana, denominada Colônia Silveira Martins. Orleans representa os núcleos coloniais italianos do Sul de Santa Catarina, e Rodeio, os núcleos coloniais do vale do Itajaí-Açu.

⁴⁶A classificação em colônias velhas e novas tem a ver com o período de ocupação por imigrantes italianos e não com a idade do lugar ou com a data de criação do município.

MAPA 3: Região Sul do Brasil: pontos e áreas da pesquisa



Por outro lado, as aqui chamadas “colônias novas” foram formadas por colonos italianos que migraram internamente a partir do início do século XIX, fenômeno denominado enxameamento, comum a outras etnias européias. Incluem-se nessa situação tanto os municípios de Sananduva e Sarandi, no Rio Grande do Sul, quanto Videira e Chapecó, em Santa Catarina.

A distribuição dessas áreas e respectivos pontos no espaço geográfico dos três estados do Sul do Brasil pode ser visualizada no *Mapa 3*.

Apresentamos, a seguir, uma síntese histórica e cultural dos municípios incluídos na pesquisa. Nos textos sobre cada um dos pontos, procuramos evidenciar aquelas informações que julgamos mais relevantes para a análise e compreensão dos fatos lingüísticos.

3.5.1 Caxias do Sul (Área RS1)

O município de Caxias do Sul está localizado na extremidade leste da encosta superior do Nordeste do Rio Grande do Sul. As cidades mais próximas são Flores da Cunha e São Marcos (a norte), Nova Petrópolis e Gramado (a sul), Farroupilha (a oeste). Ocupa uma área de 1.648,60 km² e sua altitude é de 760m acima do nível do mar. Em linha reta, Caxias do Sul está distante 96 km de Porto Alegre, ou 127 km por via rodoviária. Dados do Censo IBGE-2000 indicam que a população é de 360.419 habitantes (333.391 urbanos e 27.028 rurais), sendo a segunda cidade do Estado.

A localidade rural pesquisada é São Gotardo, que se situa no norte do município, em direção a Flores da Cunha. Fica a 25 km da sede e pertence ao distrito de Vila Seca. É uma localidade tipicamente rural, sem existência de vila. As casas situam-se afastadas umas das outras, correspondendo, em geral, aos lotes. A história de Caxias do Sul começa em 1875 com a chegada dos primeiros imigrantes italianos à região serrana do Rio Grande do Sul. Os imigrantes, em sua maioria, eram da região do Vêneto, situada ao norte da Itália. Mas, entre esses imigrantes, também havia lombardos, trentinos e outros. Dois anos após a chegada dos primeiros imigrantes, a sede da colônia Campo dos Bugres, como foi chamada inicialmente, recebeu a denominação de Colônia de Caxias. No dia 20 de junho de 1890, foi criado o município.

Por várias décadas, devido à falta de estradas e de outras formas de comunicação, Caxias do Sul e as demais colônias italianas da região permaneceram isoladas do restante do Estado. Esse isolamento rural a que estiveram submetidos os imigrantes favoreceu o desenvolvimento de um modo de vida peculiar, baseado na produção agrícola independente, na economia familiar de subsistência e, culturalmente, relacionado com a religião católica e

pouco interesse pela escola.⁴⁷ Nesse primeiro ciclo econômico, teve destaque o cultivo da videira e a produção de vinho – traço ainda forte como identidade cultural e econômica rural.

Em 1910, Caxias do Sul foi elevada à categoria de cidade. Nesse mesmo ano, a chegada da via férrea dá início ao processo de urbanização e de industrialização da colônia. Nas primeiras décadas surgiram as fábricas mecânico-metalúrgicas e têxteis. A partir da 1960, com a instalação da indústria automobilística no País, a indústria metal-mecânica teve grande expansão.

Caxias do Sul dispõe hoje de 88 escolas municipais, 53 escolas estaduais, 48 escolas particulares e uma Universidade Regional – Universidade de Caxias do Sul (UCS) – que oferece 35 cursos de graduação e 69 cursos de pós-graduação. Existem também duas faculdades locais (Faculdade da Serra Gaúcha, com 5 cursos; Faculdade dos Imigrantes, com 4 cursos) e uma universidade estadual (Universidade Estadual do Rio Grande do Sul) com 1 curso.

O turismo na região da serra gaúcha assenta-se no clima subtropical, na paisagem e nos aspectos socioculturais que caracterizam a população de origem italiana e alemã. Em Caxias do Sul, a identidade étnica como atrativo turístico é legitimada, por exemplo, pelo Monumento Nacional ao Imigrante, que simboliza o colono italiano; pela Casa da Pedra, que reproduz com fidelidade o modo de vida dos primeiros imigrantes que chegaram à cidade; pelos cinco roteiros turísticos: Caminhos da Colônia, Rota dos Tropeiros, Estrada do Imigrante, Criúva e Vale Trentino; pelos Pavilhões da Festa Nacional da Uva, com réplica de Caxias do Sul de 1875; pelas inúmeras cantinas, tratorias, galeterias e pizzarias, com o melhor da culinária italiana; pelo cultivo de uvas e produção de vinhos, além de inúmeras outras marcas patrimoniais e culturais, inclusive lingüísticas.

3.5.2 Nova Palma (Área RS1)

Nova Palma é um município emancipado em 29 de julho de 1960, que se situa na 9ª. Zona Fisiográfica “Planalto Médio Central” e está integrado ao sistema orográfico da Serra de São Martinho e hidrográfico da Bacia do Jacuí. Possui um território acentuadamente ondulado. O município está dividido em três distritos: o da sede Nova Palma, Caemborá e

⁴⁷ Cf. Zagonel (1975, p. 43).

Vila Cruz. O atual território conta com 343 km². Sua população, de acordo com censo IBGE-2000, atinge 6.312 habitantes, sendo 2.664 a população urbana e 3.648 a população rural. Fica a 290 km de Porto Alegre, 70 km de Santa Maria e 29 km de Júlio de Castilho.

As localidades rurais pesquisadas foram Vila Cruz, situada a 12 km da sede, na direção norte e município de Pinhal Grande, e localidade de Linha do Soturno, situada a 5 km da sede, em direção leste, na estrada que leva ao município de Faxinal do Soturno.

A história de Nova Palma, cujos primeiros nomes foram Núcleo do Soturno e depois Barracão, remonta a 1882 e tem origem na ex-Quarta Colônia Imperial Silveira Martins, criada em 1877, cujo desmembramento compreende os municípios atuais de Silveira Martins, Faxinal do Soturno, Nova Palma, Ivorá, São João de Polêsine, Pinhal Grande e ainda partes dos municípios de Dona Francisca, Restinga Seca, Santa Maria e Júlio de Castilhos. Foi nessa grande área, composta de terras devolutas e pertencentes ao governo imperial, em geral de topografia montanhosa, e parte de terras planas, pertencentes a particulares através de doações do próprio governo imperial como pagamento pela participação na Guerra do Paraguai, que se instalaram os imigrantes italianos, cujos descendentes marcam presença ativa nessa região central do estado do Rio Grande do Sul.

Nova Palma teve seu apogeu econômico juntamente com a ex-Colônia e região em meados do século passado, quando ocorreu sua emancipação. A partir daí, vem sofrendo períodos oscilatórios onde pouco se investe e prospera. Atualmente, a economia do município centra-se na fabricação de massas, móveis, esquadrias e produtos agroindustriais. A base da agricultura é a soja, milho, fumo, feijão, arroz e leite.

A população urbana e rural do município é predominantemente formada por descendentes de imigrantes italianos. Segundo Pe. Luiz Sponchiado, criador do Centro de Pesquisas Genealógicas, com acervo documental de aproximadamente 50 mil famílias de imigrantes italianos e seus descendentes, em Nova Palma, 98% dos italianos são vênets. Em muitas famílias ainda se fala o italiano, mas constata-se que, progressivamente, deixa de ser falado pelos mais jovens. Apesar desse decréscimo no nível de bilingüismo, em que os descendentes dos imigrantes italianos deixam de falar a língua dos antepassados para só falar português, há no município diversas iniciativas destinadas à valorização étnica, citando-se como principais: Circulo Vênets de Nova Palma, Centro de Pesquisas Genealógicas, Grupo de Danças Italianas da Sociedade Clube Guarani, Coral Santa Terezinha, Grupo Teatral Fratole del Baracon, recuperação e manutenção de monumentos, confecção de produtos

artesanais, realização de festas e eventos com comidas típicas. Entre esses eventos, cita-se o *filó*, que vem a ser uma reunião festiva com comidas típicas e cantorias. Quanto aos monumentos, destaca-se a iniciativa das comunidades, sob a liderança do Pe. Luiz Sponchiado, de recuperar 42 capitéis em todo o município em regime de *mutirão* (*pucherão*), resgatando, assim, preciosas informações históricas dos primeiros habitantes daquelas terras.

Quanto ao ensino em Nova Palma, pode-se descrevê-lo em três fases. Do fim do século XIX até 1930, coube aos próprios imigrantes a organização do ensino, que era particular e oferecido em dois períodos: à noite funcionava a “*Scola Serale*”, destinada a homens e rapazes, e durante o dia ensinava-se para crianças de ambos os sexos. Em ambas as modalidades de ensino, a língua era o dialeto *vêneto*. Desde 1920 até os dias atuais, é oferecido o ensino em escolas públicas para as crianças de ambos os sexos e em português. De 1934 até os dias atuais, também existe o ensino particular católico, através das irmãs da Congregação Palotina.

Atualmente, em Nova Palma, há oportunidades de cursar todas as etapas do ensino fundamental e do ensino médio. Nas escolas, o ensino de língua estrangeira é predominantemente de inglês, mesmo nas localidades mais afastadas da sede. O ensino de italiano, quando existe, é de iniciativa particular, em que se privilegia a língua dita *gramatical*, ou seja, a variedade lingüística oficial da Itália de hoje, que é totalmente diferente do dialeto falado na comunidade.

3.5.3 Rodeio (Área SC1)

O município de Rodeio, criado em 1936, localiza-se no Médio Vale do Rio Itajaí-Açu, entre a Serra do Mar e verdes montes do leste. Limita-se a norte com o município de Timbó, com o qual se interliga através da rodovia SC 416; a sul com o município de Ascurra; a leste, com o município de Indaial, com o qual se interliga através da rodovia BR 470; e a oeste, com o município de Benedito Novo. Dista 45 km de Blumenau, 60 km de Rio do Sul e 195 km da capital Florianópolis.

O nome *Rodeio* é resultado do aspecto geográfico das montanhas e montes que circundam o chamado “Vale dos Trentinos”, dando-lhe a configuração de um semicírculo. Há, no entanto, outras versões. Uma diz que o nome teria surgido devido ao itinerário percorrido

pelos imigrantes, explorando o Rio Itajaí-Açu: seguiram em direção à nascente até Indaial, onde encontraram uma picada que os fez chegar a Timbó; continuando pelo amplo vale, chegaram exatamente ao ponto de partida, perfazendo, assim, um semicírculo, ou um “rodeio”. Outra explicação diz que o nome do lugar tem a ver com umas pedras redondas encontradas nos rios e riachos da região. Daí teria surgido o nome “Caminho do Rodeio”, ou Picada do Rodeio, a linha dos lotes ocupados pelos pioneiros ao longo do Ribeirão Rodeio.

Rodeio foi fundado por imigrantes italianos vindos do Tirol Trentino, ao norte da Itália, no ano de 1875, época em que o Tirol Meridional ainda pertencia ao Império Austro-Húngaro. As primeiras 114 famílias chegaram no mesmo ano, provenientes de Trento, Rovereto, Pèrgine, Fornace, Civezzano, Lèvico e Vigolo Vattaro, e se instalaram em lotes às margens do Rio Itajaí-Açu, desde Timbó até Diamante.

Rodeio pertencia à Colônia de Blumenau, fundada e administrada pelo alemão Hermann Bruno Otto Blumenau, que viabilizou a colonização através de contratos com o Imperador do Brasil. Frei Lucínio Korte, padre franciscano de origem alemã, é considerado co-fundador de Rodeio. Sob orientação dele, várias famílias do lugar migraram para outras terras, fundando novas cidades como Rio do Sul, Taió, Rio do Oeste.

Os descendentes dos imigrantes precursores preservam orgulhosamente as tradições européias do Norte da Itália, seus usos e costumes, mesclados e integrados à realidade nacional brasileira. Rodeio é considerado por sua população um dos municípios mais italianos do Brasil. As marcas dessa italianidade são visíveis, sobretudo pela preservação da língua de origem, o dialeto trentino, falado, ainda hoje, por mais de 70% da população local (sem considerar aqueles que falam outros dialetos italianos, como o vêneto, por exemplo). Aliás, informações prestadas por funcionários da Prefeitura Municipal e por professoras do lugar apontam que a população de Rodeio é formada por cerca de 95% de descendentes de italianos.

Outro aspecto que revela forte sentimento de italianidade em Rodeio refere-se ao volume de atividades culturais com características étnicas, em geral promovidas ou, no mínimo, com o envolvimento do Grupo Ítalo-Brasileiro de Arte e Cultura (GRIBAC) – hoje Círculo Trentino, tais como o ensino de italiano, a dança folclórica, o canto coral infantil e de adultos, o teatro da Paixão, a música, entre outras.

Dentre os eventos de caráter étnico, promovidos todos os anos em Rodeio, destaca-se *La Sagra*: uma semana de festejos no mês de setembro. No início era apenas uma

feira religiosa do santo padroeiro, cuja origem remonta à Idade Média, quando as famílias de cada *paese* da Itália tinham como costume celebrar o final da colheita, associando-a ao santo padroeiro. Com a fundação do Grupo Ítalo-Brasileiro de Arte e Cultura em Rodeio, em 1975, ano do primeiro centenário da imigração, *La Sagra* passou a ser um evento de grande manifestação cultural, sempre com o intuito de resgatar e preservar o folclore italiano, principalmente o trentino. A partir de 1984, com a promoção de *La Cena del Nonno*, resultante das seqüências de *Serate Folk*, até então realizadas, consolidou-se *La Sagra* com um caráter mais amplo e popular. Hoje é uma festa regional que faz parte do calendário turístico estadual e nacional.

Do ponto de vista econômico, Rodeio conta com indústrias têxteis de confecção e tecelagem, fábricas de móveis e de esquadrias. Na agricultura, predomina o cultivo de arroz irrigado, plantações de banana, hortaliças, milho e uva.

A população de Rodeio, de acordo com o Censo IBGE-2000, é de 10.380 habitantes, dos quais 8.866 residem na área urbana e 1.514 na área rural.

No município, é oferecido desde o ensino pré-escolar até o ensino médio, através de diversas escolas e colégios estaduais, municipais e de um colégio particular.

A localidade rural escolhida para a presente pesquisa denomina-se Diamantina, mas é mais conhecida como Pico. Nesse lugar montanhoso, situado a aproximadamente 8 km da sede, residem somente descendentes de italianos. Ali não há propriamente uma vila, apenas uma capela e uma pequena indústria têxtil, que emprega parte dos habitantes do lugar, principalmente as mulheres. Os demais que permanecem no lugar – muitos jovens têm migrado, principalmente para os centros urbanos – dedicam-se à agricultura de subsistência.

3.5.4 Orleans (Área SC1)

A história do município de Orleans remonta ao casamento da Princesa Isabel com o Conde d'Eu, ocorrido em 15 de outubro de 1864. Na ocasião, foi determinado pelo Imperador Dom Pedro II e pela Imperatriz Teresa Cristina um dote de terras de 98 léguas a serem escolhidas nos estados de Santa Catarina e Sergipe.

A comissão encarregada de selecionar a gleba de terras em Santa Catarina, referente à dotação imperial e destinada a implantar uma colônia, que mais tarde denominou-

se Grão-Pará, manifestou-se por uma área de 12 léguas, situada entre os rios Tubarão e Braço do Norte, tendo em vista a descoberta de carvão mineral nessas terras e de já existir planos para a construção de uma estrada de ferro margeando o Rio Tubarão. Nas terras da antiga colônia Grão Pará, hoje se situam os municípios de Orleans, Grão-Pará, Lauro Müller, Rio Fortuna, Santa Rosa de Lima, abrangendo ainda parte dos municípios de São Ludgero, Anitápolis, Armazém, São Martinho e São Bonifácio.

A Colônia Grão-Pará, cuja sede foi instalada inicialmente onde hoje é a cidade de Grão-Pará, foi criada em 1882 para promover a ocupação das terras com colonos imigrantes e nacionais. Iniciada a distribuição das terras aos imigrantes italianos, alemães, letos e poloneses, a colônia Grão-Pará desenvolveu-se paralelamente à construção da estrada de ferro ao longo das margens do rio Tubarão.

O município de Orleans foi criado em 30 de agosto de 1913, com área de 1124 km². Posteriormente, houve o desmembramento dos municípios de Lauro Müller (5/10/56), Grão-Pará (21/6/58) e de São Ludgero (14/6/63), ficando Orleans com área de 600,6 km².

De acordo com o Censo IBGE-2000, a população de Orleans é de 20.031 habitantes (12.813 na área urbana e 7.218 na área rural), correspondendo a 33,35 hab/km².

A diversificada composição étnica do município, com italianos, poloneses, letos, alemães e os descendentes de portugueses, chamados “nacionais”, deu a Orleans uma característica própria e diferenciada na Região Sul catarinense. Por ser uma colônia particular, embora pertencendo a membros da família imperial, serviu de ponto de redistribuição de imigrantes para outros municípios, como foi o caso dos poloneses e letos, boa parte dos quais foi para Curitiba e São Paulo.

Com o fim de implantar e colonizar as terras da Colônia Grão-Pará, a Empresa de Terras e Colonização do Grão-Pará, especialmente formada pelo Comendador Joaquim Caetano Pinto Júnior como resultado de um contrato feito com o casal imperial, Princesa Isabel e Conde D’Eu, tratou de recrutar imigrantes por toda a Europa. No final de 1882 e em 1883, chegaram os primeiros imigrantes italianos, fazendo o trajeto Porto de Gênova, Rio de Janeiro, Desterro, Laguna, Gravatal e Grão-Pará. Nos anos seguintes, foram chegando mais famílias, especialmente da região do Vêneto.

Os primeiros imigrantes italianos chegaram a Orleans em 1884 e se instalaram ao longo das margens do Rio Pinheiros, localidade rural selecionada para a presente pesquisa. No começo, foram cerca de 30 famílias vindas de Trento, quase todas da vila de Ala. Muitos

outros italianos chegaram depois e se instalaram em diversas localidades da Colônia, vindo a exercer expressiva influência no desenvolvimento econômico e cultural de toda a região. De acordo com Lottin (1998, p. 52), “Orleans hoje tem sua população constituída por mais de 50% dos descendentes destes desbravadores do Rio Pinheiros”, ou seja, a maioria da população local é de descendentes de italianos.

Distante 186 km da capital Florianópolis, 45 km de Criciúma e 56 km de Tubarão, a cidade de Orleans localiza-se a 49° 17’ 05’’ de longitude e a 20° 21’ 30’’ de latitude. As cidades mais próximas, todas com acesso rodoviário asfaltado, são Urussanga, Lauro Müller e São Ludgero. A altitude da cidade é de 132 metros.

Entre as principais atrações turísticas do município de Orleans, citam-se o Morro da Igreja, com 1822 metros de altitude, considerado o pico mais alto do Sul do Brasil. Está situado nos limites de Orleans com os municípios de Bom Jardim da Serra, Urubici e Grão-Pará. Nas proximidades, situa-se também Janela Furada, enorme rocha transpassada por uma cavidade natural e de rara beleza.

Em 1980, foi construído um Museu ao Ar Livre, que contém as mais diversas indústrias rurais construídas pelos italianos pioneiros e que impulsionaram a força do trabalho no passado. Também destaca-se, como atração turística e cultural, o Paredão de Esculturas, com passagens bíblicas, reproduzidas pelo escultor Zé Diabo.

Quanto ao ensino, Orleans conta com 55 escolas, que abrangem desde o ensino pré-escolar até o superior, contando com aproximadamente 270 professores e 5.000 alunos. Atualmente, a economia do município de Orleans baseia-se principalmente no cultivo de fumo, milho, feijão, mandioca, cana de açúcar, hortaliças e frutas; na criação de bovinos, suínos e aves; na produção industrial de embalagens plásticas, molduras, implementos agrícolas e madeiras beneficiadas, além de forte comércio.

3.5.5 Sananduva (Área RS2)

O município de Sananduva, sob o aspecto fisiográfico, localiza-se na Região Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul – Campos de Cima da Serra (Planalto). O clima é ameno, com temperatura média anual de 17 graus centígrados. Sua povoação teve início em 1901 pelo pioneiro Florentino Bacchi, oriundo de Fazenda Souza (Caxias do Sul) e pertenceu,

até a sua emancipação em 1954, ao município de Lagoa Vermelha, como 4º distrito do mesmo. A colônia de Sananduva foi fundada em 1/6/1902, com 15 mil ha divididos em travessas e linhas. O nome do lugar originou-se de uma árvore, também conhecida como corticeira e que, na época do surgimento do município, era abundante na região.

A localidade rural pesquisada denomina-se São João do Forquilha – assim mesmo, no masculino, pois se refere à curva que o pequeno rio do lugar faz, em forma de forquilha – situada a 8 km da sede em direção nordeste. A localidade remete ao nome da Fazenda São João do Forquilha, de propriedade de Constança Augusta Bueno de Oliveira que, juntamente com seus herdeiros, fundou a Colônia Sananduva. As entrevistas na área rural foram feitas nessa localidade.

Quanto à localização, o município de Sananduva dista 370 km de Porto Alegre, e o acesso se dá principalmente pelas rodovias RS-126 (ligação com lagoa Vermelha). Ao norte, limita-se com Paim Filho; ao sul, com Ibiaçá; ao leste, com Cacique Doble, São José do Ouro e Lagoa Vermelha; ao oeste, com Getúlio Vargas, Gaurama e Tapejara. A área de Sananduva é de 494 km², e altitude da sede é de 595 metros.

A população do município é formada predominantemente por descendentes de italianos (cerca de 90%, conforme depoimento de João Viana, Professor de História do Colégio Estadual e ex-Vereador), provenientes, em sua maioria, das colônias da serra gaúcha: Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi, Antônio Prado, Protásio Alves, Alfredo Chaves, Nova Bassano, entre outras. Esse deslocamento dos italianos para a região de Sananduva ocorreu de forma mais intensa no período de 1905 a 1920. Entre esses imigrantes,

alguns já com filhos nascidos no Brasil, à medida que compravam as terras, esparramando-se pela Fazenda São João do Forquilha em seus mais diversos pontos, bem como arredores, denominando os locais com os mais diversos nomes. Uns tirados de arroios, frutas silvestres e animais; outros, de pessoas, santos e santas (ZAMBONIN, 1975, p. 22).

De acordo o censo do IBGE-2000, Sananduva tem 14.744 habitantes, sendo 8.990 na área urbana e 5.754 na área rural.

Sananduva é um município essencialmente agrícola, tendo a soja e o milho, seguidos do trigo e do feijão, como principais produtos cultivados. Tais culturas ocupam uma área de aproximadamente 32.500 ha plantados. A produção animal é igualmente importante, destacando-se a suinocultura. Conta ainda com cerca de vinte indústrias, com destaque na produção de madeiras, móveis, derivados de carne e moagem de grãos. As propriedades

agrícolas caracterizam-se como minifúndios, uma vez que 64,7% têm menos de 20 ha e 27,8% têm de 21 a 50 ha. No município, existem duas cooperativas: Cooperativa Regional Sananduva de Carnes e Derivados Ltda e Cooperativa Triticola Sananduva Ltda.

A educação no município de Sananduva é feita através de duas escolas estaduais de ensino fundamental e médio, de diversas escolas municipais de ensino fundamental e de uma escola particular. Em 2002, iniciou-se o primeiro curso superior no município, na área de gestão agrícola, oferecido pela UERGS.

Quanto aos aspectos sociais, Sananduva conta com a Aliança Guarani Sananduvense – AGS, com a Sociedade Campestre Piscina Clube e com o Clube de Caça e Pesca Espinheira Santa. Também conta com os clubes de serviço Lions Clube e Rotary Clube. Há na cidade uma rádio. Como se observa, não há no lugar entidades que têm o objetivo de preservar e promover a cultura italiana propriamente dita. No entanto, é comum a promoção de jantares com comidas típicas. O contato cultural e econômico é feito principalmente com Passo Fundo, cidade que dista 70 km de Sananduva. Diariamente, estudantes do lugar viajam a Passo Fundo, onde freqüentam a universidade.

3.5.6 Sarandi (Área RS2)

Sarandi é um município localizado na região denominada Noroeste Riograndense, no estado do Rio Grande do Sul. É um importante pólo industrial que se situa no ponto de entroncamento que liga centros e regiões importantes, como Passo Fundo, o Noroeste do Rio Grande do Sul e o Oeste de Santa Catarina. Fica a 326 km de Porto Alegre, via BR 386, e a 90 km de Passo Fundo, integrando a microrregião de Carazinho. Limita-se a norte com Ronda Alta, Rondinha e Constantina; a sul, com Carazinho e Coqueiros do Sul; a leste, com Pontão; a oeste, com Nova Boa Vista, Barra Funda, Novo Barreiro e São José das Missões.

Na área rural, foram entrevistados moradores do distrito de Barreirinho, localidade situada a 10 km da sede, na direção norte, através da rodovia BR-386. Trata-se de uma pequena vila, cercada por propriedades rurais, considerada tipicamente italiana.

Quanto ao clima, predomina o subtropical úmido, com poucas estiagens. A temperatura varia de 0 a 41° C, sendo a média anual 19° C.

A origem do nome do município é atribuída a um arbusto que crescia em

abundância nas margens dos cursos d'água da região nos primórdios da colonização, iniciada por volta de 1917, com a vinda dos primeiros imigrantes alemães e italianos.

O Município foi criado em 1940, desmembrado de Passo Fundo. Na época, tinha 35.000 habitantes e área de 3.165 km² de extensão, distribuída entre o distrito sede, Liberato Salzano, Ronda Alta e Trindade. Em 1959, ocorre o desmembramento das áreas que constituem os municípios de Constantina, Liberato Salzano, Nonoai, Trindade do Sul e Chapada. Em 1963 e 1964, emanciparam-se Ronda Alta e Rondinha, e, em 1992, Barra Funda, Nova Boa Vista e Pontão. Hoje, Sarandi possui área de 346 km², e a população, de acordo com o Censo IBGE-2000, soma 18.162 habitantes, sendo 14.262 na área urbana e 3.900 na área rural, o que representa 59,09 habitantes por quilômetro quadrado. Além da sede, Sarandi conta com os distritos de Barreirinho e Ati-Açu.

Por volta de 1917/1918, teve início a corrida para a colonização de uma grande região, com florestas virgens, situada entre as margens do rio da Várzea e o rio Passo Fundo. Os primeiros colonos que se instalaram em Sarandi eram de origem alemã, vindos por volta de 1917 das 'colônias velhas' de diversos pontos do Estado do Rio Grande do Sul, principalmente da região de Monte Negro. A partir de 1918, começaram a chegar os primeiros italianos. Outros vieram em sucessivas levadas nos anos seguintes, até por volta de 1940. Esses colonizadores eram, em sua maioria, filhos de imigrantes italianos que tinham se instalado originalmente nas colônias da serra gaúcha. Hoje, os descendentes desses italianos constituem, aproximadamente, 60% da população de Sarandi, segundo depoimentos de alguns moradores locais. Ainda de acordo com esses moradores, o bilingüismo português-italiano é uma realidade ainda presente em quase todas as famílias ítalo-brasileiras de Sarandi, embora os mais jovens estejam usando cada vez menos a língua italiana.

A economia local assenta-se na produção agrícola, principalmente soja, milho, trigo e uva, e na produção industrial, principalmente calçados, derivados de carne, vestuário e móveis. Em 2002, existiam, no município, 127 indústrias, 378 estabelecimentos comerciais, 73 empresas agropecuárias e 125 prestadores de serviços.

Quanto à educação, Sarandi tem 8 escolas municipais e 9 escolas estaduais. São cerca de 1400 alunos no ensino fundamental, 771 no ensino médio e 450 estudantes universitários. Esses estudam em outras cidades, principalmente Passo Fundo.

Quanto ao aspecto cultural, Sarandi realiza diversos eventos, entre os quais: Show de Talentos Locais, Festival de Bandas e Corais, Festival de Música Italiana, Feira Municipal

do Livro, Oktoberfest, Semana Italiana, Rodeios Crioulos e Tiro de Laço, além de exposições agropecuárias e industriais.

3.5.7 Chapecó (Área SC2)

O município de Chapecó situa-se na Região Oeste de Santa Catarina e ocupa uma área de 625,6 km², dos quais 67 km² são ocupados pela sede urbana. A denominação, de origem indígena (“echa” + “apê” + “gô”), que na língua dos Kaigangs significa “donde se avista o caminho da roça”,⁴⁸ foi oficializada em 1917, por ocasião da emancipação do município. Sua população é composta, segundo o censo IBGE-2000, de 146.967 habitantes, dos quais 134.592 moram na área urbana e 12.375 na área rural, o que equivale a 231,03 hab/km². O clima é super úmido mesotérmico, com temperatura média anual de 19,6° C; a altitude é de 679 metros acima do nível do mar.

A localidade rural escolhida para realização das entrevistas chama-se Colônia Cella, situada a 12 km da sede. Trata-se de uma comunidade tipicamente italiana, localizada nas imediações do trevo da BR-282, que dá acesso a Chapecó. Os italianos que se instalaram nesse lugar eram, em sua maioria, procedentes de Guaporé e Serafina Correa, no Rio Grande do Sul. Muitos deles são ainda vivos.

Com *status* de pólo agroindustrial do Sul do Brasil, Chapecó é o centro econômico, político e cultural de uma vasta região, formada pelos municípios do Oeste de Santa Catarina, Sudoeste do Paraná e Noroeste do Rio Grande do Sul. Situada em meio a um entroncamento de rodovias, Chapecó dista 630 km de Florianópolis, 280 km de Curitiba e 500 km de Porto Alegre.

A região Oeste de Santa Catarina, que inclui Chapecó, começou a ser povoada em 1838 por tropeiros paulistas. Em 1839, fazendeiros de Guarapuava/PR deslocaram-se para os “campos de Palmas” e outras Campinas menores, que ficavam ao sul, dentre as quais a Campina do Gregório, na qual se insere o município de Chapecó. Com o objetivo de encurtar o transporte de gado do Rio Grande do Sul para São Paulo, os tropeiros e os fazendeiros abriram a Estrada das Missões, que ia de Guarapuava/PR a Cruz Alta/RS, passando por Chapecó.

⁴⁸ Informação retirada de *folder* fornecido pela Assessoria de Imprensa da Prefeitura Municipal de Chapecó.

Antes, essas terras pertenciam aos índios, principalmente os Kaigangs que, expulsos pelos brancos, refugiaram-se em pequenos “toldos”. Após a Guerra do Contestado, em 1917, o governo decidiu “colonizar” o Oeste catarinense. As áreas de florestas e campos foram, então, divididas em lotes, chamados *colônias*, e vendidos a *colonos* (alemães, italianos e poloneses) do Rio Grande do Sul.

Como no Rio Grande do Sul as terras já eram escassas e caras, as famílias recém-constituídas pelos numerosos filhos e netos dos imigrantes originais decidiram buscá-las nas *colônias novas*, situadas no norte e noroeste do Rio Grande do Sul e oeste de Santa Catarina. Nessa época, índios e posseiros foram expulsos das terras que ocupavam, uma vez que, para “efeito legal”, não podiam provar que eram donos da terra.⁴⁹

Foi nesse contexto que Chapecó se desenvolveu, caracterizando-se como uma cidade marcada pela colonização italiana, que, numa perspectiva histórico-antropológica, é retratada por diversos autores como tendo uma situação de superioridade em relação aos caboclos e índios.⁵⁰ Essa formação étnica influenciou os costumes, as tradições e as características lingüísticas da população local.

3.5.8 Videira (Área SC2)

Conhecida como a Capital Catarinense da Uva e do Vinho, Videira era, em 1918, quando começou sua colonização, uma pequena localidade com o nome de “Vila do Rio das Pedras”. Essa denominação foi substituída, em 1921, por “Perdizes”, visando a atrair novos habitantes, o que, de fato, aconteceu. Muitas famílias descendentes de imigrantes italianos, procedentes do Rio Grande do Sul, fixaram-se naquelas terras e, através da produção agrícola familiar, deram início ao seu desenvolvimento. De acordo com depoimentos colhidos *in loco*, os italianos formam cerca de 50% da população de Videira, sendo a outra metade formada por alemães, poloneses e luso-brasileiros.

O município de Videira, cuja emancipação política ocorreu em 1944, situa-se no Vale do Rio do Peixe, e dista 450 km de Florianópolis, capital do Estado. Faz limites com os seguintes municípios: Caçador e Rio das Antas, a norte; Pinheiro Preto, a sul; Fraiburgo e

⁴⁹ Cf. Renk, 1999, p. 8.

⁵⁰ Cf. Spessatto, 2001, p. 27.

Tangará, a leste; e Arroio Trinta e Iomerê, a oeste. A altitude é de 795 m acima do nível do mar. Possui clima úmido do tipo temperado, com estações bem definidas, e temperatura média anual de 17,1° C. O acesso terrestre pode ser feito através das rodovias SC-453 e SC-303; e o aéreo, através do aeroporto “Prefeito Ângelo Ponzoni”.

As entrevistas rurais foram feitas com moradores de Anta Gorda, uma pequena vila de uma rua só, cercada por propriedades rurais, situada a 15 km da sede urbana de Videira, e moradores de Rondinha, um travessão, distante 10 km da área urbana, e na qual todos os moradores pertencem à família Zago.

Os primeiros registros da presença do homem civilizado na região de Videira foram feitos por volta de 1881, com a família do fazendeiro Pontes Sobrinho na localidade de Rio das Pedras. Sua origem era cabocla (mistura de luso com indígena).

A história de Videira liga-se muito de perto à estrada de ferro São Paulo – Rio Grande do Sul. Para garantir o controle das terras do Sul, o imperador D. Pedro II assinou a concessão da construção da estrada de ferro, em 9 de novembro de 1889, à empresa norte americana *Brazil Railway Company*. Como pagamento, essa empresa recebeu 15 km de terra a cada lado da ferrovia e se obrigava a colonizá-la em 50 anos. Essa concessão resultou em sangrento confronto com os que lá viviam, cerca de 30.000 habitantes, episódio conhecido como *A Guerra do Contestado*, que durou de 1905 a 1912, prejudicando o processo de colonização.

A exploração da madeira pela empresa americana e outras serrarias que lá se instalaram resultou num crime ecológico de grandes conseqüências, pois grande parte das árvores, principalmente araucárias e imbuías, ficavam abandonadas no local. Eram árvores centenárias e de grande tamanho.

A estrada de ferro, ao cortar Santa Catarina, acompanhou as margens do Rio do Peixe, passando por Videira. A viagem inaugural foi realizada em 17 de dezembro de 1910. Local estratégico entre Rio Grande do Sul e Santa Catarina, Videira ganha importante estação ao longo da rodovia, ponto de chegada de muitos imigrantes.

Videira ocupa uma área de 378,4 km² e tem, de acordo com o Censo IBGE-2000, 41.589 habitantes, dos quais 35.787 moram na área urbana e 5.802 na área rural, o que corresponde a 102,5 hab/km². Por sua topografia acidentada, há no município muitos atrativos naturais como rios, cascatas e áreas verdes, entre as quais o Parque da Festa da Uva, com área de 70.000 m², constituído de bosques, áreas de lazer e rica reserva de plantas nativas.

A base da economia assenta-se em atividades agrícolas, industriais e comerciais. No setor primário, destaca-se a produção de pêssego, ameixa e uva; na pecuária, predomina a criação de suínos, aves e bovinos de leite; na indústria e no comércio, destacam-se as cantinas de fabricação de vinho, as indústrias de sucos e de carnes.

Entre as principais instituições culturais de Videira, citam-se: a) Museu do Vinho, que ocupa um prédio, construído em 1931 pelos padres Salvatorianos. Este conta a história da uva e do vinho, possuindo equipamentos utilizados pelos primeiros colonizadores para a fabricação do vinho artesanal; b) Centro de Eventos Vitória – O Clube Vitória foi fundado em 1934 por um grupo de alemães, com a finalidade de preservar a cultura. Conhecido como “Clube Alemão”, no início era ponto de referência dessa etnia. Tendo sido fechado durante a 2ª Guerra Mundial, o Clube Vitória foi reaberto em 1950, em nova sede e, desde então, aberto a todos os videirenses. Adquirido pela Prefeitura Municipal em 1998, foi reformado e adaptado para atender a novas atividades culturais; c) Estação do Vinho – Trata-se de uma completa loja de vinhos que ocupa um prédio histórico da antiga ferrovia, incluindo mais de 100 variedades de vinhos nacionais e importados; d) Centro de Treinamento de Videira – Com infra-estrutura para a realização de cursos nas áreas de fruticultura, mecanização agrícola, processamento de alimentos (leite, carne e frutas), agroecologia, apicultura, manejo de dejetos etc., é responsável pelo desenvolvimento agrícola da região; e) Cantina Modelo – oferece orientação técnica aos viticultores.

3.6 Dimensões e Parâmetros de Análise da Variação e Difusão Lingüística

Tendo em vista os objetivos propostos para esta pesquisa, serão controladas diversas dimensões e parâmetros⁵¹ da amostra, explicitados no *Quadro 2*, a seguir.

Como diretriz geral, a escolha e a seleção dos informantes levou em conta, além dos parâmetros explicitados no *Quadro 2*, o seguinte critério: ter nascido e vivido sempre ou a maior parte de sua vida na comunidade onde mora. Eventuais afastamentos não foram

⁵¹ *Parâmetro* é toda variável (lingüística ou extralingüística), analisada com sistematicidade, que se considera individualmente, como, por exemplo, 'geração II', 'mulheres', 'leitura'. Na literatura sociolingüística, equivale a *fator*. *Dimensão* é o agrupamento de dois ou mais parâmetros que se encontram em relação opositiva (o mesmo que *grupo de fatores*) que se encontram em relação opositiva, por exemplo: 'rural' – 'urbano' ou 'leitura' – 'conversa' – 'respostas a questionário' (cf. H. Thun, 2000a, p. 191, n. 8).

excedentes 10% do tempo de vida. No mais, os informantes têm as características previstas na matriz (ver *Quadro 4*, seção 3.7).

QUADRO 2 – Dimensões e parâmetros controlados pela pesquisa

Dimensões	Parâmetros
Diatópica	Nova Palma/RS (1), Caxias do Sul/RS (2), Sananduva/RS (3), Sarandi/RS (4), Orleans/SC (5), Rodeio/SC (6), Chapecó/SC (7), Videira/SC(8).
Diatópica-cinética	Área RS1 – Caxias do Sul/RS (A1) e Nova Palma/RS (A2)
	Área SC1 – Rodeio/SC e Orleans/SC
	Área RS2 – Sananduva/RS e Sarandi/RS
	Área SC2 – Chapecó/SC e Videira/SC
Diazonal	Falantes do meio rural (R)
	Falantes do meio urbano (U)
Diageracional	Geração de 15 a 30 anos (GI)
	Geração de 45 a 60 anos (GII)
Diastrática	Falantes com nenhuma até 8 anos de escolaridade (Esc1)
	Falantes com mais de 8 anos de escolaridade (Esc2)
Diassexual	Falantes do sexo masculino (M)
	Falantes do sexo feminino (F)
Dialingual	Descendentes de imigrantes italianos bilíngües (ITA)
	Descendentes de luso-brasileiros monolíngües (LUSO)
Diafásica	Conversa livre (C)
	Questionário (Q)
	Leitura (L)
Diarreferencial	Referências metalingüísticas e epilingüísticas

As justificativas para a escolha das dimensões já foram apresentadas na seção 1.3.

3.7 Definição dos Informantes e das Entrevistas

Em cada um dos oito pontos da pesquisa foram feitas quatro entrevistas sempre com grupos de três a cinco informantes com o mesmo perfil. Esses informantes representam, de acordo com os princípios da pluridimensionalidade,⁵² as diferentes dimensões e parâmetros (ver *Quadro 2*), com vistas a permitir posterior comparação e contraste entre falantes da zona rural e zona urbana, entre geração mais jovem e geração mais velha, entre indivíduos mais escolarizados e indivíduos menos escolarizados, entre homens e mulheres, entre italianos e luso-brasileiros etc. A definição dos informantes foi feita a partir do fluxograma do *Quadro 3*, a seguir.

QUADRO 3 – Fluxograma para definição da matriz de informantes da pesquisa



As dimensões *diatópica*, *diafásica* e *diarreferencial*, por serem comuns a todos os informantes, não constam do fluxograma.

A equivalência de parâmetros em todos os pontos da amostra limita-se, então, a quatro dimensões: a) *diatópica* (pontos de 1 a 8); b) *diazonal* (residência rural e urbana); c) *diageracional* (geração I, de 15 a 30 anos, e geração II, de 45 a 60 anos); d) *diafásica* (estilos conversa semidirigida, entrevista através de questionário e leitura de um texto); e) *diarreferencial* (comentários metalingüísticos e epilingüísticos).

A *escolaridade* será investigada seletivamente, usando a escolaridade predominante presumida relativamente às dimensões *diazonal* e *diageracional*. Assim, nos grupos de informantes da zona rural e dos informantes urbanos mais velhos, serão

⁵² Cf. Thun (2000a, p. 189-190), Radtke e Thun (1996).

entrevistados somente informantes de escolaridade 1 (nenhuma até 8 anos de escolaridade), pois partimos do pressuposto de que nesses grupos essa fosse a escolaridade predominante.⁵³ Por outro lado, tínhamos a expectativa de que é nesse nível de escolaridade que tanto falantes bilíngües quanto monolíngües são mais sujeitos à interferência do italiano e menos influenciados pela escola. Em vista disso, somente os informantes da geração I (15 a 30 anos) e urbanos, entre os diferentes grupos da amostra, têm escolaridade superior à oitava série do ensino fundamental.

Para a análise da dimensão diassexual, tendo em vista a falta de simetria entre os fatores, os resultados serão relativizados. Já a dimensão diarreferencial, considerando a impossibilidade de tabulação dos comentários, será analisada qualitativamente.

Quanto às dimensões *dialingual*, considerando que a pesquisa tem seu foco de interesse no contato do português com o italiano, decidimos privilegiar os informantes *bilíngües/descendentes de italianos* (ITA), reservando apenas 1/4 da amostra para informantes *monolíngües/lusos*, sendo, nesse caso, todos da *geração II* e habitantes *urbanos*.

A matriz das entrevistas foi desenvolvida, considerando as seguintes possibilidades de comparação mais relevantes:

- a. Áreas velhas ↔ novas e entre pontos: variação diatópica-cinética
- b. Rural ↔ Urbano: variação diazonal
- c. Rural GI ↔ Rural GII (idade): variação diageracional
- d. Rural GI ↔ Urbano GI (escolaridade): variação diastrática
- e. Rural GII ↔ Urbano GII (bilíngüe/monolíngüe): variação dialingual
- f. Entre todos os informantes, considerando o estilo: variação diafásica

Considerando as justificativas apresentadas, a matriz dos informantes e das entrevistas para cada um dos 08 pontos (municípios) da pesquisa foi definida de acordo com que está relacionado no *Quadro 4*, a seguir.

Assim, a amostra da pesquisa contém 32 entrevistas (8 pontos x 4 entrevistas), sendo: 16 rurais e 16 urbanas; 16 geração I e 16 geração II; 24 escolaridade 1 e 8 escolaridade 2; 24 bilíngües português/italiano e 8 monolíngües português.

⁵³ Constatamos, no entanto, que, na área rural dos pontos pesquisados, há poucos jovens de 15 a 30 anos com o nível de escolaridade previsto para a pesquisa.

QUADRO 4 – Matriz dos informantes e das entrevistas por ponto

Entrevista 1	Urbano (U)	Geração II (GII)	Escolaridade 1 (Esc 1)	Masculino/ Feminino (F/M)	Monolíngüe Português (LUSO)
Entrevista 2	Urbano (U)	Geração I (GI)	Escolaridade 2 (Esc 2)	Masculino/ Feminino (F/M)	Bilíngüe Português-Italiano (ITA)
Entrevista 3	Rural (R)	Geração II (GII)	Escolaridade 1 (Esc 1)	Masculino/ Feminino (F/M)	Bilíngüe Português/Italiano (ITA)
Entrevista 4	Rural (R)	Geração I (GI)	Escolaridade 1 (Esc 1)	Masculino/ Feminino (F/M)	Bilíngüe Português/Italiano (ITA)

3.8 Instrumentos de Coleta de Dados e Procedimentos de Aplicação

Como explicamos, a geolingüística investiga a variação lingüística dentro de uma comunidade de fala, tendo em conta o aspecto da distribuição no espaço geográfico. Neste caso, a comunidade de fala é formada por habitantes de áreas de contato do português com o italiano nos dois estados mais meridionais do Brasil: Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Com base na fala de trinta e dois grupos de falantes, considerados representativos dos oito municípios (pontos de aplicação das entrevistas), pretendeu-se descrever o uso variável de nove traços fonético-fonológicos que, *a priori*, entre outros, caracterizam o contato do português com o italiano. Essa variação será representada cartograficamente, isto é, será exposta horizontalmente na dimensão diatópica através de símbolos colocados nos pontos do mapa básico. Inicialmente, através do Sistema de Processamento de Dados Geolingüísticos (SPDGL),⁵⁴ foram gerados mapas geolingüísticos pluridimensionais simples, isto é, mapas lingüísticos que representam, no caso, o uso de uma variável fonético-fonológica em determinado contexto lexical correlacionado-a a várias dimensões (ver volume de mapas lingüísticos em anexo). Depois, foram elaborados mapas lingüísticos pluridimensionais complexos, que, através de símbolos distribuídos horizontalmente nos pontos de aplicação das entrevistas e informações adicionais, representam, de forma sintética, a soma de um conjunto

⁵⁴ Trata-se de um programa informatizado desenvolvido por Hilda Gomes Vieira, pesquisadora da equipe do ALERS de Santa Catarina, cedido gentilmente pela mesma para a realização de presente pesquisa (cf. Vieira, 1995).

de mapas pluridimensionais da variável lingüística em análise e sua correlação com uma ou com várias dimensões, indicando o grau de difusão do português.

Conforme exigências da dialetologia pluridimensional, os dados relativos aos grupos estandardizados inscrevem-se, verticalmente, no eixo sociolingüístico, representado, neste caso, a exemplo do *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* e do *Atlas Lingüístico Guaraní-Románico* do Paraguai, por uma cruz em cada ponto. Os quatro compartimentos da cruz estão destinados aos quatro grupos estandardizados, constituídos em todas as localidades por, no mínimo, três e, no máximo, por cinco indivíduos, selecionados segundo a zona de residência (urbana e rural), idade (de 15 a 30 anos e de 45 a 60 anos), escolaridade (de 0 até a 8ª série e superior à 8ª série), etnia (descendente de italianos e luso-brasileiros).

Cada uma das entrevistas, feitas de acordo com a matriz apresentada na seção anterior, com duração aproximada de 01 hora, compõe-se de cinco partes (ver *Anexo 4*), a saber: 1) Identificação dos participantes da entrevista; 2) Bilingüismo dos participantes da entrevista e da comunidade; 3) Conversa Semidirigida; 4) Questionário; 5) Leitura.

Antes de iniciar a entrevista propriamente dita, informávamos aos entrevistados o interesse em investigar a etnia italiana, o que inclui o modo de vida da comunidade, a história do lugar e de seus habitantes, os hábitos e costumes da população, sistema educacional, atividades econômicas, atividades culturais etc. Para obter dados lingüísticos menos controlados, evitamos explicitar nosso interesse na língua falada pelos entrevistados. Procuramos centrar a atenção deles nas questões étnicas e culturais, que incluem, obviamente, a(s) língua(s).

As duas primeiras partes da entrevista foram registradas em formulário impresso. Além da identificação da entrevista e dos participantes da entrevista (Parte 1), anotamos dados sobre o bilingüismo dos entrevistados e da comunidade (Parte 2). Essas informações poderão ser úteis na análise dos dados lingüísticos, tendo em vista o contato do português com o italiano e o comportamento dos entrevistados relativamente ao maior ou menor grau de difusão do português na comunidade a que pertencem.

Concluída essa parte que, em geral, teve duração de 30 minutos, dava-se início à conversa semidirigida (de mais ou menos 15 minutos), à aplicação do questionário de 60 perguntas e à leitura do texto “Parábola do Filho Pródigo”. Essas partes da entrevista foram

gravadas em áudio (gravador MD),⁵⁵ copiadas depois em CD, no formato mp3, para posterior transcrição e sistematização dos dados.

Para assegurar maior representatividade da pluralidade dos informantes, que é defendida por Radtke e Thun (1996, p. 43), adotamos, na entrevista semidirigida, a *pluralidade simultânea*, ou de *uma via só*. Ela pressupõe a presença, durante a entrevista, de vários informantes que se complementam e se corrigem entre si. Em nossas entrevistas, reunimos sempre de 3 a 5 participantes, de acordo com os parâmetros estabelecidos. Já nos estilos de resposta ao questionário e de leitura, aplicamos a *pluralidade de várias vias*, ou *sucessiva*, em que um dos participantes da entrevista, em separado, respondeu a todas as perguntas do questionário e fez a leitura de um mesmo texto. Para essas duas últimas partes, escolhíamos um dos participantes que, a nosso ver, representava melhor os parâmetros da entrevista e, como tal, o grupo entrevistado. Fluência e boa dicção também foram levados em consideração. Sempre que possível, o participante escolhido para responder o questionário também era convidado a fazer a leitura, mas isso nem sempre foi possível devido a problemas de visão ou falta de letramento.

A conversa semidirigida tem, em nossa pesquisa, dois objetivos principais: a) obter dados da fala, especialmente dos nove traços fonético-fonológicos controlados pela pesquisa, numa situação de interação relativamente espontânea, isto é, com o máximo de ausência de controle sobre fala, apesar das circunstâncias de uma entrevista desse tipo;⁵⁶ b) levantar comentários metalingüísticos e epilingüísticos para composição da dimensão *diarreferencial* e análise das atitudes lingüísticas dos entrevistados. Para auxiliar na condução da conversa, elaboramos um roteiro (Parte 3), através do qual buscávamos enquadrar a conversa sobre questões étnicas e culturais da comunidade, inclusive sobre as línguas faladas no lugar e as atitudes lingüísticas dos membros da comunidade. As conversas sobre esse tema, apesar do máximo interesse que têm para esta pesquisa, foram conduzidas da forma mais sutil possível, evitando que os entrevistados se apercebessem do foco principal e adotassem registros de fala mais formais. De fato, ao testar essa possível percepção ao final de cada entrevista, quando, então, informávamos aos participantes o real objetivo da entrevista, constatamos que eles, na maioria das vezes, não se deram conta disso.

⁵⁵ Para maior segurança, também fizemos gravação em fita cassete.

⁵⁶ As dificuldades de se obter dados da fala espontânea constituem o chamado *Paradoxo do Observador* (Labov, 1972, p. 209).

As perguntas do questionário têm o objetivo de obter respostas para os nove segmentos fônicos previamente escolhidos para análise (ver seção 1.2). Foram previstos, no mínimo, dez itens lexicais com o contexto de cada uma das nove variáveis lingüísticas eleitas para a pesquisa. No questionário, esses itens lexicais foram misturados para evitar que os entrevistados se apercebessem do objeto enfocado.

Na leitura do texto a “Parábola do Filho Pródigo”, também foram selecionados itens lexicais que apresentam os mesmos contextos das variáveis em estudo (no mínimo, cinco itens para cada uma das variáveis lingüísticas). Alguns itens lexicais do questionário se repetem no texto de leitura. Alguns desses itens também se repetem em algumas das conversas. A escolha desse texto foi feita com base em três critérios: (i) já foi usado em outras pesquisas dialetológicas; (ii) é um texto bíblico, supostamente conhecido pela maioria dos entrevistados e, portanto, de fácil leitura; (iii) apresenta diversos contextos de cada uma das variáveis fonético-fonológicas desta pesquisa.

Os dados colhidos através da conversa semidirigida, do questionário e da leitura visam também a verificar se o comportamento lingüístico dos informantes varia de acordo com a mudança no estilo, ou seja, visam ao levantamento de subsídios para análise da dimensão diafásica.

3.9 Análise e Tratamento dos Dados

Os dados obtidos através das entrevistas foram transcritos e constituem a base sobre a qual conduziremos a análise da difusão do português em contato com o italiano no espaço delimitado para esta pesquisa.

No conjunto, as 32 entrevistas resultaram em cerca de 16 horas de gravação de português falado por falantes bilíngües de português/italiano e por monolíngües de português. Desse material gravado, transcrevemos o que era de interesse para a pesquisa. Da conversa, transcrevemos foneticamente de 4 a 10 itens lexicais com o contexto de cada um dos segmentos lingüísticos enfocados na pesquisa. Nossa meta era obter, no mínimo, cinco ocorrências, mas nem sempre isso foi possível. Como critério, nos casos em que as ocorrências eram em número maior, decidimos transcrever as 10 primeiras ocorrências. Dessa parte da entrevista, transcrevemos, também, os comentários metalingüísticos e epilingüísticos,

visando a confrontar o material lingüístico com a consciência lingüística dos informantes, ou seja, para análise da dimensão diarreferencial. As respostas ao questionário foram todas transcritas foneticamente. Da mesma forma, os itens da leitura previamente previstos para a constituição do *corpus* foram transcritos foneticamente. Nos três estilos, os itens lexicais com mais de um contexto de interesse foram aproveitados para diferentes variáveis, conforme o caso. Em síntese, obteve-se, então, em cada entrevista, uma lista de, no mínimo, 15 ocorrências para cada uma das seis variáveis da pesquisa listadas na seção 1.2, identificadas conforme o estilo: C = conversa, R = reposta ao questionário, L = leitura.

3.9.1 A base de dados do ALERS

Na análise da difusão do português no espaço pluridimensional delimitado para a pesquisa, além dos dados levantados por nós através de 32 entrevistas, vamos nos valer de outras informações já disponíveis relativamente a esse espaço geográfico, principalmente as cartas fonéticas do *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS) que tratam dos mesmos traços enfocados por nós.

Na interpretação do ALERS, de acordo com Altenhofen (2002a, p. 118-120), devem ser considerados os seguintes aspectos:

- a) Os dados representam, mais especificamente, o português rural falado por classes menos escolarizadas (analfabeto ou semi-analfabeto até a 4ª série), homem, com idade entre 28 e 58 anos;
- b) A fala dos informantes bilíngües foi incorporada ao banco de dados nos pontos onde o contingente de bilíngües constitui a maioria dos falantes de português, particularidade que favorece a realização de estudos específicos, como a aquisição de segunda língua, de bilingüismo e de línguas em contato;
- c) A rede de pontos é constituída por 275 pontos na área rural (95 no Rio Grande do Sul, 80 em Santa Catarina e 100 no Paraná) e por 57 na área urbana, totalizando 332 entrevistas;
- d) Os instrumentos de coleta de dados tratam separadamente os fenômenos fonético-fonológicos (com 50 perguntas), morfossintáticos (com 75 perguntas) e semântico-lexicais (com 610 itens – cerca de 800 perguntas);

- e) A cartografia dos dados utiliza mapas ponto-símbolo, acrescidos de gráficos de frequência das variantes em cada espaço e região, destacados (através de hachuramento) os símbolos referentes à variante mais freqüente na região;
- f) Os mapas lingüísticos vêm acompanhados de “quadros de variantes” que detalham as realizações concretas das variantes e suas freqüências, fornecendo ao usuário a possibilidade de conferências complementares e de outras análises não contempladas nos mapas.

O ALERS é um atlas regional, cujos mapas refletem determinadas variáveis lingüísticas no recorte ou dimensão que orientou o levantamento dos dados. Cada mapa é, portanto, “uma fotografia geolingüística” através da qual visualizamos o uso do português pelo segmento da população pesquisado. Acrescente a isso que o ALERS busca registrar a variante lingüística com maior probabilidade de ser a mais freqüente e mais representativa do ponto pesquisado. Isso não significa que seja a única. Tal probabilidade é determinada em termos metodológicos: 1) pela escolha dos informantes; 2) pela ênfase na primeira resposta do informante como sendo a mais espontânea; 3) pela arealização⁵⁷ da variante, ou seja, a ocorrência dessa variante em outros pontos, especialmente os da vizinhança, reforça-se probabilisticamente essa representatividade (representação geográfica).

3.9.2 Tratamento estatístico e cartográfico dos dados

Após a transcrição das entrevistas, os dados relativos às nove variáveis lingüísticas controladas pela pesquisa foram informatizados através do Sistema do Processamento de Dados Geolingüísticos (SPDGL), um programa de computador capaz de gerar diferentes relatórios e confeccionar mapas geolingüísticos de caráter monodimensional ou pluridimensional simples, isto é, um mapa para cada item (as respostas a uma dada pergunta, por exemplo). Em seguida, todas as ocorrências de cada uma das regras variáveis foram processadas estatisticamente através do programa VARBRUL, não só para quantificar os dados relativamente às dimensões (grupo de fatores) previstos, mas também para definir o

⁵⁷ Entende-se por *área* a reunião dos pontos que compartilham entre si traços lingüísticos que a distinguem de outras áreas. *Arealização* constitui, então, o procedimento de demarcação dessas áreas.

peso relativo de cada fator na realização da regra. Como nosso estudo visa a descrever a difusão do português em contato com o italiano, as variáveis independentes pressupõem o confronto de variantes do português considerado padrão, isto é, sem marcas do contato com o italiano, com regras do português de contato, isto é, regras identificadas como interferências do italiano no português.

A apresentação e análise dos dados serão feitas, portanto, com base em tabelas estatísticas, cujos números vão se prestar para a elaboração de mapas pluridimensionais complexos, tendo em vista, como já dissemos antes, que esta pesquisa segue os princípios da geolingüística pluridimensional. Isso significa que o tratamento cartográfico dos dados passa a ter um caráter muito mais complexo do que era a cartografia da geolingüística tradicional, ou seja, passa-se de um detalhamento da superfície bidimensional (arealização dos dados e quantificação), ou apenas monodimensional (simples arealização), para o espaço tridimensional (Thun, 2000a, p. 192). Na geolingüística tradicional, inclusive no ALERS, os dados da pesquisa direta são expostos horizontalmente na dimensão diatópica, registrando-os nos respectivos pontos do mapa base. Em nossa pesquisa, os dados serão inscritos verticalmente, no eixo sociolingüístico, representado por uma cruz em cada ponto. Os quatro compartimentos da cruz representam os quatro grupos pesquisados em cada ponto, conforme foi explicitado no *Quadro 4* (seção 3.7). Na parte superior da cruz, situam-se os informantes urbanos, considerando que, na organização social do espaço pesquisado, eles representam classes sociais mais altas do que os informantes rurais que, em geral, vivem da agricultura de subsistência em pequenas propriedades. Além disso, às vezes os habitantes rurais são considerados “grossos”, isto é, pouco instruídos e usuários de uma variedade lingüística de português marcada pela influência da língua étnica (*sotacon* = língua de colono). À esquerda da cruz, situam-se os mais velhos e, à direita, os mais jovens.

UGII	UGI
RGII	RGI

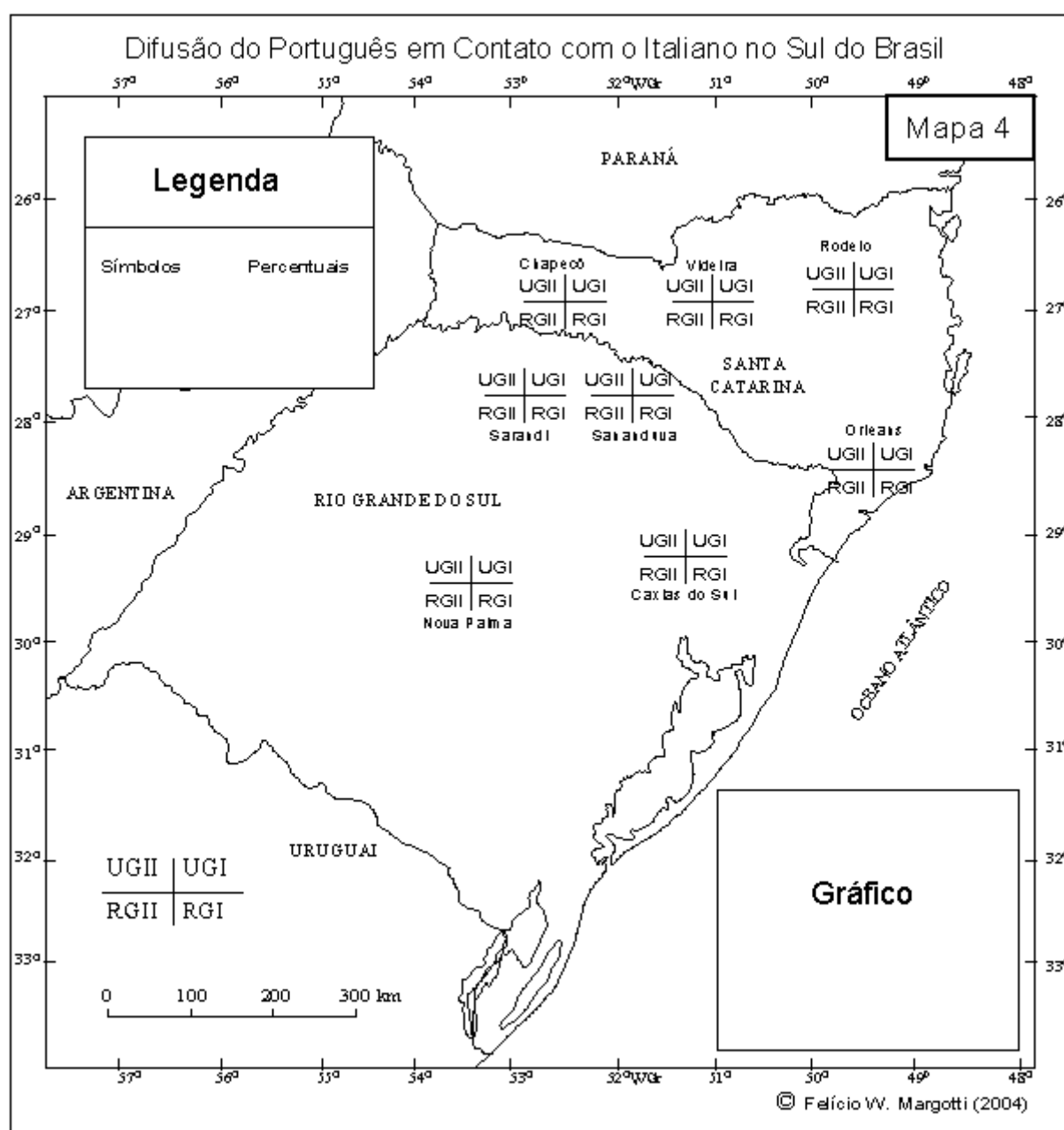
No conjunto, os quatro compartimentos representam quatro mapas sobrepostos, ou seja, a representação complexa de quatro arealizações simultâneas. O sistema, todavia, oferece alternativas de representação areal menos complexas, utilizando dados de três, de dois ou mesmo de um só compartimento. Trabalhando com diferentes alternativas de

representação dos dados lingüísticos, tanto na superfície lingüística (monodimensional) quanto no espaço lingüístico (pluridimensional), que inclui dimensões do eixo horizontal e do eixo vertical, lingüísticas e extralingüísticas, esperamos poder comparar, sistematicamente, os pontos entre si (variação diatópica), áreas velhas com áreas novas (variação diatópica-cinética), áreas rurais com áreas urbanas (variação diazonal), geração mais velha com geração mais nova (variação diageracional), escolaridade da geração I rural com escolaridade da geração I urbana (variação diastrática), bilíngües rurais da geração II com monolíngües urbanos da geração II (variação dialingual), e todos os grupos entre si em três estilos (variação diafásica), entre outras possibilidades de refinamento da análise, como é o caso da variação diagenérica que, em nossa pesquisa, não tem levantamento sistemático de dados.

Assim, o mapa-base dos 8 pontos inclui as 32 entrevistas da pesquisa, conforme se pode visualizar no *Mapa 4*, a seguir.

Além de mapas bidimensionais analíticos, isto é, que representam a arealização simples e a quantificação das ocorrências do traço lingüístico representado, pretendemos confeccionar mapas mais detalhados, ou seja, mapas pluridimensionais complexos.

Para levar a termo essa parte importante da pesquisa, utilizaremos, entre outras ferramentas e técnicas, o Sistema de Processamento de Dados Geolingüísticos (SPDGL). Deste modo, o mapa-base conterá, além da legenda, que identifica a variável lingüística e respectivas variantes, a representação das variantes lingüísticas em cada ponto e em cada um dos grupos entrevistados e uma tabela com os percentuais de ocorrências em cada grupo (dimensão, parâmetro ou combinação de variáveis), de modo que cada mapa evidenciará a arealidade de um grupo (ou de um parâmetro etc.). Para representar o volume de realizações das variantes lingüísticas pelos grupos individualmente, utilizaremos um círculo com 5 configurações possíveis: círculo totalmente hachurado; círculo hachurado em três quartas partes; círculo hachurado em duas quartas partes; círculo hachurado em uma quarta; círculo não-hachurado. As configurações dos círculos serão associadas a uma escala percentual, indicando o grau de difusão da variável lingüística associada ao português, de tal modo que quanto mais hachurado estiver o círculo maior o grau de difusão.

MAPA 4: Base para os procedimentos cartográficos dos dados

CAPÍTULO 4

DIFUSÃO DO PORTUGUÊS EM CONTATO COM O ITALIANO: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Introdução

Neste capítulo, faremos a apresentação e a análise dos dados obtidos através de trinta e duas entrevistas nos oito municípios que constituem a rede de pontos da pesquisa. As entrevistas foram organizadas segundo o princípio da pluralidade simultânea, tendo, nesta pesquisa, no mínimo, três participantes e, no máximo, cinco. Em cada ponto (município) onde foram realizadas as entrevistas, selecionamos quatro grupos padronizados segundo a zona de residência (urbano e rural), idade (de 45 a 60 anos e de 15 a 30 anos), etnia (descendentes de italianos e luso-brasileiros), escolaridade (até a 8ª série e superior à 8ª série).¹ No total, participaram das entrevistas 120 informantes: urbanos luso-brasileiros de geração mais velha – UGII (31 informantes), urbanos ítalo-brasileiros de geração mais nova – UGI (31 informantes), rurais ítalo-brasileiros de geração mais velha – RGII (29 informantes), rurais ítalo-brasileiros de geração mais nova – RGI (29 informantes).

As entrevistas foram realizadas obedecendo à seguinte sequência: preenchimento de um formulário escrito, gravação em áudio (*Mini Disk* e fita cassete) de Respostas a Questionário Fonético-Fonológico com 60 perguntas, Leitura do texto *A Parábola do Filho Pródigo* e Conversa semidirigida, resultando em cerca de 30 minutos de material gravado por entrevista, o que representa, no total, cerca de 16 horas de gravação.

Na Conversa foram abordados assuntos gerais sobre a organização social na comunidade, eventos e entidades culturais, costumes, aspectos lingüísticos etc. (ver roteiro em anexo). Para responder as perguntas do Questionário, selecionamos um dos participantes da entrevista que, segundo a nossa intuição, fosse um bom representante do grupo (ver questionário em anexo). A Leitura do texto *Parábola do Filho Pródigo* foi feita pelo mesmo participante que respondeu o questionário, exceto quando analfabeto ou se negasse a fazê-lo.

¹ Ver matriz dos informantes e das entrevistas por ponto (Quadro 4).

O material em áudio foi transferido para o computador, convertido para o modo mp3, organizado em pastas e transcrito foneticamente.² Obtivemos, assim, um conjunto de dados no estilo **Resposta ao Questionário**, no estilo **Leitura** e no estilo **Conversa**. Algumas respostas ao Questionário Fonético-Fonológico contêm mais de uma variável selecionada para o estudo (*ch-ima-rr-ão*, por exemplo), razão por que o número de ocorrências das variáveis da amostra é superior a 60 respostas multiplicadas por 32 entrevistas. Da Leitura do texto supracitado, transcrevemos 48 itens lexicais representativos das variáveis enfocadas conforme previsto, alguns dos quais também contêm mais de uma variável lingüística selecionada para o estudo. Na Conversa, os itens lexicais variam de entrevista para entrevista, ao contrário do Questionário e da Leitura, cujos itens lexicais para um determinado item são sempre os mesmos. Em vista disso, decidimos fazer a transcrição das 10 primeiras variantes do ditongo nasal tônico [ãw̃], das 10 primeiras variantes da consoante [r]³ e das 10 primeiras variantes da vogal [a] quando seguida de consoante nasal; quanto às demais variáveis em estudo (consoante [t] seguida de [i]; consoante [d] seguida de [i]; vogal átona final [e]; vogal átona final [o]; consoante [ʃ]; consoante [ʒ]), selecionamos as cinco primeiras ocorrências. As razões de selecionar um número menor de ocorrências para essas últimas variáveis são basicamente as seguintes: algumas delas têm baixa frequência ([ʃ] e [ʒ]); outras, apesar de serem bastante freqüentes, não se caracterizam como marcas específicas (estereótipos) do português de contato com o italiano.

Além dos itens lexicais que contêm as regras variáveis em estudo nesta pesquisa, selecionamos, na Conversa, os comentários mais relevantes a respeito da língua, da etnia, da cultura e da organização social, entre outros aspectos, que visam a subsidiar a análise diarreferencial.

A quantidade de ocorrências de cada uma das variáveis lingüísticas da amostra, transcritas foneticamente, por estilo de fala, pode se visualizada na *Tabela 1*, a seguir.

Inicialmente, os dados transcritos foneticamente foram digitados e processados através do SPDGL – Sistema de Processamento de Dados Geolingüísticos. Esse programa, que representa uma grande economia de tempo no processamento de dados geolingüísticos e, ao mesmo tempo, agrega qualidade técnica a esse tipo de trabalho, permite gerar mapas

² A transcrição fonética restringe-se aos itens lexicais que contêm as variáveis lingüísticas controladas nesta pesquisa.

³ Nos seguintes contextos: no início de vocábulos, no início de sílaba medial quando precedida de consoante e entre vogais, nos casos de [r] ter valor fonêmico.

geolingüísticos pluridimensionais (ver exemplos em anexo) e relatórios diversos de modo bastante fácil e rápido. Os relatórios do tipo *Corpus por Item* obtidos através do SPDGL foram, em seguida, submetidos ao processamento estatístico através do Pacote VARBRUL de Suzan Pintzuk (1988)⁴ e inovações posteriores.

TABELA 1 – Distribuição das ocorrências das variáveis lingüísticas pesquisadas, por estilos de fala

Variável	Questionário	Leitura	Conversa	Total
Ditongo nasal tônico [ãõ]	413	128	258	799
Consoante [r]	584	212	252	1.048
Vogal [aN]	494	441	287	1.222
Vogal átona final [e]	380	349	158	887
Vogal átona final [o]	623	352	159	1.134
Consoante [t] seguida de [i]	319	341	157	817
Consoante [d] seguida de [i]	191	251	143	585
Consoante [ʃ]	207	96	112	415
Consoante [ʒ]	283	314	146	743
Total	3.494	2.484	1.682	7.650

Desse modo, os dados sobre os quais se assenta esta pesquisa foram integralmente submetidos ao tratamento cartográfico e ao tratamento estatístico, visando a explicitar melhor a difusão do português falado, no espaço pluridimensional nas áreas bilíngües de contato com o italiano, por descendentes de imigrantes italianos e luso-brasileiros, residentes nos oito pontos de coleta, que é o objetivo principal desta pesquisa.

Os parâmetros espaciais e sociais, considerados variáveis independentes ou grupo de fatores, processados estatisticamente foram os seguintes:

1. *Pontos da pesquisa*: Nova Palma (ponto 1), Caxias do Sul (ponto 2), Sananduva (ponto 3), Sarandi (ponto 4), Orleans (ponto 5), Rodeio (ponto 6), Videira (ponto 7), Chapecó (ponto 8);

⁴ Cf. Brescancini (2002).

2. *Áreas de colonização*: Caxias do Sul e Nova Palma – colônias velhas (Área RS1), Sarandi e Sananduva – colônias novas (Área RS2), Rodeio e Orleans – colônias velhas (Área SC1), Chapecó e Videira – colônias novas (Área SC2);
3. *Zona de residência dos informantes*: urbana e rural;
4. *Idade*: GII (de 45 a 60 anos) e GI (de 15 a 30 anos);
5. *Escolaridade*: Esc 1 (de 0 a 8 anos de escolaridade) e Esc 2 (mais de 8 anos de escolaridade);
6. *Etnia*: ITA (descendentes de italianos) e LUSO (descendentes de luso-brasileiros);
7. *Sexo*: grupo de informantes masculinos, grupo de informantes femininos e grupo misto;
8. *Estilo de fala*: Resposta a Questionário, Leitura e Conversa Semidirigida;
9. *Grupos entrevistados*: 01 a 32.

A dimensão diarreferencial, que se refere aos comentários metalingüísticos e epilingüísticos, devido a dificuldades de padronização, não foi submetida a tratamento estatístico ou cartográfico, razão por que será analisada tão somente no modo qualitativo, como, aliás, já tinha sido previsto.

Já os condicionadores lingüísticos correlacionados às variáveis lingüísticas dependentes foram os seguintes:

1. *Tamanho do vocábulo*: monossílabo, dissílabo, trissílabo e polissílabo;
2. *Classe morfológica*: nomes (substantivos e adjetivos), verbos e outros;
3. *Contexto precedente*: consoante bilabial, consoante labiodental, consoante dental ou alveolar, consoante alveopalatal e palatal, consoante velar, vogal/semivogal (somente para as variáveis: ditongo nasalônico [ãw], consoante átona final [e] e consoante átona final [o]);
4. *Acento lexical*: sílaba átona postônica, sílaba átona pretônica e sílaba tônica (somente para as variáveis: consoante [t] seguida de [i], consoante [d] seguida de [i], consoante [f] e consoante [3];

5. *Contexto seguinte*: vogal [a], vogal [e], vogal [ɛ], vogal [o], vogal [ɔ], vogal [i] e vogal [u] (somente para as variáveis: consoante [ʃ] e consoante [ʒ]);
6. *Posição no vocábulo*: no início, entre vogais e no início de sílaba precedida por consoante (somente para a variável: consoante [r]).

Na sequência, apresentaremos os dados das variáveis estudadas, correlacionando-os às dimensões e parâmetros (grupos de fatores) definidos para esta pesquisa. Apresentamos como fundamento deste estudo alguns mapas geolinguísticos pluridimensionais complexos, conforme foi proposto por Thun (1996, 1998b) e os resultados estatísticos, obtidos segundo a metodologia da Teoria da Variação (WEINREICH et al., 1968; LABOV, 1972), da realização/não-realização das variáveis na fala dos participantes das 32 entrevistas que deram origem ao *corpus*, sempre orientados pelos objetivos da pesquisa e pelas hipóteses levantadas, conforme constam nas seções 1.4 e 1.5. Na seção final do capítulo, analisaremos qualitativamente a dimensão diarreferencial visando a detectar eventuais atitudes que favorecem a difusão do português e atitudes que inibem essa difusão.

4.2 Variação do Português em Contato com o Italiano: variáveis linguísticas

Nesta primeira parte da análise, examinaremos individualmente o modo e a intensidade da variação de cada uma das variáveis linguísticas, correlacionando-as às dimensões e parâmetros espaciais, sociais, estilísticos e linguísticos controladas pela pesquisa.

4.2.1 Realização do ditongo nasalônico [ãũ]

Focalizaremos, nesta seção, o uso variável do ditongo nasalônico [ãũ], que ocorre em posição final do vocábulo. Trata-se do emprego da variante [ãũ], própria do português, e das variantes [õũ] e [õ], associadas ao português de contato com o italiano. Em português, como veremos adiante, não é esperada a redução de ditongos nasais tônicos e, nos

dialetos italianos, conforme atestam Frosi e Mioranza (1983, p. 334-338), inexistiu o ditongo [ãw].

Para melhor compreender o fenômeno da variação ditongo nasal tônico [ãw] no português de contato com o italiano no espaço pluridimensional desta pesquisa, vamos antes examinar parte do que diz a literatura a respeito dos ditongos em português. Segundo Pereira (1919, p. 68), "contrariamente ao gênio da língua-mãe, o português multiplicou o número de seus ditongos no decurso de sua evolução". E assinala quatro causas para a criação de novos ditongos:

- a) hipértese (ou atração da vogal da sílaba seguinte): *primarium* > *primairo* > *primeiro*; *operarium* > *obrairo* > *obreiro*;
- b) Síncope da consoante intervocálica: *amavi* > *amai* > *amei*; *cantatis* > *cantades* > *cantaes* > *cantais*;
- c) Intercalação de vogal eufônica para suavizar o hiato: *arena* > *area* > *areia*; *catenam* > *cadea* > *cadeia*;
- d) Vocalização da primeira consoante dos grupos ct, cs (=x), bs: *pectum* > *peito*; *fructum* > *fruito* (depois *fruto*); *doctrinam* > *doutrina*; *laxare* (=lacsare) > *laixar* > *leixar* > *deixar*; *absentem* > *ausente*.

O ditongo [ãw], que nos interessa aqui, é derivado de diferentes fontes latinas, relacionando-se diacronicamente ora com o paradigma [aN], ora com o paradigma [oN]. As terminações latinas *-anu*, *-ane*, *-one* e *-udine* deram, em português, respectivamente, *-ão*, *-ã*, *-õ(n)*, por causa da nasalidade comunicada pelo [n] à vogal anterior. Aqui é a síncope do [n] intervocálico que explica as formas do português. Os nomes provindos do acusativo latino deram as formas esperadas: *manus* > *mão*, *canem* > *cão*, *leonem* > *leão*, *multitudinem* > *multidão*. Como se pode observar, as terminações *-ã* e *-õ(n)* foram absorvidas pela primeira. O singular dos vocábulos terminados em [ão] neutraliza três estruturas radicais distintas.⁵

Em português, existe a tendência à simplificação dos ditongos decrescentes, reduzindo-os a um som simples, tal como ocorre em: *caxa* > *caixa*, *fexe* < *feixe*, *roba* < *rouba*, *estora* < *estoura*, *interar* < *inteirar* etc.

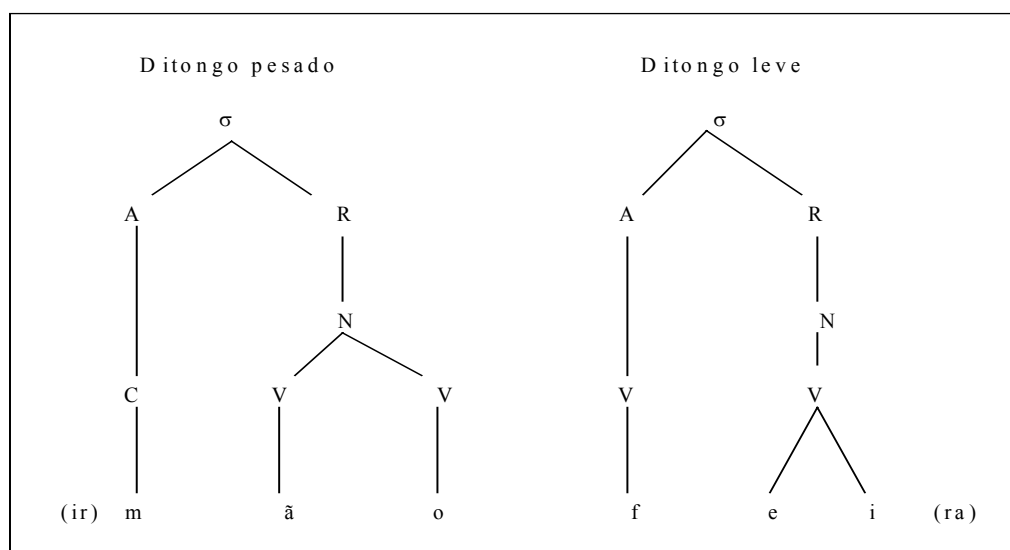
⁵ No plural, mantêm-se as estruturas distintas: *mãos*, *cães*, *leões*.

Essa questão da monotongação dos ditongos já tem sido amplamente discutida também em relação às distintas variedades do português do Brasil, seja na perspectiva variacionista, seja na perspectiva fonético-fonológica.⁶ Todavia, o assunto ainda está longe de ser esgotado.

Sobre os ditongos em português, Bisol (1989) distingue dois tipos: os ditongos pesados e os ditongos leves. Os primeiros ligam-se a dois elementos V, e os segundos ligam-se a um só elemento V na camada prosódica, como é demonstrado a seguir.

Os chamados ditongos pesados (verdadeiros ditongos), segundo a autora, são de natureza lexical, pois estão representados, na estrutura subjacente, por duas vogais, ao passo que os ditongos leves (ou falsos ditongos) são pós-lexicais, uma vez que o glide só se forma próximo à superfície, num processo de assimilação de traços:

o nó vocálico que domina o traço coronal e o nó de abertura espraia para a esquerda, levando consigo os dominados, e como num legítimo processo de assimilação, cria um segmento. Eis aí a origem do glide (Bisol, 1994, p. 129).⁷



Os argumentos de Bisol (1989, 1994) são de que palavras como *beijo*, *frouxo* e *caixa*, que apresentam as variantes *ditongo* ~ *vogal* na fala, têm uma só vogal subjacente, e que a variante como ditongo tem origem no traço secundário da palatal que, ao expandir-se,

⁶ Cf. Araújo (2000), Battisti (1997 e 2000), Carreira (1996), Veado (1993), Paiva (1996), entre outros.

⁷ Cf. Araújo (2000, p. 130).

cria o glide epentético. Esse tipo de ditongo, tido como leve, tende a se monotongar. Assim como o glide antes de palatal pode ser apagado, ele também pode ser acrescido, como em *vexame* > *veixame*, *faxina* > *faixina*. O mesmo raciocínio é aplicado a todos os casos em que o glide não é histórico, mas atribuído a um processo assimilatório. A posição da autora, não de todo confirmada por estudos variacionistas, é de que os ditongos leves tendem a ser perdidos e, por extensão, os ditongos pesados tendem a ser preservados.

E com os ditongos nasais, o que acontece? Entre os diferentes contextos em que se manifesta a nasalidade no português, tem-se aquele que, em posição final do vocábulo, uma vogal seguida de nasal subjacente dá origem ao chamado ditongo nasal tônico (*calção*, *avião*, *expressão*), ou átono (*órfão*, *bênção*, *falam*), e ao monotongo nasal⁸ tônico (*vintém*, *alguém*), ou átono (*hífen*, *homem*).

Para Bisol (1989, p. 197-198), o surgimento do glide em palavras paroxítonas com vogal final [e] seguida de nasal forma um ditongo nasal [ẽj] de caráter fonético, e que dá margem a variantes sem restrições de caráter social: ‘homem’ [‘omẽj] ~ [‘omi], ‘jovem’ [‘ʒovẽj] ~ [‘ʒovi]. Esses vocábulos não apresentam marcador de classe no léxico, e isto significa que, na derivação, não lhes é atribuída vogal temática. O ditongo surge, então, de um processo de assimilação em que a consoante nasal contamina de nasalidade a coda da sílaba.⁹ Assim, o ditongo que surge é derivado, razão por que pode sofrer monotongação. De outra parte, pares de palavras como *limão/limonada*, *irmão/irmanar*, *órfão/orfanato* dão suporte à afirmação de Camara Jr. (1970, p. 47) de que vogais nasais são uma sequência de vogal e consoante. No interior do vocábulo, a consoante nasal nasaliza a vogal, tornando-se homorgânica da consoante seguinte.

Diferentemente dos trabalhos anteriormente citados, Battisti (2000, p. 256) defende a idéia de que ditongos nasais e monotongos que sofrem ditongação, **quando átonos** (grifo nosso), são passíveis de **redução** (grifo da autora), podendo realizarem-se com uma única vogal e sem resquício de nasalidade: [órgão > órgu], [bênção > bênçu], [*homem* > *homi*], [*nylon* > *nylu*]. Em outras palavras: “a atonicidade da sílaba é o que desencadeia a

⁸ Neste caso, é comum aparecer um glide homorgânico junto à vogal nasal final. “Isso indica que nessa posição há um ditongo leve que alterna com uma vogal só em palavras não monossilábicas” (Bisol, 1989, p. 197-198).

⁹ Bisol atém-se exclusivamente à formação do glide que propicia o surgimento de ditongos em palavras não-monossilábicas. Por outro lado, estudos realizados por Tláskal (1980) e Parkinson (1983), citados por Battisti (2000, p. 257), sobre a origem de vogais e ditongos nasais em português, relacionam a redução dos ditongos nasais átonos e a desnasalização ao apagamento do segundo elemento vocálico, portador de nasalidade, argumentando que tais ditongos são monofonêmicos na base, isto é, ditongos leves, de acordo com Bisol (1989).

realização variável da vogal simples” (p. 258), isto é, a redução dos ditongos nasais átonos é resultado de condicionamento prosódico. O que a autora propõe, com base na Teoria da Otimidade, é que a redução dos ditongos está associada à atonicidade da sílaba.

O caráter tônico da sílaba como fator inibidor da desnasalização também é apontado por Guy (1981, p. 329): “sílabas acentuadas [...] não sofrem desnasalização”.

A redução dos ditongos nasais átonos também mereceu a atenção de Votre (1978). Entre as diferentes conclusões de seu estudo, constatou, por exemplo, que as sílabas tônicas apresentam, no falar carioca, garantia absoluta de preservação da nasal: “...parece intuitivamente óbvio que sílabas tônicas, de posição ótima em termos de manifestação fônica, favoreçam a plena produção (e percepção) dos segmentos, e que tal fato se constitua em entrave ao possível desgaste fônico desses segmentos” (p. 206). Por essa razão, a preservação da nasal em monossílabos foi maior do que nos vocábulos com duas ou mais sílabas. Votre conclui que a simplificação da estrutura silábica está associada ao tamanho do vocábulo: quanto mais sílabas tiver, mais propenso à simplificação. Votre aponta, implicitamente, para o fato de que a sílaba final, quando tônica, nunca sofre redução.

Como se observa, nem o argumento da subjacência monofonêmica, que dá origem aos ditongos leves, nem o argumento da atonicidade da sílaba dão conta da realização variável do ditongo nasalônico [ãũ], pois trata-se de um ditongo pesado eônico.

Assim sendo, como explicar as ocorrências a seguir, produzidas por falantes de português nas áreas de contato com o italiano?

... *no* [ve'rõũ], *né?*.

... [ʃima'rõ] *também*.

... *nós aqui comemos* [põ], *salame, queijo*.

Do ponto de vista diacrônico, a substituição de [ãũ] por [õũ] ou simplesmente [õ] no português falado por descendentes de italianos pode, em parte, encontrar explicação no fato de ser o ditongo [ãũ] praticamente inexistente no sistema dialetal italiano falado no espaço geográfico estudado.

“Há, contudo, outra particularidade de maior importância para a descrição e explicação da referida interferência fônica. O problema situa-se fundamentalmente numa estrutura específica do sistema dialetal italiano, originário do latim vulgar. Trata-se, em perspectiva diacrônica, dos nomes que, no latim vulgar, se caracterizavam por uma estrutura final – one” (FROSI; MIORANZA, 1983, p. 335-6).

Em italiano, a evolução deu-se da seguinte forma: *one* > *õ* (*n*).¹⁰ No português, por sua vez, a evolução deu-se da seguinte maneira: *one* > *ãw* (*ão*), conforme já explicamos alhures.

Se no sistema português as três estruturas latinas *–one*, *–ane* e *–anu* convergiram para a única forma *–ão* [*ãw*], no sistema dialetal italiano essas mesmas estruturas evoluíram da seguinte forma: *one* > *õ* (*n*) ou *u*, *ane* > *ã* (*ne*) e *anu* > *ã* (*n*) ou *ã* (*no*). Observe-se, no entanto, que em italiano os nomes com terminação *ã* (*n*) ou *ã* (*no*) têm baixa frequência, ao contrário dos nomes terminados em *õ* (*n*) que, em termos reais, é bastante elevada. “Disto resulta que o processo de interferência fônica do dialeto italiano na língua portuguesa efetua-se com a substituição do *ãu* por *õ* (*n*); nunca *ã* (*n*) ou *ã* (*no*) ocupam lugar de *ãu*” (FROSI; MIORANZA, *op. cit.*, p.337).

Presume-se, então, que o problema situa-se no processo da percepção e estende-se para a articulação. O falante que tem como língua materna um dialeto italiano nunca ouve, em seu sistema de sons original, a sequência [aw] e, sobretudo, nunca ouve esse ditongo nasalizado [*ãw*]. Em razão disso, tem dificuldade em distinguir, na fala de língua portuguesa, [*ãw*] de [*õ*].

Visando a fundamentar a análise da variação lingüística do ditongo tônico [*ãw*], representada, de um lado, pela variante [*ãw*], associada ao português, e, de outro, pelas variantes [*õw*] e [*õ*], associadas ao italiano na fala de português dos ítalo-brasileiros, no espaço pluridimensional delimitado para esta pesquisa, utilizaremos mapas elaborados de acordo com o método da Dialetologia pluridimensional proposto por Thun (1996) e tabelas estatísticas obtidas segundo o método da Teoria da Variação (WEINREICH et al., 1968; LABOV, 1972).

O *corpus* para o estudo do uso variável do ditongo nasal tônico [*ãw*] é de 799 ocorrências, assim distribuídas.

TABELA 2 – Distribuição do ditongo nasal [*ãw*]

[<i>ãw</i>]		[<i>õw</i>]		[<i>õ</i>]		total	
Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
559	70	127	16	113	14	799	100

¹⁰ Observe-se, todavia, que em bergamasco a evolução deu-se de outra maneira: *one* > *u*.

Esses dados foram inicialmente processados através do programa geolinguístico SPDGL, obtendo-se 26 mapas analíticos: 3 no estilo Leitura, 13 no estilo Resposta ao Questionário e 10 no estilo Conversa (são exemplos os *Mapas 119.a, 207.a e 311.a*, em anexo). Em seguida, foi feito o processamento estatístico através do VARBRUL, com o objetivo de correlacionar a variável dependente com a variáveis independentes, listadas anteriormente.

Dentre os grupos de fatores apontados como relevantes pelo programa estatístico VARBRUL, considerando a aplicação da variante [+ptg], isto é, variante [ãw̃], citam-se, pela ordem de relevância: *zona de residência, idade, contexto precedente, pontos de pesquisa, estilo de fala, etnia, tamanho do vocabulário e classe morfológica*.

Vamos examinar, primeiramente, o grupo de fatores *pontos de pesquisa*.

TABELA 3 – Uso do ditongo [ãw̃] e os pontos de pesquisa

	Cidades	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Santa Catarina	Orleans	90/105	86	.79
	Chapecó	74/98	76	.60
	Videira	61/92	66	.40
	Rodeio	53/107	50	.21
Rio Grande do Sul	Sarandi	76/97	78	.67
	Caxias do Sul	70/101	69	.46
	Nova Palma	67/101	66	.44
	Sananduva	68/98	69	.42
	TOTAL	559/799	70	

Input: .79¹¹
Significância: .000¹²

A *Tabela 03* mostra que Orleans, em Santa Catarina, é o ponto da pesquisa que melhor se correlaciona com a variante [ãw̃], atingindo o peso relativo .79. Em sentido inverso, Rodeio, também em Santa Catarina, é a localidade que menos se correlaciona com essa variável, com peso relativo .21. As outras localidades que se correlacionam positivamente com a variante [+ptg] são Chapecó e Sarandi. Como se pode ver, a maior ou menor difusão do ditongo [ãw̃] não está relacionada à idade do ponto. Assim sendo, a variação entre os pontos

¹¹ Indica a probabilidade de aplicação da regra quando o efeito de todos os fatores de todas as variáveis é neutro. (cf. Brescancini, 2002, p. 35).

¹² A significância indica o nível em que a hipótese nula é rejeitada. No caso, há 100% de chance de que o resultado apresentado pelo programa seja verdadeiro. Se o valor fosse .05, haveria 95% de chance de o resultado ser verdadeiro. (cf. Brescancini, 2002, p. 35).

deve ser explicada por outros fatores que intervêm no uso da língua, entre os quais a forma de colonização, a organização social, o grau de desenvolvimento, o contato com outros grupos sociais, as vias de comunicação, as atitudes lingüísticas etc., que precisam ser considerados na análise.

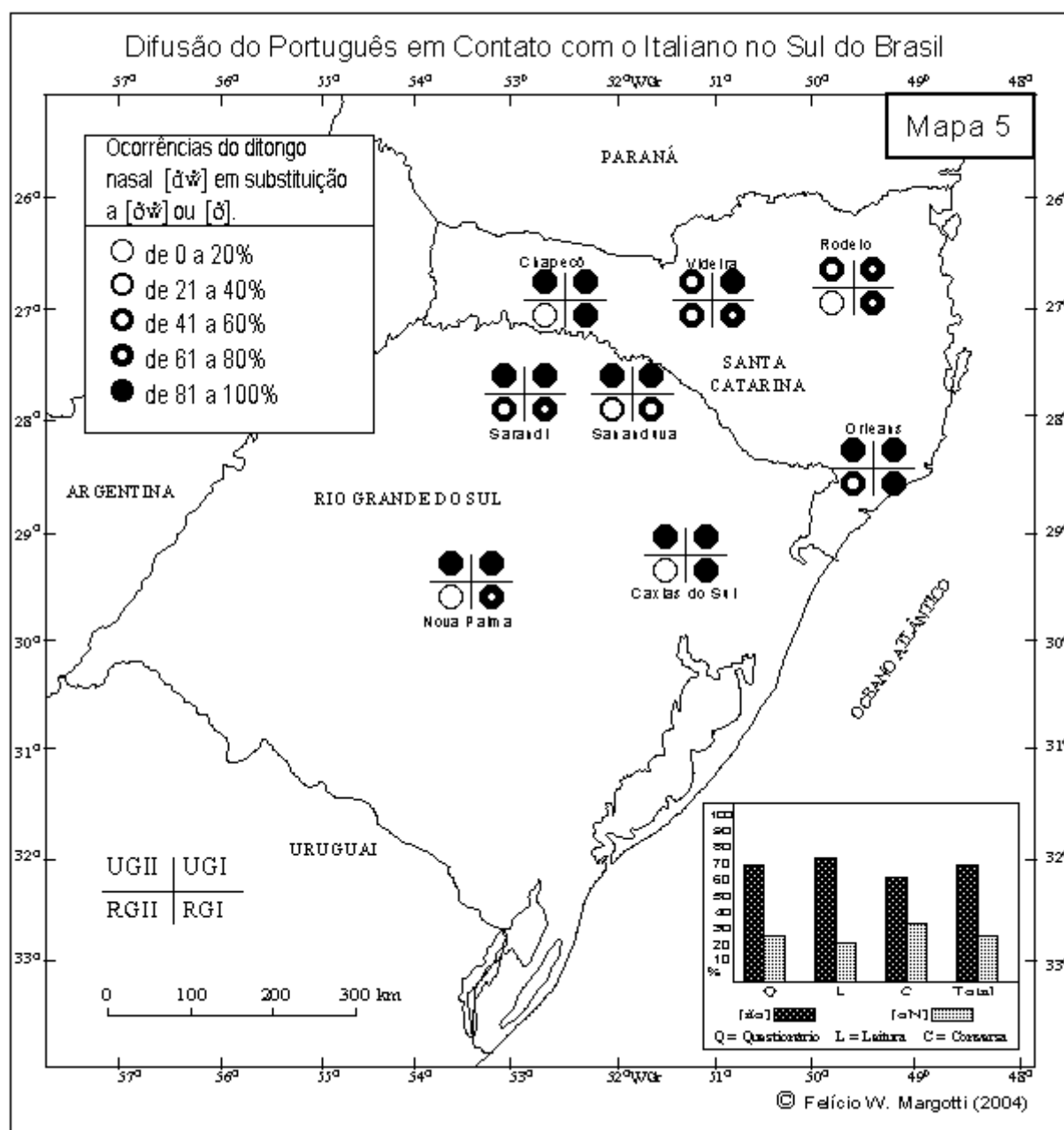
Diante dos resultados, não há como fazer afirmações consistentes a respeito da topodinâmica da variação do ditongo [ãw], tendo em vista o deslocamento de descendentes de italianos que, em tempo pretérito, migraram das antigas colônias para as colônias novas, especialmente das colônias velhas do Rio Grande do Sul para a direção norte. No entanto, parece sintomático que nos pontos em que é menor a presença de italianos – ou porque a população é formada por outras etnias, além da italiana (Orleans e Sarandi), ou porque houve expansão demográfica em função do desenvolvimento econômico (Caxias do Sul e Chapecó), com afluxo de pessoas de outras regiões – ocorram os mais altos índices percentuais de emprego da variante [ãw]. Isso significa que nesses lugares a maior difusão da variante portuguesa se deve justamente à maior presença do português. Ressalte-se, no entanto, que em Caxias do Sul o peso relativo do grupo de fatores *pontos de pesquisa* é .46, indicando uma difusão semelhante a Nova Palma.

Para melhor visualizar o modo e a intensidade da difusão do ditongo [ãw] no espaço pluridimensional, elaboramos o *Mapa 5*, que, na prática, representa a sobreposição de 26 mapas analíticos, gerados pelo SPDGL, sobre essa variável. Com base na escala percentual, representamos em um mapa pluridimensional complexo o uso variável do ditongo [ãw] pelos trinta e dois grupos padronizados que constituem a amostra. Ao mesmo tempo, considerando que os grupos estandardizados ocupam em cada ponto sempre o mesmo vértice da cruz, o mapa dá uma visão macro da variação, tendo em vista não só a variação no espaço, mas também a variação nas sociedades conforme os grupos sejam representativos de falantes urbanos e de falantes rurais, da geração mais velha e da geração mais jovem, dos indivíduos menos escolarizados e dos indivíduos mais escolarizados, dos descendentes de italianos e dos descendentes de luso-brasileiros. Assim, os dados relativos aos grupos estandardizados são expostos, horizontalmente, na dimensão diatópica e, verticalmente, nas dimensões sociais.

O *Mapa 5* mostra claramente uma difusão maior de [ãw] no meio urbano e, predominantemente, entre os jovens. Mostra também que, no meio rural, [ãw] penetra no português de contato dos falantes de italiano através dos jovens. Em sentido inverso, percebe-se claramente a menor difusão nos grupos de indivíduos mais velhos da zona rural (RGII),

justamente aqueles que mantêm o mais elevado grau de bilingüismo. Outro aspecto a ser considerado é que falantes luso-brasileiros, sinalizados no mapa no ângulo superior esquerdo, não realizam a variante [+ptg] em 100% dos contextos, indicando, portanto, que reproduzem certas características do português de contato com o italiano. Isso é mais visível em Videira e Rodeio.

MAPA 5 – Difusão diatópico-social do ditongo nasal [ã̃] em substituição a [ã̃] ou [ã]



As conclusões que nos mostra o mapa pluridimensional da difusão do ditongo [ãw] no português de contato com o italiano são confirmadas igualmente pelo tratamento estatístico. Como se vê pela *Tabela 4*, dentre as diferentes dimensões e parâmetros da pesquisa, a zona de residência (dimensão *diazonal*) aparece como a mais relevante no uso variável do ditongo [ãw].

TABELA 4 – Uso do ditongo [ãw] em relação à zona de residência dos informantes

Zona de Residência	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Urbana	358/410	87	.68
Rural	201/389	52	.31
TOTAL	559/799	70	

Input: .79
Significância: .000

Conforme a *Tabela 04*, os dados dão sustentação à hipótese de que a difusão do português é favorecida pelos urbanos, pois esses falantes priorizam a variante [+ptg], com peso relativo .68, ao passo que os falantes rurais ainda mantêm fortemente a variante com traço [+ita]. É preciso, no entanto, relativizar esses resultados uma vez que, em nossa amostra, os informantes urbanos mais velhos não são descendentes de italianos, havendo, no caso, falta de ortogonalidade¹³ entre informantes rurais de um lado e informantes urbanos de outro lado. Além disso, os falantes urbanos dos grupos UGI, ao contrário dos demais grupos, têm escolaridade superior à 8ª série.

Outro grupo de fatores considerado relevante pelo programa estatístico foi a *idade*.

TABELA 5 – Uso do ditongo [ãw] em relação à idade dos informantes

Idade	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
GII – de 45 a 60 anos	239/406	59	.26
GI – de 15 a 30 anos	320/393	81	.75
TOTAL	559/799	70	

Input: .79
Significância: .000

¹³ Os grupos de fatores não são "ortogonais" quando eles não coocorrem livremente, ou não são sub- ou supercategorias uns dos outros (cf. Guy, 1998, p. 29).

Como se pode observar claramente na *Tabela 05* acima, os falantes mais jovens tendem a empregar a variante [+ptg], ao contrário da geração mais velha, que tende a empregar a variante [+ita], ou seja, [õw̃] e [õ], apesar de a célula UGII ser formada por descendentes de luso-brasileiros. O fato de os falantes urbanos mais jovens serem mais escolarizados do que os demais grupos, aparentemente pouco afeta os resultados, neste caso, pois esse grupo de fatores não foi considerado relevante pelo programa estatístico. Os resultados apontam claramente para a existência de uma mudança em tempo aparente, sustentando a hipótese de que os jovens favorecem a difusão do português.

Uma terceira dimensão considerada importante pelo programa estatístico foi o *estilo de fala*, cujos números estão na *Tabela 6*, a seguir.

TABELA 6 – Uso do ditongo [ãw̃] em relação aos estilos de fala

Estilo	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Leitura	99/128	77	.75
Questionário	296/413	72	.52
Conversa	164/258	64	.33
TOTAL	559/799	70	

Input: .79
Significância: .012

Os números mostram que somente a Leitura favorece o emprego da variante [+ptg], ao passo que a Conversa o desfavorece e o Questionário apresenta uma posição neutra. Considerando que a Leitura é um estilo mais formal do que a Resposta a Questionário e de que este é mais formal do que a Conversa, pode-se projetar que os resultados sustentam a hipótese de que os estilos mais formais, haja vista o maior grau de monitoramento da fala, favorecem mais, neste caso, a difusão dos traços [+ptg] dos que os estilos informais. Convém lembrar que a Leitura é um estilo associado ao ensino escolar e, como tal, tende a reforçar o uso de variantes associadas ao português em detrimento das variantes étnicas, no caso.

E com relação à *etnia*, dimensão também selecionada, o que diz o programa estatístico?

De acordo com a *Tabela 07*, os falantes monolíngües luso-brasileiros lideram o uso da variante [+ptg], com peso relativo de .77. É importante observar, no entanto, que os grupos UGII, constituídos exclusivamente por falantes urbanos, com idade de 45 a 60 anos, descendentes de luso-brasileiros e, em tese, monolíngües, também fazem uso – evidentemente

em percentual menor do que os descendentes de italianos – das variantes associadas ao italiano. Qual é a explicação para isso? Uma possibilidade é o fato de os falantes desse grupo serem minoria na organização social das comunidades pesquisadas e, além de serem minoria, pertencerem a uma classe social mais baixa.¹⁴ Assim sendo, deixam-se influenciar pelo grupo dominante, formado por descendentes de italianos. Outro aspecto pode estar relacionado à necessidade, ou à vontade, de se identificar com os italianos, considerados bem sucedidos econômica e socialmente.

TABELA 7 – Uso do ditongo [ãw] em relação à etnia dos informantes

Etnia	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Descendentes de luso-brasileiros	174/205	85	.77
Descendentes de italianos	385/594	65	.40
TOTAL	559/799	70	

Input: .79
Significância: .000

Dentre as variáveis lingüísticas selecionadas, inclui-se o *contexto precedente* ao ditongo [ãw], cujos resultados são explicitados a seguir.

TABELA 8 – Uso do ditongo [ãw] em relação ao contexto precedente

Contexto precedente	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Vogal ou semivogal	55/71	77	.63
Consoante dental ou alveolar	248/341	73	.58
Consoante bilabial	167/226	74	.56
Consoante velar	45/58	78	.43
Consoante alveopalatal ou palatal	29/67	43	.14
Consoante labiodental	15/36	42	.12
TOTAL	559/799	70	

Input: .79
Significância: .000

O fatores lingüísticos do *contexto precedente* que favorecem a realização da variante [+ptg] são: vogal ou semivogal (.63), consoante dental ou alveolar (.58), consoante bilabial (.56). Os demais contextos precedentes desfavorecem a aplicação dessa regra, especialmente as consoantes alveopalatais ou palatais (.14) e as consoantes labiodentais (.12).

¹⁴ Em geral, não são donos dos meios de produção e exercem atividades braçais, de baixa remuneração.

Note-se, no entanto, que os itens lexicais cujos contextos precedentes desfavorecem a aplicação da regra ocorrem em número reduzido.

De acordo com o programa estatístico, o *tamanho do vocábulo* também é relevante na realização do ditongo nasalônico, pois, como se observa na *Tabela 09*, os vocábulos com mais de quatro sílabas e com duas sílabas, ambos com peso relativo .59, são os que mais favorecem a variante [ãw̃], ao passo que os monossílabos, com peso relativo .32, são os que menos favorecem. Os trissílabos, com peso relativo .49, têm um comportamento quase neutro. Apesar desses resultados, a situação aqui não se parece com aquela apontada por Votre (1978, p. 206), quando diz que a simplificação da estrutura silábica está associada ao tamanho do vocábulo: quanto mais sílabas tiver, mais propenso à simplificação. Aqui, ao contrário do fenômeno discutido por Votre na fala do Rio de Janeiro, o ditongo é tônico e, portanto, resistente à monotongação. Por outro lado, a associação das variantes [+ita] aos vocábulos com maior número de sílabas é negada pelos resultados obtidos pelos dissílabos, com peso relativo igual ao dos polissílabos.

TABELA 9 – Uso do ditongo [ãw̃] em relação ao tamanho do vocábulo

Número de sílabas	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Polissílabo	559/799	70	.59
Dissílabo	223/291	78	.59
Trissílabo	188/280	67	.49
Monossílabo	97/163	60	.32
TOTAL	559/799	70	

Input: .79

Significância: .000

A *classe morfológica* também aparece como sendo relevante no uso variável do ditongo [ãw̃]. De acordo com os resultados do processamento estatístico, os substantivos têm uma influência quase neutra na realização da variante [ãw̃], ao passo que ela é favorecida pelos verbos (.75) e desfavorecida pelas demais classes morfológicas. É preciso, no entanto, levar em conta que a quantidade de verbos e de itens lexicais pertencentes a outras classes gramaticais representam, em número de ocorrências, cerca de 10% do número de ocorrências de substantivos.

As considerações feitas até agora, tanto do ponto de vista da variação quanto do ponto de vista das interferências dos dialetos italianos, indicam que a realização da variante [ãw] é sensível a fatores lingüísticos – *contexto precedente, classe morfológica e tamanho do vocábulo* – e extralingüísticos – *zona de residência, idade, pontos (localidades) da pesquisa, estilo de fala e etnia*. Visto que os falantes mais jovens e os urbanos se distinguem dos mais velhos e dos rurais e visto que as cidades pesquisadas têm diferenças dialetais, a variação do ditongo [ãw] apresenta-se com fortes características de diferenciação diastrática e diatópica, apontando para uma mudança em curso favorável à difusão do português em ritmo acentuado, exceto em Rodeio. Nesta cidade, prevalece ainda um relativo equilíbrio entre a variante portuguesa [ãw] e as variantes italianas [õw] e [õ], em termos percentuais. Todavia, o peso realtivo .21 indica que essa localidade mostra-se resistente à difusão.

Os resultados da presente pesquisa reforçam algumas tendências já identificadas em estudo anterior, com dados do VARSUL (MARGOTTI, 2001). Naquele estudo, cujos informantes eram das cidades de Chapecó/SC e Flores da Cunha/RS, todos ítalo-brasileiros masculinos, mas diferenciados quanto à idade e à escolaridade, o uso da variante [ãw] foi registrada em 75% dos casos, contra 20% das variantes [õw] e [õ].¹⁵ Naquele estudo os resultados também indicaram que a difusão do traço [+ptg] é favorecida pelos falantes mais jovens e escolarizados. No plano diatópico, Chapecó, por ser um centro urbano maior, com presença mais acentuada de falantes lusos, favorece mais a difusão do português do que Flores da Cunha.

Através dos itens lexicais *procissão* e *calção* do ALERS (2002, v. 2, p. 62 e 126, respectivamente), verifica-se também o registro das variantes [õw] e [õ], associadas ao português de contato com o italiano, ou com outras etnias, como o alemão, por exemplo, mas não há, no atlas citado, nenhum mapa sobre o ditongo [ãw].

¹⁵ No estudo citado, foram registrados 5% de ocorrências de [uN], em substituição ao ditongo [ãw] em nonossílabos: *não, tão* etc.

4.2.2 Realização de [r] forte e de [r] fraco

Nesta seção, apresentaremos os dados relativos à variação de [r] forte em início de vocábulos, em início de sílabas precedidas por consoante e em posição intervocálica (neste caso, somente quando representa oposição fonêmica ao [r] fraco em palavras já existentes). Para efeito deste estudo, tendo em vista os objetivos previamente estabelecidos, optamos por caracterizar apenas quatro variantes com base no modo de articulação: i) vibrante [r], ii) fricativa [x], iii) aproximante [ɹ] e iv) tepe [ɾ]. Outras subcategorizações, tais como, vibrante simples e vibrante múltipla, fricativa velar e fricativa glotal, surda ou sonora, entre outras, não foram levadas em conta. Partimos do pressuposto de que a realização do [r] vibrante ou fricativo, nos contextos acima citados, é própria do português brasileiro, independentemente da tendência de mudança no sentido de substituir a vibrante pela fricativa, conforme apontam diversos estudos.¹⁶ Por outro lado, a realização do [r] como tepe, nesses mesmos contextos, constitui-se em uma das marcas do português de contato com o italiano, mencionada pelos próprios informantes.

Com base em estudos feitos anteriormente por diversos autores sobre esse contato, esperávamos controlar apenas essas duas variantes: [r] forte (vibrante ou fricativa) e [r] fraco (tepe). Todavia, durante a coleta de dados e, mais amiúde, ao longo da transcrição, sentimos a necessidade de estabelecer uma terceira variante que desse conta da pronúncia intermediária dessa variável, a saber, [ɹ] aproximante. Nos contextos mencionados, as duas primeiras variantes caracterizam-se como pronúncias típicas do português do Brasil, enquanto as duas últimas caracterizam-se como pronúncias do português de contato com o italiano.

Por suas características articulatórias, o [ɹ] aproximante ocupa uma posição intermediária entre a pronúncia [+ptg], representada, nesse caso, por [r] vibrante e [x] fricativo, e a pronúncia [+ita], representada por [r]. Na articulação de [ɹ], há um estreitamento da cavidade oral, mas a passagem do ar é livre. Ou seja, trata-se de uma consoante que, quanto o modo de articulação, assemelha-se ao [x] fricativo, em que a língua se retrai e eleva o dorso, estreitando a passagem do sopro fônico, mas sem a turbulência provocada nas fricativas. Assim, nos contextos acima descritos, transcrevemos, de um lado, [r] para vibrante e [x] para fricativa; e, de outro lado, [r] para tepe e [ɹ] para aproximante.

¹⁶ Cf. Monaretto (2002, p. 255).

O fenômeno em foco consiste, na fala do português de contato com o italiano, num processo de neutralização de [r] forte e [r] fraco, em contextos nos quais, em português, prevalece o r [forte].¹⁷ A explicação histórica para essa diferença está nos dialetos italianos falados nas áreas bilíngües de português/italiano na Região Sul do Brasil. Nesses dialetos, trazidos do Norte da Itália, só existe uma vibrante simples apicodental.¹⁸ Isso faz com que os falantes bilíngües de português e italiano, ou mesmo falantes monolíngües nas áreas de contato do português com o italiano, tenham dificuldade de estabelecer a oposição que existe em português, substituindo o [r] forte (vibrante ou fricativo) por um [r] fraco (tepe ou aproximante). O [ɹ] intermediário – aproximante, no caso – representa uma pronúncia de transição, indicando que os falantes têm a percepção da diferença fônica entre um [r] e outro, mas não conseguem realizar essa diferença na pronúncia. Por outro lado, em formas como *caro*, *arame* e *areia*, por exemplo, verifica-se uma certa instabilidade na pronúncia, com registros de [ɹ] aproximante ou mesmo de [r] forte no lugar de um tepe. Nas respostas ao Questionário, para os itens citados, registramos, respectivamente, 22%, 28% e 43% de realizações da consoante aproximante [ɹ].

Cabe observar, no entanto, que a realização de [r] fraco nos contextos citados não é uma característica exclusiva do português de contato com o italiano, como se pode observar através de diversos mapas do ALERS (2002, v. 2). O *Mapa 45* (p. 151), que trata da pronúncia do [r] no item *genro*, por exemplo, mostra que o tepe [ɹ] também ocorre na fala dos açorianos, no litoral de Santa Catarina, em comunidades em que há contato com a língua alemã e mesmo em algumas comunidades em que predomina o elemento luso.

A compilação dos dados obtidos através de entrevistas, nos estilos Conversa, Questionário e Leitura, nos levou à obtenção de 1.048 ocorrências, assim distribuídas, de acordo com sua forma de realização:

¹⁷ "Assim, em português o /r/ forte (seja múltiplo, ou velar, ou uvular, ou fricativo) é um fonema oposto a /r/ brando (um único golpe vibratório da ponta da língua junto aos dentes superiores), porque com ele se distingue *erra*, de *era*, ou *ferro*, de *fero*, ou *carro*, de *caro*, ou *corre*, de *core*, e assim por diante" (Camara Jr., 1970, p. 17).

¹⁸ Cf. Frosi e Mioranza (1983, p. 347).

TABELA 10 – Distribuição de [r] em início de vocábulos, em início de sílabas precedidas por consoante e em posição intervocálica

vibrante e fricativa		Aproximante		Tepe		total	
[r]	[x]	[ɹ]		[r]			
Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
522	50	352	33	174	17	1.048	100

Esses dados, transcritos foneticamente, foram digitados e processados através do programa SPDGL, resultando na elaboração de 37 mapas lingüísticos analíticos: 7 no estilo Leitura, 10 no estilo Conversa e os demais no estilo Resposta ao Questionário (são exemplos os *Mapas 140.a, 244.a e 301.a*, em anexo).

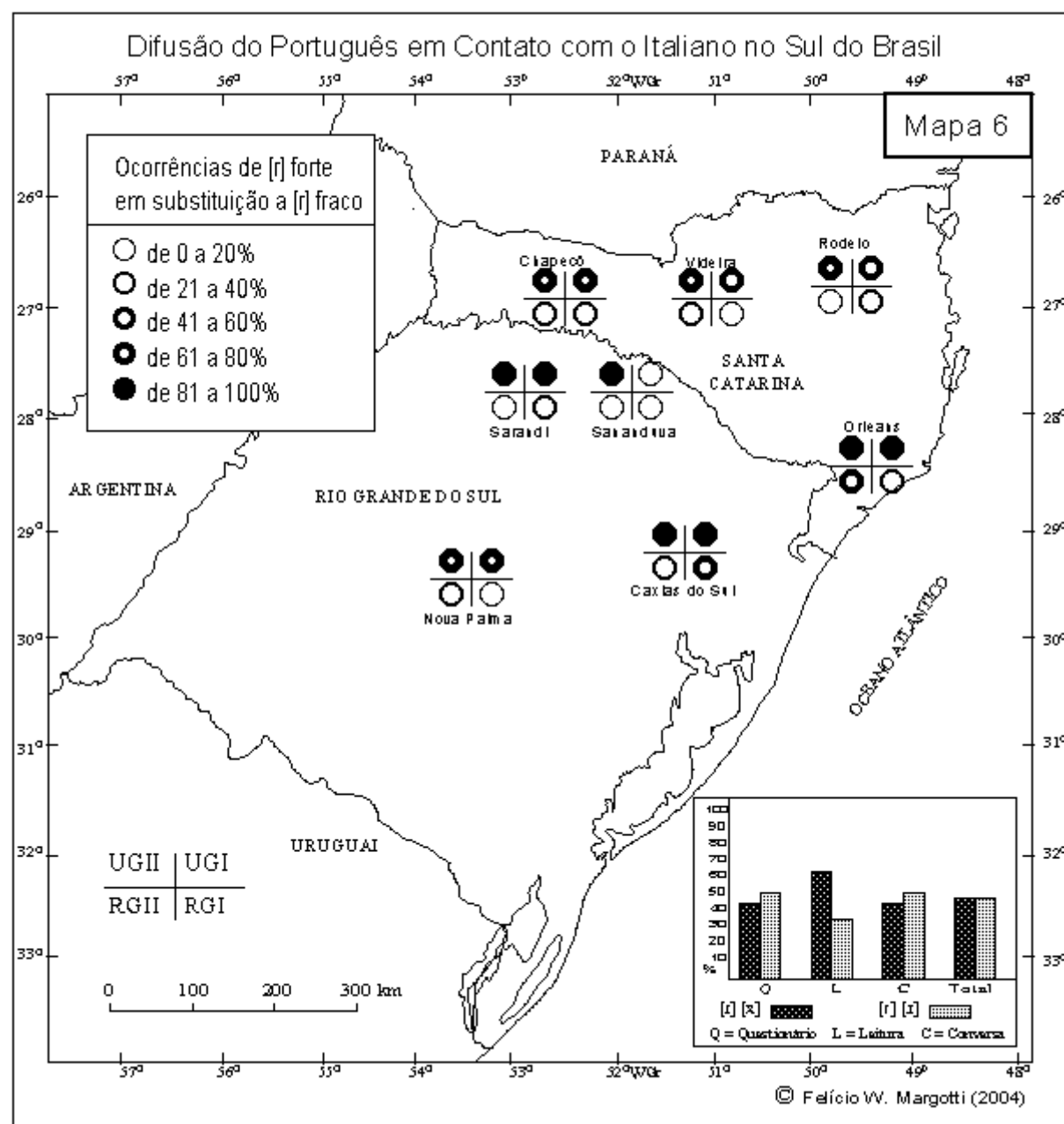
Para efeito de processamento estatístico, tendo em vista a difusão do português no espaço pluridimensional delimitado para esta pesquisa, confrontamos, através do programa VARBRUL, a realização das variantes [+ptg], representadas por [r] e [x], com as variantes [+ita], representadas por [r] e [ɹ], considerada como variável dependente, com as dimensões e parâmetros lingüísticos e extralingüísticos listados anteriormente, consideradas variáveis independentes. O valor de aplicação da regra é o [r] vibrante ou [x] fricativo, tendo em vista que o objetivo é verificar a difusão do português no espaço e nos grupos standardizados das comunidades de fala.

Pela ordem, foram selecionados os seguintes grupos de fatores: *zona de residência, pontos da pesquisa, estilo de fala, colônias novas e velhas, tamanho do vocábulo e sexo*. Entre os grupos de fatores não selecionados, está *posição de [r] no vocábulo*, que se esperava fosse relevante para o caso, haja vista que o [r] intervocálico tem valor fonêmico em português.

Para iniciar a análise, apresentamos o *Mapa 6*, que se refere à variação do uso de [r] no espaço pluridimensional delimitado para a pesquisa, tendo em vista a difusão do português nas áreas de contato com o italiano. Observe-se que o mapa contempla, em cada ponto da pesquisa, os quatro grupos entrevistados. Com isso, além das informações relativas ao ponto (localidade) da pesquisa, o mapa fornece informações sobre a variação associada à zona de residência e à idade dos informantes. Por outro lado, mesmo considerando que somente os grupos de UGII são formados por falantes luso-brasileiros, e que somente os grupos UGI têm escolaridade superior à 8ª série, o *Mapa 6* também fornece informações sobre a variação associada à etnia e à escolaridade dos informantes. De outra parte, haja vista

que quatro pontos da pesquisa (Chapecó, Videira, Sarandi e Sananduva) representam áreas de colonização mais recente e os outros quatro pontos representam áreas de colonização original, este mapa também fornece informações sobre a topodinâmica da variação. Em um quadro posicionado no lado inferior direito, consta, ainda, um gráfico que contempla a variação percentual por estilo de fala. Não está representada através de mapa a dimensão diarreferencial que, conforme previmos na metodologia, será analisada em seção própria.

MAPA 6 – Difusão diatópico-social de [r] forte



O que o *Mapa 6*, que representa a variação percentual do uso do [r], indica a respeito da difusão do português numa perspectiva macro? Primeiramente, a comparação entre pontos – cada um deles inclui quatro grupos – mostra que Orleans e Caxias do Sul e, em parte, também Sarandi, apresentam os índices percentuais mais elevados de uso das variantes [r] e [x], que são associadas ao português, e, em sentido contrário, Videira, Rodeio e Sananduva apresentam os menores índices. Em segundo lugar, a exemplo do que já observamos em relação ao ditongo nasal [ãũ], a difusão do traço [+ptg] é mais intensa nos grupos sinalizados na parte superior da cruz (UGII e UGI), com ligeira vantagem para os indivíduos luso-brasileiros.

Existem ainda outros detalhes que a análise do *Mapa 6* revela. Começemos pelos *pontos da pesquisa*, selecionado pelo programa estatístico como o segundo grupo de fatores mais relevante no uso de [r]. Os números indicam que o comportamento é bastante variável de uma localidade para a outra, apesar de a formação da população ser, na maioria, constituída por descendentes de italianos. Ocorre, no entanto, que cada ponto de pesquisa tem sua própria história, características econômicas, sociais, culturais e lingüísticas que o diferenciam dos demais pontos, além da localização geográfica e das distâncias que os separam.

TABELA 11 – Uso de [r] forte nos oito pontos de coleta de dados

	Cidades	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Santa Catarina	Orleans	96/141	68	.72
	Chapecó	66/129	51	.50
	Videira	52/131	40	.35
	Rodeio	55/138	40	.33
Rio Grande do Sul	Caxias do Sul	85/128	66	.77
	Sarandi	68/127	54	.58
	Nova Palma	60/125	48	.46
	Sananduva	40/129	31	.28
	TOTAL	522/1.048	50	

Input: .52
Significância: .000

Os quatro pontos com índices mais elevados são, na verdade, os mesmos que indicaram uma difusão maior de [ãũ]. Segundo a *Tabela 11*, Caxias do Sul e Orleans lideram a difusão de [r] vibrante ou fricativo, com pesos relativos .77 e .72, respectivamente, seguidos de Sarandi com peso relativo .58 e Chapecó com peso relativo .50. Neste caso

especificamente – mas não no conjunto dos dados de todas as variáveis agrupadas – Caxias do Sul tem uma pequena vantagem sobre Orleans, apesar de este ponto apresentar percentualmente uso maior de [r] associado ao português do que aquele. Em sentido contrário, com tendência desfavorável à difusão de [r] considerado [+ptg], aparecem, pela ordem: Sananduva (.28), Rodeio (.33), Videira (.35).

A comparação dos dados agrupados por colônias novas e colônias velhas, conforme *Tabela 12*, revela que as colônias velhas favorecem o uso de [r] associado ao português: Caxias e Nova Palma com peso relativo .61 (peso relativo alto por conta de Caxias do Sul); Rodeio e Orleans com peso relativo .55 (peso relativo alto por conta de Orleans). Ao contrário, as colônias novas desfavorecem o uso da variante [+ptg]: Chapecó e Videira com peso relativo .45; e Sarandi e Sananduva com peso relativo .39 (peso relativo baixo por conta de Sananduva).

TABELA 12 – Uso de [r] forte nas colônias novas e colônias velhas

	Cidades	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Santa Catarina	Rodeio e Orleans (Área SC1)	151/279	54	.55
	Chapecó e Videira (Área SC2)	118/260	45	.45
Rio Grande do Sul	Caxias do Sul e Nova Palma (Área RS1)	145/253	57	.61
	Sananduva e Sarandi (Área RS2)	108/256	42	.39
	TOTAL	522/1.048	50	

Input: .51

Significância: .0027

A correlação do uso de [r] com os pontos de pesquisa e com as áreas de colonização antigas e novas confirmou a existência de variação em diferentes níveis, como era esperado, mas os dados não dão sustentação integral à hipótese de que as colônias antigas são mais conservadoras, quanto à difusão, do que as colônias novas. Tal hipótese só se confirma em Rodeio, que, em comparação com todos os outros pontos da pesquisa, apresenta o mais baixo índice de difusão da variante associada ao português-padrão.

Entre todas as dimensões, *zona de residência* dos informantes, isto é, a comparação entre a fala de indivíduos residentes no meio urbano e indivíduos residentes no meio rural, aparece como a dimensão mais importante na realização da consoante [r].

TABELA 13 – Uso de [r] forte por falantes urbanos e rurais

Zona de Residência	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Urbana	383/516	74	.76
Rural	139/532	26	.25
TOTAL	522/1.048	50	

Input: .52
Significância: .000

A *Tabela 13* mostra, tanto pela frequência quanto pela probabilidade, tendência favorável à difusão de [r] marcado como [+ptg] entre os habitantes das áreas urbanas, ao contrário do que ocorre com os habitantes das áreas rurais. Esse resultado é favorecido pelo fato de os falantes urbanos estarem representados, de um lado, por falantes luso-brasileiros (grupos UGII) e, de outro, por falantes com escolaridade superior à 8ª série (grupos UGI), ao passo que todos os grupos rurais são formados por ítalo-brasileiros e com escolaridade até a 8ª série.

Outro grupo de fatores considerado relevante no uso de [r] foi o *estilo de fala*, como se pode verificar através da *Tabela 14*, a seguir. Os pesos relativos atribuídos aos fatores indicam que o uso de [r] marcado como [+ptg] é favorecido na Leitura, mantém posição quase neutra na Conversa e é levemente desfavorecido na Resposta ao Questionário. Esses resultados, no entanto, devem ser considerados com cautela, pois o número de ocorrências nesse último estilo citado é superior à soma das ocorrências nos outros dois estilos.

TABELA 14 – Uso de [r] forte, por estilos de fala

Estilo	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Questionário	267/584	46	.41
Leitura	137/212	65	.72
Conversa	118/252	47	.51
TOTAL	522/1.048	50	

Input: .52
Significância: .000

Além do exposto até aqui sobre o uso variável da consoante [r] nos contextos lingüísticos inicialmente descritos, são ainda relevantes, na difusão da regra associada ao

português, a *etnia*, com peso relativo .64 favorável aos luso-brasileiros, e o *sexo*, com peso relativo .72 para os grupos de homens e mulheres (mistos).

Dentre os grupos de fatores lingüísticos, apenas *tamanho do vocábulo* foi selecionado, indicando que os monossílabos são os que mais favorecem a aplicação da variante [+ptg]. Em sentido contrário, isto é, os que menos favorecem a aplicação da referida variante, estão os vocábulos com quatro ou mais sílabas. Por que isso acontece? Difícil saber pelos dados que temos. É possível que os vocábulos de menor carga fônica sejam mais facilmente percebidos e, por via de consequência, são mais propensos à difusão dos traços [+ptg].

Feitas essas considerações sobre o uso de [r] no espaço pluridimensional da pesquisa, nos contextos lingüísticos anteriormente delimitados, podemos concluir que, de fato, ocorre variação em diferentes graus nos pontos selecionados para a pesquisa, tanto no modo quanto na intensidade. Embora as variantes associadas ao português, isto é, [r] vibrante e [x] fricativo, representem somente 50% das ocorrências, há evidências de que há uma mudança em curso favorável à difusão dessa regra. Isso é apontado, no mínimo, pelos seguintes fatos: i) as ocorrências de [ɹ] aproximante, considerada uma pronúncia de transição entre a pronúncia associada ao português e a pronúncia associada ao italiano, superam as ocorrências de [r] tepe em cerca de 50%; ii) a dimensão *zona de residência* é a mais relevante na aplicação da regra variável, revelando que os urbanos – o que inclui de um lado luso-brasileiros e, de outro, italianos jovens mais escolarizados – lideram a aplicação da variante [+ptg]. Como se sabe através de estudos sociolingüísticos, os grupos urbanos e mais escolarizados costumam liderar as mudanças e, em nosso estudo, nada há que indique o contrário. Neste caso particular, há indícios de que a aquisição do português pela via escolar de um lado, e a aquisição da escrita, por outro, também são circunstâncias que contribuíram e ainda contribuem para a denegação dos traços de influência italiana, ou mesmo para a estigmatização.

Ainda convém ressaltar que, em nosso estudo, as consoantes [ɹ] e [r] foram agrupadas em uma única variante associada ao português de contato. Em vista disso, não foi possível analisar em separado os dois tipos de [r], principalmente o [ɹ] aproximante, que apresenta indícios de ser uma pronúncia de transição entre a pronúncia marcada pelo italiano e a pronúncia não-marcada. Além disso, o procedimento metodológico adotado possivelmente explique porque na realização desta variável lingüística, diferentemente das demais, os

falantes mais jovens realizaram mais variantes associadas ao italiano do que os falantes mais velhos.

Mesmo assim, apoiados nos resultados acima explicitados, pode-se deduzir que as variantes [+ptg] representam traços de inovação ao complexo e lento processo de aquisição do português pelas populações alógenas bilíngües no espaço coberto pela pesquisa.

4.2.3 Realização da vogal [a] seguida de consoante nasal

Entre os nove diferentes fenômenos fonético-fonológicos incluídos nesta pesquisa sobre o português de contato com o italiano, consta a análise da variação da vogal [a] seguida de consoante nasal, ou mais especificamente, da vogal [a] seguida de [m], [n] ou [ɲ]. Nos contextos em que a ocorrência da vogal nasal resulta em contraste potencial entre palavras da língua, opondo-as pelo significado, tem-se nasalidade fonológica (distintiva): [kãⁿtɐ] ~ [katɐ], [lẽⁿdɔ] ~ [ledɔ] etc.; nos casos em que não há contraste possível, a nasalidade é fonética (não-distintiva): [pãⁿɔ], [kãmɐ] etc.¹⁹ Sendo a nasalidade distintiva, o fenômeno é categórico; não sendo distintiva, a nasalidade é variável, isto é, a vogal será [+] ou [-] nasal. Num e noutro caso, consideraremos que a articulação da vogal [a] em português-padrão, tônica ou átona, realiza-se como posterior média-baixa, meio-aberta. A realização da vogal [a], nos contextos citados, faz-se com menor abertura da cavidade bucal, resultando em um som mais elevado e mais posterior do que a vogal cardeal [a]. Esse estreitamento dos articuladores, em menor ou maior grau, resulta do abaixamento do véu palatino para a pronúncia da consoante nasal que vem a seguir.

Entre os falantes ítalo-brasileiros, no entanto, nem sempre se faz essa diferenciação, realizando-se o [a] aberto e baixo, indiferentemente de ser nasal ou não. Isso ocorre porque não existe, no sistema dialetal italiano, uma regra fonológica que leve ao fechamento da vogal [a]. Por causa disso, o falante bilíngüe de italiano e português transfere para o sistema fonético do português o som que ouve e fala em sua língua étnica.

Assim sendo, para efeito do estudo da difusão do português nas áreas de contato com o italiano, consideraremos que, no português do Brasil, a vogal [a] seguida de consoante nasal será [+] ou [-] nasalizada e [+] fechada; no português falado pelos ítalo-brasileiros, a

¹⁹ Cf. Camara Jr. (1970, p. 46-47); Abaurre e Pagotto (1996, p. 496).

vogal [a] será [+] ou [-] nasalizada e [-] fechada. O escopo da análise da vogal [a] seguida de consoante nasal será, portanto, o traço [+] fechado, associado à pronúncia do português padrão, independentemente de a vogal ser nasal ou não, e o traço [-] fechado, associado à variedade de português de contato com o italiano.

Levando em conta, então, que, em contextos seguidos de consoante nasal, as variantes [ɑ, ã, ɐ, ẽ] representam a vogal [a] marcada por traços associados ao português-padrão e que as variantes [a, ă] representam a vogal [a] marcada por traços associados ao português de contato com o italiano, coletamos, nos estilos Conversa, Resposta ao Questionário e Leitura, 1.222 ocorrências dessa variável, assim distribuídas:

TABELA 15 – Distribuição da vogal [a] seguida de consoante nasal

Vogal [a] + elevada [ɑ] [ã] [ɐ] [ẽ]		Vogal [a] – elevada [a] [ă]		Total	
Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
1075	88	147	12	1.222	100

Depois de serem transcritos foneticamente, os dados referentes a essa variável foram digitados e processados através do programa SPDGL, resultando em cerca de 37 mapas pluridimensionais: 12 no estilo Leitura, 10 no estilo Conversa e 15 no estilo Resposta ao Questionário (são exemplos os *Mapas 135.a*, *222.a* e *321.a*, em anexo).

Para efeito de processamento estatístico, confrontamos, através do programa VARBRUL, a realização das variantes [+ptg], representadas por [ɑ], [ã], [ɐ] e [ẽ] com as variantes [+ita], representadas por [a] e [ă], considerada como variável dependente, com as dimensões e parâmetros lingüísticos e extralingüísticos listados anteriormente, consideradas variáveis independentes. O valor de aplicação da regra é o uso das variantes associadas ao português.

De acordo com o programa estatístico, nenhum dos grupos de fatores extralingüísticos propostos para a análise do uso variável da vogal [a] em contextos de nasalidade, no espaço pluridimensional da pesquisa, foi selecionado como relevante. Deduz-se que isso tenha ocorrido devido ao elevado percentual de realizações da variante não-marcada pelo italiano (88% das ocorrências). Como a variante já está amplamente difundida em todos os estratos sociais, não há grupos de fatores exercendo o papel de inovadores.

Mesmo assim, vamos examinar os resultados quanto aos *pontos de pesquisa*,²⁰ tendo em vista que os mesmos servirão de base para a elaboração do mapa lingüístico pluridimensional complexo sobre o uso da vogal [a] seguida de consoante nasal.

Através da *Tabela 16*, observa-se que todos os pontos do Rio Grande do Sul correlacionam-se negativamente com a variante [+ptg], na realização da vogal [a] seguida de consoante nasal, ao passo que todos os pontos de Santa Catarina, exceto Videira, correlacionam-se positivamente. No entanto, o fato de o VARBRUL não ter selecionado nenhum dos grupos de fatores diatópicos, diastráticos ou diafásicos pode indicar que a mudança esteja em fase final de realização, o que é reforçado pelo percentual de 88% de realização da variante associada ao português.

TABELA 16 – Fechamento da vogal [a] seguida de consoante nasal, por pontos de pesquisa

	Cidades	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Santa Catarina	Chapecó	141/157	90	(.54)
	Videira	134/154	87	(.47)
	Rodeio	143/157	91	(.58)
	Orleans	145/159	91	(.58)
Rio Grande do Sul	Sarandi	127/147	86	(.46)
	Sananduva	131/151	87	(.47)
	Caxias do Sul	125/146	86	(.44)
	Nova Palma	129/151	85	(.44)
	TOTAL	1075/1.222	88	

Input: .89

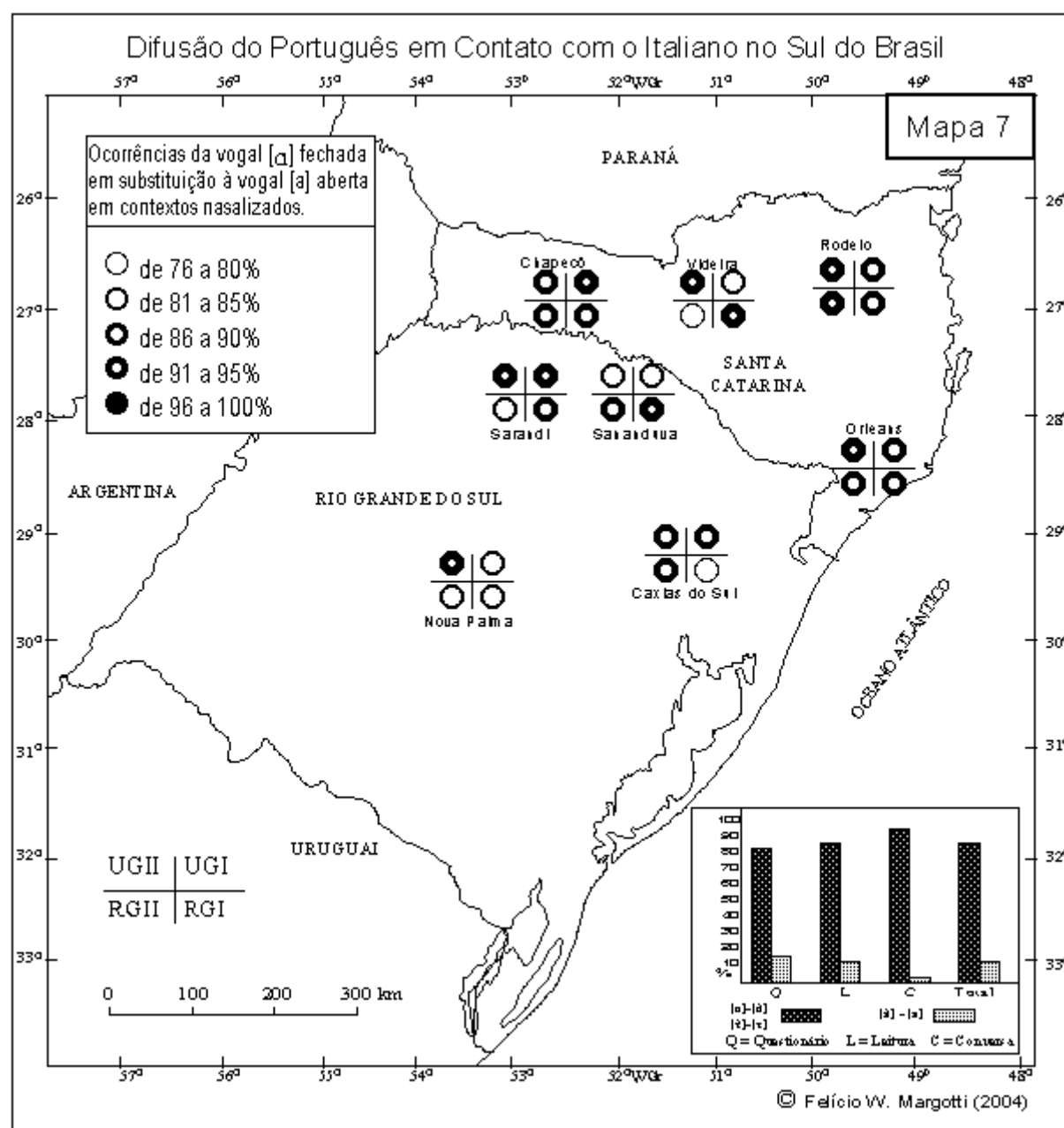
Significância: .535

Vejam os a distribuição das variantes no *Mapa 7*. Através da aferição visual, percebe-se que o menor grau de difusão, na comparação entre os pontos, ocorre entre os ítalo-brasileiros de Nova Palma, onde os grupos UGI, RGII e RGI realizam as variantes associadas ao português entre 83 a 85% dos casos. Já a maior difusão ocorre em Orleans, Rodeio, Sarandi e Chapecó. Todavia, a maior ou menor difusão não pode ser claramente atribuída a estes ou àqueles grupos. Veja-se que, em alguns lugares, por exemplo, os mais velhos realizam mais as variantes associadas ao português (Rodeio, Orleans, Caxias do Sul e Nova

²⁰ Neste caso, os pesos relativos, indicados entre parênteses, foram obtidos no *level one* da rodada.

Palma); em outros, são os falantes rurais (Rodeio, Chapecó), ou ainda os menos escolarizados (Nova Palma, Orleans, Rodeio, Videira).

MAPA 7 – Difusão diatópico-social da vogal [a] seguida de consoante nasal



A comparação entre a fala de habitantes rurais e urbanos, entre mais velhos e mais jovens, entre mais escolarizados e menos escolarizados, entre luso-brasileiros e ítalo-

brasileiros, e entre grupos do sexo masculino, grupos do sexo feminino e entre grupos mistos, revela baixa diferença percentual de realizações das variantes [+ptg] e das variantes [+ita]. Um pouco mais elevada é a diferença percentual entre os estilos, mesmo assim sem que seja possível chegar a indicações mais precisas sobre eventuais tendências. Por isso, nenhuma das hipóteses propostas relativamente aos grupos de fatores extralingüísticos encontra sustentação nos dados sobre o uso da vogal [a] em contextos seguidos de consoante nasal.

Também na análise dessa variável na dimensão diarreferencial não foram registrados comentários de real significado social da variante [a] [+ita], mesmo suspeitando-se de que seu emprego, quando ocorre, se dá de forma consciente, buscando obter certo efeito pragmático que realce, por exemplo, o sentimento de italianidade, ou seja, a identidade italiana (ver seção 4.3.9).

Passemos, então, à análise dos grupos de fatores lingüísticos considerados relevantes, em ordem de importância, a saber: *acento lexical*, *contexto seguinte* e *classe morfológica*.

Examinemos primeiramente o grupo de fatores *acento lexical*.

TABELA 17 – Fechamento da vogal [a] seguida de consoante nasal, considerando sílabas tônicas e sílabas átonas

Acento lexical	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Sílaba tônica	803/809	99	.81
Sílaba átona	272/413	66	.06
TOTAL	1075/1.222	88	

Input: .97
Significância: .000

Conforme está explicitado na *Tabela 17*, observa-se que as variantes [ɑ, ɞ, ɐ, ẽ], consideradas variantes [+ptg], estão fortemente associadas às sílabas tônicas; conseqüentemente, as variantes [a, ɐ̃], consideradas [+ita] estão associadas às sílabas átonas. Ou seja, nas situações em que os segmentos são articulados com mais ênfase e, por isso, mais audíveis, os falantes das áreas de contato do português com o italiano têm poucas dificuldades de realizar as variantes próprias do português dito padrão; no caso de segmentos átonos, mormente os pretônicos, há maior interferência da língua étnica.

Quanto ao *contexto seguinte*, os números estão na *Tabela 18*, abaixo.

TABELA 18 – Fechamento da vogal [a] seguida de consoante nasal e o contexto seguinte

Contexto seguinte	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Consoante alveolar [n] na mesma sílaba	493/495	100	.91
Consoante alveolar [n] na sílaba seguinte	186/211	88	.23
Consoante bilabial [m] na sílaba seguinte	216/336	64	.07
Consoante bilabial [m] na mesma sílaba	101/101	100	knockout
Consoante velar [ŋ]	35/35	100	knockout
Consoante palatal [ɲ]	44/44	100	knockout
TOTAL	1075/1.222	14	

Input: .91

Significância: .000

O que significam esses números? Nos casos em que a vogal [a] é seguida de [m], [ŋ] e [ɲ] na mesma sílaba, ocorre uso categórico das variantes associadas ao português, inexistindo, portanto, interferência do italiano. Do mesmo modo, considera-se categórico o emprego das variantes [+ptg] quando a vogal [a] vier seguida de [n] na mesma sílaba, uma vez que as duas ocorrências de exceção a essa regra referem-se à pronúncia de 'Santo Antônio' [sã^atwã^atonjw], nas quais os falantes omitiram a consoante nasal, deixando, assim, de existir a exigência de um possível fechamento da vogal. Por outro lado, o uso das variantes [ɑ, ɔ̃, ɐ, ẽ] relacionam-se negativamente com os fatores consoantes [m] e [n] na sílaba seguinte. Nesses casos, como se sabe, a nasalização da vogal precedente, seja [a] ou qualquer outra, é facultativa em português: [kãmɐ] ~ [kamɐ], [ãɔ̃] ~ [anɔ̃], por exemplo.²¹ Ora, se em português ocorre de não haver abaixamento do véu palatino para a emissão da consoante seguinte, também não há por que haver o fechamento da vogal, no caso, da vogal [a], pelo menos para os ítalo-brasileiros. É nessa brecha que persiste a realização da vogal [a] aberta seguida de consoante nasal, ou seja, em não percebendo o suave fechamento, os falantes bilíngües do contato português-italiano sentem-se à vontade para realizar a vogal [a] que adquiriram juntamente com a língua materna. No mais das vezes, esses falantes realizam o [a] aberto em contextos seguidos de consoante nasal quando desejam marcar etnicamente sua fala, fato que dificilmente ocorre em situações formais ou diante de estranhos.

O último grupo de fatores que se mostrou relevante para o uso da vogal [a] seguida de consoante nasal foi a *classe morfológica*.

²¹ Cf. Camara Jr. (1970, p. 36-37).

TABELA 19 – Fechamento da vogal [a] seguida de consoante nasal e as classes morfológicas

Classe morfológica	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Verbos	209/228	92	.60
Nomes	717/819	88	.49
Outros	149/175	85	.44
TOTAL	1075/1.222	88	

Input: .89

Significância: .099

De acordo com a *Tabela 19*, os verbos correlacionam-se positivamente com a variante [+ptg], outras classes, porém, evidenciam uma correlação negativa. Os nomes, que aparecem em grande maioria em nosso *corpus*, comportam-se de forma quase neutra em relação a essa regra variável.

4.2.4 Alçamento da vogal átona final [e]

Como foi explicatado na sessão 1.2.2, em posição átona final, o quadro de vogais em português, segundo Camara Jr. (1970, p. 44), resume-se a três: [a], [i], [u]. Todavia, no Sul do Brasil, as vogais médias em final de palavra tendem a se manifestar ora como vogais médias, ora como vogais altas (VIEIRA, 2002, p. 128). Isso também é apontado pelo ALERS (2002, v. 2), através do *Mapa 08* (p. 55) sobre o item lexical *sete*. Esse mapa revela também que o não-alçamento da vogal átona final [e] não é uma característica dos falantes que habitam os pampas gaúchos, negando, portanto, tal estereótipo atribuído à fala do gaúcho. Todavia, em São Borja, com dados da fala urbana do VARSUL, Vieira (2002, p. 153) registrou 60% de não-alçamento. No plano diatópico, no Rio Grande do Sul, a preservação do [e] em posição final é uma característica do português falado em áreas de colonização européia em contato com línguas de imigrantes europeus, principalmente o italiano. Em Santa Catarina, prevalece o não-alçamento em toda a faixa oeste, desde a serra até a fronteira. No Paraná, segundo o ALERS, o não-alçamento está mais associado ao dito Paraná antigo (Sul, Sudeste), e o alçamento ao Paraná novo (Norte, Noroeste).

Para melhor compreender o fenômeno do não-alçamento da vogal átona final [e] na fala de português dos ítalo-brasileiros, é preciso fazer algumas considerações sobre a

estrutura dos dialetos italianos falados nas áreas da pesquisa, mormente o vêneto e o trentino. Para isso, valemo-nos das explicações de Frosi e Mioranza (1983, p. 346-347).

Nos dialetos vêneto e trentino, o tema da maior parte dos nomes no singular, sejam masculinos, sejam femininos, é marcado pelas vogais [a], [o], [e]. A vogal [i] aparece em alguns advérbios, alguns numerais, nos dias da semana e em algumas formas verbais. De modo genérico, pode-se dizer que, no singular, a vogal temática que mais ocorre é [e], tanto em nomes masculinos, quanto em femininos; no plural, [i] é morfema de número dos nomes masculinos, enquanto [e] é morfema de número dos nomes femininos. Conclui-se, então, que no italiano falado nas áreas de colonização italiana no Sul do Brasil, haja vista a formação da coiné vêneta, predomina, em posição átona final, a vogal [e] sobre a vogal [i], pois aquela aparece tanto no singular quanto no plural.

Assim sendo, ocorre que, na fala de português, os ítalo-brasileiros acabam, por vezes, obedecendo à estrutura da língua étnica, isto é, evitando o alçamento da vogal átona final [e], uma vez que o [i] final, em italiano, marca o plural dos nomes masculinos. Apesar disso, as realizações de [i] em substituição a [e] átono final, nas áreas delimitadas para esta pesquisa, revelam que a estrutura do português se difunde de forma cada vez mais intensa entre os descendentes de imigrantes italianos. É o que veremos a seguir.

Consideraremos, para tanto, que as ocorrências de [i] ou de [ɪ] associam-se à fala do português-padrão, enquanto as ocorrências de [e], nessa posição, associam-se ao italiano. Desse modo, quanto maior o número de ocorrências das variantes consideradas [+ptg], maior a difusão do português no espaço pluridimensional da pesquisa.

Feito o levantamento dos dados e a respectiva tabulação, obtivemos 887 ocorrências da regra variável, assim distribuídas:

TABELA 20 – Distribuição da vogal átona final [e]

Variantes [i] e [ɪ]		Variante [e]		Total	
Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
305	34	582	66	887	100

De acordo com esses dados, portanto, prevalece o uso da vogal [e] em posição átona final, demonstrando, assim, o uso variável de [e] e de [i] nessa posição. Os resultados, aliás, são percentualmente muito próximos daqueles obtidos por Roveda (1998) com dados do

VARSQL, relativamente a falantes bilíngües de português e italiano em Chapecó e em Flores da Cunha.

Inicialmente, esses dados foram processados pelo SPDGL, através do qual foram confeccionados 28 mapas analíticos, sendo 11 no estilo Leitura, 12 no estilo Resposta ao Questionário e 5 no estilo Leitura (são exemplos os *Mapas 147.c, 240.a e 331.a*, em anexo). Os relatórios gerados pelo mesmo programa computacional foram codificados para fins de processamento estatístico através do programa VARBRUL, tendo em vista a correlação da variável independente com os grupos de fatores espaciais, sociais, estilísticos e lingüísticos, conforme previsto.

Dentre os grupos de fatores, foram considerados relevantes os seguintes, pela ordem: *estilo de fala, zona de residência, pontos de pesquisa, idade, dimensão dos vocábulos, sexo, classe morfológica e contexto precedente*.

Começamos a análise pela dimensão espacial, ou mais especificamente, *pontos de pesquisa*. Como se vê pela *Tabela 21*, há dois pontos (localidades) em que a variante associada ao português, isto é, o alçamento da vogal átona final [e], apresenta alto grau de difusão: Orleans (.91) e Caxias do Sul (.71). Em sentido inverso, ocorre baixa difusão da variante [+ptg] em Rodeio (.23), Sananduva (.35), Chapecó (.37), Sarandi (.39) e Videira (.41). Posição quase neutra encontra-se em Nova Palma.

TABELA 21 – Alçamento da vogal átona final [e] por pontos de pesquisa

	Cidades	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Santa Catarina	Orleans	92/111	83	.91
	Videira	28/112	25	.41
	Chapecó	25/112	22	.37
	Rodeio	14/111	13	.23
Rio Grande do Sul	Caxias do Sul	60/111	54	.71
	Nova Palma	37/110	34	.51
	Sarandi	26/110	24	.39
	Sananduva	23/110	21	.35
	TOTAL	305/887	34	

Input: .33

Significância: .000

Os resultados indicam, a exemplo de outras variáveis, que Orleans e Caxias do Sul, apesar de representarem áreas de colonização italiana original, estão se libertando rapidamente das influências lingüísticas do italiano: Orleans por ter sido colonizada por

imigrantes de origens diversas, mesmo considerando a prevalência dos italianos, e Caxias do Sul por ser uma grande metrópole, em acelerado grau de desenvolvimento.

Rodeio, pelos resultados obtidos na realização dessa variável – também pelos resultados obtidos em outras variáveis –, demonstra ser, dentre os pontos pesquisados, o mais italiano de todos, ou melhor dizendo: o ponto em que a estrutura do italiano – trentino, principalmente – mais interfere na fala de português. Ou dito de outra forma, Rodeio é o ponto que mais resiste à adoção de traços do português.

De outra parte, os desempenhos díspares entre colônias novas e velhas fizeram com que a dimensão areal, na qual agrupamos colônias velhas e colônias novas em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, não fosse considerada relevante pelo programa estatístico. Isto quer dizer que, relativamente ao uso da vogal átona final [e], a intensidade da difusão do português não está associada à idade do ponto, considerando a época em que ocorreu a colonização italiana. Por outro lado, também não se pode correlacionar a maior ou menor intensidade de uso da regra à migração interna, dado que o Nordeste e o Norte do Rio Grande do Sul, o Meio-Oeste e o Oeste de Santa Catarina foram colonizados por descendentes de imigrantes que se deslocaram das antigas colônias do Rio Grande do Sul.

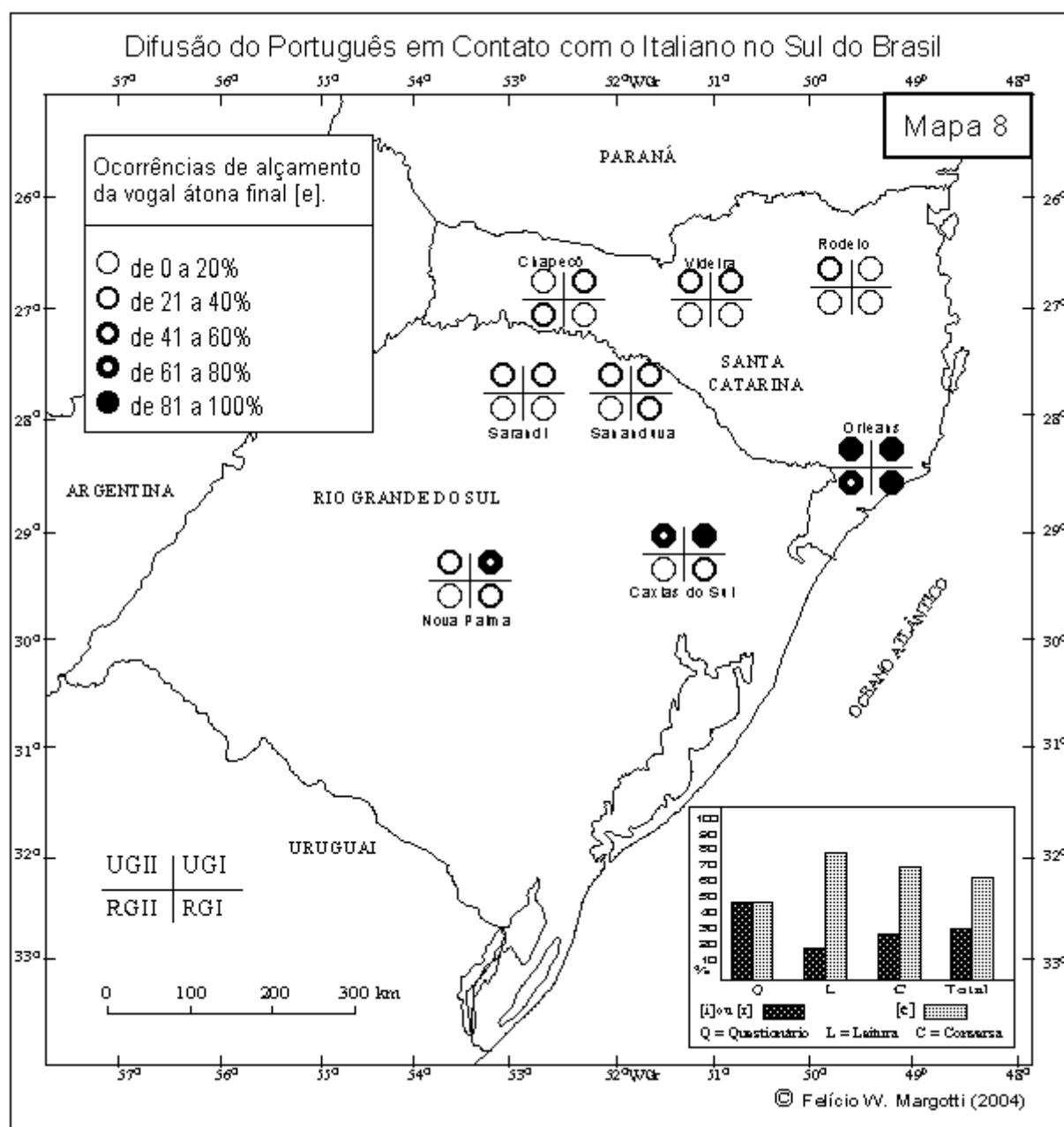
A sobreposição dos 28 mapas pluridimensionais gerados pelo SPDGL, relativamente às 887 ocorrências de [e] átono final, permitiram a confecção do *Mapa 8*, que dá conta da intensidade e do modo como essa regra variável é usada pelos 32 grupos entrevistados.

No mapa lingüístico pluridimensional, os símbolos associados ao percentual de ocorrências da variante explicitada na legenda indicam, progressivamente, o grau de difusão da regra associada ao português, ou seja, quanto mais preenchido de preto estiver o círculo, maior a sua difusão, e vice-versa. Observando o desempenho dos quatro grupos em cada um dos pontos, percebe-se que, em geral, ocorre maior difusão da variante [+ptg] nos grupos de falantes urbanos, indicados na parte superior da cruz, compostos por lusos mais velhos e com pouca escolaridade, à esquerda, e por ítalo-brasileiros mais jovens e mais escolarizados, à direita. Mesmo assim, aparecem com percentuais baixos, exceto em Orleans e Caxias do Sul. Em Orleans, o grau de difusão da variante [+ptg] também é alto entre os habitantes rurais.

Ainda de acordo com o *Mapa 8*, percebe-se que a ausência de alçamento da vogal átona final [e] se mantém sobretudo nos pontos de colonização mais recente, além de Rodeio. Em sentido oposto, Orleans e Caxias do Sul, que são colônias antigas, mostram um estágio

mais avançado na direção da difusão do traço [+ptg]. É provável, no entanto, que esse desempenho não seja determinado pela idade do ponto, mas por outras características sócio-econômicas de cada um dos pontos: as dimensões metropolitanas e de desenvolvimento de Caxias do Sul, com intenso afluxo de falantes lusos, entre outros aspectos, e a composição da população em Orleans, com a presença de poucos falantes bilíngües de português e italiano.

MAPA 8 – Difusão diatópico-social do alçamento da vogal átona final [e]



O gráfico do *Mapa 8* indica que a variante associada ao português, isto é, [i] e [ɪ], cresce nas respostas ao questionário. Como se pressupõe que nesse estilo de fala os informantes fiquem mais focados na forma do item lexical perguntado, é possível deduzir que o aumento no percentual de ocorrências do traço [+ptg] indique que a valorização social desse traço seja percebida pelos falantes.

Essa análise da distribuição areal pode ser ainda mais refinada com o auxílio do VARBRUL, que considerou a *zona de residência* (urbana e rural) o segundo grupo de fatores mais relevante no uso da regra, conforme pode ser visto no *Tabela 22*.

TABELA 22 – Alçamento da vogal átona final [e] e a zona de residência

Zona de Residência	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Urbana	202/443	46	.71
Rural	103/444	23	.29
TOTAL	305/887	34	

Input: .27
Significância: .000

Os números acima indicam que os habitantes urbanos se correlacionam positivamente com a regra de alçamento da vogal átona final [e], ao contrário dos habitantes rurais, que se correlacionam negativamente com essa regra. O fato de todos os grupos rurais serem constituídos por descendentes de italianos, além de preservarem o italiano mais do que os urbanos, explica em parte os resultados, dando sustentação à hipótese de que a difusão do português é mais favorecida pelos falantes urbanos.

E o grupo de fatores relacionado à *idade*, como atua nesse caso?

TABELA 23 – Alçamento da vogal átona final [e] e a idade

Idade	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
GI – de 15 a 30 anos	171/446	38	.61
GII – de 45 a 60 anos	134/441	30	.39
TOTAL	305/887	34	

Input: .27
Significância: .013

Os falantes mais jovens levam vantagem sobre os mais velhos quanto à difusão da regra associada ao português, conforme previsto na hipótese inicial, apontando uma provável existência de mudança em curso.

Sexo é outro grupo de fatores sociais que atua sobre o uso variável de [e] átono final. Os números mostram que os grupos formados por falantes masculinos lideram a difusão da regra associada ao português, com peso relativo .58, ao passo que os grupos formados por falantes do sexo feminino e os grupos mistos correlacionam-se negativamente com essa regra. Sendo assim, pelo menos neste caso, os resultados contrariam as conclusões de outros estudos sociolingüísticos, nos quais as mulheres exercem a vanguarda das mudanças lingüísticas. Os resultados obtidos apontam, conseqüentemente, no sentido contrário à hipótese inicialmente colocada. No entanto, é preciso levar em consideração que a amostra carece de ortogonalidade quanto a esse aspecto, pois os grupos formados por homens é maior do que os outros dois grupos somados.

Entre os grupos de fatores lingüísticos que atuam no uso variável de [e] átono final, constam: *tamanho do vocábulo*, *classe morfológica* e *contexto precedente*. Os números mostram que se correlacionam positivamente com o alçamento da vogal átona final [e] os vocábulos dissílabos, as classes distintas dos nomes e dos verbos e os vocábulos em que a vogal [e] está precedida de consoante dental ou alveolar.²² Todos os demais fatores lingüísticos ou são quase neutros, com peso relativo próximo a .50, ou correlacionam-se negativamente. No entanto, convém esclarecer que esses grupos de fatores aparecem em posições finais na lista das variáveis consideradas importantes no uso da variável dependente. Isso é uma forte evidência de que a realização ou não da regra variável está muito mais associada a fatores diatópico-sociais do que a lingüísticos.

Falta ainda analisar os números relativos à dimensão diafásica, isto é, aos *estilos de fala*, selecionada em primeiro lugar pelo programa estatístico.

Observa-se pela *Tabela 24* que a aplicação da regra de alçamento da vogal átona final, própria do português, é fortemente favorecida na Resposta ao Questionário, apontando, em parte, em sentido contrário à hipótese inicial, isto é, de que a difusão do português seria favorecida pelos estilos mais formais.²³

²² Roveda (1998, p. 77) verificou que o alçamento da vogal [e] em comunidades bilíngües português/italiano é favorecido quando é precedida por consonantais altas, dorsais e palatais.

²³ Consideramos, neste caso, que Leitura é mais formal do que Resposta ao Questionário que, por sua vez, é mais formal do que Conversa.

TABELA 24 – Alçamento da vogal átona final [e] e os estilos de fala

Estilo	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Questionário	189/380	50	.72
Conversa	45/158	28	.44
Leitura	71/349	20	.29
TOTAL	305/887	34	

Input: .27
Significância: .000

Com base nos dados apresentados e na análise feita, conclui-se que, nas áreas de contato do português com o italiano, a vogal átona final [e] configura-se como regra variável: 34% das ocorrências da amostra realizaram-se com [i] ou [ɪ] e 66% delas realizaram-se com [e]. Apesar de prevalecer a variante [e], que, no caso, é considerada a variante [+ita], há indicações de que a regra associada ao português, isto é, o alçamento de [e] para [i] está-se difundindo nas áreas pesquisadas. Essa difusão, de acordo com os resultados apresentados, está sendo favorecida em algumas áreas, principalmente aquelas representadas por Orleans e Caxias do Sul. Também é favorecida no estilo Resposta ao Questionário e, sucessivamente, por falantes urbanos e por falantes mais jovens, caracterizando uma possível mudança em progresso. Entre os parâmetros lingüísticos, tem influência no alçamento da vogal átona final [e] os vocábulos dissílabos, as classes morfológicas distintas de nomes e de verbos, além de contexto precedente formado por consoante dental ou alveolar.

4.2.5 Alçamento da vogal átona final [o]

Em português, a vogal átona final [o] sofre neutralização, na pronúncia, com a vogal [u], da mesma forma que a vogal átona final [e] sofre neutralização com a vogal [i]. Suprimida a oposição entre [o] e [u], o que se realiza, nessas condições, é a vogal [u].²⁴

Isso, no entanto, nem sempre se verifica no português falado no Sul do Brasil, fato demonstrado por Roveda (1998) e pelo ALERS (2002, v. 2), entre outros estudos, principalmente no português de contato com o italiano, como demonstraremos adiante. Antes, porém, verificaremos se há alguma relação entre a ausência de elevação da vogal final [o] na

²⁴ Cf. Camara Jr. (1970, p. 34-35).

fala dos ítalo-brasileiros e o sistema vocálico do italiano falado nas áreas de colonização do Sul do Brasil. As explicações estão em Frosi e Mioranza (1983, p. 343-345).

Sobre a vogal átona final [o] no Norte da Itália, verificam-se duas situações: na região da Lombardia, de influência galo-ítálica, e mesmo no Vêneto setentrional, a vogal átona final [o] sofre apócope. Já na região do Vêneto central e na região de Trento, a referida vogal é conservada. Considerando, então, que a maior parte dos imigrantes italianos que se estabeleceram nas áreas de colonização do Sul do Brasil são oriundos de regiões cujos dialetos conservam a vogal final [o], depreende-se que esse traço se mantém no sistema dialetal italiano dessas áreas, principalmente nos dialetos vênето e trentino. Considerando, ainda, a formação da coíné de base vênето nessas áreas, a vogal [o] eventualmente foi restabelecida nos dialetos que apresentavam consoante em final de palavra, e não a vogal átona (lombardo e friulano). Assim, a presença da vogal átona final no sistema dialetal italiano, falado no Sul do Brasil, pode ser considerada em sentido amplo.

Disso resulta que o falante bilíngüe, habituado a ouvir [o] no sistema de sua língua materna, transfere para o sistema da língua portuguesa os hábitos próprios da primeira língua, realizando [o] onde, em português, costuma-se realizar [u]. Todavia, tendo em vista o progressivo desaparecimento da língua étnica, a expectativa é de que, paulatinamente, a regra associada ao português vá se difundindo na região de contato.

Se assim é, de que modo e com que intensidade acontece? É o que pretendemos verificar. Para tanto, isto é, para estudar o uso da vogal átona final [o] no espaço pluridimensional delimitado para esta pesquisa, coletamos 1.134 ocorrências da regra variável, assim distribuídas:

TABELA 25 – Distribuição da vogal átona final [o]

Variantes [ɔ] e [w]		Variante [o]		total	
Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
552	49	582	51	1.134	100

Os dados revelam, portanto, uso equilibrado entre as variantes [ɔ] e [w], que representam a regra associada ao português nos termos propostos por Camara Jr. (1970), e a variante [o], que representa a regra associada ao português de contato com o italiano.

Esses dados foram, num primeiro momento, submetidos ao tratamento geolinguístico através do SPDGL, obtendo-se 36 mapas analíticos: 11 no estilo Leitura, 20 no

estilo Resposta ao Questionário e 5 no estilo Conversa (servem de exemplo os *Mapas 126.c, 228.a e 336.a*, em anexo). Em seguida, os dados foram processados estatisticamente através do VARBRUL, visando a correlacionar o uso variável da regra com as dimensões e parâmetros espaciais, sociais, estilísticos e lingüísticos.

Os grupos de fatores considerados relevantes pelo programa estatístico foram, pela ordem: *pontos de pesquisa, estilo de fala, escolaridade, dimensão dos vocábulos, etnia dos informantes, idade, contexto precedente*.

A realização das variantes [+ptg], isto é, [ɔ] e [w], por *pontos de pesquisa* apresentou distribuição conforme *Tabela 26*.

Como se vê pelos resultados expostos na referida tabela, Orleans lidera a aplicação da regra associada ao português, seguido por Caxias do Sul e Videira. Em sentido contrário, aparecem Rodeio e Sananduva. Posição neutra ou relativamente neutra é ocupada por Sarandi, Nova Palma e Chapecó. Também em relação a esta variável lingüística fica evidenciado que Rodeio é o ponto mais resistente à difusão do traço associado ao português, seguido de Sananduva.

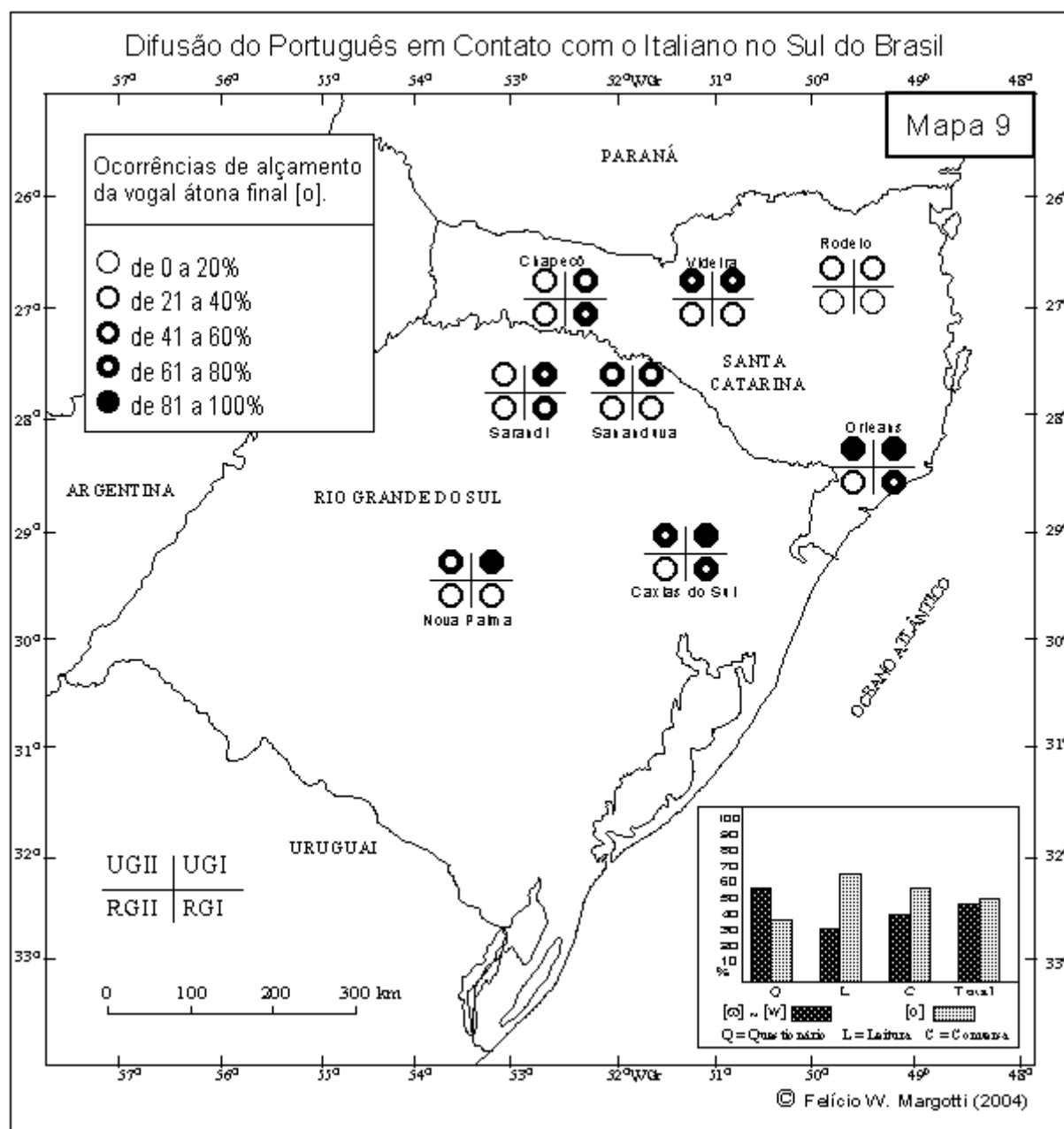
Comparando o desempenho dos pontos de pesquisa na aplicação dessa regra e do alçamento da vogal átona final [e], verifica-se que Sarandi, Chapecó e Videira, que antes apresentaram pesos relativos negativos, agora mudaram de posição: o primeiro obteve escore neutro, Videira obteve escore positivo, enquanto Chapecó permanece com escore negativo, mas próximo do ponto neutro.

TABELA 26 – Alçamento da vogal átona final [o] por pontos de pesquisa

	Cidades	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Santa Catarina	Orleans	99/143	69	.74
	Videira	75/142	53	.56
	Chapecó	65/140	46	.47
	Rodeio	27/141	19	.16
Rio Grande do Sul	Caxias do Sul	90/142	63	.69
	Nova Palma	68/142	48	.51
	Sarandi	70/141	50	.50
	Sananduva	58/143	41	.41
	TOTAL	552/1.134	49	

Input: .49
Significância: .000

MAPA 9 – Difusão diatópico-social do alçamento da vogal átona final [o]



Com o fim de verificar a aplicação da regra em áreas de colonização mais antiga em comparação com áreas de colonização mais recente, procedemos à amalgamação dos pontos de pesquisa, dois a dois, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Esse grupo de fatores, assim constituído, foi selecionado em sétimo lugar em ordem de relevância, indicando baixa correlação com a aplicação da regra. Cabe, no entanto, ressaltar que Caxias do Sul e Nova Palma, duas colônias originais do Rio Grande do Sul, alcançaram peso relativo .59, e

Rodeio e Orleans, duas colônias originais de Santa Catarina, alcançaram peso relativo .45. As outras duas áreas apresentaram escores relativamente neutros: Chapecó e Videira com peso relativo .51; Sarandi e Sananduva com peso relativo .45.

Através do *Mapa 9*, que sintetiza os 36 mapas gerados pelo SPDGL, relativamente ao uso variável da vogal átona final [o], percebe-se, além do que já se disse sobre a variação no espaço, que a difusão das variantes [+ptg] é mais intensa nos grupos que ocupam a parte superior da cruz, isto é, os falantes urbanos, em primeiro lugar, e nos grupos situados à direita, isto é, os falantes mais jovens, em segundo lugar, evidenciando a existência de uma mudança em progresso. Por outro lado, a fala dos grupos situados no canto inferior esquerdo da cruz, isto é, os indivíduos rurais mais velhos, são os que menos elevam a vogal átona final [o], certamente em razão de terem o mais elevado grau de bilingüismo e baixa escolaridade. Mas os falantes urbanos mais velhos, que são lusos, também elevem pouco a vogal [o], reproduzindo as características do português de contato, principalmente em Sarandi, Chapecó e Rodeio.

Vamos, então, examinar mais amiúde o grau de aplicação da regra pelos demais grupos de fatores selecionados.

O próximo grupo de fatores escolhido foi a *escolaridade*, evidenciando que os falantes com mais de 8 anos de escolaridade correlacionam-se positivamente com a regra associada ao português, ao contrário dos demais grupos de falantes, que apresentam peso relativo negativo. Cabe observar, todavia, que apenas os grupos localizados à direita da parte superior da cruz, isto é, os jovens urbanos, têm esse perfil. Todos os demais grupos têm escolaridade inferior a 8 anos. Aqui, além da influência da escola, devemos considerar a falta de ortogonalidade da amostra, visto que os dados dos jovens urbanos representam tão somente 1/4 do total da amostra dessa variável.

TABELA 27 – Alçamento da vogal átona final [o] e a escolaridade

Escolaridade	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
+ de 8 anos	195/285	68	.71
De 0 a 8 anos	357/849	42	.42
TOTAL	552/1.134	49	

Input: .48
Significância: .000

O grupo de fatores *etnia dos falantes* apresenta baixa diferença percentual de alçamento da vogal átona final [o] na comparação entre ítalo-brasileiros e luso-brasileiros. No

entanto, estes têm peso relativo .69 contra .44 atribuído àqueles. Por outro lado, a *idade* também influencia na escolha da regra, pois os mais jovens, isto é, os falantes de 15 a 30 anos, realizaram as variantes associadas ao português em 57% dos contextos possíveis da regra, evidenciando também, neste caso, uma possível mudança em progresso.

Entre os parâmetros lingüísticos, o *tamanho do vocábulo* e o *contexto precedente* foram considerados importantes.

Na correlação do número de sílabas do vocábulo com a regra de alçamento/não-alçamento da vogal final [o], os monossílabos e os polissílabos alcançam, respectivamente, os percentuais de 72% e 74% de aplicação da variante [+ptg], mas apenas os polissílabos, com peso relativo .75, apresentam tendência favorável ao alçamento. Todos os demais têm peso próximo a .50, significando, portanto, que são relativamente neutros.

Quanto ao *contexto precedente*, consideramos os seguintes fatores: consoante bilabial, consoante dental ou alveolar, consoante alveopalatal ou palatal, consoante velar e vogal ou semivogal.²⁵ Os números indicam que o contexto precedente formado por consoante velar e vogal ou semivogal correlacionam-se positivamente com as variantes [ɔ] e [w], o contexto precedente formado por consoante bilabial correlaciona-se negativamente e os demais contextos precedentes são relativamente neutros.²⁶ O maior peso relativo (.69) foi obtido por vogal e semivogal, refletindo, possivelmente, a atuação da regra fonológica do português de realização de ditongos, que são formados por vogal + semivogal ou por semivogal + vogal. Ou seja, a realização do ditongo, principalmente se o ditongo for decrescente, favorece o alçamento [o] > [w], visto que apenas [w] e [j] podem ser semivogais. É o que ocorre, por exemplo, na pronúncia de ['tiw], ['iɪw], ['sũⁿtwĩⁿtopiɪw].

TABELA 28 – Alçamento da vogal átona final [o] e os estilos de fala

Estilo	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Questionário	371/623	60	.60
Leitura	116/352	33	.38
Conversa	65/159	41	.37
TOTAL	552/1.134	49	

Input: .48

Significância: .000

²⁵ O contexto precedente formado por consoante labiodental, inicialmente previsto, foi excluído porque não houve ocorrências.

²⁶ Roveda (1998, p. 77) verificou que a elevação da vogal átona final [o] é favorecida pela presença, no contexto precedente, das consoantes labiais e palatais.

Resta, ainda, analisar a participação dos *estilos de fala* no uso da vogal átona final [o]. Aqui, da mesma forma que em relação à regra de alçamento da vogal átona final [e], Resposta ao Questionário correlaciona-se positivamente com a variante [+ptg], enquanto os demais estilos correlacionam-se negativamente (ver *Tabela 28*, abaixo). Esses resultados contrariam, em parte, a hipótese de que os estilos mais formais favorecem a difusão do português, pois, segundo nosso entendimento, Resposta ao Questionário é um estilo menos formal do que Leitura.

Como vimos ao longo desta análise, nas áreas de contato do português com o italiano, persiste o uso variável da vogal átona final [o]: cerca de 50% dos falantes da amostra realizaram [ɔ] ou [w] e os outros 50% realizaram [o]. Há indicações, no entanto, de que a regra associada ao português, isto é, o alçamento de [o] para [u] está se difundindo nas áreas pesquisadas. Essa difusão, de acordo com os resultados apresentados, está sendo favorecida em algumas áreas (Orleans, Caxias do Sul e Videira), no estilo Resposta ao Questionário, por falantes mais jovens, principalmente os urbanos mais escolarizados. Também favorecem a difusão do português, sucessivamente, os falantes lusos, mas nesse caso convém observar que também eles, apesar de serem lusos e monolíngües em português, realizam a regra associada ao português de contato com o italiano, principalmente em Sarandi, Chapecó e Rodeio. Entre os parâmetros lingüísticos, têm influência os vocábulos polissilábicos e o contexto precedente formado por vogal ou semivogal e por consoante velar.

4.2.6 Africação das consoantes [t] e [d] diante de [i]

As consoantes [t] e [d] têm, em português, respectivamente, duas variantes definidas: uma oclusiva, outra africada. Trata-se de uma distribuição posicional de alofones. Diante da vogal anterior alta [i], realizam-se ora a oclusiva, ora a africada; diante das demais vogais, somente a variante oclusiva. Segundo Silva (2001, p. 38), os segmentos [tʃ] e [dʒ] são típicos do Sudeste brasileiro, mas também ocorrem em outras regiões delimitadas do Norte e Nordeste.

Em italiano, também existem as africadas [tʃ] e [dʒ], mas sua distribuição não é a mesma que em português, ocorrendo, em princípio, diante de qualquer vogal e em qualquer

posição. Diferentemente do português, em italiano /tʃ/ e /dʒ/ são fonemas que têm origem em estruturas latinas²⁷ e, como tal, representam oposição fonêmica: ['tinto] 'tinto, tingido', ['tʃinto] 'cinto'; ['tinta] 'tinta, cor', ['tʃinta] 'cercado'; ['ti] pronome oblíquo 2ª pessoa do singular, ['tʃi] pronome oblíquo primeira pessoa do plural; ['adʒio] 'conforto, comodidade', ['a'ddio] 'adeus'.²⁸ Portanto, o falante de italiano aplica tanto a regra da africada quanto a da oclusiva, segundo as formas por ele utilizadas representem a evolução de diferentes formas latinas.

Deste modo, o falante bilíngüe português-italiano, em sua fala em língua portuguesa, não realiza, por um lado, a variação [t] ~ [tʃ] e [d] ~ [dʒ], por entender, com base no italiano, que a representação mental não é a mesma para as respectivas variantes. Trata-se de uma regra fonológica do italiano que o falante ítalo-brasileiro aplica em sua fala de língua portuguesa. Por outro lado, pode-se argumentar que o baixo índice de não-africação de [t] e [d] na fala de português entre os ítalo-brasileiros também está associado ao menor número de contextos para isso, uma vez que esses falantes têm também como característica não fazer o alçamento de [e] átono final (ver seção 4.2.4).

A fim de analisar o grau e o modo de difusão das consoantes africadas [tʃ] e [dʒ] diante de [i] no português de contato com o italiano, no espaço pluridimensional estabelecido para esta pesquisa, examinaremos, a seguir, primeiramente a consoante [t] e, depois, a consoante [d].

4.2.6.1 Consoante [t] diante de [i]

Na análise do uso variável da consoante [t] na fala de português de contato com o italiano, consideraremos que a realização da variante [tʃ], africada e alveopalatal, e da variante [tʂ], africada, alveolar, pré-palatal²⁹ diante de [i] ou de [e] átono final, representa uma pronúncia associada ao português, enquanto a realização da consoante oclusiva [t] no mesmo contexto representa uma pronúncia associada ao italiano.

O levantamento dos dados obtidos através de 32 entrevistas, nos estilos Conversa, Resposta ao Questionário e Leitura, resultou em 817 ocorrências, assim distribuídas:

²⁷ Cf. Frosi e Mioranza (1983, p. 364).

²⁸ Cf. Boso (1989, p. 52).

²⁹Essa variante [tʂ] é tida como uma regra de transição entre o português de contato com o italiano e o português-padrão.

TABELA 29 – Distribuição da consoante [t] diante de [i] e de [e]

Variante [tʃ]		Variante [tʂ]		Variante [t]		total	
Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
293	36	41	5	483	59	817	100

Os números mostram, então, que o uso das variantes [tʃ] e [tʂ], consideradas [+ptg], corresponde a dois quintos do total das variantes [+ita], indicando, à primeira vista, baixo índice de difusão da pronúncia associada ao português. É preciso, no entanto, levar em conta que estão incluídos nesse total de ocorrências os contextos representados pela consoante [t] seguida da vogal átona final [e], seguida ou não de [s], haja vista a possibilidade de alçamento da referida vogal, criando, assim, as condições para a africacão. Se os contextos em que foi mantida a pronúncia [te] forem excluídos, o número de ocorrências baixa para 574, assim distribuídas:

TABELA 30 – Distribuição da consoante [t] diante de [i]

Variante [tʃ]		Variante [tʂ]		Variante [t]		total	
Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
287	50	40	7	247	43	574	100

Como se observa pela *Tabela 30*, a realização das variantes associadas ao português sobe, neste caso, para 57% das ocorrências.

Nas 817 ocorrências com as quais trabalhamos, há, portanto, 243 ocorrências de pronúncia [t] seguida de [e], ou seja, casos em que raramente acontece a realização da africada [tʃ].³⁰

O processamento das 817 ocorrências dessa regra variável pelo SPDGL permitiu a confecção de cerca de 26 mapas pluridimensionais simples (cf. os *Mapas 110.a*, *255.a* e *351.a*, em anexo, que são exemplos). Os relatórios fornecidos por esse programa foram então submetidos ao programa estatístico VARBRUL, visando à verificação da participação de fatores espaciais, sociais e lingüísticos, dentre outros, na aplicação da regra variável, conforme previsto. Os grupos de fatores selecionados, pela ordem, foram os seguintes:

³⁰ Registramos seis casos: ['nojtʃe], ['nojtʂe] e ['lejtʃe] (este último, com 4 ocorrências).

contexto seguinte, zona de residência, pontos de pesquisa, tamanho do vocabulário, etnia, estilo de fala, acento lexical, escolaridade e sexo.

TABELA 31 – Africação da consoante [t] diante de [i] por pontos de pesquisa

	Cidades	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Santa Catarina	Orleans	56/103	54	.62
	Chapecó	46/103	45	.67
	Videira	33/102	32	.37
	Rodeio	11/103	11	.08
Rio Grande do Sul	Nova Palma	52/103	50	.71
	Sarandi	45/103	44	.57
	Sananduva	37/99	37	.48
	Caxias do Sul	54/101	53	.66
	TOTAL	334/817	41	

Input: .24

Significância: .000

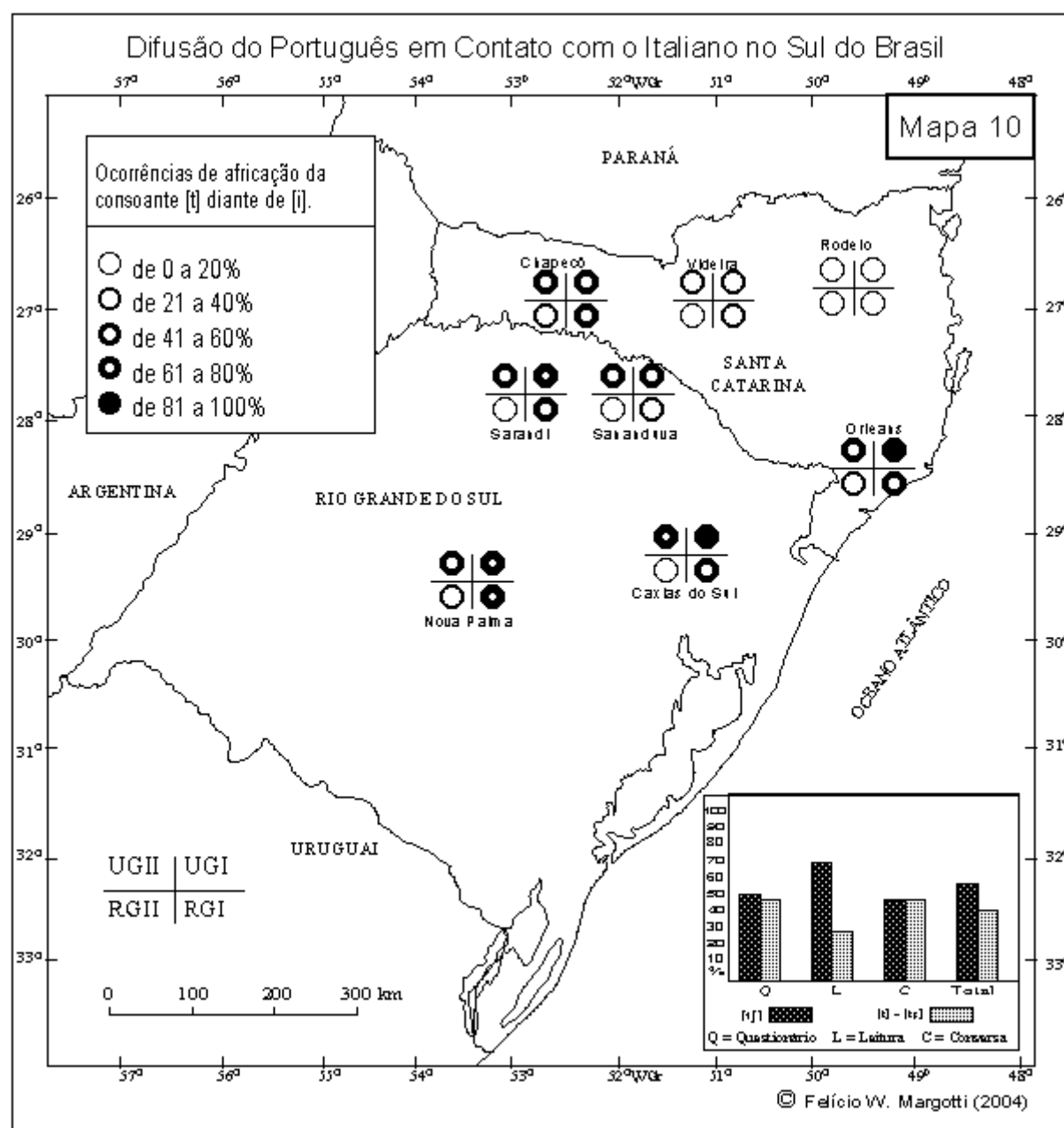
Vamos ver, primeiramente, a participação do grupo *pontos de pesquisa*. A *Tabela 31* mostra que há cinco pontos que se correlacionam positivamente com a africação da consoante [t]: Nova Palma, Chapecó, Caxias do Sul, Orleans e Sarandi, apesar de os percentuais – com exceção de Orleans e Caxias do Sul – serem inferiores a 50%. De outra parte, Rodeio e Videira apresentam pesos relativos negativos, enquanto Sananduva ocupa posição quase neutra.

A comparação dos resultados obtidos pela consoante [t] diante de [i] com os resultados apresentados até aqui relativamente a outras regras variáveis, quanto aos pontos de pesquisa, permite observar que há, de modo geral, uma pequena alteração na distribuição diatópica. Veja-se, por exemplo, que Nova Palma está entre os pontos de pesquisa que mais difundem a variante [+ptg], à frente de Orleans e Caxias do Sul. Por outro lado, Sananduva que, em geral, apresenta baixos índices de difusão do português, neste caso, tem um desempenho próximo da posição neutra.

Outro resultado que destoa do que foi visto até aqui foi revelado pela amalgamação de colônias novas e velhas em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, visto que as colônias riograndenses alcançaram pesos relativos superiores a .50, ao contrário das colônias catarinenses, que obtiveram pesos relativos abaixo de .50. Ou seja, nas áreas representativas da colonização italiana no Rio Grande do Sul observa-se que a difusão da africação [tʃ] é mais intensa do que nas áreas representativas da colonização italiana em Santa

Catarina. De qualquer modo, cabe a ressalva de que há um comportamento polarizado entre Orleans (.62) e Rodeio (.08), que são colônias velhas de Santa Catarina.

MAPA 10 – Difusão diatópico-social da africacão de [t] diante de [i]



O *Mapa 10* representa, através da síntese de 26 mapas, o uso das variantes africanas [tʃ] e [tɕ] diante [i] pelos trinta e dois grupos entrevistados para a composição da

amostra. Além da diatopia, o mapa lingüístico representa, sucessivamente, as seguintes dimensões sociais: zona de residência, idade, etnia e escolaridade. O mapa mostra que a africacão de [t] diante de [i] é maior entre os falantes de zona urbana e se difunde sobretudo entre os mais jovens. Isso evidencia uma mudança em curso com progressiva difusão do traço [+ptg] via jovens. No plano diatópico, observa-se, no entanto, que tal tendência encontra maior resistência nos pontos catarinenses de Videira e Rodeio, este último, aliás, o ponto que até agora tem-se mostrado como o mais italiano. Em sentido oposto, o estágio mais avançado de difusão do traço [+ptg] é constatado, pela ordem, em Orleans, Caxias do Sul, Nova Palma, Sarandi e Chapecó. Vamos examinar mais de perto essas tendências.

De acordo com o programa estatístico, o grupo de fatores *zona de residência* é mais relevante do que os *pontos de pesquisa* no uso da africada. Isso faz sentido, pois os urbanos, em nossa amostra, não só se diferenciam dos rurais pela zona de residência, mas também pela etnia – os urbanos mais velhos são lusos enquanto todos os demais grupos do ponto são italianos – e pela escolaridade – os urbanos mais jovens têm mais de 8 anos de escolaridade enquanto os demais grupos do ponto têm menos de 8 anos.

TABELA 32 – Africacão da consoante [t] diante de [i] por falantes urbanos e rurais

Zona de Residência	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Urbana	210/408	51	.65
Rural	124/409	30	.35
TOTAL	293/817	41	

Input: .24

Significância: .000

O grupo de fatores *idade* é também relevante neste caso, pois os falantes de 15 a 30 anos, que têm o português como língua materna, correlacionam-se positivamente com a realização de [tʃ], com peso relativo .76, contra peso relativo .24 atribuído aos falantes de 45 a 60 anos, muitos dos quais aprenderam português com o "meio" ou na escola. Os números indicam que a africacão entre os urbanos está fortemente associada aos falantes mais jovens e mais escolarizados, apesar de esses grupos serem formados por ítalo-brasileiros.

Há, no entanto, importante ressalva a ser feita. Como dissemos antes, as 817 ocorrências da regra variável incluem contextos gráficos de consoante [t] diante de [i] e contextos de consoante [t] diante de [e] átona final, haja vista a possibilidade de esta vogal ser

pronunciada como vogal alta anterior, criando, assim, as condições para a realização da consoante africada. Ora, dos contextos gráficos formados por consoante [t] seguida de [e], cerca de 30% realizaram, na pronúncia, [t] seguida de [i] que, juntamente com os contextos gráficos [t] diante de [i], somaram 574 ocorrências. Procedemos, então a nova rodada estatística, eliminando o grupo de fatores *contexto seguinte*, formado por vogal [i] ou [e].

Nessa nova rodada, os grupos de fatores selecionados, pela ordem, foram: *zona de residência, acento lexical, pontos da pesquisa, estilo de fala, idade, tamanho do vocábulo e sexo*. Como se vê, não houve alterações significativas quanto à relevância dos fatores, a não ser em relação ao *acento lexical*, que saiu do sétimo lugar para o segundo lugar.

TABELA 33 – Africação da consoante [t] diante de [i], considerando o acento lexical

Acento lexical	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Sílaba tônica	190/311	61	.73
Sílaba pretônica	25/66	38	.39
Sílaba postônica	119/440	27	.34
TOTAL	334/817	41	

Input: .24

Significância: .000

Os números da *Tabela 33* sinalizam que a pronúncia da africada está fortemente associada à sílaba tônica, atingindo peso relativo .73. Em sentido contrário, estão as sílabas postônica, com peso relativo .34, e a sílaba pretônica, com peso relativo .39.

Com base nos resultados apresentados relativamente à africação e à palatalização da consoante [t] diante de [i], constatamos, na dimensão diatópica, que a difusão da regra associada ao português, isto é, a africação de [t] diante de [i], varia quanto à intensidade de ponto para ponto de pesquisa: Orleans, Caxias do Sul e Nova Palmas, por exemplo, têm os mais elevados índices de africação e Rodeio os menores índices, como já verificamos através do *Mapa 10*. Quanto ao modo de difusão, constatamos que as africadas [tʃ] e [tʃ̺] ocorrem com mais frequência em sílabas tônicas, na fala de habitantes urbanos e mais jovens, sinalizando, nesse caso, a existência de uma provável mudança em curso. A pronúncia do traço pré-palatal [tʃ̺] representa uma transição nessa mudança que vai do [t] ao [tʃ], com 41 ocorrências (5%), um terço das quais em Caxias do Sul.

O ALERS (2002, v. 2) trata da africação e da palatalização de [t] diante de [i] nos *Mapas 28 e 29* (p. 100-103), na realização dos itens lexicais *tio* e *mentira*. O que esses mapas

revelam é que a palatalização ocorre em todas as regiões dos três estados do Sul do Brasil, exceto nas áreas do chamado "falar açoriano-catarinense" (FURLAN, 1989), mas com menos intensidade nas áreas de contato com o italiano (Serra Gaúcha, Norte e Nordeste do Rio Grande do Sul e Oeste de Santa Catarina). Comparando o que diz o ALERS com os resultados de nosso estudo, fica evidenciado que, apesar de a resistência à difusão da palatalização do [t] diante de [i] na fala de português dos ítalo-brasileiros ser ainda bastante presente, há uma mudança lingüística em curso na Região Sul a favor da africacão e da palatalização. Essa tendência é mais clara no Rio Grande do Sul do que em Santa Catarina.

4.2.6.2 Consoante [d] diante de [i]

Consideramos, na análise do uso variável da consoante [d] diante de [i], que a variante africada e alveopalatal [dʒ] e a variante africada alveolar, pré-palatal [dʒ̟]³¹ representam regras associadas ao português, enquanto a variante [d] representa regra associada ao italiano.

O levantamento dos dados obtidos através de 32 entrevistas, nos estilos Conversa, Resposta ao Questionário e Leitura, apontou 585 ocorrências, assim distribuídas:

TABELA 34 – Distribuição da consoante [d] diante de [i] e de [e]

Variante [dʒ]		Variante [dʒ̟]		Variante [d]		total	
Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
119	20	6	1	460	79	585	100

De acordo com os números acima, a difusão da regra associada ao português é bastante baixa, pois o percentual de ocorrências dos segmentos [dʒ] e [dʒ̟] é em torno de um quinto das ocorrências do segmento [d]. De certo modo, a variante não-africada foi favorecida, em termos quantitativos, pelo fato de a amostra incluir seis itens lexicais com contexto gráfico [d] + [e], a saber: *de* (preposição, no estilo Leitura e no estilo Resposta ao Questionário), *vontade*, *saúde* (duas vezes, no estilo Leitura e no estilo Resposta ao

³¹ Às vezes, a consoante palatal sonora é substituída na fala do português de contato com o italiano por uma consoante pré-palatal vozeada, levemente pré-dorsal-dental, como em ['dʒia], ['tardʒi], [sa'udʒi], [per'dʒido]. Trata-se, a exemplo de [tʃ], de uma pronúncia de transição entre a variante oclusiva e a variante africada.

Questionário) e *boa tarde* (uma vez, no estilo Resposta ao Questionário). A inclusão desses itens na amostra levou em conta a possibilidade de os falantes realizarem o alçamento da vogal átona final [e]. Sem os segmentos em que houve manutenção da consoante [d] seguida de [e],³² o número de ocorrências com contexto de uso da regra variável em questão baixa para 462 ocorrências, assim distribuídas:

TABELA 35 – Distribuição da consoante [d] diante de [i]

Variante [dʒ]		Variante [dʒ]		Variante [d]		total	
Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
119	26	6	1	337	73	462	100

As 585 ocorrências sobre essa regra variável foram processadas primeiramente através do SPDGL, resultando em 20 mapas pluridimensionais, seis dos quais ficaram parcialmente prejudicados por tratarem dos contextos formados pela consoante [d] seguida da vogal [e] átona final. Mesmo assim, restaram 14 mapas pluridimensionais completos, sendo 6 no estilo Leitura, 3 no estilo Resposta ao Questionário e 5 no estilo Conversa, de que são exemplos os *Mapas 107.a, 201.a e 356.a*, em anexo. Os relatórios fornecidos por esse programa foram então submetidos ao processamento estatístico através do VARBRUL, para verificação da participação de cada uma das dimensões controladas pela pesquisa na aplicação da regra variável. Considerando a aplicação da variável dependente [+ptg], isto é, [dʒ] e [dʒ], os grupos de fatores selecionados, por ordem de relevância, foram os seguintes: *zona de residência, acento lexical, pontos de pesquisa, classe morfológica, idade, estilo de fala, sexo, tamanho do vocábulo*.

Trataremos primeiramente da dimensão diatópica, que inclui *pontos de pesquisa, áreas de colonização e zona de residência*.

Vê-se pela *Tabela 36* que a africacão da consoante [d] diante de [i] não tem o mesmo comportamento em todos os pontos. Ela ocorre com mais intensidade em Sarandi e Chapecó, seguidos de perto por Sananduva, Caxias do Sul e Nova Palma. Por outro lado, Rodeio e Orleans, com pesos relativos negativos, tendem a evitar o uso da variante africada. Videira tem posição quase neutra. Na perspectiva diatópica, pode-se dizer que o fenômeno é mais difundido nos pontos situados a Oeste do que nos pontos situados a Leste, sinalizando

³² Não houve registro de africacão da consoante [d] diante de [e], mas houve com outras vogais, como em [per'didzɔ].

que o uso de uma ou de outra variante pode ter outras motivações que vão além do contato português/italiano.

TABELA 36 – Africação da consoante [d] diante de [i] por pontos de pesquisa

	Cidades	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Santa Catarina	Chapecó	24/73	33	.75
	Videira	18/74	24	.51
	Orleans	6/74	8	.20
	Rodeio	2/73	3	.04
Rio Grande do Sul	Sarandi	20/74	27	.79
	Sananduva	16/72	22	.71
	Caxias do Sul	20/74	27	.71
	Nova Palma	19/71	27	.59
	TOTAL	125/585	20	

Input: .08

Significância: .000

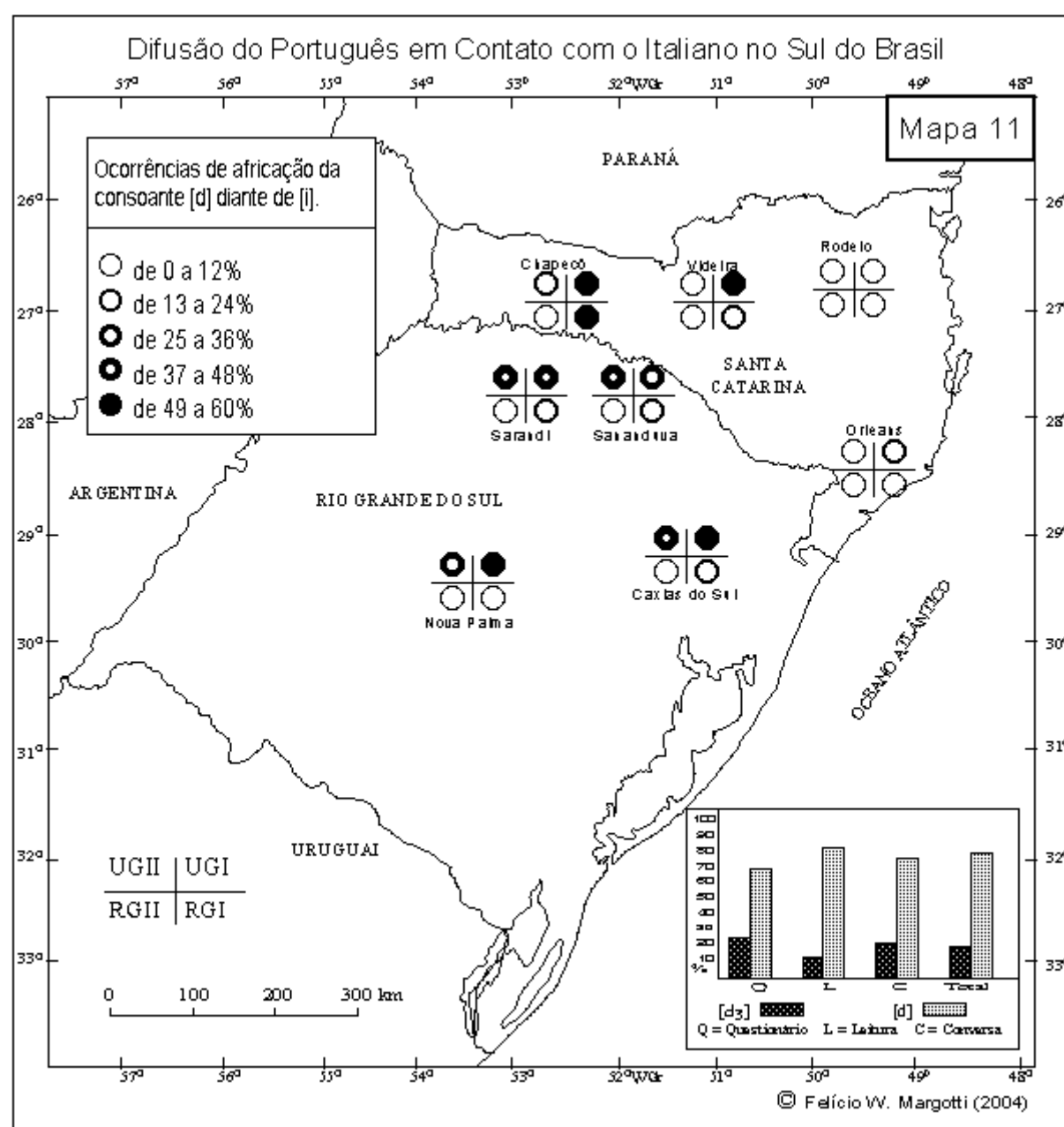
De acordo com o ALERS (2002, v. 2), que mapeou a pronúncia do item lexical *dia* no Sul do Brasil (cf. *Mapa 30*, p. 107), a africação da consoante [d] diante de [i] é fenômeno pouco freqüente na região, pois realiza-se em cerca de 20% das possibilidades de uso dessa regra, coincidentemente, o mesmo percentual de nossa amostra que, no caso, é restrita a oito pontos em que há contato do português com o italiano. No plano diatópico do ALERS, a africação da consoante [d] é mais freqüente na Região Sul do Rio Grande do Sul, em alguns pontos ao longo do corredor central que serviu de rota dos antigos tropeiros e em alguns pontos do Oeste e Norte do Paraná.

Dito isso, vamos examinar como as variantes associadas ao português, isto é, [d₃] e [dz] se distribuem nos oito pontos de nossa pesquisa. O *Mapa 11* representa a sobreposição de 20 mapas gerados pelo SPDGL.

De acordo com a legenda do mapa, quanto mais escurecidos forem os círculos, maior é a difusão da variante associada ao português. Vê-se, então, que os segmentos [d₃] e [dz] têm baixa freqüência no espaço pluridimensional da pesquisa, fato que melhor pode ser avaliado pelo gráfico do mapa, que indica o percentual de ocorrências da variante por estilo de fala. De qualquer modo, percebe-se que o emprego dos segmentos [d₃] e [dz] está mais difundido nas zonas urbanas, incluindo lusos e jovens italianos mais escolarizados, principalmente nos pontos de pesquisa que representam as áreas de colonização italiana no Rio Grande Sul. Em Chapecó, Videira, Caxias do Sul e Nova Palma, os jovens empregam

mais os segmentos [d₃] e [dz] na fala do que os mais velhos, mesmo sendo estes lusos e aqueles ítalo-brasileiros. Isso indica, de certa forma, que há uma mudança em progresso e que o fator étnico interfere pouco nessa mudança. Evidentemente, essa tendência é ainda muito insipiente, pois no espaço pluridimensional pesquisado prevalece, assim como em toda a Região Sul do Brasil (cf. ALERS, 2002, v. 2), a ausência de africacão.

MAPA 11 – Difusão diatópico-social da africacão da consoante [d] diante de [i]



Mais uma vez, os resultados não permitem nenhuma correlação mais precisa sobre o uso da regra variável e as áreas representativas de colônias velhas e colônias novas, exceto que as colônias velhas de Santa Catarina tendem a não palatalizar. A hipótese, neste caso, é de que isso pode ser atribuído ao contato com o falar açoriano-catarinense, variedade que, como já vimos, se caracteriza, entre outros aspectos, pela não-africação.

De acordo com o VARBRUL, o que mais pesa na aplicação da regra em questão é a *zona de residência* dos grupos entrevistados, conforme se observa na *Tabela 37*, abaixo.

Vê-se, pelos números, que os falantes urbanos, cujos grupos são constituídos por falantes luso-brasileiros mais velhos e pouco escolarizados, de um lado, e por ítalo-brasileiros mais jovens e mais escolarizados, de outro, são os mais importantes quando se trata de usar a variante [+ptg]. Todavia, na comparação entre ambos, a africação é mais freqüente entre os mais jovens.

O segundo grupo de fatores mais importante não é nem espacial, nem social. Trata-se do grupo que confronta a regra variável com a tonicidade da sílaba. Neste caso, as sílabas tônicas, com peso relativo .73, e as sílabas pré-tônicas, com peso relativo .58, correlacionam-se positivamente com a variante [+ptg], enquanto as sílabas postônicas, com peso relativo .13, correlacionam-se negativamente com a mesma regra. Cabe, no entanto, a ressalva de que as sílabas formadas pela consoante [d] seguida de vogal átona final [e] – contexto em que não houve nenhum caso de africação – são sílabas postônicas e, assim, acabaram reforçando a tendência desfavorável desse fator.

TABELA 37 – Africação da consoante [d] diante de [i], por zona de residência

Zona de Residência	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Urbana	94/294	32	.76
Rural	31/291	11	.23
TOTAL	125/585	21	

Input: .08
Significância: .000

Entre os grupos de fatores lingüísticos, a *classe dos vocábulos* também se mostrou relevante. Neste caso, os nomes e os verbos, em comparação com as outras classes, desfavorecem a realização da regra associada ao português.

Feitas essas considerações, pode-se concluir, então, que o grau de difusão dos segmentos africados [d₃] e [dz₄] varia de ponto para ponto, mas os pontos mais a oeste palatalizam mais do que os pontos situados a leste. Os percentuais de variação e os pesos relativos atribuídos aos pontos não permitem, todavia, estabelecer relações claras entre a idade de colonização das áreas representadas na pesquisa com a realização da regra variável, embora Rodeio e Orleans, que representam colônias velhas de Santa Catarina, tivessem apresentado baixo desempenho quanto à pronúncia das variantes africadas. É possível que o baixo índice de ocorrências de africção nesses pontos, comparativamente com os demais, seja resultado do contato com o português-açoriano que, conforme já foi mencionado, caracteriza-se, também, pela ausência de africção e de palatalização.

Outro aspecto a ser levado em conta, além dos que já foram mencionados, quanto à resistência dos ítalo-brasileiros em realizar os segmentos africados, pode estar relacionado com o processo de aquisição do português através da escrita, experiência vivida por parte dos falantes mais velhos. Nesse caso, observado o princípio de que "se deve falar como se escreve", restringe-se a possibilidade de alçamento da vogal átona final [e], conseqüentemente os contextos favoráveis à africção e à palatalização também se reduzem.

De outra parte, os resultados dão sustentação às hipóteses de que a difusão é favorecida, sucessivamente, pelos falantes urbanos e pelos jovens. Há indicações de que isso também acontece no estilo Resposta ao Questionário na comparação dos resultados de Leitura e Conversa.

4.2.7 Realização das consoantes fricativas [f] e [ʒ]

No sistema fonológico da língua portuguesa, as consoantes fricativas /f/ e /ʒ/ são fonemas distintos de suas homorgânicas /s/ e /z/, como se pode ver pelos seguintes exemplos: [ʃũw̃] 'chão' ~ [sũw̃] 'são' e [ʒelɔ] 'gelo' ~ [zelɔ] 'zelo'. Verifica-se, no entanto, que os descendentes de italiano, na fala de língua portuguesa, têm dificuldades em pronunciar as consoantes fricativas alveopalatais [f] e [ʒ], substituindo-as, respectivamente, pelas fricativas pré-palatais [ɸ] e [z̪], ou ainda por outros segmentos aproximantes.

Hoje se observa que /f/ e /ʒ/, na fala de muitos bilíngües, evoluem para uma fricativa pré-palatal, surda e sonora, respectivamente; outros ainda manifestam regularmente a

interferência, realizando /f/ e /z/ conforme a “aproximada” em português seja surda ou sonora e, enfim, outros aprenderam a usar as “aproximadas” segundo os traços peculiares à fala dos monolíngües (Frosi, 1987b).³³

Por que isso acontece? Para responder a essa pergunta, é preciso confrontar o sistema fonológico dos dialetos falados nas áreas de colonização italiana incluídas nesta pesquisa com o sistema fonológico da língua portuguesa.

Em italiano, [f] tem baixa frequência e, quando ocorre, tem valor baixo rendimento fonológico.³⁴ Quanto aos dialetos falados nas áreas abrangidas por esta pesquisa, segundo pudemos levantar através de pesquisa bibliográfica, há raríssimos registros de [f], restritos aos sistemas dialetais do lombardo e do friulano,³⁵ mesmo assim em empréstimos da língua portuguesa. Nos sistemas dialetais do vênето – base da coíné italiana no Sul do Brasil – e do trentino, o segmento supracitado inexistente. É o que também aponta Mescka (1983, p.107), ao contrastar o sistema fonológico do italiano falado na região de Erechim/RS com o sistema fonológico do português. Essa diferença entre os sistemas lingüísticos em contato faz com que os falantes bilíngües, ao falar português, deixem de realizar, na pronúncia, um ou outro traço da consoante [f]: quanto ao modo de articulação, substituem o traço *chiente* pelo traço *sibilante* e, quanto ao ponto de articulação, substituem *palatal* por *pré-palatal*, ou mesmo por *interdental*.

Quanto à consoante fricativa chiente palatal sonora [ʃ], há também poucos registros nos dialetos italianos falados no Sul do Brasil, ocorrendo apenas em palavras que têm correspondentes em português, iniciadas por esses mesmo segmento, como *janeiro*, *junho*, *julho*, *gêmeos*, *joelho*, entre outros,³⁶ levando à conclusão de que esse segmento fônico não faz parte desses sistemas dialetais.³⁷

Segundo a literatura especializada referente aos dialetos do Norte da Itália, [ʃ] não existe nos dialetos vênéticos e no trentino, mas faz parte do sistemas fonológicos dos dialetos lombardos e do friulano. De qualquer modo, tendo em conta que nas áreas de colonização italiana abrangidas por esta pesquisa ou se fala a coíné de base vêneta, ou se fala trentino, consideraremos que a presença de [ʃ] nesses dialetos pode ser vista como uma interferência

³³ Cf. Ponso (2003, p. 69, n.37).

³⁴ Cf. Boso (1989, p. 54).

³⁵ Cf. Frosi e Mioranza (1983, p. 147).

³⁶ Cf. Frosi e Mioranza (1983, p. 355-6).

³⁷ Cf. Mescka (1983, p. 107).

do português. Dito de outra forma, [ʒ] deixa de ser um elemento caracterizador dos dialetos italianos e constitui-se numa interferência fônica do português no italiano.

Mas, ao usar a consoante fricativa palatal sonora, seja em italiano, através de empréstimos do português, seja em português, os ítalo-brasileiros tendem a substituí-la por uma consoante fricativa pré-dorsal dental sonora, ou seja, [ʒ]. Deste modo, tem-se, de um lado, o segmento [ʒ], marcado como variante associada ao português, e, de outro, o segmento [ʒ], marcado como variante associada ao italiano.

Dito isso, vamos analisar, na seqüência, o fenômeno de interferência fônica que consiste na substituição do uso de [j] por [ʒ] e de [ʒ] por [ʒ] na fala de português dos ítalo-brasileiros no espaço pluridimensional desta pesquisa. Primeiramente, estudaremos o segmento [j]; depois, o segmento [ʒ].

4.2.7.1 Consoante fricativa [j]

Na análise do uso variável da consoante [j] na fala de português em contato com o italiano, consideraremos que o segmento fricativo palatal desvozeado [j] representa a pronúncia associada ao português, enquanto o segmento fricativo pré-palatal surdo [ʒ] representa a pronúncia associada ao italiano.

Através de 32 entrevistas, nos estilos Conversa, Resposta ao Questionário e Leitura, foram levantadas 415 ocorrências, assim distribuídas:

TABELA 38 – Distribuição da consoante fricativa desvozeada [j]

Variantes [j]		Variante [ʒ]		total	
Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
386	93	29	7	415	100

A primeira observação a fazer diante desses números é que a variante [ʒ], se era regular e freqüente na fala de português dos ítalo-brasileiros em tempos pretéritos, é, hoje, bem menos freqüente. De fato, os dados colhidos através da pesquisa de campo revelam uso de [ʒ] no lugar de [j] em número bem abaixo do esperado, uma vez que essa substituição – há quem diga que se trata de uma distorção – é uma das marcas do *sotacon*, ou seja, do português falado pelos descendentes de imigrantes italianos.

De qualquer modo, esses dados também foram submetidos ao tratamento cartográfico através do SPDGL e ao tratamento estatístico através do VARBRUL. Confeccionamos, então, cerca de 15 mapas pluridimensionais, sendo 3 no estilo Leitura, 7 no estilo Resposta ao Questionário e 5 no estilo Conversa. Os *Mapas 128.a, 233.a e 341.a*, em anexo, servem de exemplo.

Na primeira rodada do programa estatístico, houve *knockout*, isto é, 100% de pronúncia [ʃ], portanto, sem interferência do italiano, nos monossílabos (3 ocorrências), nos polissílabos (1 ocorrência) e nos vocábulos em que [ʃ] vem seguido da vogal [e] (33 ocorrências). Verificou-se, também, não haver contexto seguinte formado pelas vogais [ɛ] e [ɔ]. Esses dados foram, então, excluídos da amostra, restando 378 ocorrências para efeito de cálculo da participação das diferentes dimensões lingüísticas e extralingüísticas na realização da regra variável.

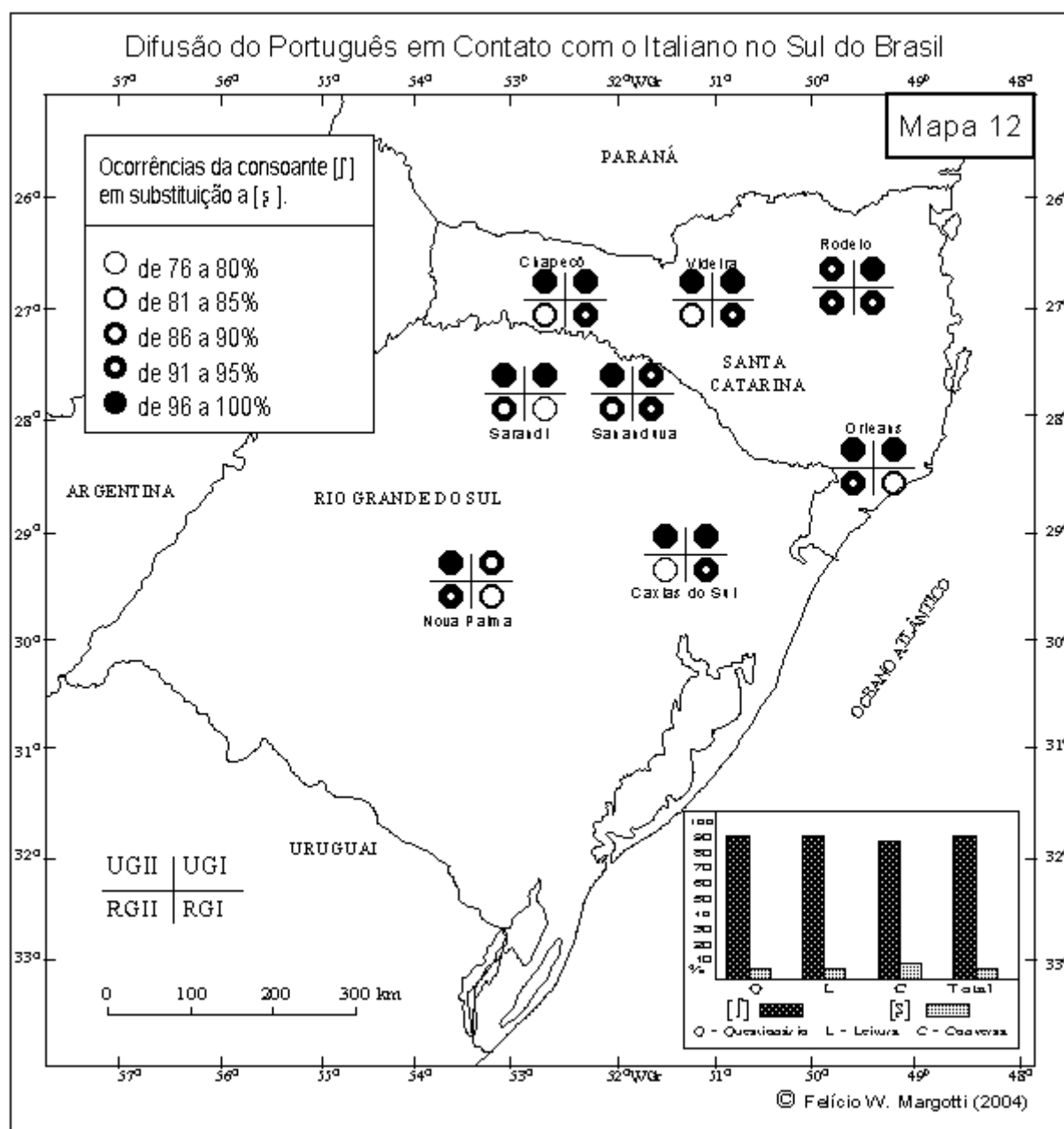
Dentre as dimensões controladas pela pesquisa, somente a *zona de residência e contexto seguinte* foram selecionadas. Deduz-se que o elevado percentual de realizações da variante não-marcada pelo italiano (93% das ocorrências) anule a possibilidade de tal variante ser inovadora e, por isso, está disseminada em todos os grupos sociais, o que justificaria a não-seleção de tais grupos de fatores pelo programa estatístico. De qualquer modo, antes de fazermos a análise da participação dos dois grupos de fatores selecionados pelo VARBRUL, vamos verificar a intensidade de aplicação da variante [+ptg] nos 8 pontos de pesquisa, selecionado no *level one*, considerando as 415 ocorrências iniciais.

TABELA 39 – Realização da consoante fricativa [ʃ], em vez de [s], por pontos de pesquisa

	Cidades	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Santa Catarina	Orleans	54/57	95	(.57)
	Rodeio	52/55	95	(.56)
	Videira	47/50	94	(.55)
	Chapecó	48/51	94	(.54)
Rio Grande do Sul	Caxias do Sul	46/50	92	(.46)
	Sananduva	45/49	92	(.45)
	Sarandi	51/56	91	(.43)
	Nova Palma	40/44	91	(.42)
	TOTAL	386/415	93	

Input: .07
Significância: .982

MAPA 12 – Difusão Diatópico-social da consoante fricativa palatal desvozeada [ʃ]



Apesar de os percentuais de substituição da consoante palatal surda [ʃ] pela homorgânica pré-palatal [s] terem sido bastante baixos e de a dimensão espacial composta pelos pontos de pesquisa não ter sido considerada importante na aplicação da variante [+ptg], pode-se dizer, com base nos números, que a difusão do traço [+ptg] está em estágio um pouco mais avançado em Santa Catarina do que no Rio Grande do Sul. Por outro lado, essa pequena diferença leva a considerar a hipótese de movimentos no sentido contrário ao esperado, em que os falantes mantêm ou até exibem determinado traço [+ita] para marcar conscientemente

determinada distinção social. Isso significa, por exemplo, que falantes de Caxias do Sul, muitas vezes identificados como sendo de 'Cassias', podem manter o traço em sua fala com a intenção de valorizar sua identidade. De qualquer forma, trata-se de uma marca identitária bastante conhecida que, se se mantém, é sobretudo na fala da zona rural.

O curioso, no entanto, como mostra o *Mapa 12*, é notar que, contrariamente ao que se esperava, [ʃ] substitui [s], em alguns pontos da pesquisa, mais na fala dos mais velhos do que na fala dos mais jovens (cf. Sarandi, Orleans e Nova Palma).

Informações mais detalhadas sobre o uso de [ʃ] em cada um dos 32 grupos que compõem a amostra, bem como por estilo de fala, estão expressas no *Mapa 12*. Observe-se que neste mapa, haja vista o baixo número de ocorrências de [s], a escala percentual associada aos símbolos de menor e maior intensidade de difusão do traço [+ptg] foi modificada para intervalos menores: a cada 5 pontos percentuais muda o símbolo. Com isso, é possível retratar o uso variável dos grupos em cada ponto apesar de as médias percentuais entre os pontos ser pequena.

TABELA 40 – Realização de [ʃ], em vez de [s], por falantes urbanos e rurais³⁸

Zona de Residência	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Urbana	190/193	98	.76
Rural	159/185	86	.23
TOTAL	349/378	92	

Input: .96

Significância: .000

Como dissemos antes e também pelo que se pode ver no mapa, o uso da variante associada à língua dominante é mais intenso nos falantes urbanos do que nos rurais. Isso se explica porque os falantes urbanos incluem os grupos de lusos – ao contrário dos rurais, cujos grupos são todos formados por descendentes de italianos – e por jovens descendentes de italianos mais escolarizados do que os jovens rurais. Além disso, é certamente importante considerar que os falantes urbanos da amostra ou não falam italiano, ou falam pouco. A ausência do bilingüismo em português e italiano, e mesmo o baixo grau de bilingüismo, principalmente se o italiano não é a única língua materna, favorecem a realização do sistema fonológico português, sem interferências. O que surpreende, de certo modo, nos resultados relativamente ao uso desta variável, é que a substituição de [s] por [ʃ] nem sempre é liderada

³⁸ O Quadro exclui os casos de *knockout*, isto é, de 100% de aplicação da regra.

pelos falantes mais jovens, sinalizando, senão uma reversão, ao menos uma resistência à difusão do traço [+ptg].

Outro fator considerado importante foi o *contexto seguinte*, cujos resultados estão expressos na *Tabela 41*.

TABELA 41 – Realização de [ʃ], em vez de [s], e o contexto seguinte

Contexto seguinte	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Vogal [e]	33/33	100	
Vogal [i]	105/118	89	.64
Vogal [a]	217/227	96	.61
Vogal [o]	23/25	92	.44
Vogal [u]	4/8	50	.08
Vogal [ɔ]	0/0	0	
Vogal [ɛ]	0/0	0	
TOTAL	29/415	7	

Input: .04

Significância: .001

Com relação ao contexto seguinte, as vogais [u] e [o] desfavorecem a realização da variante [+ptg]. Os demais contextos seguintes tendem a favorecer a pronúncia da consoante fricativa chiante palatal surda [ʃ], principalmente quando formado pela vogal [e], que apresentou 100% de realização, pela vogal [i] com peso relativo .64 e pela vogal [a], com peso relativo .61.

Feitas essas considerações, pode-se dizer que a difusão do português, ao menos relativamente à pronúncia de [ʃ], é bastante ampla, sendo favorecida, na perspectiva diatópica, pelos pontos que representam as áreas de colonização italiana em Santa Catarina e, na perspectiva diassocial, sucessivamente, pelos grupos representativos dos falantes urbanos, dos lusos e dos jovens mais escolarizados. Quanto aos parâmetros lingüísticos, somente o contexto seguinte é relevante. Nesse caso, os contextos seguintes que favorecem a difusão do traço associado ao português são a vogal [e], a vogal [i] e a vogal [a].

4.2.7.2 Consoante fricativa [ʒ]

Com o fim de analisar o modo e a intensidade da difusão do português, consideraremos que a consoante fricativa palatal sonora [ʒ] caracteriza a pronúncia associada ao português, enquanto a consoante fricativa pré-dorsal dental sonora [ʒ̞] caracteriza a pronúncia ligada ao italiano.

A coleta dos dados através de 32 entrevistas, nos estilos Conversa, Resposta ao Questionário e Leitura, possibilitou o registro de 743 ocorrências da regra variável, assim distribuídas:

TABELA 42 – Distribuição da consoante fricativa vozeada [ʒ]

Variantes [ʒ]		Variante [ʒ̞]		total	
Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
663	89	80	11	743	100

A exemplo do que ocorre com a fricativa [ʃ], também em relação à fricativa [ʒ] constatou-se baixo número de ocorrências da variante marcada pela interferência do italiano, embora com três pontos percentuais a mais do que aquela variável. É possível que o traço de sonoridade favoreça, neste caso, a realização de [ʒ̞], todavia não há como ter convicção sobre tal hipótese, uma vez que a diferença entre os resultados, na comparação, com a fricativa surda, é relativamente pequena.

Esses dados foram inicialmente processados através do programa SPDGL, de que resultaram 22 mapas pluridimensionais: 9 no estilo Leitura, 8 no estilo Resposta ao Questionário e 5 no estilo Conversa, exemplificados através dos *Mapas 147.a*, *256.a* e *346.a*, em anexo. Em seguida, os relatórios fornecidos pelo SPDGL foram submetidos ao tratamento estatístico, para verificação da participação das dimensões, espaciais, sociais, estilísticas e lingüísticas na realização da regra variável. As dimensões selecionadas foram as seguintes, pela ordem: *etnia*, *acento lexical*, *tamanho do vocábulo*, *idade*, *estilo* e *sexo*. Neste caso, mesmo havendo 89% de realizações da variante não-marcada pelo italiano, o programa estatístico selecionou vários grupos de fatores que atuam na realização da consoante fricativa [ʒ], ao contrário do que aconteceu na realização da consoante fricativa [ʃ], como se viu antes.

Mas, mesmo não tendo sido selecionada pelo programa estatístico, vamos primeiramente examinar a distribuição da regra associada ao português por *pontos de pesquisa*.

A comparação dos percentuais de ocorrências de [ʒ] por pontos de pesquisa indica que a intensidade da variação se mantém regular em todas as áreas: o menor percentual é 84% e o maior é 96%. Apesar dessa pequena diferença percentual, o peso relativo indica que Videira e Orleans correlacionam-se positivamente com a regra; Rodeio, Sarandi, Sananduva e Caxias do Sul são neutros ou praticamente neutros; e Chapecó e Nova Palma correlacionam-se negativamente.

TABELA 43 – Realização da consoante [ʒ], em vez de [z], por pontos de pesquisa

	Cidades	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Santa Catarina	Videira	91/95	96	(.72)
	Orleans	87/94	93	(.58)
	Rodeio	83/93	89	(.48)
	Chapecó	80/95	84	(.38)
Rio Grande do Sul	Sananduva	82/91	90	(.51)
	Sarandi	83/94	88	(.46)
	Caxias do Sul	80/91	88	(.45)
	Nova Palma	77/90	86	(.40)
	TOTAL	663/743	89	

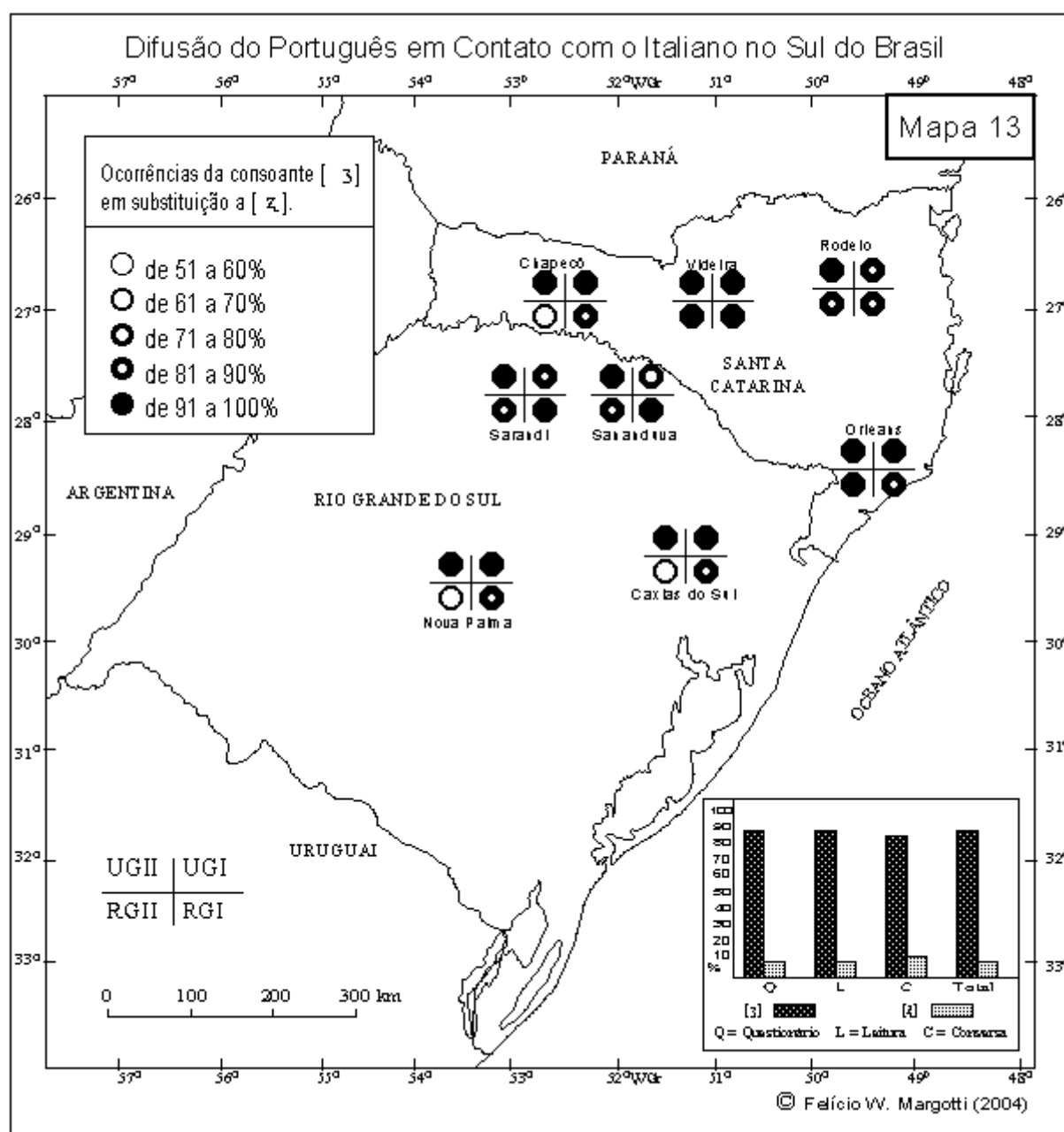
Input: .91
Significância: .178

Maiores detalhes sobre a distribuição espacial da regra e a interação da mesma com os 32 grupos que compõem a amostra podem ser vistos no *Mapa 13*. Também neste mapa alteramos a escala percentual associada aos símbolos que representam o grau de difusão do português. Aqui, a mudança de símbolo ocorre a cada 10 pontos percentuais: o menor índice de realização do traço [ʒ] é representado através da variação que vai de 51 a 60%; o maior índice, através da variação que vai de 91 a 100%. Desta maneira, é possível visualizar melhor no mapa o modo como se realiza a regra: quanto mais hachurado estiver o símbolo, maior a difusão do português.

O *Mapa 13* revela um predomínio maior de [ʒ] nas zonas urbanas, com uma pequena presença de [z] entre os jovens, em três pontos: Rodeio, Sarandi e Sananduva. A explicação para isso está no fato de que, dentre os oito grupos de jovens urbanos que

compõem a amostra, os três grupos citados são formados por indivíduos que falam o italiano, enquanto os demais grupos de jovens urbanos são bilíngües passivos. Se [z] se mantém, é sobretudo na zona rural e, também neste caso, como era esperado, no português dos colonos mais velhos.

MAPA 13 – Difusão diatópico-social da consoante fricativa palatal vozeada [ʒ]



Desta forma, apesar do baixo número de ocorrências da regra associadas ao traço [+ita], isto é, do segmento [z], e também da pequena variação diatópica, conseguimos representar de modo mais eficaz a variação diassocial, uma vez que o mapa contempla o uso de quatro grupos distintos em cada ponto. Veja-se, por exemplo, que a maior incidência da fricativa [z] ocorre na fala dos italianos mais velhos que habitam a zona rural, principalmente em Chapecó, Nova Palma e Caxias do Sul. Em segundo lugar, aparecem os grupos dos italianos mais jovens, mas também residentes na zona rural, mas não exatamente nos mesmos pontos. Todavia, em se tratando de diferenças tão pequenas entre o desempenho dos jovens rurais de um ponto a outro, não há como chegar a conclusões seguras a respeito de tendências.

TABELA 44 – Realização da consoante [ʒ], em vez de [z], por falantes italianos e lusos

Etnia	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Descendentes de luso-brasileiros	181/184	98	.90
Descendentes de italianos	482/559	86	.33
TOTAL	663/743	89	

Input: .95
Significância: .000

Conforme apontou o programa estatístico, *etnia* é a dimensão mais importante na realização da fricativa [ʒ].

Entre os luso-brasileiros é praticamente nula a realização da variante [+ita]. Isso quer dizer que, de fato, ela é uma marca dos ítalo-brasileiros que tende a ser cada vez mais rara, pelo que se observa dos números: a variante [+ptg] se impõe em todos os pontos e em todos os grupos, mas é mais freqüente ainda entre os jovens.

O segundo grupo de fatores considerado relevante é o *acento lexical*.

TABELA 45 – Realização da consoante [ʒ], em vez de [z], de acordo com o acento lexical

Acento lexical	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Sílaba átona	316/333	94	.72
Sílaba tônica	347/410	84	.31
TOTAL	663/743	89	

Input: .95
Significância: .000

De acordo com números da *Tabela 45*, percebe-se que, no português em contato com o italiano, no espaço pluridimensional delimitado para esta pesquisa, a fricativa palatal, típica do português-padrão, é mais freqüente nas sílabas átonas do que nas tônicas. Deduz-se, então, que a ênfase na pronúncia de certos segmentos dos vocábulos – o que é próprio das sílabas tônicas – acaba favorecendo a interferência do italiano.

Com base nos números e nas considerações acima, pode-se dizer que a difusão do português, também relativamente à pronúncia de [ʒ], é bastante ampla em todos os pontos da pesquisa, não se vislumbrando variação significativa quanto à intensidade dessa difusão em termos de arealização. Na perspectiva diassocial, a difusão dessa variável é favorecida, sucessivamente, pelos grupos representativos dos falantes lusos e pelos grupos dos falantes jovens urbanos e, depois, pelos jovens rurais. Quanto aos parâmetros lingüísticos, o acento lexical aparece como sendo o mais importante, indicando que a sílaba átona favorece a regra da pronúncia da fricativa palatal, e a sílaba tônica a desfavorece.

4.3 Variação do Português em Contato com o Italiano: dimensões e parâmetros

Nesta segunda parte da análise, examinaremos o modo e a intensidade da variação conjunta dos nove traços fonético-fonológicos que constituem o *corpus* da pesquisa (ditongo nasal [ãũ], consoante [r], consoante [aN], vogal átona final [e], vogal átona final [o], consoante [t] seguida de [i], consoante [d] seguida de [i], consoante [ʃ] e consoante [ʒ]), correlacionando-a com cada uma das dimensões previstas (cf. *Quadro 2*, seção 3.6). A variação é representada, de um lado, por pronúncias características do português brasileiro – por isso, consideradas variantes [+ptg] – e, de outro lado, por pronúncias associadas à interferência do italiano no português – por isso, consideradas variantes [+ita].

Através dessa análise, pretendemos verificar a difusão sócio-geográfica do português numa perspectiva mais ampla, uma vez que a variação será representada por todas as variáveis lingüísticas em estudo. A expectativa é que, assim, seja possível observar, de modo mais seguro e preciso, não só as eventuais tendências no que diz respeito ao português falado nas áreas de contato com o italiano, mas também determinar as dimensões que mais interferem na variação e na mudança do português de contato.

A distribuição percentual das variantes [+ptg] em cada uma das trinta e duas entrevistas, considerando os grupos padronizados nos oito pontos em que foi realizada a pesquisa, pode ser visualizada na *Tabela 46*.

Tabela 46 – Distribuição das variantes lingüísticas associadas ao português por grupos entrevistados padronizados em cada ponto

		[ão] %	[r] %	[aN] %	[e] %	[o] %	[ti] %	[di] %	[f] %	[z] %	%
Chapecó	UGII	100	79	87	14	28	46	16	100	100	63
	UGI	96	73	93	36	57	50	53	100	92	72
	RGII	12	21	89	25	35	28	11	85	61	41
	RGI	95	33	90	14	67	54	53	92	83	65
Videira	UGII	55	67	92	39	69	39	11	100	96	57
	UGI	93	53	85	29	74	40	56	100	96	59
	RGII	50	26	80	18	37	16	11	85	96	41
	RGI	61	13	92	14	31	34	21	93	96	44
Rodeio	UGII	48	63	92	30	35	8	0	93	96	46
	UGI	67	54	87	14	22	15	11	100	88	43
	RGII	19	11	95	4	14	4	0	93	90	35
	RGI	65	32	90	4	6	16	0	92	82	36
Orleans	UGII	96	100	95	89	86	52	11	100	100	70
	UGI	92	91	90	96	92	81	21	100	95	74
	RGII	70	47	90	63	37	39	0	92	91	51
	RGI	85	33	90	82	61	46	0	85	83	53
Sarandi	UGII	95	100	92	37	36	50	47	100	96	62
	UGI	100	81	87	36	69	65	47	100	83	63
	RGII	52	15	82	11	34	8	0	87	83	36
	RGI	70	25	86	11	59	52	16	80	92	47
Sananduva	UGII	100	90	84	25	43	52	37	100	100	59
	UGI	96	18	83	29	58	52	26	91	79	48
	RGII	26	12	89	7	22	16	6	86	87	36
	RGI	45	9	92	22	39	32	19	92	96	45
Caxias do Sul	UGII	89	91	87	64	66	60	37	100	100	67
	UGI	88	87	89	96	89	96	53	100	100	79
	RGII	8	33	87	18	28	12	0	77	68	36
	RGI	88	56	79	39	70	44	17	93	82	53
Nova Palma	UGII	93	74	92	25	43	42	33	100	100	57
	UGI	88	72	84	70	86	76	55	90	91	69
	RGII	19	37	83	14	34	23	6	91	63	39
	RGI	70	10	83	25	29	62	12	82	90	44
Média Percentual		70	50	88	34	49	41	21	93	89	59

Conforme consta na *Tabela 1* (seção 4.1), os dados da amostra somam 7.650 ocorrências, das quais 4.523 são realizações de variantes típicas do português-padrão e 3.127

são realizações de variantes próprias do português de contato com o italiano. Além de explicitar os percentuais de difusão dos traços não-marcados pelo contato com o italiano em cada uma das variáveis controladas, confirmando o que já foi demonstrado na seção anterior, a *Tabela 46* mostra o desempenho de cada um dos grupos, evidenciando que os grupos UGII (urbanos, mais velhos, menos escolarizados, lusos) e UGI (urbanos, mais jovens, menos escolarizados, ítalo-brasileiros) lideram a difusão do português. Em dois pontos (Rodeio e Sananduva), UGII têm percentual mais alto do que os grupos UGI, mas, em todos os demais pontos, estes grupos estão à frente daqueles, apesar de serem grupos formados por falantes ítalo-brasileiros e, portanto, supostamente mais sujeitos ao contato com o italiano. Entre os grupos da zona rural, em todos os pontos os falantes mais jovens falam português com menos interferências do italiano do que os mais velhos. Em resumo, tanto nas áreas urbanas, quanto nas áreas rurais, apesar de nessa áreas a intensidade da difusão ser menor do que naquelas, a mudança é conduzida pelos falantes mais jovens, sustentando, assim, a hipótese que há uma possível mudança em progresso, não só no que diz respeito à variação do português, mas indicando também que o italiano é falado cada vez menos.

Tabela 47 – Distribuição percentual das variáveis associadas ao português por grupos padronizados

Variantes associadas ao português	Grupos Estandarizados				Média percentual
	UGII	UGI	RGII	RGI	
Ditongo nasal tônico [ãw̃]	85	90	32	72	70
[r] forte [r, x]	83	66	25	26	50
Vogal [ɑ, ɔ̃, ɐ, ẽ] seguida de consoante nasal	90	87	87	88	88
Elevação da vogal átona final [e]	40	51	20	26	34
Elevação da vogal átona final [o]	51	68	30	45	49
Africação de [t] seguida de [i]	44	59	18	43	41
Africação de [d] seguida de [i]	24	40	4	17	21
Consoante fricativa palatal surda [ʃ]	99	98	87	89	93
Consoante fricativa palatal sonora [ʒ]	98	91	80	88	89
Média percentual	68	72	42	55	59

A correlação entre as variantes associados ao português e os quatro grupos estandarizados nos oito pontos em que fizemos a pesquisa é melhor visualizada através da *Tabela 47*. Como se pode observar, a fala do grupo UGI é a menos marcada por traços do português de contato com o italiano, com percentual de 72% de realizações de regras [+ptg],

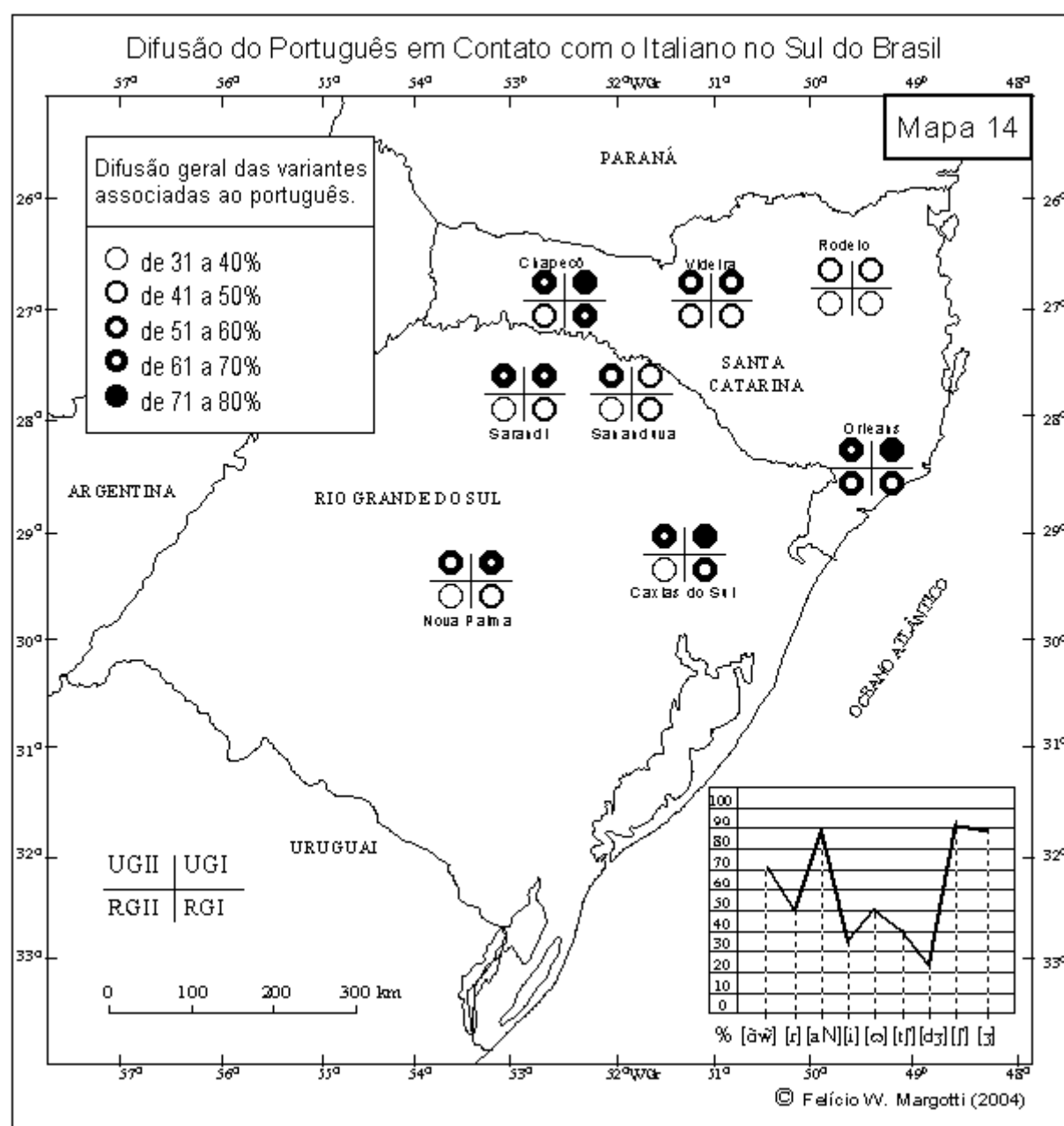
mas, na realização de [r] forte, de [a] seguida de consoante nasal e das fricativas palatais [ʃ] e [ʒ], quem difunde mais o português é o grupo UGII. Neste particular, convém destacar que o mais interessante talvez não seja o quanto os jovens urbanos falam sem reproduzir as características do *sotacon*, mas o fato de os falantes monolíngües, em português, reproduzirem traços do português de contato com o italiano, dando sustentação à hipótese de que as classes minoritárias tendem a reproduzir, em sua fala, características da fala das classes hegemônicas, aqui representadas pelos ítalo-brasileiros.

Por outro lado, a fala dos grupos RGII e RGI revela-se, conforme já era esperado, mais conservadora, reproduzindo mais intensamente os traços que denunciam o contato com o italiano. No entanto, quando comparados entre si, RGII e RGI diferenciam-se mais do que os grupos urbanos, principalmente na realização do ditongo nasal [ãw̃] e na africacão de [t] diante de [i]. Dentre as causas desse comportamento lingüístico entre os mais jovens rurais, é possível apontar as seguintes comparativamente a seus pais: i) aquisição do português como língua materna; ii) baixo grau de bilingüismo português/italiano; iii) menor contato com a língua italiana; iv) escolaridade mais elevada; v) maior integração com o meio; vi) maior contato com falantes monolíngües em português; vii) acesso aos meios de comunicação, especialmente a televisão.

Para melhor compreender as tendências de difusão do português na perspectiva diatópica e diassocial, elaboramos o *Mapa 14*, que representa o desempenho geral de todos os grupos entrevistados em cada ponto. Tal mapa mostra, entre outros aspectos, que há diferenças acentuadas na fala no espaço pluridimensional da pesquisa. Essa diferenças dizem respeito à intensidade da variação quando são confrontados os resultados dos diferentes pontos entre si e dos grupos standardizados entre si, bem como ao modo da variação quando são confrontados os resultados obtidos pelos diferentes grupos em cada ponto.

Usando uma escala associada a símbolos que se alternam a cada *step* de dez pontos percentuais, sinalizamos nos quatro ângulos da cruz o desempenho de cada grupo standardizado. Observa-se, então, de forma objetiva que a intensidade da variação varia entre os pontos e entre os grupos, seja na perspectiva diatópica, seja na perspectiva diassocial. Essas diferenças entre as várias dimensões controladas pela pesquisa serão analisadas com mais detalhadamente na seqüência.

Mapa 14 – Difusão geral das variantes associadas ao português



4.3.1 Pontos da pesquisa (localidades)

Os percentuais de realização das variantes [+ptg] e das variantes [+ita] nos oito pontos da pesquisa podem ser visualizados na *Tabela 48*, a seguir.

TABELA 48 – Realização das variantes [+ptg] e das variantes [+ita] por pontos da pesquisa

Variáveis lingüísticas	Variantes	Pontos da Pesquisa								TOTAL %
		Chapécó %	Videira %	Rodeio %	Orleans %	Sarandi %	Sananduva %	Caxias do Sul %	Nova Palma %	
Ditongo nasal tônico [ãw̃] (799 ocorrências)	[ãw̃]	75	66	50	86	78	69	69	66	70
	[õw̃, õ]	25	34	50	14	22	31	31	34	30
Consoante [r] forte (1.048 ocorrências)	[r, x]	52	39	40	68	54	31	66	48	50
	[ɾ, r]	48	61	60	32	46	69	34	52	50
Vogal [aN] (1.222 ocorrências)	[a, ã, e, ê]	90	87	91	91	86	87	86	85	88
	[ã, a]	10	13	9	9	14	13	14	15	12
Vogal átona final [e] (887 ocorrências)	[i, ɪ]	22	25	13	83	23	21	54	33	34
	[e]	78	75	87	17	77	79	46	67	66
Vogal átona final [o] (1.134 ocorrências)	[ω, w]	47	53	19	69	50	41	63	48	49
	[o]	53	47	81	31	50	59	37	52	51
Consoante [t] ____ / [i] (817 ocorrências)	[tʃ, tʃ̃]	45	33	11	54	44	37	53	50	41
	[t]	55	67	89	46	56	62	47	50	59
Consoante [d] ____ / [i] (585 ocorrências)	[dʒ, dʒ̃]	33	24	3	8	27	23	27	27	22
	[d]	67	76	97	92	73	77	73	73	78
Consoante [ʃ] (415 ocorrências)	[ʃ]	94	94	95	95	91	92	92	91	93
	[ʃ̃]	6	6	5	5	9	8	8	9	7
Consoante [ʒ] (743 ocorrências)	[ʒ]	84	96	89	93	88	90	88	86	89
	[ʒ̃]	16	4	11	7	12	10	12	14	11
Percentual de ocorrências das variantes associadas ao português por ponto		60	57	46	72	60	55	66	59	59/41

A primeira linha de cada uma das nove variáveis refere-se às realizações fonético-fonológicas associadas ao português brasileiro dito padrão, ao passo que a segunda linha refere-se às realizações associadas ao português de contato com o italiano. Nos oito pontos pesquisados, constatou-se variação significativa na realização de todas as variáveis enfocadas, embora o comportamento individual não seja o mesmo. As variáveis ditongo [ãw̃], consoante

[aN], consoante [ʃ] e consoante [ʒ] apresentam percentuais acima de 70% de realizações [+ptg], isto é, de regras associadas ao português. Em sentido oposto, as variáveis consoantes [t] e [d] seguidas de [i] e vogal átona final [e] apresentam percentuais inferiores a 40% de realizações [+ptg], indicando uma resistência maior à difusão das mesmas. Já as variáveis consoante [r] e vogal átona final [o] apresentam variação em torno de 50%.

No cruzamento individual dessas variáveis lingüísticas com parâmetros espaciais, sociais e lingüísticos através do programa VARBRUL, o grupo de fatores *pontos da pesquisa* foi considerado o mais relevante na realização das vogais átonas finais [e] e [o], e o segundo mais relevante na realização da consoante [r]. Por outro lado, na realização da vogal [aN], da consoante [ʃ] e da consoante [ʒ], esse grupo de fatores foi considerado irrelevante. Isso indica que, ao contrário de outras dimensões da amostra, não se evidencia uma forte influência do grupo de fatores *pontos de pesquisa* na variação.

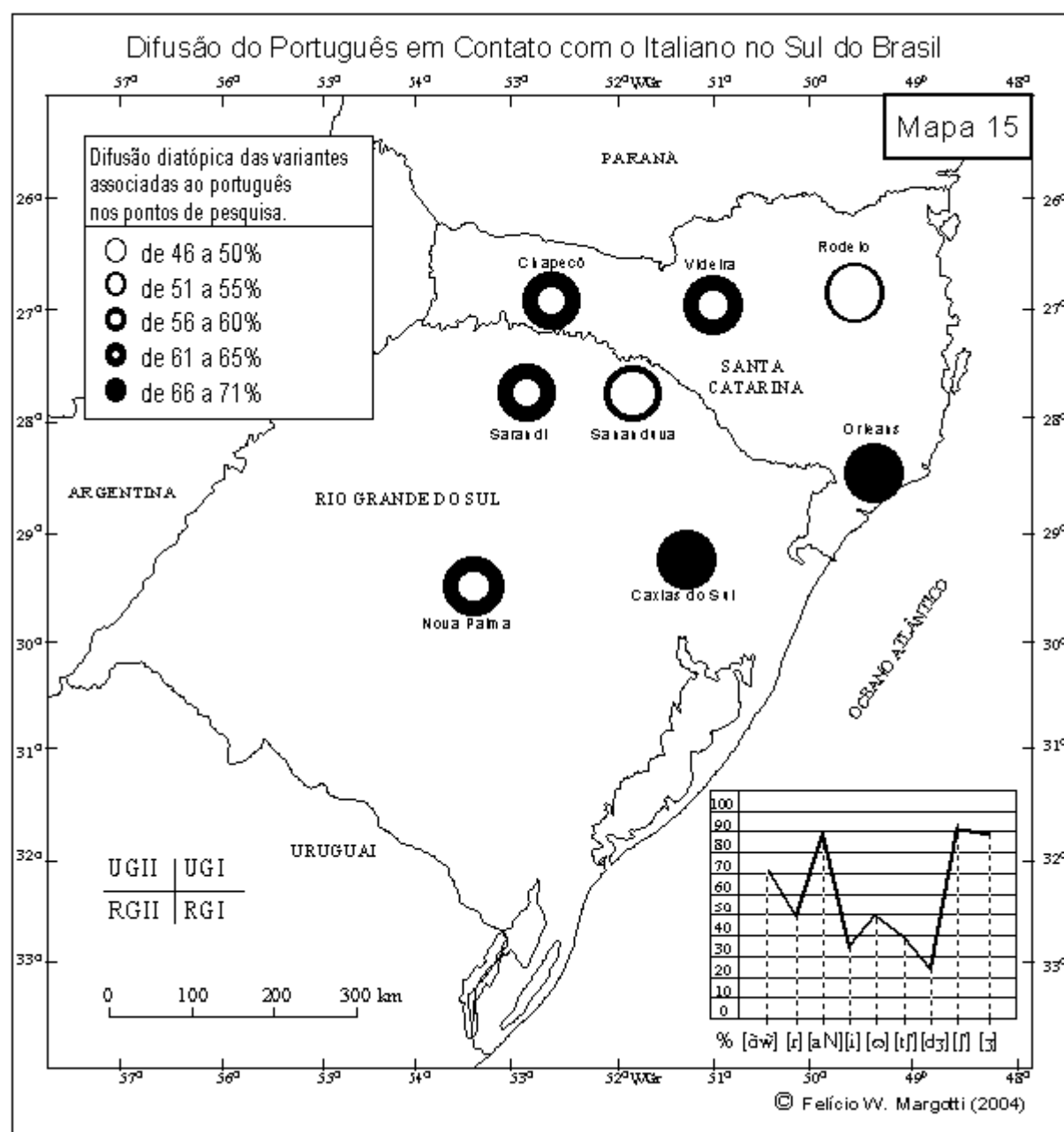
Cabe perguntar, então, por que isso é assim, já que os números indicam acentuadas diferenças de variação entre um ponto e outro, como, aliás, é claramente demonstrado através do *Mapa 15*. Essa variação não só fica evidenciada quando se congregam os dados de todas as variáveis lingüísticas (ver *Tabela 48*), mas também, como já foi demonstrado, ocorre em relação a cada uma das variáveis lingüísticas, evidentemente em algumas bem mais que em outras.

Uma resposta possível para o caso pode estar relacionada ao afastamento geográfico que os pontos têm entre si. De fato, cada um deles representa uma região que tem características específicas, não se evidenciando a influência de um sobre o outro ponto. Ou seja, Caxias do Sul não influencia o uso lingüístico de Nova Palma e vice-versa, assim como nenhum deles influencia a fala de Sananduva, e este ponto, por sua vez, não influencia Chapecó, ou Videira, por exemplo. Em resumo, ao que parece, cada um dos pontos pesquisados configura-se, no plano diatópico, como uma ilha lingüística, não havendo elementos que possam apontar a existência de arealização lingüística através de um corredor, uma rota migratória ou uma via de comunicação. Também não há elementos que possam sustentar a tese de uma arealização do tipo arquipélago, irradiando por toda uma região em torno de um ponto propulsor da difusão.

Certamente a realidade seria outra, em termos de resultados, se a malha de pontos da pesquisa fosse mais extensa, permitindo, por exemplo, comparar os resultados de Caxias do Sul com o resultado de outras localidades próximas, eventualmente sob influência desse

grande centro urbano. Ao analisar a difusão no espaço, devemos também levar em conta, como afirmam Chambers e Trudgill (1980, p. 182), que uma inovação lingüística freqüentemente é reflexo de outros tipos de difusão: sociolingüística, lexical ou contextual (lingüística).

MAPA 15 – Difusão diatópica do português



Por outro lado, considerando que na variação diatópica não importa *quanto* varia, mas sim *como* varia, ou seja, deve-se levar em conta o tipo de arealização que a(s) variável(is) lingüística(s) configura(m) no espaço, vamos ver isso comparando o desempenho de cada um dos pontos pesquisados, agrupando, em cada ponto, os dados [+ptg] de todas as variáveis lingüísticas das quatro entrevistas: as duas rurais e as duas urbanas. Os resultados podem ser visualizados no *Mapa 15*.

Através de uma escala percentual com degraus que se alteram a cada cinco pontos, a legenda do mapa associa o grau de difusão dos traços associados ao português aos símbolos, os quais representam a difusão no plano diatópico: quando mais hachurado estiver o símbolo, maior o grau de difusão. Observa-se, assim, que Orleans e Caxias do Sul, duas colônias velhas, estão em estágio mais avançado do que os demais pontos no que diz respeito à inovação lingüística. No plano oposto, isto é, com mais resistência à incorporação de inovações lingüísticas e, portanto, à difusão de traços do português inferior aos outros pontos, citam-se, pela ordem, Rodeio e Sananduva.

Como explicar esses resultados? Apesar de os dados constituírem tão somente uma pequena amostra do português falado nos oito pontos representativos de diferentes áreas de colonização italiana no Sul do Brasil, é possível visualizar algumas pistas.

Orleans, cuja origem vincula-se à ex-colônia Grão-Pará, criada em 1882, tem o mais alto índice de difusão de traços associados ao português. Esse resultado é explicado, em parte, pelo fato de o lugar apresentar uma diversificação étnica composta por descendentes de italianos, alemães, poloneses, letos e portugueses, entre outros. Essa diversidade étnica tem origem na própria fundação da colônia, uma vez que o objetivo, na época, era ocupar as terras com colonos nacionais e internacionais, independentemente da procedência. Em vista disso e também devido à localização, mesmo a população sendo formada predominantemente por italianos (cerca de 50%, principalmente vênets), desde o início da colônia foi intenso o intercâmbio econômico e cultural com comunidades luso-brasileiras locais ou de lugares próximos, estimulado, inicialmente, pela construção da estrada de ferro para o escoamento do minério de carvão e, depois, por rodovias, hoje asfaltadas. Ou seja, Orleans não é um município em que prevalecem, com acentuada maioria, descendentes de italianos, tampouco sofreu durante longos anos o isolamento por falta de vias de transporte ou de outros meios de comunicação. O contato com luso-brasileiros e com imigrantes de outras etnias desde o início da colonização, ao lado de outros fatores, como, por exemplo, ensino escolar em português,

obrigou os italianos a aprender cedo a língua oficial, usada no meio social e nas relações econômicas. Hoje em dia, são cada vez mais escassos, em Orleans, descendentes de italianos que ainda falam a língua étnica.

Caxias do Sul, por sua vez, fundada em 1875 por italianos vindos do Norte da Itália (vênetos em sua maioria), e que por várias décadas permaneceu isolada devido à falta de estradas e de outras formas de comunicação, é hoje um grande centro metropolitano, com destaque na vinicultura e nas atividades industriais do ramo metal-mecânico. Esse cenário, juntamente com outros fatores, entre os quais a rápida transformação urbana pela qual passou Caxias do Sul a partir da década de 1960, o incremento do turismo e o desenvolvimento do ensino, inclusive universitário, fez com que a língua italiana fosse perdendo espaço e, conseqüentemente, o português se difundisse cada vez mais. Na área urbana, onde residem cerca de 90% dos habitantes, é cada vez menor o número de descendentes de italianos que ainda falam a língua dos antepassados, não obstante sinais de revitalização da língua e dos costumes dos italianos que, segundo Frosi (1996, p. 166), "pode ser interpretada como *retorno da terceira geração*". De outra parte, em Caxias do Sul, mais do que nos demais pontos da pesquisa, é presente entre os urbanos a estigmatização da fala de contato com o italiano, considerada fala de colono, ou seja, indivíduo "pouco civilizado", que "gosta de trabalhar, mas não tem cérebro" (UGI-CAX-C).

Já em Rodeio, apesar de a colonização também ter ocorrido no último quartel do século XIX, a realidade é bem diferente da de Orleans e de Caxias do Sul. Segundo informações prestadas por autoridades locais, 95% da população, em Rodeio, é descendente de italianos, principalmente trentinos, e mais de 70% ainda falam o italiano. Esses descendentes dos imigrantes precursores preservam orgulhosamente a língua, as tradições européias do Norte da Itália, seus usos e costumes, dando visibilidade às marcas de italianidade, através do ensino de italiano, da dança folclórica, do canto infantil e de adultos, do teatro da Paixão, da música e de outras atividades artístico-culturais, como *La Sagra*, que é uma festa étnica regional promovida principalmente pelo Círculo Trentino, com apoio da prefeitura municipal e de outros órgãos públicos e privados.

Sananduva também apresenta baixo índice de difusão do português comparativamente aos demais pontos pesquisados. Trata-se de um município de tamanho médio quanto ao número de habitantes, em que prevalecem ainda hoje os ítalo-brasileiros (cerca de 90% da população), voltados sobretudo para a produção agrícola. Apesar de não

haver em Sananduva a mesma valorização étnico-cultural que constatamos em Rodeio, a língua italiana ainda é falada por grande parte da população, inclusive pelos mais jovens, principalmente no meio rural.

Os demais pontos da pesquisa, apesar de serem distintos quanto à formação histórica, quanto à organização social e econômica, haja vista o tempo de ocupação por italianos, a formação da população, a distribuição no espaço, o número de habitantes, o nível de desenvolvimento, a representatividade regional, entre outros aspectos, ainda configuram, do ponto de vista geolingüístico, áreas de transição entre um estágio no qual o português ainda não se difundiu plenamente, isto é, no qual ainda se mantêm fortes traços de influência italiana, e o estágio de forte difusão do português.

A comparação da variação lingüística entre os oito pontos pesquisados revela, portanto, que eles se diferenciam quanto à intensidade da difusão do português, dando sustentação à hipótese inicial. Resta saber, no entanto, como se dá a difusão em cada um dos pontos, levando em consideração as outras dimensões controladas pela pesquisa.

Mudando de uma análise mais topostática, como a anterior, que compara o comportamento dos oito pontos da pesquisa, para uma análise topodinâmica dessa variação, que considera a migração, o movimento dos falantes e das variantes lingüísticas entre ponto/área e outro, consideraremos a comparação entre colônias velhas e novas, estas formadas por falantes provenientes daquelas. A hipótese, neste caso, é de que nas colônias velhas – onde imigrantes vindos da Europa foram assentados –, tendo em vista que estão há mais tempo em contato com a língua oficial, a difusão do português esteja mais adiantada do que nas colônias novas, ocupadas em período subsequente por descendentes dos imigrantes precursores. O isolamento inicial enfrentado pelos primeiros imigrantes repetiu-se com os novos, de forma dupla: seus falantes saíram das colônias velhas e tiveram que ocupar uma área de mata nova. Considera-se, neste caso, que o contato com o português iniciou mais cedo nas colônias velhas, já mais agrupadas, urbanizadas mais cedo e mais próximas de outros centros urbanos. O estágio de partida do bilingüismo foi semelhante, porque as colônias novas são extensão das colônias velhas. Mas, em princípio, o estágio de contato com o português estava mais avançado nas colônias velhas, pois os novos assentamentos não foram feitos em áreas novas próximas a populações lusas. Em síntese, nas colônias novas houve retardamento na difusão do português porque os migrantes que para lá se deslocaram ficaram, durante algum tempo, mais isolados dos que os habitantes das colônias velhas.

As colônias velhas (Áreas RS1 e SC1) e as colônias novas (Áreas RS2 e SC2) foram agrupadas, duas a duas, por estado. Os resultados estão descritos no *Mapa 15*, acima.

Conforme demonstra o mapa, a hipótese acima se confirma em relação a Orleans e Caxias do Sul, por razões anteriormente explicitadas. Já Nova Palma, que também é uma das colônias velhas da amostra, apresenta um nível de inovação lingüística intermediário, provavelmente em razão de um certo isolamento geográfico e cultural. A localização do ponto em terras montanhosas, o pouco contato de seus habitantes com populações lusas e a ausência de uma integração mais intensa com outras localidades mais populosas, entre outros aspectos, contribuem para a preservação dos padrões lingüísticos existentes, fazendo com que a inovação se dê em ritmo mais lento do que em outros pontos, como Caxias do Sul, por exemplo. Rodeio, colônia velha da área SC1, por sua vez, apresenta o mais baixo estágio de difusão do português, como bem já foi demonstrado, em razão da existência de forte identidade italiana e preservação dos valores étnicos.

Por outro lado, a hipótese de que as colônias novas são mais resistentes à difusão do português confirma-se em Sananduva, Sarandi e Videira, mas não em Chapecó. A razão provável para este último ponto é que se trata de um grande centro urbano, centro de referência, não só para toda a Região Oeste de Santa Catarina, mas também para cidades do Norte e Nordeste do Rio Grande do Sul.

A comparação das áreas RS1 e SC1 demonstra que as colônias velhas do Rio Grande do Sul têm um índice de difusão do português superior a todas as outras áreas, neste caso, graças à elevada difusão em Caxias do Sul e ao estágio intermediário de difusão em Nova Palma, por um lado, e aos desempenhos díspares de Orleans e Rodeio, por outro lado. Já as áreas RS2 e SC2 estão em um patamar intermediário de uso das variantes associadas ao português, embora as colônias novas do Rio Grande do Sul sejam ainda mais conservadoras.

A dimensão *diatópico-cinética*, composta por colônias novas e velhas, quando correlacionadas com os demais grupos de fatores da pesquisa pelo programa VARBRUL, não foi considerada relevante em primeiro ou em segundo lugar em relação à realização de nenhuma das variáveis lingüísticas controladas. Aparece, no entanto, em terceiro lugar na realização da vogal átona [e] e da consoante [d], em quarto lugar na realização da consoante [r] e em sétimo lugar na realização da vogal [o] e da consoante [t]. Isso, no entanto, não quer dizer que a idade do ponto, o deslocamento de pessoas, a forma de contato com outras populações não seja determinante no modo de difusão da inovação lingüística. Significa,

antes, que, no atual estágio, tendo em vista a integração das cidades através de estradas modernas, dos meios de comunicação e do comércio intenso, entre outros aspectos, a inovação lingüística é conduzida predominantemente por outros fatores, como veremos adiante. Do ponto de vista geolingüístico, é importante observar que o contato dos italianos com o português não ocorreu da mesma forma em todos os lugares e, também em razão disso, a difusão está mais avançada em alguns pontos do que em outros.

Por outro lado, para melhor entender os resultados, convém lembrar que a imigração interna ocorreu nas primeiras décadas do século XX, período que coincide com o início do bilingüismo italiano-português, embora o italiano ainda fosse a língua materna. Ou seja, o estágio de bilingüismo das novas colônias, na época de sua implantação, era semelhante ao estágio de bilingüismo das áreas de origem. Mas as novas terras eram lugares, em geral, desabitados e, como tal, no início os colonizadores enfrentaram o isolamento e a falta de contato com outras populações e centros urbanos. Em vista disso, pode-se inferir que os descendentes de italianos que se deslocaram para o Nordeste e Norte do Rio Grande do Sul – representados aqui por Sananduva e Sarandi – e, em seguida, para o Meio-Oeste e Oeste de Santa Catarina – representados aqui por Videira e Chapecó – e além, levaram para essas regiões não só seus bens móveis, que certamente não eram muitos, mas sobretudo seu patrimônio lingüístico e cultural, que ainda hoje persiste em certa medida, apesar dos processos acelerados de urbanização e industrialização que se implantaram desde meados do século XX e da integração dos ítalo-brasileiros à sociedade brasileira.

Em resumo, há fortes indícios de que, na perspectiva histórica, o estágio de difusão do português em cada área de contato com o italiano está, em parte, correlacionado ao tempo e à quantidade de contato, tendo em vista a urbanização e a presença de português dentro de cada ponto. Isso traz à tona o papel da mistura étnica que, de acordo com historiadores, foi até planejada pelo governo como forma de acelerar o processo de assimilação.³⁹

³⁹ Cf. Roche (1969, p. 131-132).

4.3.2 Variação diazonal (áreas urbanas e rurais)

Em nossa pesquisa, ao incluir falantes da zona rural e da zona urbana, tivemos a pretensão de ampliar a capacidade de descrição e análise dialetológica. Costuma-se identificar as variedades de fala dos imigrantes como marcas de identidade da população essencialmente rural. Neste sentido, propomo-nos a investigar a tese de que os falantes urbanos tendem a rechaçar as marcas lingüísticas associadas ao modo de falar dos italianos, visto ser esse modo de falar estigmatizado, seja por parte dos descendentes de italianos, seja por parte dos não-italianos. A estigmatização também pode ser externa à própria comunidade de fala, mas é percebida pelos falantes do lugar. É o que se depreende, por exemplo, do comentário a seguir, feito por uma jovem de Sarandi, descendente de italianos.

Porque, assim, se eu tivesse que puxá o ‘r’ lá em Passo Fundo ou Porto Alegre, eles se iam ri, que eles acham isso... Eles chamam isso de uma pessoa que vem do interior, como eu, fazê cursinho, e eu fui falá uma palavra, e vários se acostumaram a falar com ‘i’ em vez de ‘e’, eles simplesmente – alguns falam, mas a maioria fala com ‘i’ – eles simplesmente me xingam. **Diz que eu sou do interior porque eu falo assim.** Então, nós, 01pra eles, somos conhecidos como colonos. (UGI-SAR-C)

A estigmatização é revelada também através de anedotas, como esta que foi contada por um falante luso-brasileiro de Sananduva.

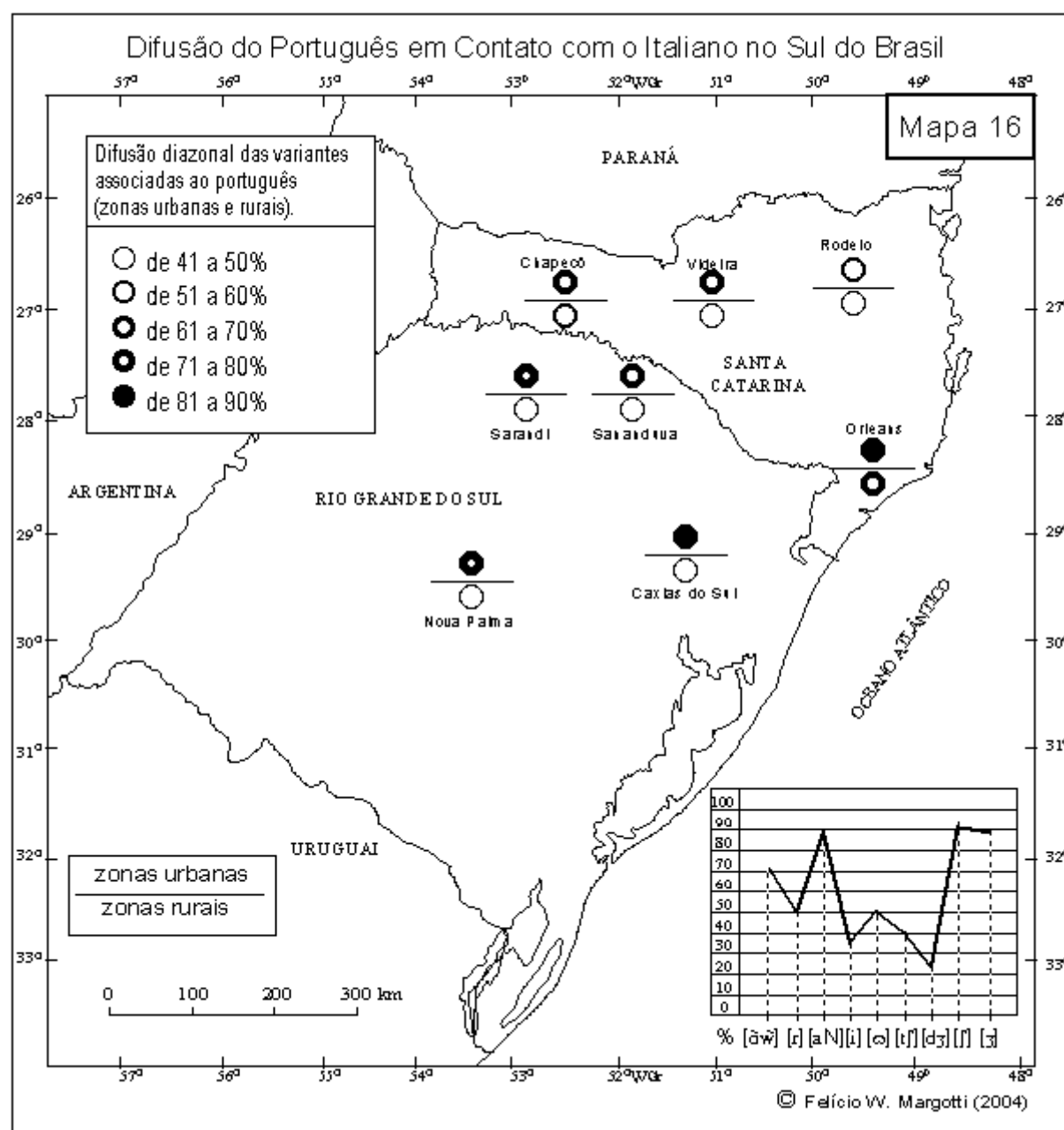
É pela pronúncia, né. [...] Vou te dá um exemplo. Tinha um cara que era prefeito do município aí, e o cara era prefeito de Erechim. E um cara foi lá falar com ele e tinha Erechim com “x” e com “ch”. Aí chegou lá o professor e os alunos e ele disse:
- Nós temos aqui uma polêmica com “x” e com “ch”. O senhor é a autoridade máxima do município. Nós queria saber qual é o correto?
- Ah, pra mim, tanto faz. Eu escrevo com dois “esses”. (UGII-SAN-C)

A hipótese, neste caso, é a de que os falantes urbanos são mais inovadores do que os falantes rurais. Espera-se, inclusive, que as diferenças entre a fala rural e a urbana, relativamente às nove variáveis enfocadas nesta pesquisa, sejam bastante acentuadas, haja vista que os falantes mais velhos da área urbana (UGII) são descendentes de luso-brasileiros, e os falantes urbanos mais jovens (UGI) têm escolaridade superior a todos os demais informantes. Em tese, então, há pelo menos cinco fatores que favorecem os urbanos na difusão do português: i) parte deles não é descendente de italianos; ii) os urbanos mais jovens são mais escolarizados do que todos os demais; iii) os urbanos tendem a estigmatizar a fala dos colonos; iv) os falantes urbanos têm menos contato com o italiano do que os rurais; v) os

habitantes da cidade têm mais contato com falantes externos à comunidade do que os habitantes rurais.

As diferenças entre o português falado por moradores das áreas rurais e das áreas urbanas podem ser visualizadas no *Mapa 16*.

MAPA 16 – Difusão diazonal do Português (áreas rurais e urbanas)



Conforme expressa o mapa, em todos os pontos a difusão de traços [+ptg] é mais significativa no meio urbano do que no rural; este último mantém mais os traços de interferência do italiano, logo preserva mais o português de contato com o italiano. Todavia, no confronto entre os pontos, o contraste é, sobretudo, marcante em Caxias do Sul e Orleans, os quais, como já explicitamos, são pontos onde há contato mais intenso com o português e maior presença de população lusa. O mapa ainda revela que as áreas novas (RS2 e SC2) têm um comportamento intermediário. Mesmo assim, a oposição entre falantes urbanos e rurais persiste, e isso é percebido pelos falantes, como se depreende do depoimento anteriormente citado, coletado em Sarandi. A menor diferença entre a situação lingüística urbana e rural é registrada em Rodeio, uma vez que esse ponto é um exemplo de tipo de comunidade bilíngüe com alto grau de manutenção da língua minoritária, o italiano.

Os resultados, de fato, dão sustentação à hipótese de que, entre os falantes urbanos, a difusão do português é bem mais intensa do que entre os falantes rurais. Essa tendência foi verificada em todas as variáveis lingüísticas e em todos os pontos, embora com diferenças. Na realização da consoante [r], por exemplo, os urbanos produziram a variante [+ptg] em 74% dos casos, ao passo que os rurais produziram a variante [+ptg] apenas em 26% dos casos, ou seja, a diferença entre urbanos e rurais, neste caso, chega a 48 pontos. Por outro lado, na realização de [aN], a diferença entre a realização da variante [+ptg] por urbanos e rurais foi apenas de 2 pontos, respectivamente, 89% e 87%.

Ao correlacionar individualmente as variáveis lingüísticas com os outros grupos de fatores lingüísticos e não-lingüísticos, o programa VARBRUL considerou que a dimensão *diazonal* (urbanos e rurais) é a mais relevante de todas na realização do ditongo nasal [ãõ], da consoante [r], da africacão consoante [d] seguida de [i], da realização consoante palatal chiante [j]. Na africacão da consoante [t] seguida de [i] e na elevação da vogal átona final [e], essa dimensão foi selecionada, mas considerada irrelevante para a realização de [aN] - fechado.

4.3.3 Variação diageracional (idade)

No início das entrevistas para coleta de dados, anotamos em formulário impresso a idade de cada um dos informantes. Por meio deste controle, pudemos verificar que a idade média dos informantes por grupos estandardizados é a seguinte: UGII – 53,5 anos; UGI – 21,2

anos; RGII – 57,2 anos; RGI – 24 anos. Esses grupos, que correspondem às trinta e duas entrevistas da amostra estão sinalizados nos mapas através da cruz colocada em cada um dos pontos. À esquerda da cruz estão os grupos de falantes mais velhos (GII), com idade de 45 a 60 anos, e à direita os grupos mais jovens (GI), com idade de 15 a 30 anos. Os falantes urbanos mais velhos, sinalizados no ângulo superior esquerdo, são luso-brasileiros – eventualmente afro-brasileiros – e os rurais mais velhos, sinalizados no ângulo inferior esquerdo, são ítalo-brasileiros. Ambos os grupos de informantes mais velhos têm escolaridade até a 8ª série. Os jovens urbanos, sinalizados no ângulo superior direito, têm escolaridade superior à 8ª série, enquanto os jovens rurais, sinalizados no ângulo inferior direito, têm escolaridade até a 8ª série. Ambos os grupos de informantes mais jovens são formados por ítalo-brasileiros. Nesta seção, confrontaremos a fala de indivíduos mais velhos com a fala de mais jovens.

A inclusão, na amostra, de falantes mais velhos e de falantes mais jovens baseia-se na hipótese de que as pessoas tendem a reproduzir o estado de língua adquirido no início da vida, até a adolescência, e tendem a não mudar depois disso. Assim, a diferença entre a fala de indivíduos mais velhos e mais jovens, de uma mesma população, indica que há uma possível mudança lingüística em progresso.

O *Mapa 17*, que anula zona de residência, etnia e escolaridade, mostra que entre os falantes mais jovens é maior o grau de difusão do português, confirmando a hipótese esperada. O percentual médio, computadas todas as realizações das nove variáveis lingüísticas e de todos os grupos de falantes mais jovens, é de 62% de realizações das variantes [+ptg]. Entre os mais velhos, representados pelos grupos de falantes lusos urbanos e falantes ítalo-brasileiros rurais, o percentual médio é de 55%. Esses dados, apesar de a diferença entre a fala de velhos e de jovens não ser grande, dão sustentação à hipótese inicial de que os falantes mais jovens favorecem a difusão do português, apontando, assim, para a existência de uma mudança em progresso.

No entanto, examinando o mapa, percebe-se que a diferença entre a fala de velhos e jovens não é a mesma em todos os pontos. Os resultados de Sananduva, Videira e Rodeio, por exemplo, além de apresentarem os mais baixos níveis de difusão do português, revelam uma relativa estabilidade, com pouca diferença entre a fala de falantes mais velhos e mais jovens. Nos demais pontos, observa-se a tendência geral de maior difusão dos traços [ptg] entre os jovens, dando sustentação à hipótese prévia. Nova Palma, Sarandi e Chapecó têm

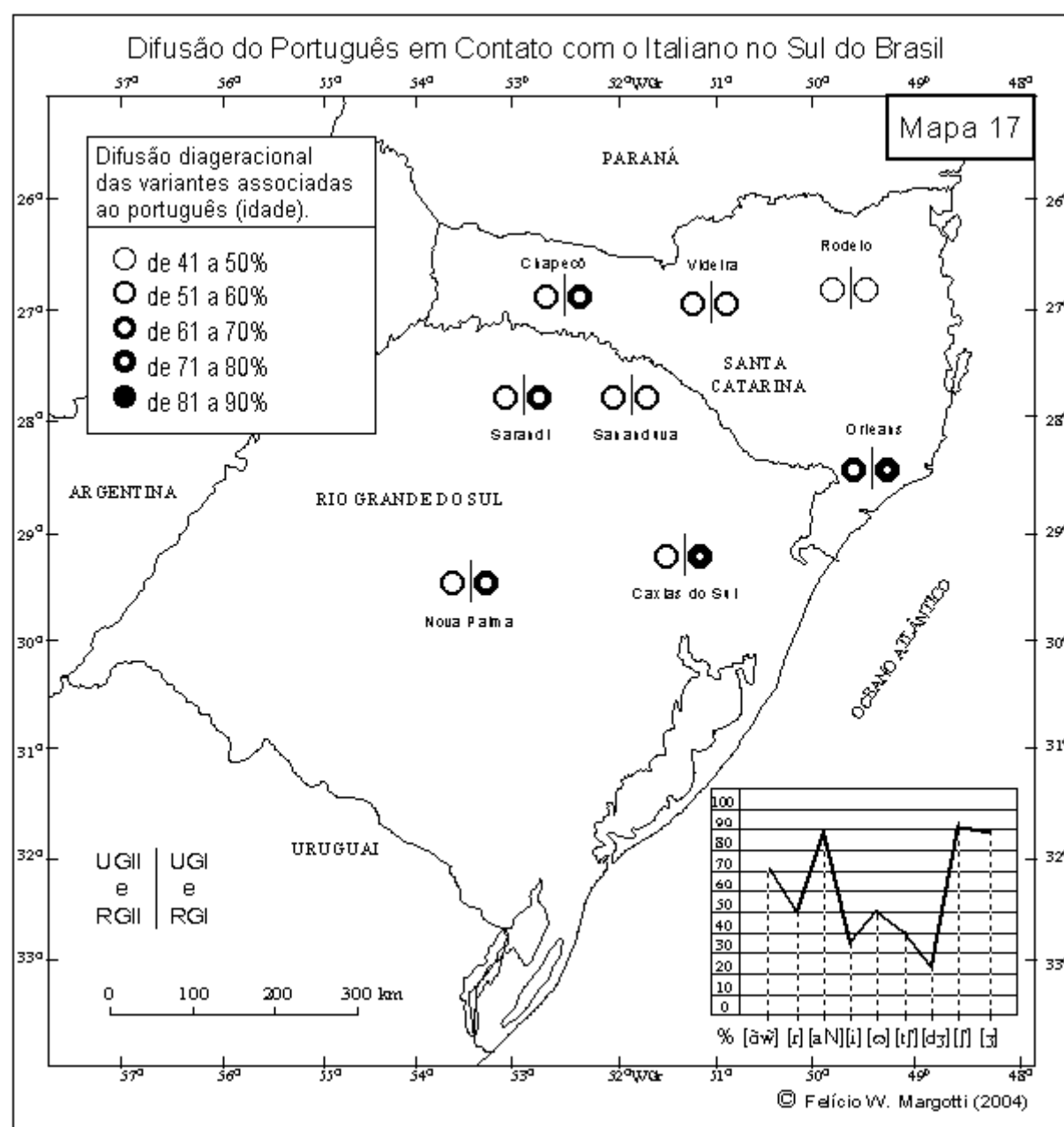
comportamento intermediário, em que os jovens tendem a inovar mais do que os mais velhos. Já em Caxias do Sul, observa-se a maior diferença entre velhos e jovens, indicando a existência de uma mudança recente mais intensa, que pode estar associada ao elevado grau de urbanização ou mesmo à mudança de atitude dos mais jovens, que estigmatizam e rejeitam a fala dos mais velhos, marcada por interferências do italiano. Em Orleans, apesar de haver ainda diferença entre a fala de indivíduos mais velhos e mais jovens, tanto num grupo quanto no outro a fala tende fortemente a suprimir as marcas do português de contato.

Diferentemente do comportamento apresentado por outras dimensões, chama a atenção, quando se compara a fala de indivíduos mais velhos e de indivíduos mais jovens, o fato de que, na realização da variável [r], os falantes mais jovens realizam menos a variante [+ptg] do que os mais velhos (ver *Mapa 6*). Também é relevante que, na realização de [ʃ] e de [ʒ], falantes mais velhos e mais jovens apresentem o mesmo desempenho: respectivamente 83% e 89% de variantes [+ptg] (ver *Mapa 12 e 13*, respectivamente). Em parte, isso pode ser atribuído à falta de ortogonalidade entre os grupos, uma vez que, entre os mais velhos, os rurais são formados por ítalo-brasileiros, ao passo que os urbanos são formados por luso-brasileiros. O mesmo não acontece com os grupos mais jovens, todos formados por ítalo-brasileiros.

A variável lingüística que melhor revela a diferença entre a fala de velhos e jovens é o ditongo [ãw̃], com percentuais de 59% e 81%, respectivamente. Os pesos relativos correspondentes, atribuídos pelo VARBRUL ao grupo de fatores idade, no cruzamento dessa variável lingüística com os demais grupos de fatores, foi de .26 para falantes de 45 a 60 anos e de .75 para falantes de 15 a 30 anos. Isso se deve, possivelmente, ao fato de que as variantes [+ita], ou seja, [õw̃] e [õ], estejam ainda bastante difundidas, tanto entre os ítalo-brasileiros mais velhos, quanto entre os luso-brasileiros mais jovens. Convém lembrar que os falantes pertencentes a outras etnias – os alemães, por exemplo – também realizam a variante não-portuguesa, além, é claro, dos luso-brasileiros rurais ou menos escolarizados. A elevada diferença na realização da variante [+ptg] na pronúncia do ditongo [ãw̃], entre falantes mais velhos e mais jovens, pode ainda ter como causa a existência, em português, de vocábulos com sílaba final [oM] e [oN], como é o caso de *bom*, *bombom*, *cupom* etc. Ocorre que os falantes mais velhos, tanto ítalo-brasileiros quanto luso-brasileiros, são os menos escolarizados e, em não conhecendo as diferenças gráficas, por um lado, e acostumados a ouvir a pronúncia [+ita] de outro lado, tendem a considerar a mesma coisa aquilo que é

diferente. Na pronúncia do item lexical *filé-mignon*, em nossa amostra, por exemplo, 18,75% dos informantes realizaram o ditongo nasal tônico [ãw].

MAPA 17 – Difusão diageracional do português (idade)



Ao contrário, entre os mais jovens, que são mais escolarizados, verifica-se acentuada difusão da variante [ũw], que é associada ao português da escola e dos meios de comunicação. Além disso, o menor grau de bilingüismo existente nessa faixa etária favorece a aquisição e a realização da variante [+ptg], uma vez que a percepção e a pronúncia não estão, digamos assim, moldadas pelo sistema fonético-fonológico do italiano.

4.3.4 Variação diastrática (escolaridade)

A dimensão diastrática inclui todos os parâmetros que definem a classe social, mas, no caso desta pesquisa, restringe-se ao grupo de fatores que visa a confrontar a fala de indivíduos com nenhuma ou até 8 anos de escolaridade com a fala de indivíduos com mais de 8 anos de escolaridade.⁴⁰ A distinção envolve os jovens urbanos, com mais escolaridade, e os demais grupos, com menos escolaridade.

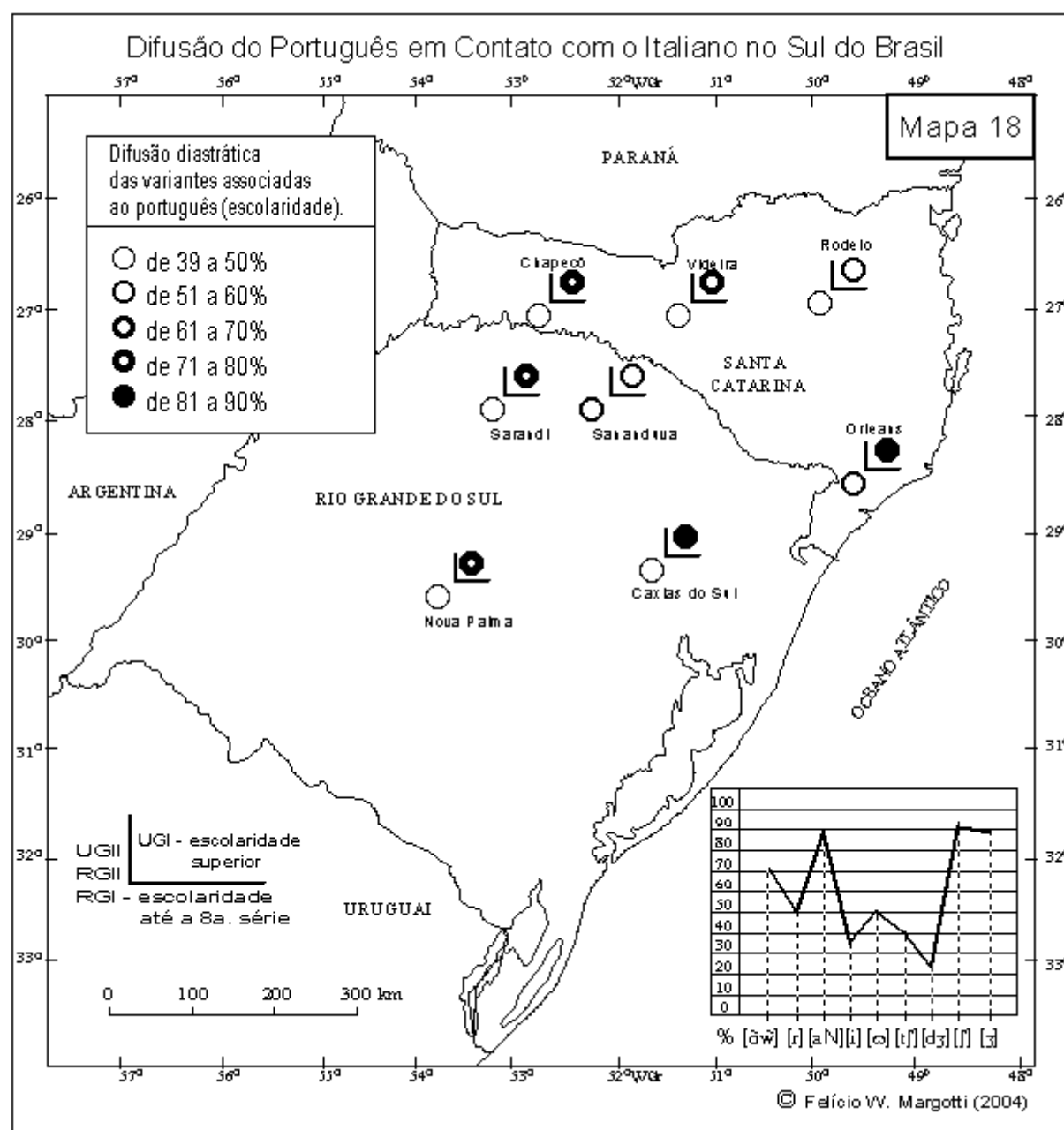
A despeito da falta de ortogonalidade da amostra, os números favorecem significativamente os mais escolarizados (UGI) na difusão do português, com média de 71% de realizações de traços [+ptg], ao passo que a média dos outros grupos é de 54%. Essa diferença se mantém praticamente inalterada na comparação entre jovens urbanos e rurais, pois estes têm 55% de realização das variantes [+PTG]. Os jovens urbanos e mais escolarizados, como se vê pelo *Mapa 18*, ao fazer uso das variantes de prestígio, prescritas pela escola, ou adquiridas através de materiais escritos e da interação com outras pessoas letradas e falantes monolíngües em português, lideram os processos de difusão do português, dando sustentação à hipótese inicial desta pesquisa.

Essa acentuada diferença no desempenho dos grupos UGI em relação aos demais ocorreu com todas as variáveis estudadas, exceto com a realização da vogal [a] seguida de consoante nasal, cujos percentuais foram de 87% para as variantes [ɑ, ɶ, ɐ e ẽ] entre os falantes com escolaridade superior à 8ª série e de 88% para falantes com escolaridade até a 8ª série. As consoantes fricativas alveopalatais [ʃ] e [ʒ] apresentaram diferenças pequenas entre

⁴⁰ Inicialmente, tínhamos a intenção de formar os grupos menos escolarizados somente com indivíduos analfabetos ou, no máximo, até a 4ª série. Todavia, logo percebemos que isso era muito complicado, pois – como constatamos em todos os pontos da pesquisa – mesmo entre os filhos dos colonos, com idade de 15 a 30 anos, é difícil encontrar indivíduos com baixa escolaridade. A maioria já fez o ensino médio, havendo também alguns que estão fazendo ou já fizeram curso superior.

os grupos: 91% e 89%, respectivamente, entre os falantes com nível de escolaridade até 8ª série e 98% e 90% entre os de escolaridade superior à 8ª série. Por outro lado, a variável com maior diferença entre os grupos é a consoante [d] seguida de [i], com 39% de africacão entre os jovens urbanos contra apenas 14% de africacão nos demais grupos.

MAPA 18 – Difusão diastrática do português (escolaridade)



Entretanto, apesar dessa diferença, cabe observar que é justamente a variável [d] seguida de [i] que, no conjunto, apresenta o mais baixo índice de realização da variante associada ao português, ou seja, a africacão, no que é seguida de perto pela consoante [t], seguida de [i]. A causa da baixa realização de consoantes africadas entre os ítalo-brasileiros pode estar relacionada às diferenças entre os sistemas fonológicos da língua italiana e da língua portuguesa, conforme foi explicado na seção 4.2.6 de um lado, e ao contato com variedades do português em que o fenômeno da africacão é praticamente ausente, como é o caso do chamado falar açoriano-catarinense.

No plano diatópico, o comportamento de indivíduos mais escolarizados e indivíduos menos escolarizados varia entre os pontos de pesquisa (ver *Mapa 18*). Observe-se, por exemplo, que a difusão do português entre os jovens urbanos de Nova Palma, Sarandi e Chapecó é semelhante e ocupa posição intermediária entre os mais avançados (Caxias do Sul e Orleans) e os mais conservadores (Rodeio, Sananduva e Rodeio). Por outro lado, examinando o grau de difusão dos indivíduos menos escolarizados, apesar de incluir os grupos UGII, que são luso-brasileiros, percebe-se que, no plano diatópico, o desempenho é bastante semelhante em todos os pontos. O grau de difusão do português é relativamente baixo, com pequena vantagem, quanto ao uso de traços [+ptg], em Orleans e Sarandi.

4.3.5 Variação diagenérica (sexual)

Na organização dos grupos incluídos na amostra, não houve preocupação em definir, *a priori*, quais seriam formados por homens e quais seriam formados por mulheres, ou seja, a seleção seria aleatória, inclusive com a possibilidade de entrevistar grupos mistos. Embora reconhecendo a relevância desta dimensão de análise, a sua seleção para a coleta sistemática de dados duplicaria o número de entrevistas por ponto, de quatro para oito. Por esta razão, os dados devem ser entendidos *cum grano salis* (com um pé atrás, com certa reserva), cabendo uma análise não-sistemática. Ao final da coleta de dados, a amostra ficou assim distribuída quanto ao sexo:

TABELA 49 – Distribuição dos grupos de informantes por sexo

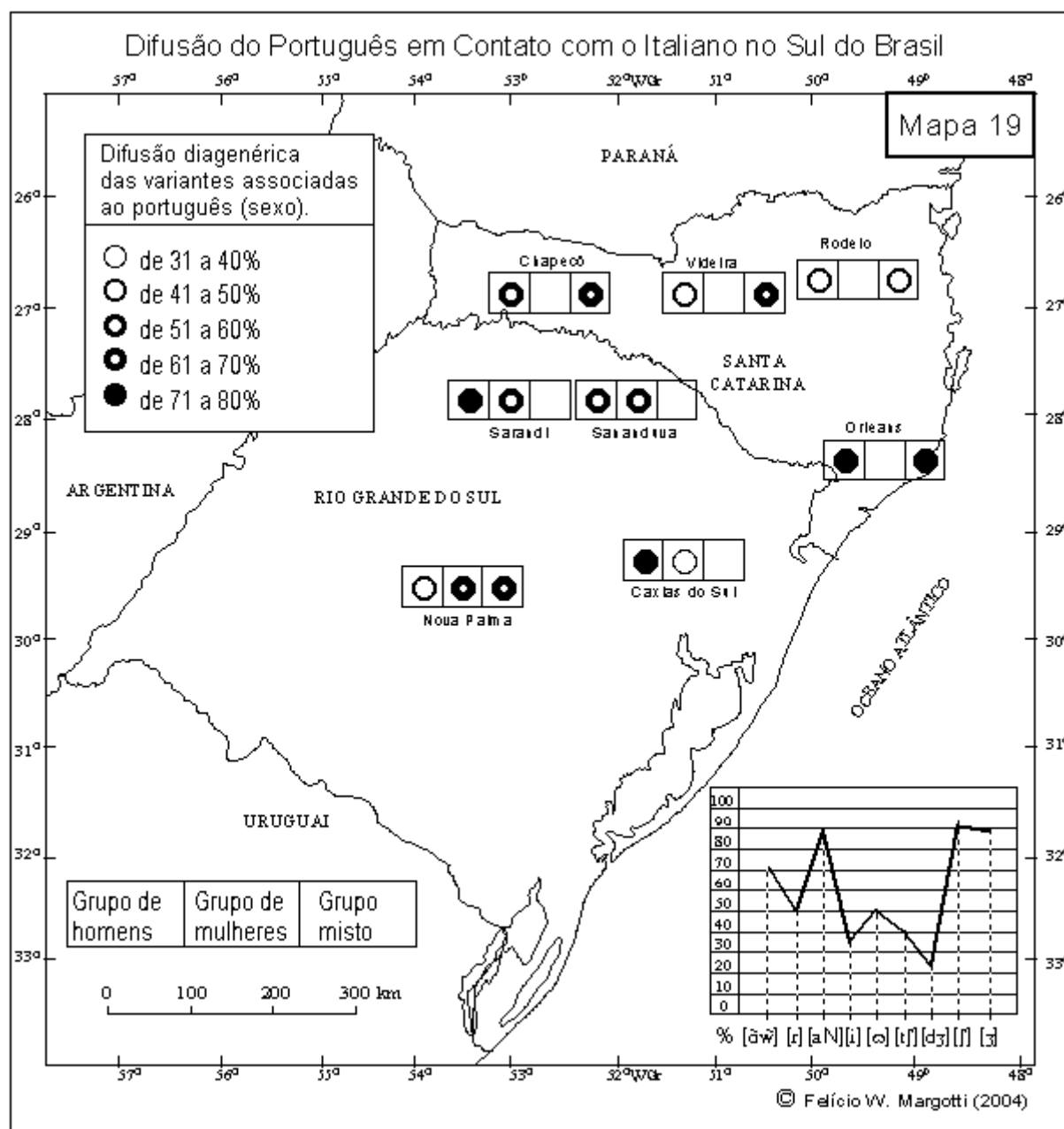
Grupos	Chapecó	Videira	Rodeio	Orleans	Sarandi	Sananduva	Caxias do Sul	Nova Palma
UGII	M	M/F	M	M/F	M	M	M	F
UGI	M/F	M/F	M/F	M	F	F	M	M/F
RGII	M	M	M	M	M	M	F	M
RGI	M/F	M/F	M/F	M/F	M	M	M	M/F

O sexo masculino está representado por 17 grupos, o sexo feminino por 4 grupos e os outros 11 grupos são mistos. De qualquer modo, mesmo havendo falta de ortogonalidade entre os grupos quanto à variável sexo e, conseqüentemente, o número de ocorrências ficar bastante diferenciado, calculamos os percentuais de realização das regras associadas ao português por grupos de homens (M), grupos de mulheres (F) e grupos mistos (M/F), no caso de entrevistas com pluralidade simultânea de informantes homens e mulheres.

De modo geral, os resultados apresentados no *Mapa 19* não permitem observar diferenças significativas entre os grupos na realização das variantes lingüísticas marcadas como [+ptg]. Também nas rodadas estatísticas do VARBRUL a dimensão sexual não foi considerada significativamente relevante na realização de nenhuma das variáveis lingüísticas e, quando selecionada, aparece nas últimas posições (sexta posição na realização das consoantes [r] e [ʒ], sétima posição na consoante [d] seguida de [i] e oitava posição na consoante [e]). O percentual mais alto alcançado pelos grupos mistos (62%) está relacionado ao fato de 9 dos 11 grupos dessa categoria serem compostos por jovens, sendo 5 da área urbana e 4 da área rural. Assim sendo, os dados não são suficientes e tampouco adequados para fazer afirmações consistentes a respeito da participação e influência da variável sexo na difusão do português no espaço pluridimensional em que foi realizada esta pesquisa.

Mesmo assim, com base no *Mapa 19*, é possível observar que, no plano diatópico, os homens de Caxias do Sul, de Sarandi e de Orleans falam uma variedade de português com menos interferências do italiano do que os homens dos demais pontos. Os homens que mais preservam o português de contato com o italiano são os de Nova Palma, Videira e Rodeio. Quanto aos grupos de mulheres, incluídos tão somente nos pontos do Rio Grande do Sul, observa-se que o comportamento é semelhante em Nova Palma, Sananduva e Sarandi. Já em Caxias do Sul, as mulheres – no caso, um grupo rural – mostram-se resistentes à difusão do português.

MAPA 19 – Difusão diagenérica do português (sexo)



No entanto, na tentativa de se obter algum indicador quanto a esse grupo de fatores, fizemos o confronto da fala de dois grupos urbanos de jovens do sexo feminino (Sarandi e Sananduva) com a fala de dois grupos urbanos de jovens masculinos (Orleans e Caxias do Sul). Os grupos de mulheres de Sarandi e Sananduva realizaram, respectivamente, 78% e 59% de regras associadas ao português, enquanto os grupos de homens de Orleans e

Caxias do Sul realizaram, respectivamente, 84% e 89% das mesmas regras. Vistos dessa forma, os dados indicam que os homens lideram a difusão do português nas áreas de contato com o italiano, e não as mulheres, como era a hipótese inicial. Todavia, convém lembrar que, além de a amostra ser, neste caso, muito restrita, outros fatores podem ter contribuído significativamente para essa diferença, como, por exemplo, a organização social e econômica da cidade onde foi aplicado o inquérito ou aspectos idiossincráticos dos grupos em si. Por exemplo, os grupos UGI de Orleans e de Caxias do Sul são formados por homens que pouco falam ou entendem italiano; ao contrário, os grupos UGI de Sarandi e Sananduva são formados por mulheres que falam português e italiano. Esse perfil certamente faz diferença, ficando enfraquecida a idéia de que os homens poderiam estar liderando a difusão do português nas áreas delimitadas da pesquisa.

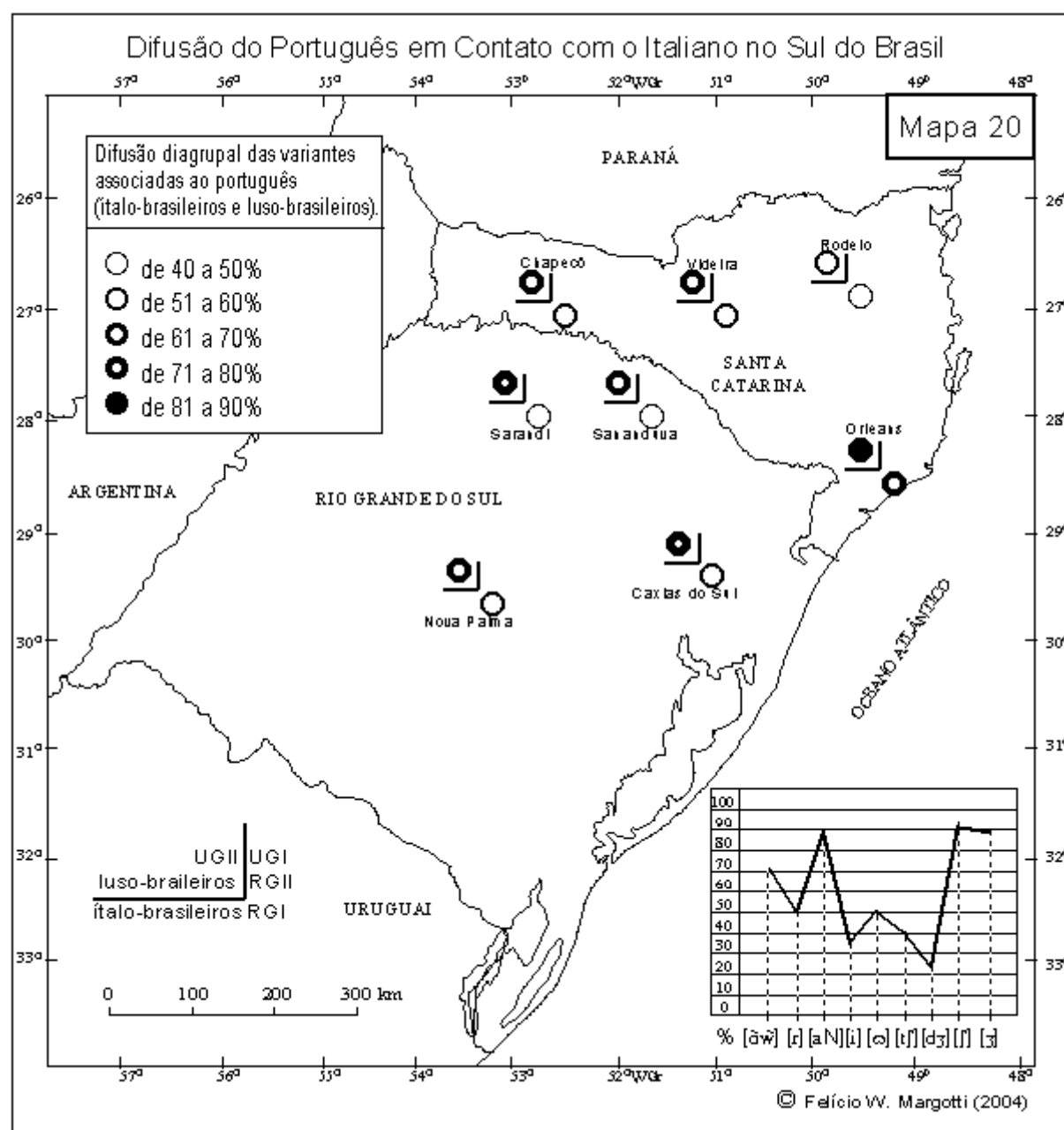
Por outro lado, é de se ressaltar que, na perspectiva histórica, foram os homens que estabeleceram os primeiros contatos com o português. As oportunidades e as possibilidades de acesso ao português para eles foram maiores, tendo em vista a prestação de serviço militar, o estudo em colégios religiosos (seminários), a realização de atividades comerciais (compra e venda de produtos), envolvimento com atividades burocráticas etc., circunstâncias que, ao longo do tempo, devem ter dado aos homens a condição de liderança na aquisição do português. Atualmente, no entanto, essas oportunidades de acesso ao português são relativamente equilibradas para homens e mulheres.

4.3.6 Variação dialingual (etnia)

Os grupos UGI, RGII e RGI, sinalizados na cruz correspondente em cada ponto da pesquisa, são formados por descendentes de imigrantes italianos, também considerados bilíngües, independentemente do grau de bilingüismo que apresentam. O quarto grupo é formado por indivíduos luso-brasileiros, monolíngües em português, residentes na zona urbana, com escolaridade até a 8ª série. Esse grupo é o UGII, que está situado no ângulo superior, à esquerda. Espera-se, obviamente, que informantes deste último grupo estandardizado, por ser constituído de falantes monolíngües e, portanto, com menor contato com a língua italiana, produzam significativamente mais variantes associadas ao português do que os demais grupos, classificados como bilíngües. Em contrapartida, por serem minoria nas

comunidades de fala nas quais os ítalo-brasileiros são considerados bem-sucedidos e detêm boa parte dos meios de produção, e também por terem algum contato com a língua italiana, espera-se que, em algum nível, os grupos de falantes luso-brasileiros também produzam variantes associadas ao contato com o italiano.

MAPA 20 – Difusão dialingual (ítalo-brasileiros e luso-brasileiros)



Feito o levantamento das realizações de todos os grupos relativamente às nove variáveis lingüísticas enfocadas, nas Repostas ao Questionário, na Leitura e na Conversa, os percentuais de realização de traços representativos do grau de difusão do português resultaram no *Mapa 20*.

De fato, os números revelam o que se esperava, uma vez que os luso-brasileiros produziram 68% de variantes [+ptg] contra 56% de variantes [+ptg] realizadas pelos demais grupos. O que chama a atenção, no entanto, é o fato de que esse percentual está levemente acima da média dos ítalo-brasileiros e, ao mesmo tempo, muito aquém da realização categórica. O que isso significa? Significa que esses grupos pouco contribuem para a difusão do português, ou contribuem menos do que poderiam. Significa igualmente que eles reproduzem a fala dos grupos majoritários das comunidades em que vivem, ou seja, a fala de língua portuguesa dos descendentes de italianos, com boa parte de suas características resultantes do contato com a língua italiana. Esse comportamento é reforçado pelas características desses grupos: têm idade mais avançada e baixa escolaridade.

Convém ressaltar, no entanto, que o comportamento lingüístico dos luso-brasileiros não é igual em todos os pontos. Conforme bem demonstra o *Mapa 20*, em Rodeio, Sananduva e Sarandi, os luso-brasileiros tendem a reproduzir traços do português de contato com o italiano com mais intensidade do que os luso-brasileiros dos outros pontos. Da mesma forma, em Orleans que, no cômputo geral, revela os mais altos índices de difusão dos traços [+ptg] entre os ítalo-brasileiros, na fala dos luso-brasileiros é praticamente ausente o registro de interferências do italiano. Nos demais pontos, a influência do italiano na fala dos luso-brasileiros é atestada, mas em nível intermediário.

Ainda no plano diatópico, observando o grau de difusão do português entre os ítalo-brasileiros, reunidos em uma só célula no *Mapa 20* (lado direito), verifica-se, em todos os pontos, que eles difundem menos o português do que os luso-brasileiros, como, aliás, era esperado. Em Rodeio, Sananduva e Sarandi, registram-se os mais baixos índices de difusão de traços [+ptg] entre os falantes pertencentes ao citado grupo, confirmando, de certa forma, a hipótese de que em comunidades onde o português de contato com o italiano é mais presente, falantes bilíngües de português-italiano tendem a reproduzir mais traços de interferência do italiano. Em sentido oposto, quando na comunidade o português de contato perde força, devido ao desaparecimento paulatino do italiano e, assim, favorecendo, a difusão do português, a tendência é que os ítalo-brasileiros também reproduzem menos os traços [+ita],

como ocorre em Orleans, por exemplo. Nos demais pontos, os descendentes de italianos revelam um comportamento lingüístico semelhante, com difusão de traços associados ao português em nível intermediário.

Em todas as variáveis contata-se que os luso-brasileiros estão à frente dos ítalo-brasileiros na produção de traços [+ptg], mas essa diferença é muito mais marcada em dois casos: na realização da consoante [r], com *step* de 44 pontos percentuais, e na realização do ditongo [ãw̃], com *step* de 20 pontos percentuais. Nas demais variáveis lingüísticas, as diferenças baixam significativamente. Isso é uma evidência forte de que é na realização de [r] forte e de ditongo [ãw̃] que se encontra a mais acentuada influência do italiano no português de contato. Não é sem razão, portanto, que os estereótipos do *sotacon* (fala de português marcada pela influência do italiano) remetem, com frequência, para o modo como os ítalo-brasileiros realizam esses dois segmentos fônicos, principalmente o [r]. Aliás, os próprios falantes dessa etnia têm a clara percepção disso, como se depreende dos seguintes comentários colhidos por nós na Conversa semidirigida.

Nosso português aqui, se nós for, por exemplo, pra Canela, pra Porto Alegre, conversar com pessoas de fora daqui, tem muito assim no sotaque. [*Quais são essas diferenças?*] No “r”, no “tjĩ”. (UGI-SAN-C)

A questão do ‘r’ é também bem notada. (UGI-ROD-C)

Tenho mais orgulho do que vergonha. Eu tenho orgulho, mas tem gente que acha feio. Uns acham que pronuncio o “r”, outros acham... me chamam de paulista, outros me chamam de alemoa. Até no telefone, agora. (RGII-CAX-C)

No processamento estatístico através do VARBRUL, no entanto, a variável lingüística mais identificada com a etnia dos falantes é a consoante [ʒ]: a variante [ʒ], associada ao português de contato com o italiano e realizada por 14% dos ítalo-brasileiros, praticamente inexistente na fala dos luso-brasileiros.

Mesmo percebendo as diferenças entre os sistemas fônicos de uma e de outra língua, principalmente quando mais escolarizados, os falantes ítalo-brasileiros, por razões que remetem à aquisição da linguagem, nem sempre conseguem realizar as variantes lingüísticas [+ptg] na fala de língua portuguesa. Por outro lado, os falantes luso-brasileiros incluídos na pesquisa, por terem baixa escolaridade – às vezes, nenhuma escolaridade –, não estão habilitados a perceber, principalmente devido à falta de leitura, as diferenças entre os sistemas fonológicos do italiano e do português. Em vista disso, seguem o modo de falar que ouvem com mais frequência na interação com os demais membros da comunidade. E qual é essa

variedade de língua? O português de contato marcado por traços de influência do italiano, evidentemente.

De qualquer modo, os resultados confirmam a hipótese inicial de que os falantes monolíngües de português, classificados como luso-brasileiros, favorecem mais a difusão do português do que os falantes bilíngües de português e italiano, ou ítalo-brasileiros.

4.3.7 Variação diafásica (estilos)

A coleta de dados em três diferentes estilos (Conversa, Resposta ao Questionário e Leitura) foi norteada pelo princípio sociolingüístico laboviano, que distingue os estilos *casual*, *cuidado*, de *leitura*, de *lista de palavras*, de *pares mínimos*, e segue uma prática já corrente nos atlas pluridimensionais ADDU e ALGR. No modelo laboviano, o princípio é de que do estilo casual à leitura de pares mínimos de palavras, a atenção vai aumentando e o monitoramento da pronúncia vai crescendo, estabelecendo um *continuum* que vai de um máximo de informalidade a um máximo de formalidade. Assim, em nossa pesquisa, a Conversa corresponde a um estilo mais informal do que Resposta ao Questionário, e Resposta ao Questionário corresponde a um estilo mais informal do que Leitura de Texto. São três modalidades de interação, através das quais buscamos levantar evidências que dêem sustentação à hipótese de que os estilos mais formais favorecem mais a difusão do português do que os estilos informais, uma vez que naqueles mais formais é maior o grau de monitoramento da fala.

O levantamento das ocorrências de todas as nove variáveis estudadas em cada um dos três estilos revelou que Resposta ao Questionário obteve 63% de aplicação das variantes [+ptg], Conversa obteve 58% e Leitura obteve 56%. A distribuição detalhada das variantes associadas ao português, nas nove variáveis lingüísticas incluídas na pesquisa, pode ser vista a seguir, através da *Tabela 50*.

TABELA 50 – Distribuição percentual das variantes [+ptg] por estilo de fala

Variáveis Lingüísticas	Variantes	Estilos de Fala			Relevante ⁴¹
		Conversa	Questionário	Leitura	
Ditongo nasalônico [ãw̃]	[ãw̃]	64	72	77	sim
Consoante [r]	[r, x]	47	46	65	sim
Consoante [aN]	[ɑ, ã, ɐ, ẽ]	97	84	86	não
Vogal átona final [e]	[i, ɪ]	28	50	20	sim
Vogal átona final [o]	[ɔ, w]	41	60	33	sim
Consoante [t] seguida de [i]	[tʃ, tʃ]	50	41	25	sim
Consoante [d] seguida de [i]	[dʒ, dz]	22	27	15	sim
Consoante [ʃ]	[ʃ]	90	94	94	não
Consoante [ʒ]	[ʒ]	86	92	89	sim
Total		58	63	56	

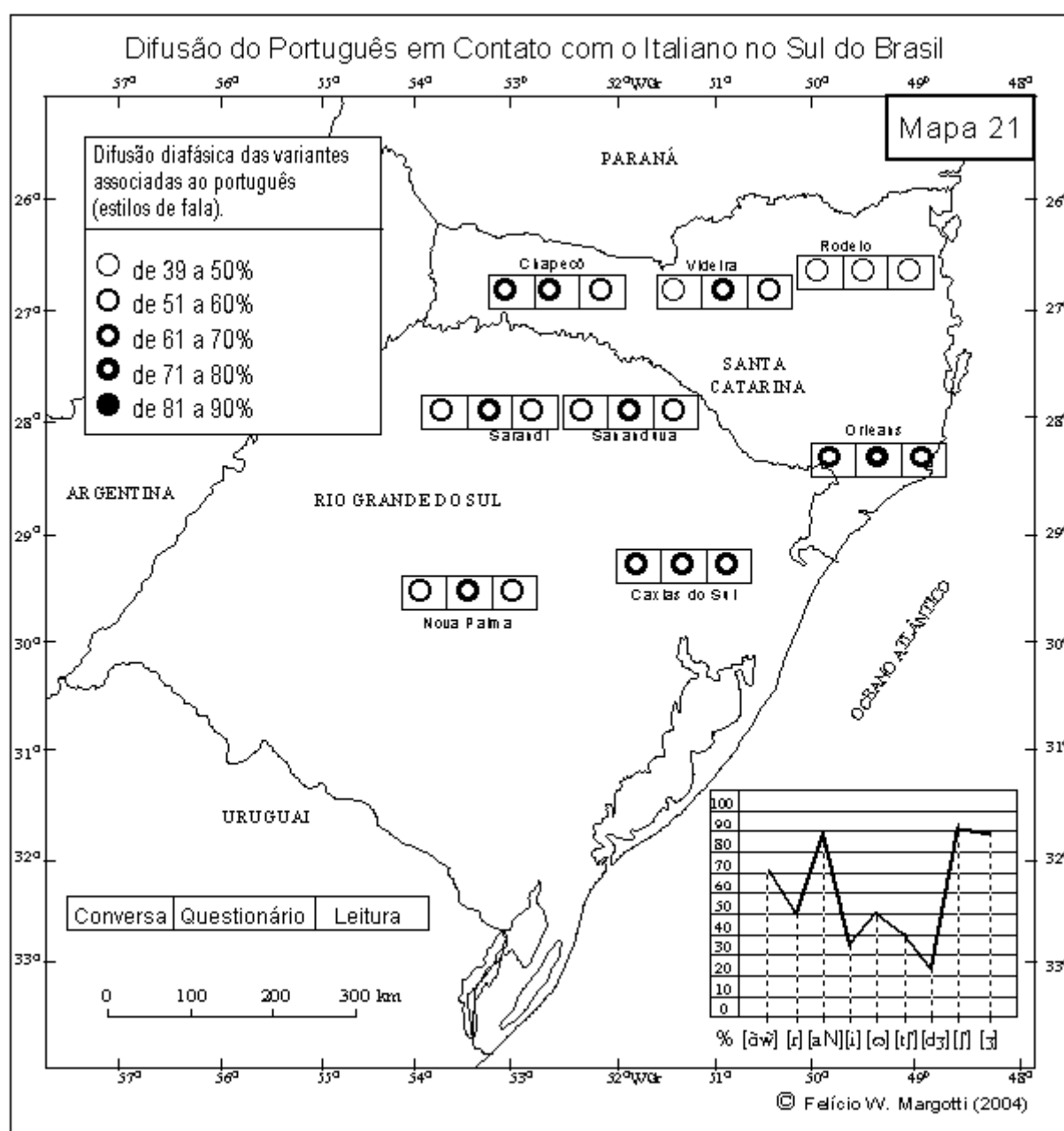
Os resultados, neste caso, contradizem a expectativa, pois Resposta ao Questionário alcançou um percentual total de variantes [+ptg] maior do que Conversa, e Conversa alcançou um percentual maior do que Leitura. Uma explicação possível para os resultados de Questionário é que o falante concentra sua atenção na forma do item lexical, facilitando o monitoramento de sua fala. Isso já não acontece com a mesma intensidade na Leitura, principalmente em se tratando de um texto já conhecido pelo leitor. Nesse caso, a atenção está mais voltada para o significado e menos para a forma, permitindo, assim, apesar da influência escolar, que aflorem pronúncias mais parecidas com aquelas que o falante usa na interação com seus pares, no dia-a-dia. Outra possibilidade de interpretação para a menor difusão de traços [+ptg] na Leitura, relativamente aos demais estilos, pode estar relacionada ao fato de que os informantes, nesse caso, fazem uma leitura ortográfica. Isso justificaria, por exemplo, o menor percentual de alçamento das vogais átonas finais [e] e [o] na Leitura do que na Conversa e nas Respostas ao Questionário. Do mesmo modo, com relação às variáveis [t] e [d] diante de [i], o menor percentual de realização de variantes [+ptg] na Leitura em relação aos demais estilos justifica-se pelo fato de que os dados incluem as vogais [t] e [d] seguidas de [e].⁴² Assim, em não havendo alçamento de [e] e de [o] na Leitura, em virtude de possível pronúncia vinculada à representação ortográfica, deixa de existir o contexto para possível

⁴¹ Selecionava como relevante pelo VARBRUL.

⁴² Como explicamos antes, a manutenção de [t] e [d] seguidos de [e] na amostra baseou-se na expectativa de que, nos casos de alçamento de [e], surge o contexto para possível africacão das oclusivas.

africação [tʃ] e [dʒ]. Todavia, a comprovação disso depende da aplicação de testes específicos como, por exemplo, a leitura de um texto com características distintas do texto utilizado na amostra e de processamento estatístico das consoantes [t] e [d] seguidas de [i], excluindo da amostra [t] e [d] seguidas de [e]. Outro aspecto a ser levado em conta é o grau de proficiência em leitura. Em algumas entrevistas, o leitor escolhido revelou-se menos fluente do que em outros, e isso certamente repercute na realização dos traços lingüísticos enfocados.

MAPA 21 – Difusão diafásica do português (estilos de fala)



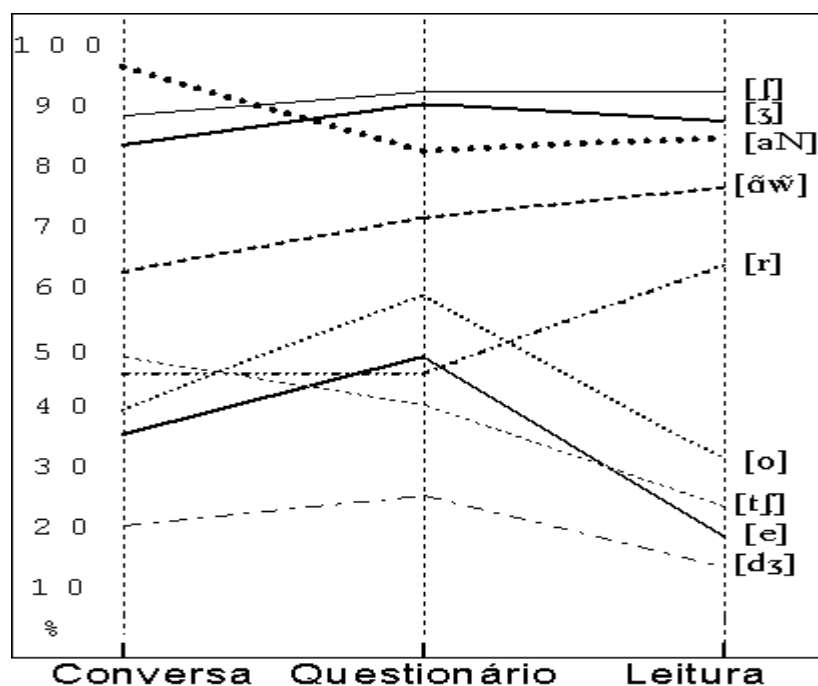
Mas como explicar – apesar de as diferenças percentuais serem pequenas – que a Conversa, considerado o estilo mais casual, superasse a Leitura na realização de variantes [+ptg]? cremos que também para este caso cabem as mesmas possibilidades de interpretação para as diferenças de resultados entre Leitura e Questionário. Além disso, é possível que a situação própria das entrevistas, utilizando gravadores, e a participação de pessoa estranha ao grupo entrevistado, tenha influenciado a fala dos participantes, ainda mais que a Conversa sempre foi realizada na primeira parte da entrevista. Ou talvez seja uma evidência de que algumas mudanças não são regulares, reforçando a hipótese da difusão lexical. A comparação da pronúncia de alguns itens lexicais representativos de um mesmo fenômeno lingüístico pode, eventualmente, trazer alguma luz sobre o caso.

Assim, se ficar comprovado que em alguns itens lexicais determinada variável lingüística têm um comportamento acentuadamente diferenciado em relação a outros itens lexicais, isso é uma evidência forte a favor da difusão lexical. Acontecendo o contrário, ou seja, se o comportamento variável não pode ser atribuído à sua realização específica em determinado item lexical, então a difusão é regular, de acordo com o princípio neogramático (ver seção 3.4). Veja-se, por exemplo, o que acontece com a pronúncia da consoante [ʒ]. A variante [+ptg] dessa variável lingüística é mais realizada na Resposta ao Questionário (92%) do que na Leitura (89%). Em princípio, se a regra fosse regular, esses percentuais deveriam manter-se mais ou menos próximos, na realização dessa variante, na pronúncia de todos os itens lexicais. Todavia, não é isso que acontece. Na pronúncia da palavra 'gente', no estilo Resposta ao Questionário, a variante [ʒ] é realizada em 56% das ocorrências, ao passo que a variante [z] ocorre em 44% das ocorrências (cf. *Mapa 256.a*, em anexo). Já, na pronúncia do mesmo item lexical no estilo Leitura, a variante [ʒ] é realizada em 81% das ocorrências e a variante [z] é realizada em 19% das ocorrências (cf. *Mapa 147.a*, em anexo).

Esses números indicam, em primeiro lugar, que, no item lexical citado, a difusão do traço [+ptg] é inferior à média geral para a variável em foco e, em segundo lugar, a liderança do estilo Resposta ao Questionário não se mantém, ficando, aliás, bem abaixo da média geral. A análise dos *Mapas 147.a* e *256.a* (em anexo), sobre a pronúncia da palavra 'gente', bem como dos *Mapas 119.a* e *207.a* (em anexo), sobre a pronúncia do item 'pão', entre outras, mostra que o grau de difusão varia de palavra para palavra, não se mantendo a regularidade percentual nos diferentes estilos.

Além do contexto fonético em que se encontra a variável (contexto precedente, contexto seguinte, tipo de sílaba, posição na sílaba etc.), outros fatores lingüísticos e extralingüísticos podem atuar na variação. No caso da pronúncia da palavra 'gente', por exemplo, há indícios de forte influência étnica, uma vez que o vocábulo é homógrafo em italiano.

GRÁFICO 1 – Realização das variantes associadas ao português, por estilos de fala (Leitura, Resposta ao Questionário e Conversa)

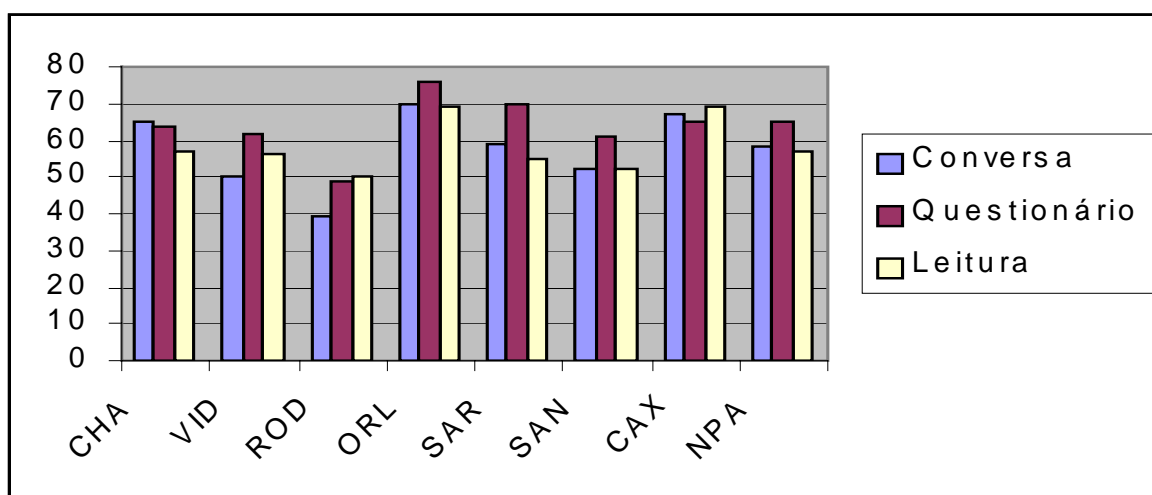


De qualquer modo, a análise dos resultados obtidos individualmente por cada uma das variáveis lingüísticas revela que a correlação com os estilos de fala não é a mesma. Por exemplo, na pronúncia do ditongo [ãw], da consoante [r], da consoante [j], o estilo Leitura tem um percentual de traços [+ptg] superior aos demais estilos; na pronúncia das vogais átonas [e] e [o] e da consoante [d] seguida de [i], a realização de traços [+ptg] é liderada pelo estilo Resposta ao Questionário; e, na pronúncia da vogal [aN] e consoante [t] seguida de [i], a realização de traços [+ptg] é liderada pelo estilo Conversa. A correlação entre as variantes lingüísticas associadas à difusão do português e os estilos de fala pode melhor ser visualizada no *Gráfico 1*.

O grau de difusão do português, conforme o *Gráfico 2*, parece estar muito mais associado às variantes lingüísticas, do que aos estilos de fala propriamente ditos. Quando uma

variável tem um grau alto de difusão do português, isso ocorre em todos os estilos, sem que nenhum deles prevaleça de modo acentuado, exceto Resposta ao Questionário no alçamento da vogal átona final [o]. Ao contrário, se a variável caracteriza-se por um grau baixo de difusão, isso se repete também em todos os estilos, com pequena variação. Todavia, na correlação das variáveis lingüísticas com todas as outras dimensões lingüísticas e extralingüísticas através do VARBRUL, o estilo aparece como o segundo grupo de fatores mais relevante na realização das variáveis [e] e [o]. Nas demais variáveis, o estilo está bem atrás de outros grupos de fatores, ou não foi selecionado como relevante.

GRÁFICO 2 – Realização das variantes associadas ao português, por estilos de fala (Leitura, Resposta ao Questionário e Conversa), nos oito pontos da pesquisa



De acordo com o *Gráfico 2*, o estilo Resposta ao Questionário correlaciona-se melhor com a difusão do português em todos os pontos da pesquisa, exceto em Caxias do Sul. Em Chapecó esse estilo tem o mesmo desempenho que Conversa e, em Rodeio, o mesmo desempenho que Leitura. Por outro lado, a Conversa aparece com os menores índices de difusão do português em Videira e Rodeio, mas perde essa posição para o estilo Leitura em Chapecó e Sarandi. Nos demais pontos da pesquisa, Conversa e Leitura têm desempenho muito parecido.

4.3.8 Variação diarreferencial (comentários metalingüísticos e epilingüísticos)

Ao falar, um indivíduo não apenas transmite uma mensagem neutra contida em seu discurso (APPEL; MUYSKEN, 1992, p. 11), mas também normas culturais e valores que permitem a um interlocutor atento depreender uma série de informações a respeito desse indivíduo, entre as quais seu idioleto e o seu grupo social. Se a língua tem significado social, as pessoas avaliarão isto em relação ao *status* social de seus usuários. Suas atitudes lingüísticas serão atitudes sociais. Levando isso em conta, buscaremos, através da análise de comentários dos informantes, detectar atitudes favoráveis e desfavoráveis à difusão do português nas áreas de contato com o italiano no Sul do Brasil.

Na literatura sociológica e sociolingüística, uma identidade do grupo é freqüentemente chamada de identidade cultural ou identidade étnica, ou sua etnicidade.⁴³ Muitos autores têm tentado definir o conceito de etnicidade, isto é, estabelecer quais os traços que caracterizam um grupo étnico. De acordo com Ericksen (1993, p. 4), etnicidade se refere ao relacionamento entre grupos que se consideram e são considerados como culturalmente distintos. Isto significa que dois grupos podem ser iguais em sua forma cultural, porém, ao se considerarem diferentes, os grupos agirão de tal maneira que diferenças serão encontradas para distingui-los.

A discussão da relação entre língua e identidade étnica deve levar em conta ainda que a língua é uma realidade heterogênea, cuja variação estrutural no espaço geográfico, na ordem social e em suas funções (da língua) está em grande parte relacionada à história, às crenças e aos valores culturais e ideológicos da comunidade que a fala: relações de prestígio e poder, posição social e orientação cultural do falante etc.⁴⁴ De acordo com Labov (1972, p. 128-132), as variantes avaliadas positivamente nos testes de avaliação são justamente as que crescem nos estilos mais formais, pois é nessas circunstâncias que os falantes são colocados na posição de escuta e devem manifestar-se a respeito da própria língua. E, considerando que as formas variantes são portadoras de significado social, para se compreender aspectos do comportamento lingüístico de um indivíduo ou de uma comunidade, uma das alternativas é estudar as atitudes e os sentimentos das pessoas em relação às línguas.⁴⁵

⁴³ Cf. Appelle Muysken (1992, p. 12).

⁴⁴ Cf. Lucchesi (1998, p. 200).

⁴⁵ Cf. Mello (1999, p. 102).

Neste sentido, para compreender melhor a relação da língua com etnicidade entre os ítalo-brasileiros, devemos analisar o que eles pensam, isto é, quais são os seus sentimentos sobre o seu comportamento lingüístico em relação ao seu meio social e a aspectos de seu desempenho (por exemplo, interferências dos dialetos italianos sobre a variedade de português falada por eles e construção de estereótipos sobre essa variedade de língua), e como este comportamento é visualizado pelos de fora, pelos não italianos. Em resumo, cabe considerar adicionalmente no estudo as atitudes lingüísticas, entendendo que atitude é um sentimento avaliativo das pessoas quanto a um conceito (AJZEN; FISHBEIN, 1980, p. 54), no caso, a variedade de português falada pelos ítalo-brasileiros. Além disso, consideraremos que atitudes de uma pessoa poderão ser inferidas pela expressão de suas crenças, declarações de intenção, observação do comportamento ou alguma combinação disso (AJZEN; FISHBEIN, 1980, p. 15).

No âmbito da geolingüística, quem tem dado uma resposta concreta à macroanálise das atitudes e posições metalingüísticas dos falantes em situações de contato de línguas é H. Thun.⁴⁶ Os valores e atitudes dos falantes frente às variantes da língua são considerados através de técnicas de entrevistas que, após a resposta espontânea a uma pergunta do questionário, incluem ainda outras questões como "há gente que fala diferente?", sugerindo depois formas equivalentes (sugêrências) e perguntando por fim "se conhece" e "quem fala assim". Com isso, Thun busca captar o conjunto do espectro variacional da localidade, fugindo da idéia tradicional e enganadora da existência de uma única variante lingüística na fala local. Thun chama a esses dados de comentários metalingüísticos do informante.

Analizando qualitativamente os comentários e referências metalingüísticas e epilingüísticas dos falantes bilíngües de italiano-português e dos falantes monolíngües nas áreas de colonização italiana, bem como as avaliações que fazem de si mesmos e daqueles a quem consideram diferentes, pretendemos fazer asserções fundamentadas a respeito das atitudes lingüísticas, favoráveis ou desfavoráveis à difusão do português.

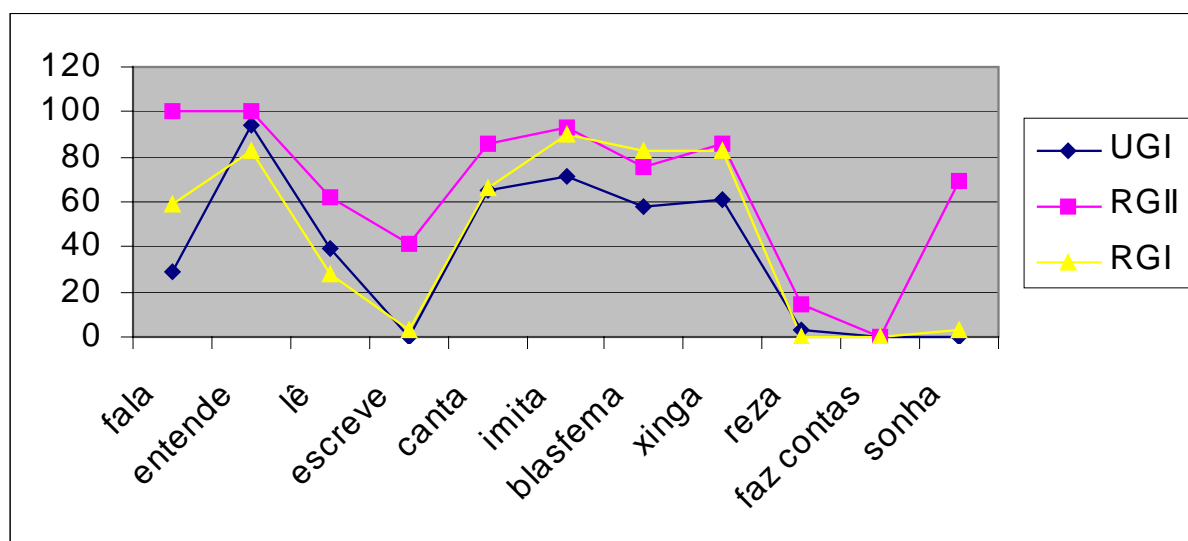
A dimensão diarreferencial em nosso estudo fundamenta-se em comentários metalingüísticos e epilingüísticos colhidos por nós nas trinta e duas entrevistas que constituem a amostra. Através de formulário impresso e de Conversa Semidirigida (ver formulário e roteiro em anexo), os participantes das entrevistas foram estimulados a se manifestar a

⁴⁶ Cf. Thun1(1996, p. 37-39), ALGR-S (2002), entre outros.

respeito de questões relacionadas ao grau de bilingüismo na comunidade, às funções da língua étnica, uso da língua italiana e da língua portuguesa, sentimentos e comportamentos lingüísticos, eventos da comunidade, entidades, cultura e identidade étnica, dentre outras questões. Além de se manifestarem a respeito de seu próprio grupo étnico-lingüístico, os participantes foram instados a falar a respeito de outros grupos da amostra, ou seja, os ítalo-brasileiros disseram o que pensam dos luso-brasileiros e estes disseram o que pensam daqueles.

Essa análise pressupõe que atitudes negativas dos italianos em relação à origem e à fala de português com interferências contribuem para a mortandade do italiano e para a difusão do português. Pressupõe, também, que essas tendências tendem a ser favorecidas à medida que as atitudes negativas dos italianos a respeito dos luso-brasileiros diminuam.

Gráfico 3 – Proficiência em italiano dos ítalo-brasileiros da amostra.



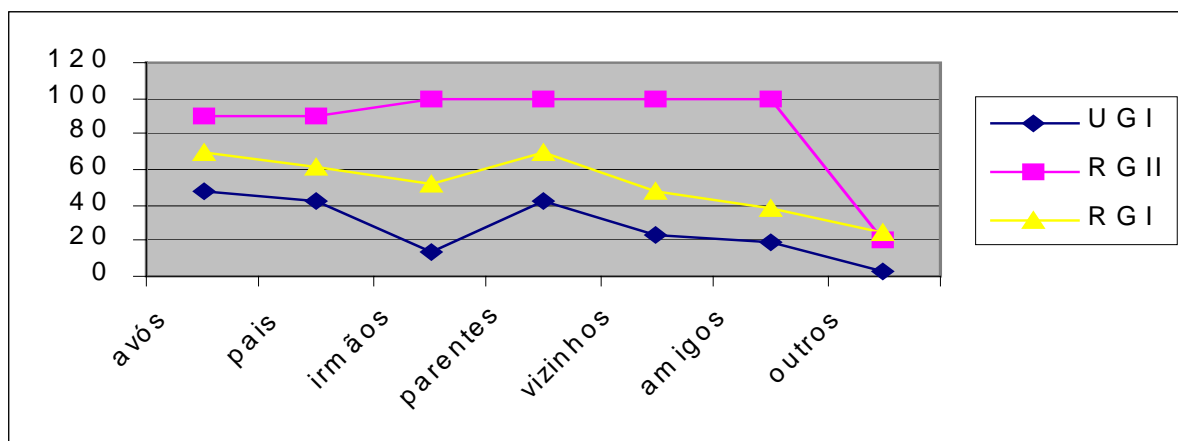
Para melhor contextualizar os comentários que dão sustentação à análise diarreferencial, apresentamos, a seguir, algumas informações sobre a situação do bilingüismo dos indivíduos ítalo-brasileiros entrevistados e das comunidades às quais eles pertencem. Como demonstram os *Gráficos 03 e 04*, o uso da língua italiana tende a diminuir sensivelmente nas faixas etárias mais jovens, e, entre elas, diminui ainda mais nos jovens urbanos. Enquanto os falantes mais velhos usam o italiano em todas as funções listadas, exceto para *rezar* e *fazer contas* – o que se atribui ao fato de as práticas religiosas e

educacionais serem realizadas há muito tempo em português – apenas parte dos mais jovens falam, apesar de ainda apresentarem elevado nível de compreensão. Para os mais jovens, como se vê, o italiano é mais utilizado para atividades artístico-culturais e lúdicas (brincadeiras, piadas), ou ainda, imitando os mais velhos, para xingar e blasfemar.

Um outro indicador de que há uma mudança em curso relativamente à situação do bilingüismo português-italiano na região pesquisada é o fato de que 72% dos ítalo-brasileiros mais velhos aprenderam português na escola e 3% no quartel, indicando que tiveram o italiano como única língua materna. Por outro lado, todos os falantes dos grupos mais jovens aprenderam o português em casa e por meio do contato com outros falantes de português.

Entre os falantes bilíngües de português-italiano, fica claro que o italiano caracteriza-se como a língua da família, pois ela é usada sobretudo em casa para a interação com familiares. O *Gráfico 04* demonstra, além do que já se disse acima sobre a diminuição do uso de italiano nas faixas etárias mais jovens, que essa língua é mais usada com pessoas da família, principalmente com os pais, tios e avós do que com amigos e vizinhos. Entre os mais jovens, quando falam com irmãos e pessoas que não são da família, prevalece o uso do português.

Gráfico 4 – Com quem os ítalo-brasileiros falam italiano?



Essa constatação é reforçada pelas respostas dadas à pergunta: *Em que locais vocês falam italiano?* Praticamente 100% dos mais velhos dizem que falam italiano em praticamente todos os lugares (em casa, no trabalho, na igreja, nas festas, na rua), exceto em reuniões; da mesma forma os mais jovens do meio rural, mas em número próximo a 50%; já os jovens urbanos que ainda falam italiano usam-no quase que exclusivamente em casa.

Apenas cerca de 15% dizem falar italiano em outros ambientes como no trabalho, em festas, na rua etc.

Dito isso, passemos à análise diarreferencial, com base nos comentários obtidos principalmente através da Conversa. Como tal, não existem respostas fechadas para cada tópico, do tipo sim ou não, e, conseqüentemente, não há como tratar aqui a questão na perspectiva quantitativa. O que vamos fazer é eleger alguns tópicos que consideramos reveladores de atitudes favoráveis ou desfavoráveis à difusão do português e que, de uma forma ou de outra, são recorrentes nas entrevistas. Para essa análise, valemo-nos principalmente dos comentários metalingüísticos e epilingüísticos, conforme previsto, mas também de outros comentários étnico-culturais que, de certa forma, podem apontar atitudes favoráveis ou desfavoráveis à difusão do português.

Um dos aspectos mais relevantes na constituição de um grupo étnico-cultural é a avaliação das diferenças que o distinguem de outros grupos, especialmente se entre essas diferenças estiver incluída a diferença lingüística. Como já afirmamos diversas vezes, é sabido que os descendentes de italianos, ao longo dos mais de cento e vinte e cinco anos, desde o início da colonização no Sul do Brasil, passaram da condição de monolíngües em italiano para a condição de bilíngües e, nas últimas décadas, constata-se que, progressivamente, tornam-se novamente monolíngües, mas agora em português. Todavia, ainda bilíngües em italiano e português, independentemente do grau desse bilingüismo, ou somente monolíngües em português, esses indivíduos, ao falar português, denunciam sua origem, principalmente porque sua fala em português está impregnada de interferências fônicas dos dialetos italianos.

Como se sabe, a percepção da variação lingüística é mais fácil para quem é membro de outra comunidade de fala, ou seja, para quem é de fora. No entanto, comparando-se a si com os outros, confrontando a sua linguagem com a linguagem dos outros, o falante percebe, de algum modo, que a fala é marcada por traços distintos da língua falada por outras pessoas do lugar ou de fora. No caso dos ítalo-brasileiros que fazem parte de nossa amostra, isso é facilmente demonstrado, como se observa através dos seguintes comentários:

Quando falam português, os italianos têm um sotaque. O que caracteriza esse sotaque? Falta de um 'r' principalmente. Fala alto. Fala as palavras muitas vezes faltando um 'r'. [troca de turno] O 'e' eu acho, também. [...] Ah, aqui se fala que a gente é da terra do 'leite quente'. Como vocês avaliam o português falado pelos italianos daqui? Meio misturado. [troca de turno] Misturado com o italiano, né. [troca de turno] Eles tentam passar um pouco do italiano para o português, assim, mas não deixam de falar com aquele

toque do falar italiano. *Como é que eles falam então?* Ah, o pessoal começa a falá a metade em italiano, a metade em brasileiro. (UGI-CHA-C)⁴⁷

Há, no exemplo citado, duas referências a traços fonéticos incluídos em nosso estudo: a realização do [r] forte e a ausência de alçamento da vogal átona final [e]. Outro aspecto relevante a respeito dessa percepção é a noção de que o "brasileiro" é misturado com o italiano, ou seja, o português falado pelos italianos é marcado por interferências da língua italiana. Além de "misturado", o português de contato com o italiano é visto como "mais grosseiro", um "português mais pesado" (UGI-VID-C), "uma palavra mais grosseira" (RGII-SAR-C), "o português meio mastigado e aí um pouco extraviado" (RGII-SAR-C). O sotaque é caracterizado como "aquele jeito mais grosso" de falar (RGI-VID-C), ou "uma coisa mais carregada" (UGI-SAR-C).

Essa percepção da interinfluência das línguas em contato também existe em relação ao italiano, o que leva alguns falantes bilíngües a considerarem o italiano também uma língua "misturada", "grosseira" e "errada". Esse sentimento desfavorável ao italiano é reforçado, entre os mais jovens, por comentários como os seguintes, obtidos através de formulário impresso: "Os dialetos se misturam" (RGII-VID); "Nossa língua é misturada com o brasileiro" (RGII-ROD); "É uma língua que tem diferenças quando comparada com o italiano gramatical" (RGI-NPA); [o italiano que falamos aqui] "é falso porque não é o verdadeiro da Itália. Não é o italiano oficial" (RGI-ROD).

A maioria dos ítalo-brasileiros entrevistados consideram-na, no entanto, uma língua "legal", "bonita" e "engraçada", revelando, por conseguinte, elevada identidade étnico-lingüística. É uma língua que "vem com o carinho do lar. É motivo de orgulho. [Contém] o valor da família" (UGI-SAN); "revela identidade, valoriza a cultura" (UGI-NPA); "o dialeto é uma língua própria, boa, perfeita (RGII-NPA); "fácil de entender" (RGII-SAN).

Por influência da escola, principalmente, mas também devido aos comentários desabonadores de outros falantes, seja do meio urbano, seja de outras comunidades não-italianas, existe entre os descendentes de italianos o sentimento de que eles falam o português "errado", que, no caso, quase sempre quer dizer, português com "sotaque". Mas quando um falante manifesta o sentimento de que "não sabe falar a sua própria língua", ele de fato está

⁴⁷ As perguntas, destacadas em itálico, representam a fala do entrevistador.

confundindo "sua língua" com a gramática normativa.⁴⁸ Com isso, acaba reforçando a estigmatização, inferiorizando ainda mais a variedade que fala.

Mas vocês percebem diferenças no jeito de vocês falarem e o jeito de outras pessoas falarem? Ah, sim, têm diferenças. A gente se acostumou a falá italiano [...] Aquele outro primeiro ele sempre tem um pouco de diferença. E que diferenças são essas? Às vezes o sotaque. [troca de turno] Às vezes a maneira de dominar a língua. [troca de turno] As pessoas dizem que é uma palavra mais grosseira, que não sai correta, no caso. Vocês acham aqui que também não é correto? Por quê? Sim, às vezes, sim. Porque a gente fala assim, meio fácil, né. Não fica ali a observá tudo. Agora, quando tu vai falá com uma pessoa mais importante, então a gente se cuida mais um pouco pra falá um pouco mais correto, mas entre nós aqui a gente fala do jeito que vem. [troca de turno] No meu caso, a gente recebeu até a 5ª série, a gente recebeu o português meio mastigado e aí um pouco extraviado porque a gente só sabia falar italiano, então às vezes tu falava português, ou brasileiro, onde vai acento tu não coloca. E essas acentuações... [...] Então às vezes a gente fica na dúvida: vai acento lá ou não vai? Então a gente fica no meio do caminho, então por aí tu te perde. (RGII-SAR-C)

Os mais escolarizados conseguem estabelecer diferenças entre a língua falada e escrita, atribuindo a esta maior semelhança com o português-padrão do que aquela. Ou seja, no registro escrito, não existe pronúncia, não existe sotaque; logo, deixa de existir boa parte da interferência da língua italiana, especialmente aquelas interferências que são mais facilmente percebidas, seja pelos usuários, seja pelos ouvintes com quem costuma interagir.

O meu português, eu acho, tem muito a desejar. Por quê? Porque eu tenho uma... se for pra mim escrevê, se for pra mim lê, eu consigo fazer bem. Agora, na hora de falar... Até porque acho que tem muito essa questão do dialeto italiano... tem muita palavra que eu falo errada, que eu tenho consciência que eu falo errado, mas que eu misturo, às vezes, no dia-a-dia, eu uso um pouco do dialeto italiano junto, eu percebo que eu misturo. E aí, depois que eu falei, eu percebi que eu falei o português de maneira errada, né, mas eu sei que é em função até do italiano que interferiu um pouco nisso, né. Daí eu procuro melhorar o português, mas eu não quero perder o pouco italiano que eu sei. (UGI-SAN-C)

Apesar do estigma lingüístico, existe, no entanto, uma consciência de que as diferenças entre a fala de português de contato com o italiano e outras variedades de português está relacionada à história, à organização social e cultural e ao espaço geográfico. Quando isso acontece, melhora a auto-estima dos falantes, e isso os ajuda a reconhecer sua identidade étnico-cultural, valorizando-a. A informante do comentário acima sabe que sua fala é marcada pelo italiano, mas isso não é motivo para que rejeite sua identidade étnica, nem tampouco quer deixar de falar italiano. Veja-se, a título de exemplo, o seguinte depoimento:

⁴⁸ Cf. Scherre (1999, p. 24-25).

E o português falado aqui é diferente do português falado em outros lugares? Nosso português aqui, se nós for, por exemplo, pra Canela, pra Porto Alegre, conversar com pessoas de fora daqui, tem muito assim no sotaque. *Quais são essas diferenças?* No “r”, no “tʃi”. [troca de turno] Quando a gente vai num local assim que tem... que tem que falá, a gente sente dificuldade de falá com as mesmas pessoas que estão falando correto o português. [...] Eu já... uma vez eu falava bem menos, agora não. Se eu falo errado, é o meu jeito. (UGI-SAN-C)

As características da fala em português influenciadas pelo italiano também são percebidas pelos luso-brasileiros, os quais são minoria nas comunidades representadas na amostra.

Quando o italiano fala português com vocês, vocês percebem que ele é italiano? Com certeza, porque o sotaque dele é bem visível, né. *E o que tem nesse sotaque?* Ah, a diferença de pronúncias, né. A primeira coisa... que nem eu que lido com o pessoal da roça, do interior, né, o italiano do interior, você chega: ‘porca madona’, né, você já tá aí, né. Ou ‘porco dio’. ‘Porco dio’, ma tu já veio, né, gringo! (em tom alto, imitando a fala dos italianos). (UGII-CHA-C)

O gesto de imitar o tom elevado da fala dos italianos mostra que há também a percepção de características no nível supra-segmental. Mais comum, no entanto, é a observação de características segmentais nos níveis fonético, sintático ou lexical, como se pode ver nos comentários a seguir: “nós diz: ‘eu truxe’, eles diz: ‘eu levei’; para ‘perguntar’, eles dizem ‘pede’; para ‘ir’, eles dizem ‘eu venho a tal lugar’. Para dizer ‘verão’, eles dizem ‘veron’; para ‘porcão’, eles dizem ‘porcon’; e, para ‘gamão’, eles dizem ‘gamon’” [risos]. (UGII-CAX-C)

Estes exemplos apontam para determinadas variáveis que carregam significado social, pois são conscientemente percebidas pelos falantes e associadas a valores sociais.

O mesmo evidencia-se nos exemplos a seguir.

Tem diferença entre a fala de vocês e a fala dos italianos? Tem. A gente conhece. É diferente do nosso. O sotaque deles é outro. *Ma o que é diferente?* É ‘bela coisa’, ‘ciau’, ‘porco ali, porco aqui’. *E na pronúncia?* Eu não sei se é o ‘s’, o ‘ti’, a ‘tera’, ‘guera’... Ah, o ‘r’. (UGII-SAR-C)

Tem alguma marca que vocês conseguem identificar nessa fala? Acho aquele ‘zon’. Depois, muita gente troca o ‘g’ por ‘z’. *Por exemplo?* ‘Zibizon’ [gibizão]. (UGI-CAX-C)

Por que vocês acham que os outros percebem que vocês falam diferente? No “z” [ininteligível] mais “zio”, é. Uns primos meus foram pra cidade... “tʃio” [ininteligível] onde é “tio”. (RGI-CAX-C)

Dentre os nove traços que elegemos para estudar a variação do português em contato com o italiano, seis foram citados pelos entrevistados: a realização de [r], realização

do ditongo [ãw], africacão de [t] diante de [i], consoante pré-palatal sonora [z], consoante pré-palatal surda [ʃ], alçamento da vogal átona final [e]. Os entrevistados não fizeram referência ao [a] aberto em contexto nasal, à africacão da consoante [d] e ao alçamento da vogal átona final [o], indicando com isso que essas variáveis ou não são estereótipos do português falado pelos ítalo-brasileiros, ou são pouco freqüentes – como é o caso da vogal [a] aberta em contextos nasais –, ou não são consideradas interferências do italiano.

Na Conversa com os grupos entrevistados, foram colhidas, além disso, observações metalingüísticas que identificam a fala dos italianos em português como sendo essencialmente rural, do interior.

Porque assim, se eu tivesse que puxá o ‘r’ lá em Passo Fundo ou Porto Alegre, eles se iam ri, que eles acham isso... Eles chamam isso de uma pessoa que vem do interior, como eu, fazê cursinho, e eu fui falá uma palavra, e vários se acostumaram a falar com ‘i’ em vez de ‘e’, eles simplesmente – alguns falam, mas a maioria fala com ‘i’ – eles simplesmente me xingam. Diz que eu sou do interior porque eu falo assim. Então, nós, pra eles, somos conhecidos como colonos. (UGI-SAR-C)

Os comentários dos informantes sobre o português dos falantes de italiano demonstram a existência de uma variedade própria de português de contato com o italiano no espaço delimitado da pesquisa. Essa variedade é percebida amplamente, tanto pelos descendentes de italianos, quanto pelos luso-brasileiros. A capacidade de observar essas diferenças é mais saliente nos informantes mais escolarizados, o que, conseqüentemente, favorece a difusão do português nesse segmento social, como, aliás, já foi evidenciado.

Na literatura especializada sobre a integração dos italianos ao novo meio nas regiões de colonização no Sul do Brasil, tem-se repetido que os ítalo-brasileiros sentem *vergonha* de falar o dialeto italiano. Da mesma forma, sentem-se constrangidos de falar português tendo em vista a percepção de que *falam mal*, *falam errado*, *falam com sotaque carregado*, ou seja, sentem *vergonha* de assumir sua italianidade.⁴⁹ Essa percepção constitui-se em um tipo de preconceito lingüístico, cuja origem remonta sobretudo à Campanha de Nacionalização do Ensino, na década de 30, quando os dialetos italianos, assim como outras línguas de imigrantes, foram proibidos nas escolas, nas igrejas, nos quartéis e em lugares públicos. "Nossos pais foram proibidos de falar [italiano]. Se falassem, podiam ser

⁴⁹ Cf. Frosi (1996, p. 162), Luzzatto (1996, p. 170), Oliboni (2003, p. 79), Mioranza (1990, p. 600), entre outros.

denunciados" (RGII-ORL). Sobre essa violência étnico-cultural, não se tem notícia de resistência, apenas resignação e medo.

Por outro lado, a partir desse período, "à medida que o ítalo-brasileiro enriquece e se urbaniza, forma uma nova classe de nível econômico mais elevado" (FROSI, 1996, p. 162), e busca se identificar com valores de prestígio, entre os quais o domínio do português-padrão. Falar português passou, então, a ser visto como fator de promoção social. Ao mesmo tempo, essa nova classe de italianos "passa a segregar socialmente e lingüisticamente os menos favorecidos – o colono – que, ou se comunica através do dialeto italiano e é qualificado como grosso, ou se expressa em português, porém de um modo assaz precário, e torna-se motivo de riso" (FROSI, 1989, p. 61).

Eu tinha vergonha quando, na escola, chamavam a gente... falava em dialeto, muitos chamavam a gente de grosso, era colono, era grosso e... *Quem é que fazia isso na escola?* Quem não era [colono]. Tinha geralmente os... sempre tinha aqueles que queriam sê mais. Eram italianos, mas que... acham porque eles falavam bem o brasileiro, o português que nós dizemos, eles se achavam que eram superior à gente, porque tinha mais dinheiro, porque eram da cidade, e queriam desmoralizar a gente, assim, por ali, chamando a gente de grosso porque nós falava italiano. (RGII-NPA-C)

O sentimento de *vergonha* que marca a fala de ítalo-brasileiros, seja ela na fala dialetal italiana, seja ela na fala de língua portuguesa, tem origem, portanto, em grande parte, no estigma social decorrente de um conjunto de fatores associados à imposição do monolingüismo, e também das atitudes de parte do próprio grupo étnico. É o que se depreende de comentários como esses: "Os filhos que iam pra escola sem saber português sofriam muito" (RGII-VID); [o italiano] não tinha valor. Havia pressão da escola, do meio" (RGII-CHA).

De certa modo, a escola, por não tratar as diferenças lingüísticas de forma adequada, contribui para o desenvolvimento de um sentimento de inferioridade nos imigrantes e nos filhos de imigrantes, reforçando, assim, o sentimento de vergonha que têm os descendentes de imigrantes italianos quando falam português. É o que revela o comentário anterior, de um morador da área rural de Nova Palma, bem como o comentário a seguir, de um morador da área rural de Caxias do Sul.

É que no tempo que nós estudava, né, o cara... o cara tem problema no 'r', né...Então são... vamos supor... é... brasileiro, assim, mais moreninho, fica gozando da cara do cara, né. Porque falava o português correto. Tu falava pronunciado, tu tava... a professora botava tu fazer uma leitura do português lá... é lógico que tu que aprendeu até a quarta série tu não ia consegui falá gramaticalmente certo a palavra. Aí tu falá 'carroça' é uma 'caroça'.

[ininteligível] Tem um tipo aquele sotaque, né, do dialeto que nós falava. *E aí o que eles diziam?* Aí chamavam o cara de colono, de gringo, burro, polenteiro. *Naquela época de estudante, vocês tinham vergonha de ser italianos?* Eu tinha. [...] Vergonha, naquela época não. Mas é que é assim, ó, a gente evitava de falar por causa que era ruim. Até evitava de falar por causa que a gente não queria que ficasse zombando da gente. (RGI-CAX-C)

Fica evidenciada a estigmatização dos traços [+ita] do português de contato: ao falar português marcado por interferências dos dialetos italianos, principalmente fônicas, muitos ítalo-brasileiros passam a ser motivo de riso, de chacota.

E o que os não-italianos dizem desse jeito de os italianos falarem? A maioria das pessoas acha muito engraçado. Às vezes é... Já vi muitas pessoas fazerem até... transformarem isso como uma piada, né. Tornarem uma piada, né, uma piada sem graça. *Por quê?* Eles não valorizam. Têm pessoas, pelo fato de não ser descendente, uma coisa assim, não ter uma cultura, acham que é besteira, é. (UGI-CHA-C)

Como se observa, o informante discorda daqueles que acham engraçado o modo de falar dos italianos, argumentando que esse modo de falar português é uma característica cultural e, como tal, deve ser valorizada. Essa posição representa, portanto, uma atitude positiva, favorecida possivelmente pelo fato de o informante ser jovem urbano, descendente de italianos, com escolaridade superior à 8ª série e envolvido com atividades étnico-culturais.

Além do contato lingüístico do italiano com o português, de que resultaram variadas interferências interlingüísticas, a convivência de descendentes de imigrantes de italianos com luso-brasileiros cria situações de confronto de diferentes tradições culturais. Desde o início da imigração, desenvolveu-se a idéia de que os europeus tinham características culturais superiores às dos luso-brasileiros. Há evidências de que esse sentimento mantém-se até hoje, apesar do abasileiramento social, cultural e lingüístico dos descendentes de imigrantes italianos e dos estigmas sociais e lingüísticos que lhe são impostos.

Os luso-brasileiros são chamados de 'negri' (negros) pelos italianos do Rio Grande do Sul e do Oeste de Santa Catarina, o que quer dizer também 'caboclo', pessoas de pele escura, incluindo afrodescendentes, índios e mestiços. Em Rodeio e Orleans, que representam as áreas originais de colonização italiana em Santa Catarina, a expressão mais comum para essas populações é 'brasiliani'.⁵⁰

Ambas as expressões são, contudo, preconceituosas e contêm alta carga pejorativa. Isto é percebido pelos luso-brasileiros, embora os entrevistados, em geral, tentem

⁵⁰ Em Orleans, também registramos "baieco" para luso-brasileiro.

minimizar a questão, afirmando que essa discriminação era muito mais presente em tempos pretéritos do que atualmente.

Sempre que viam um brasileiro: ‘vade un brasilian’, lá ‘ô, coa’, ‘animal’, né. *Como?* ‘Coa’, depois eles falavam... *O que quer dizer ‘coa’?* ‘Coa’ é um pai que vai com três, quatro filho atrais. [risos] ‘Coa’ é rabo. [troca de turno] Turma de macacada que passa. [risos] *O que vocês acham que eles pensam dos brasileiros?* Hoje é tudo igual. [troca de turno] Eu sempre penso assim: tem... a gente não dizia que estão falando dos brasileiros assim, eles estão morando dentro de nosso país. Dentro do Brasil, né. Então, eu acho que isso aí é um erro eles falá essas palavra. Porque que nem esses tempo atrás também, estava aí na cancha... gosto muito de jogo de bocha, chegou um coitado, um brasileiro, um preto – mas preto é gente igual a nós – [eu] disse: “- Quem não gosta de preto não gosta de Nossa Senhora Aparecida”. Nossa Senhora Aparecida também é preta. (UGII-ROD-C)

Ao se referir ao modo como eram tratados pelos italianos, os luso-brasileiros usam, quase sempre, um verbo no passado, para dar a entender que atualmente as coisas mudaram: "Nós já *fomos explorados* pelos italianos" (UGII-CHA-C); "Os negros eram rejeitados pelos italianos. [...] Não deixavam namorar" (UGII-ORL-C). Ou procuram minimizar a questão do preconceito e da discriminação no lugar em que vivem, atribuindo aos italianos de outros lugares as atitudes racistas: "Eles dizem que os brasileiros são *negri, raça bruta, tutti ladri*. [...] A nossa colonização italiana aqui... ela não é tão racista que nem as outras" (UGII-CAX-C).

A aceitação dos luso-brasileiros por parte dos italianos é, segundo aqueles, cada vez maior, indicando que as diferenças de outrora são menores atualmente: 'Hoje, nós, os brasileiros, não somos mais discriminados (UGII-ROD-C); "Hoje, o italiano já está aceitando o negro" (UGII-ORL-C). Da mesma forma, os luso-brasileiros já não mais se ofendem quando são chamados de *negro*: "Nós não nos ofendemos quando eles (os italianos) nos chamam de negro, já que é o sotaque (jeito) de eles falá" (UGII-SAR-C); "Quando o italiano nos chama de negrinho, é na brincadeira, não é pra desvalorizá" (idem).

Na perspectiva lingüística, supõe-se que a existência do preconceito racial tenha contribuído, em algumas circunstâncias, para a manutenção e o prestígio do italiano. Em sentido inverso, à medida que decresce o preconceito a respeito dos luso-brasileiros, aceitando-os como iguais, cai o prestígio do italiano, favorecendo a difusão do português. Essa é, no entanto, uma hipótese sobre a qual não temos elementos suficientes para fazer considerações fundamentadas.

Na visão dos luso-brasileiros, ao contrário, os italianos apresentam algumas características negativas, entre as quais, citam-se: "são muito apegados ao dinheiro (pão-duro,

mão-de-vaca, mão-fechada) e não confiam nos negros" (UGII-CHA-C). Também deixam transparecer que não gostam quando os italianos falam em dialeto: "O modo de falar do italiano é ridículo porque a gente não entende, né. [...] Talvez teja xingando nós, não sabemo" (UGII-SAR-C).

Mas os italianos também têm características positivas, segundo os luso-brasileiros: "Em matéria de comida, eles [os italianos] são dez a zero" (UGII-CHA-C); "O sotaque deles é bonito" (idem); "Eles trabalham e são mais inteligentes do que o brasileiro. Eles são donos das indústrias" (UGII-ROD-C).

Esse último comentário revela, de certa forma, o reconhecimento do sucesso econômico dos italianos pelos luso-brasileiros; afinal, são os italianos que detêm os meios de produção: são donos das indústrias e, também, donos das terras. Os italianos possuem, portanto, prestígio social e, como tal, segundo os luso-brasileiros, devem ser imitados, não só no trabalho, mas em todos os aspectos: sociais, culturais, religiosos e lingüísticos: "Para nós, *gringo* é uma palavra positiva" (UGII-SAR-C).

Em resumo, os luso-brasileiros têm consciência de que foram e são discriminados e inferiorizados pelos descendentes de italianos, embora atualmente essa discriminação e inferiorização seja cada vez menos explícita, mas não de todo ausente. Em vista disso e dos valores econômicos e sociais que os italianos representam nas comunidades onde eles são maioria e detentores dos meios de produção, os luso-brasileiros sujeitam-se às contingências locais e, mais do que isso, desejam ser o que os italianos são: bem-sucedidos economicamente e ocupando o topo na escala social, pelo menos nos centros urbanos.

Como já apontamos, *gringo* é o termo usado pelos luso-brasileiros para designar os italianos. Originalmente, queria dizer estrangeiro, mas hoje já não tem mais esse sentido. Representa, antes, tudo o que há de negativo nos italianos: "É uma palavra que pra nós seria ruim. [troca de turno]. Atrasado" (RGII-CHA-C).

Os descendentes de italianos consideram que os "brasileiros", com algumas exceções, não são de confiança e não gostam de trabalhar.

É o seguinte: por exemplo, o brasileiro chama nós de gringo, né... Eu, pra mim, me chama do que quiser, não é que eu fique brabo, entende. Agora, tem negro, que eles mesmo se chama de negro, preto, nós chamamos um outro de negro, ele se incomoda. [...] Se nós fala 'aquele negro lá', ele compra uma briga. Tem outro que diz: – Eu sou negão. [troca de turno]. Brincadeira. Aquele que sabe brincá, ele gosta. [troca de turno] A maioria não gosta. [...] Agora nada de ser racista, né, mas tu qué... qualquer coisa que tu achá que é bom, tá na mão do italiano. [...] Não ser racista, né, mas da negada, ô, tem que passá pela peneira [...]. Não é moleza. Têm uns é bom, tudo bem, né. Só que ele prefere assim, oh, ganhá de dia pra

gastá de noite. Não pensa pra amanhã. *Ele não é de confiança?* Menos, menos. Sempre muito menos. [troca de turno] Mas dá um tempo, já deu pra dá uma tarrafiada ali, mais ou menos. *Tem os bons e tem os ruins?* Diz-se em italiano: 'pouca voia'. [troca de turno] Não tem vontade. (RGII-CHA-C)

Observe-se, no comentário acima, a valorização da própria identidade: "qualquer coisa que tu achá que é bom, tá na mão do italiano" e, em contrapartida, a desvalorização dos brasileiros, ou seja, dos "negri": não sabe poupar, não pensa no futuro, não é de confiança, não gosta de trabalhar. Toma-se o cuidado, porém, de afirmar que não se trata de racismo.

Entre os ítalo-brasileiros mais jovens, no entanto, essa visão discriminatória tende a abrandar-se: "A gente não vê diferença. Só porque a pessoa, tipo, tem outra religião, ou fala um outro dialeto, outra língua..." (UGI-ROD-C). E atribuem o sentimento negativo aos mais antigos, que usam a expressão "negri" para manifestar a falta de confiança.

Quando os brasileiros têm a intenção de realçar a carga negativa da palavra *gringo*, acrescentam-lhe um adjetivo: "gringo burro", "gringo lazarento", "gringo polenteiro", "gringo mão-de-vaca" (UGI-VID-C; RGI-CAX-C), ou ainda "italiano grosso" (UGI-ORL-C). A expressão "italiano grosso" refere-se mais ao italiano colono, menos escolarizado, que ainda fala dialeto e, quando fala português, sua fala apresenta muitas interferências do italiano: "Brasileiro diz que o taliano é taliano grosso. (...) Porque não sabe falá. É, às vez pode vê duas pessoas ou mais falando italiano, diz: Oh, aqueles grosso aí, não sabe nem falá" (RGII-ORL-C).

Há, no entanto, italianos que não vêem problema em serem chamados de *gringos*, pois entendem que essa palavra é sinônimo de italiano, ou italiano mão-de-vaca. Ocorre que, para muitos italianos, isso não é ofensa, mas elogio.

Quem usa mais essa expressão ali são os de origem brasileira, os caboclo. [troca de turno] Se chama de italiano, melhor, mas eu não me ofendo se chamou de gringo. [troca de turno] É o contrário de chamá, no caso... se passá um caboclo ali fora e chamá de negro [...] Ele não gosta. Não aceita, mas se me chamá de gringo, não me incomodo. *Mas será que, quando eles chamam de gringo, eles não querem dizer grosso?* Eles querem desprezar. [troca de turno] Dentro do assunto, tu percebe se ele é... se vai sê gringo a título de gozação, ou se te chama de gringo [...] com maldade. (RGII-SAR-C)

Porque o gringo, geralmente o italiano é muito mão-de-vaca, né. *Por quê?* Ele é muito seguro, né. [troca de turno] Ele pensa lá na frente. Ele não fica gastando à toa. [troca de turno] Até um dia eu estive numa loja, né, daí um vendedor me atendeu, daí... Eu comecei a pechinchar e coisa e tal. Ele me olhou assim: – Só pode ser gringa. Eu fiquei olhando, né. Ele era alemão. (UGI-SAR-C)

Por outro lado, há entre os ítalo-brasileiros, especialmente os mais jovens, aqueles que aprenderam a lidar com as diferenças culturais e, assim, aceitam-se melhor e assumem sua identidade.

Chamam de gringo pros italianos [risos]. *Isso tem uma conotação negativa, pejorativa?* Tinha. Na época [da escola] tinha. Eu senti isso um pouco na época que eu fui pra Canela, por exemplo. Ali é uma mistura, né, lá não é uma região típica italiana, né, já um mesclado. E eu tinha muito, muito italiano ainda presente. E o pessoal de lá, quando a gente falava uma palavra que soava como são [som] italiano, como expressão italiana, eles mexiam com a gente. Diziam: – Ô sua gringona! Ô sua colonona! *Ah! Gringo quer dizer colono grosso?* É, colono grosso. [...] Ou leva pra outro lado. Gringo é o jeito teu de falar. Se tu fala certo ou errado... Porque veja você, se tu é gringa, assim... [troca de turno] Hoje a gente vê diferente, mas lá na adolescência a gente se sentia envergonhada. (UGI-SAN-C)

Como demonstramos anteriormente, no confronto sociocultural no espaço delimitado da pesquisa, os luso-brasileiros, ou simplesmente brasileiros, que são minoria em relação aos ítalo-brasileiros, são desvalorizados e inferiorizados. A marca disso é representada pelos termos "negri" e "brasiliani", que sintetizem diversas noções negativas, como vimos. A expressão mais acentuada dessa concepção é representada pelo comentário a seguir que, a despeito das atenuantes atuais, revela quão conflituosas foram essas relações no passado e, de certa forma, ainda subsistem.

Brasiliiani. [...] Antigamente, anos atrás, quando eram brasileiro, eram sempre olhado como 'brasiliiani de coa'. [troca de turno] 'Coa' qué dizê rabo, é [risos]. [troca de turno] Sim, porque eles, eles... diziam que o brasileiro trepavam em árvore que nem o macaco, né. [...] Esse tinha, mas hoje não. [troca de turno] Hoje é mais respeitado. Antigamente, o meu avô materno, para os brasileiro ele dizia 'os tira cipí', né, os 'tira cipó' direto, né. (RGII-ROD-C)

Quanto à expressão "brasiliani de la coa", colhida em Rodeio-SC, lá mesmo ouvimos outra explicação para o seu uso: "Brasileiros do rabo [...] porque na Itália existia uma região que eles chamavam... eles se chamavam de *italiani de la coa*. E essa expressão, que já era pejorativa lá, veio pra cá, e aqui transferiram pro brasileiro" (UGI-ROD-C).

Quanto à expressão *gringo*, que designa os descendentes de italianos no Rio Grande do Sul e no Oeste de Santa Catarina, apesar de também ter carga negativa, representando sintetizando aspectos negativos nessa população, pode-se dizer que seu uso generalizado suavizou-lhe o sentido, a tal ponto de atualmente ser, simplesmente, sinônimo de italiano. E, como vimos, os ítalo-brasileiros representam para os luso-brasileiros, nas comunidades pesquisadas, o sucesso econômico e social.

O quadro desenhado até aqui revela atitudes diversas indicadoras de que os ítalo-brasileiros se consideram cada vez mais integrados ao meio social brasileiro e, assim, vão, paulatinamente, remodelando sua identidade étnica. Os esforços para o resgate das tradições culturais originais, ao ensejo das ações comemorativas do centenário da imigração e da fundação de entidades voltadas para a valorização da cultura étnica, contribuem para a superação da ambigüidade étnica: ser cidadão brasileiro e, ao mesmo tempo, orgulhoso de seu passado. "Começamos a dar valor [ao italiano] recentemente. Festejos do centenário, movimentos de valorização da cultura italiana" (RGII-NPA).

Quanto aos aspectos lingüísticos, os fatos apontam para o desaparecimento da fala dialetal italiana, embora ainda se faça presente em muitas comunidades – principalmente aquelas mais afastadas dos centros urbanos – e, mais especificamente, no seio das famílias dos colonos. Mas, mesmo nesses casos, pode-se dizer, que a fala dialetal italiana é praticamente a fala dos *nonos*, pois os jovens – a maioria dos quais busca através da formação escolar oportunidades mais favoráveis de ascensão social – falam exclusivamente português.

Retomando a questão lingüística no espaço territorial ocupado por descendentes de imigrantes italianos, verificamos, então, que há diversas atitudes dos ítalo-brasileiros que tendem a favorecer a difusão do português. Entre essas atitudes, destacamos: a mútua aceitação, a convivência e mesmo a miscigenação de italianos com luso-brasileiros; a compreensão de que o termo *gringo* é muito mais uma simples designação para o italiano, com suas características étnicas positivas e negativas, deixando de significar indivíduo estrangeiro; a disposição dos descendentes de italianos para o trabalho e o estudo e, assim, poder ocupar posições econômicas e sociais privilegiadas; a percepção de que há diferenças entre a variedade de português influenciada pelo adstrato italiano e o português-padrão; a estigmatização e a desvalorização do português de contato como o italiano, considerado português de colono grosso, de pessoas sem estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apresentação e a análise de nove variáveis fonético-fonológicas que, entre outros, marcam o português falado por oito comunidades representativas das áreas ocupadas predominantemente por descendentes de imigrantes italianos no Sul do Brasil, mais especificamente em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, significa bem mais do que a realização de uma descrição geolinguística, trabalho por si só relevante. Esta pesquisa também contribuiu para conhecer melhor a trajetória desses desbravadores, que carregam consigo parte da história da colonização do Brasil.

A imigração de italianos para a América em fins do século XIX tinha, para a Itália, o objetivo de livrar a região Norte de uma possível convulsão social promovida pelos ecos libertários da Internacional Operária, que atingia o campesinato europeu e, conseqüentemente, o italiano. Para camponeses do Norte da Itália, migrar era a oportunidade de buscar melhores condições de vida, mais liberdade e realizar um antigo desejo: possuir terra. Para o Brasil, o objetivo mais imediato era substituir a mão-de-obra escrava nas fazendas de café em São Paulo e Espírito Santo e, no Sul, ocupar terras de florestas, ainda desabitadas.

Os pioneiros colonizadores italianos que vieram para o Sul do Brasil eram, na sua maioria, pobres, e traziam na bagagem uma herança cristã, costumes, artes manuais e dialetos, que eram passados de geração em geração. Tinham um jeito peculiar de construir suas casas, de trabalhar em parceria com os parentes e vizinhos, de fabricar seus próprios instrumentos de trabalho e seus móveis, de lidar com a terra e de plantar.

Aos poucos, apesar das dificuldades iniciais de adaptação à nova terra, os pioneiros italianos passaram a integrar a diversidade cultural do País. Derrubaram a mata, construíram cidades, aprenderam português, tornaram-se brasileiros. Hoje contam cerca de cento e trinta anos de história e integração ao novo meio e de construção de uma identidade ítalo-brasileira. Os descendentes dos imigrantes italianos, colonos ou cidadãos, assumem sua brasilidade, sem negar sua diversidade.

Quanto ao aspecto linguístico relacionado à trajetória histórica da população ítalo-brasileira no Sul do Brasil, convém lembrar que, no período de chegada e assentamento – último quartel do século XIX –, os imigrantes, provenientes de diferentes províncias da Itália, vieram monolíngües e falavam uma variedade dialetal de sua comunidade de origem, seja do

grupo vênето (vicentino, trevisano, feltrino-belunês, paduano, veronês, veneziano, rovigino), do grupo lombardo (bergamasco, mantuano, cremonês, milanês, bresciano, varesino, comasco, paviense), ou ainda trentino, ou friulano. Paulatinamente, em razão de não terem sido usados critérios etnolingüísticos no assentamento dos colonos e devido ao isolamento inicial, essa primeira fase é marcada por um processo de integração social e lingüística interna entre os próprios grupos étnicos italianos. Predomina, então, o multidialetalismo em italiano, com manifestações da língua portuguesa em nível elementar. O uso do português, nesse período, era restrito a poucos indivíduos, em situação de contato com luso-brasileiros.

Na fase subsequente, com abertura de estradas, industrialização e comércio de produtos agrícolas, deslocamento interno de imigrantes em busca de novas terras, os italianos e seus descendentes adquirem mobilidade geográfica e social, provocando alterações sociolingüísticas importantes. De um lado, os dialetos italianos menos representativos desaparecem, enquanto os dialetos vênéticos e lombardos se interinfluenciam, e o vênético acaba se sobrepondo aos demais. Embora permaneçam algumas ilhas dialetais, forma-se, então, uma espécie de fala dialetal comum, uma coíné de base vêneta, com influências da língua portuguesa.

Por outro lado, todas as comunidades ítalo-brasileiras, assim como todas as comunidades de populações estrangeiras, foram afetadas, nesse período, pelos acontecimentos de ordem político-administrativa. Na década de 30, dá-se a Campanha de Nacionalização do Ensino, cujo objetivo era "brasilianizar" os estrangeiros. O ensino passou a ser obrigatório em português, e as línguas estrangeiras foram proibidas nas escolas, nos serviços públicos, militares, religiosos e nos jornais e revistas. Em resumo, na interação social, qualquer que fosse, era obrigatório o uso do português. Nessas condições, a língua oficial, imposta pelo poder público, adquire prestígio.

Ao mesmo tempo que a língua portuguesa torna-se capital simbólico dos italianos mais ricos e urbanizados, representando ascensão social, a fala dialetal (o *talian*) perde prestígio, e seus falantes – os colonos – passam a ser estigmatizados. Quem se comunica através do dialeto italiano é visto como "colono grosso", e quem se expressa em português com interferências do italiano é "motivo de riso". Eis aí a origem do sentimento de vergonha ou medo de falar, seja em dialeto italiano, já modificado pelas interinfluências dialetais e pelo português, seja em língua portuguesa, com interferências do italiano.

A partir da década de 1950, com o crescimento demográfico das colônias, o desenvolvimento econômico e industrial, o melhoramento das vias de comunicação, a comunicação em português via rádio e o empobrecimento dos lotes rurais, o colono busca novas alternativas de vida. Ou desloca-se à procura de novas terras, ou sai da roça e vai trabalhar nas fábricas. Assim, enquanto a migração interna é determinante para a formação da *coiné vêneta*, o êxodo rural passa a ser um importante fator de promoção da língua portuguesa. Ela é o sistema lingüístico de prestígio, em consonância com a norma e os padrões de comunicação válidos para todo o País.

É da natureza das sociedades humanas eleger modelos de fala como melhores e mais "bonitos" e, porque têm prestígio, são imitados e reproduzidos. Em sentido inverso, elegem-se também modelos de fala como mais "feios", sendo assim rejeitados, ridicularizados e socialmente estigmatizados. Como sistemas lingüísticos, os conceitos de "feio" e "bonito" não têm razão de ser, pois são resultantes de preconceitos sociais. Nas áreas de colonização italiana, um conjunto de preconceitos estigmatizadores da fala regional, em nível fonético, lexical, sintático e mesmo discursivo, representados através de piadas, marca até hoje a transição sociolingüística, caracterizada pela valorização do português em detrimento da fala em dialeto italiano. Nessas áreas de colonização italiana, ou se adquire o dialeto italiano, como um sistema misto e restrito a essas áreas, porém em vias de substituição (*language shift*), ou se adquire uma variedade de português híbrida, impregnada de interferências do dialeto.

As comemorações do centenário de imigração italiana introduzem uma nova fase na história lingüística dos ítalo-brasileiros. Com o crescimento econômico, a modernização industrial e agrícola, a incorporação de novas tecnologias, a introdução de novos modelos culturais, principalmente através da televisão, anulam-se os usos e costumes tipicamente italianos, a expressão oral em dialeto italiano, inclusive nas comunidades rurais. As famílias deixam de propiciar aos filhos a aquisição da variedade dialetal do italiano e, quando esta existe, caracteriza-se como uma fala dialetal fortemente influenciada pelo português. Apesar disso, verificam-se tentativas de retorno às origens étnico-dialetais italianas, que compreendem diversas manifestações sociais, seja por meio do rádio, seja por meio de festas religiosas em torno de um santo padroeiro, do surgimento de corais, da criação de entidades étnico-culturais e atitudes declaradamente a favor da fala dialetal italiana.

É em razão desse panorama lingüístico nas áreas de contato do português com o italiano que nos propusemos a explicitar a dinâmica de difusão do português falado por descendentes de imigrantes italianos. Os dados lingüísticos coletados em trinta e duas entrevistas confirmam, de um lado, que o português falado nas áreas ocupadas por ítalo-brasileiros é, de fato, impregnado de interferências das variedades do italiano. De outro lado, encontram-se também evidências fortes de que esses falantes almejam libertar-se dessas marcas de interferência, que funcionam como uma espécie de *schiboleth* (marca lingüística)¹ estigmatizado do colono ítalo-brasileiro.

A hipótese levantada no início deste trabalho, de que a difusão do português nos pontos (áreas) selecionados para a pesquisa apresenta diferentes graus de variação, tanto na intensidade quanto no modo, confirmou-se. Conforme foi demonstrado através das *Tabela 46, 47 e 48* e do *Mapa 14*, constatou-se variação significativa de todas as variáveis enfocadas nos oito pontos pesquisados e, como era esperado, em diferentes graus de intensidade. As variáveis ditongo [ãw], consoante [aN], consoante [j] e consoante [ʒ], por exemplo, apresentam percentuais acima de 70% de realizações de regras associadas ao português. Em sentido contrário, as variáveis consoantes [t] e [d] seguidas de [i] apresentam percentuais inferiores a 40% de realizações associadas ao português. Já as variáveis consoante [r] e vogal átona final [o] apresentam variação em torno de 50%. A variável com menor variação é a vogal [a] seguida de consoantes nasais. É possível que fosse constatada maior variação se fossem excluídos da amostra as ocorrências de nasalidade fonológica que, por suas características, exercem maior condicionamento prosódico. Além disso, como não houve, em nossa amostra, controle da nasalidade categórica e da nasalidade variável, os resultados não permitem verificar qual o condicionamento desses fatores na realização variável da vogal [a] seguida de consoante nasal.

Ao confrontar o uso das variáveis lingüísticas com as diferentes dimensões controladas pela pesquisa, constatamos que *os pontos de pesquisa* comportam-se como ilhas lingüísticas, com características próprias, em razão de suas peculiares quanto à época de fundação, constituição da população, número de habitantes, nível de desenvolvimento, organização social e econômica, representatividade regional, entre outros aspectos. De

¹ *Schiboleth* é um termo bíblico extraído do livro dos Juizes (12, 5-6), que significa *torrente*: *palavra* que os habitantes de Efraim pronunciavam *Siboleth*, sem o som chiante, denunciando a procedência e, sendo efraimitas, eram degolados junto dos vaus do Jordão.

qualquer modo, Orleans e Caxias do Sul, duas colônias velhas, estão em estágio mais avançado do que os demais pontos no que diz respeito à inovação lingüística. Em sentido oposto, a maior resistência à incorporação de inovações lingüísticas, isto é, à difusão de traços do português, foi registrada em Rodeio e Sananduva (cf. *Mapa 15*). A hipótese de que as colônias novas são mais resistentes à difusão do português confirma-se em Sananduva, Sarandi e Videira, mas não em Chapecó, em parte em razão do elevado grau de urbanização. Nova Palma, uma das colônias velhas da amostra, apresenta um nível de inovação intermediário. Em síntese, pode-se afirmar que o estágio de difusão do português em cada área de contato com o italiano está, em parte, correlacionado ao tempo de contato e à quantidade de contato, tendo em vista a urbanização e a presença de portugueses.

Dentre as diferentes dimensões (grupo de fatores) controladas em nossa pesquisa, a dimensão *diazonal* (urbanos e rurais) é a mais relevante de todas na realização do ditongo nasal [ãw], da consoante [r], da consoante [d] seguida de [i], da consoante [j]. Na realização da consoante [t] seguida de [i] e vogal átona final [e], essa dimensão foi selecionada, respectivamente, em segundo e terceiro lugar, tendo sido considerada irrelevante para a realização de [aN]. Os resultados indicam, em todos os casos, como previsto, que entre os falantes urbanos a difusão de traços do português é mais intensa do que entre os falantes rurais, conforme se pode visualizar através do *Mapa 16*, entre outros. Isso é favorecido pelos seguintes aspectos: i) uma das células de informantes urbanos não é formada por descendentes de italianos; ii) os urbanos mais jovens são mais escolarizados do que todos os demais grupos que compõem a amostra; iii) os urbanos tendem a estigmatizar a fala dos colonos; iv) os falantes urbanos têm menos contato com o italiano do que os rurais; v) os habitantes da cidade têm mais contato com falantes externos à comunidade do que têm os rurais.

Ainda quanto à variação diazonal, que confronta a fala de indivíduos das áreas rurais com a fala de indivíduos das áreas urbanas, fica bastante evidente que entre os urbanos a difusão alcança um estágio muito mais avançado do que entre os rurais, mesmo se essa comparação for feita exclusivamente entre jovens ítalo-brasileiros, por exemplo. Isso, na verdade, não representa nenhuma novidade, pois, como se sabe, os falantes que moram em zonas rurais tendem a ser muito mais conservadores do que os habitantes das zonas urbanas, fato que, neste caso, é ainda reforçado pelas atitudes: os falantes urbanos consideram a fala dos colonos "grosseira" e "errada". O desejo dos descendentes de italianos urbanos é diferenciar-se, inclusive pelo modo de falar, dos colonos. Esse desejo é também mais

explícito entre os jovens, que não só querem se identificar com os modelos urbanos e valorizados pela mídia, mas também querem diferenciar-se dos mais velhos, que ainda falam o italiano. Mesmo a existência de atitudes favoráveis ao resgate dos valores étnicos, não só culturais e lingüísticos, mas também econômicos, principalmente aqueles associados à viticultura e à culinária, não inibem a rápida difusão do português no meio urbano.

Entre as hipóteses iniciais, consta também que a difusão do português é favorecida pelos falantes mais jovens. Isso é indicado em nosso estudo, conforme pode ser observado através do *Mapa 17* e *Tabela 05*, relativamente à realização do ditongo [ãw], com percentuais de 59% e 81%, respectivamente, para mais velhos e mais jovens. Todavia, essa tendência não ocorre com todas as variáveis lingüísticas. Na realização da variável [r], por exemplo, os falantes mais jovens realizam menos o [r] forte do que os falantes mais velhos. Já na realização de [ʃ] e de [ʒ], falantes mais velhos e mais jovens apresentam o mesmo desempenho: respectivamente 83% e 89% de variantes associadas ao português. A explicação para isso pode estar relacionada ao fato de que, na amostra, a metade das células compostas por falantes mais velhos é formada por luso-brasileiros, ao passo que todas as células de falantes mais jovens são de ítalo-brasileiros.

A análise das variáveis lingüísticas revelou que em todas – exceto vogal [aN] – também ocorre maior difusão do português entre os falantes mais escolarizados, como era esperado (cf. *Mapa 18*), que, em média, realizaram 71% de regras associadas ao português, contra 54% dos outros grupos. Essa diferença poderia ser atribuída ao fato de que, na amostra, apenas as células formadas por jovens urbanos têm escolaridade superior à 8ª série, mas, na comparação entre jovens urbanos e jovens rurais, a diferença se mantém praticamente inalterada. Os jovens urbanos e mais escolarizados, ao fazer uso das variantes de prestígio, prescritas pela escola, ou adquiridas através de materiais escritos e da interação com outras pessoas letradas e falantes monolíngües em português, lideram os processos de difusão do português, dando sustentação à hipótese inicial desta pesquisa.

Quanto à dimensão diagenérica (sexual), apesar de não haver definição prévia sobre quais células seriam formadas por homens e quais seriam formadas por mulheres, ou seja, a seleção seria aleatória, inclusive com a possibilidade entrevistar grupos heterogêneos, a comparação entre os grupos de homens, de mulheres e mistos, demonstrou que não há entre eles diferença significativa na difusão do português (cf. *Mapa 19*). O percentual mais alto alcançado pelos grupos heterogêneos (62%) está relacionado, possivelmente, ao fato de que 9

dos 11 grupos dessa categoria são compostos por jovens, sendo 5 da área urbana e 4 da área rural. Sendo assim, os dados não são suficientes e tampouco adequados para fazer afirmações consistentes a respeito da participação e influência da variável sexo na difusão do português no espaço pluridimensional em que foi realizada esta pesquisa.

Uma outra hipótese inicial diz que a difusão do português, nas áreas pesquisadas, é mais intensa entre os falantes luso-brasileiros, uma vez que esses usuários da língua têm menor contato com o italiano e, por isso, estão menos sujeitos às interferências. Isso se confirmou, como se pode observar através do *Mapa 20*. Os dados revelam que os luso-brasileiros produziram 68% de variantes associadas ao português, contra 56% realizadas pelos demais grupos. Mas os números também revelam que os luso-brasileiros, apesar de serem monolíngües, reproduzem, ao menos em parte, a fala dos grupos majoritários das comunidades em que vivem, ou seja, o português de contato dos descendentes de italianos. Boa parte dos traços que caracterizam a sua variedade de português assemelha-se à dos falantes bilíngües locais. Esse comportamento é reforçado pelas características sociais desses grupos: possuem idade mais avançada e apresentam baixa escolaridade.

Quanto à participação dos estilos de fala na variação, nossa hipótese era de que os estilos mais formais favorecem mais a difusão do português, na seguinte ordem: Leitura favorece mais do que Resposta ao Questionário, e Resposta ao Questionário favorece mais do que Conversa. Isso, todavia, não se confirmou, pois Resposta ao Questionário obteve 63% de aplicação das regras associadas ao português, Conversa obteve 58% e Leitura obteve 56% (cf. *Tabela 50* e *Mapa 21*). Uma explicação possível é que, na Resposta ao Questionário, o falante concentra sua atenção na forma do item lexical, facilitando o monitoramento de sua fala. Na Leitura, ao contrário, a atenção volta-se para o conteúdo, ainda mais em se tratando de texto conhecido. Mas como explicar os resultados da Conversa, considerado o estilo mais casual? Levantamos duas possibilidades: ou as contingências da própria entrevista fizeram os participantes controlar com mais intensidade sua fala na Conversa (presença do entrevistador e realização dessa etapa no início da entrevista, entre outras possibilidades de explicação) ou algumas mudanças não são regulares, reforçando a hipótese da difusão lexical.

Sobre as dimensões controladas pela pesquisa, levantamos ainda a hipótese de que atitudes negativas em relação aos italianos e mais especificamente à fala de português com interferências do italiano favorecem a difusão do português.

Em primeiro lugar, procuramos verificar se as marcas caracterizados do português de contado com o italiano são percebidas pelos falantes, sejam eles ítalo-brasileiros ou luso-brasileiros. Constatamos, então, dentre os nove traços lingüísticos que elegemos para estudar a variação do português em contato com o italiano, que seis foram citados pelos entrevistados como marcas do português de contato com o italiano: a realização de [r] fraco, substituição do ditongo [ãw] por [õw], africacão de [t] diante de [i], realização da consoante pré-palatal sonora [z], realização da consoante pré-palatal surda [ʃ] e ausência de alçamento da vogal átona final [e]. Os entrevistados não fizeram referência ao [a] aberto em contexto nasal, à não-africacão da consoante [d] e à ausência de alçamento da vogal átona final [o], indicando com isso que essas variáveis ou não são estereótipos do português falado pelos ítalo-brasileiros, ou são pouco freqüentes – como é o caso da vogal [a] aberta em contextos nasais –, ou não são consideradas interferências do italiano.

Em segundo lugar, fizemos um levantamento dos comentários metalingüísticos e epilingüísticos que, de alguma forma, representassem a estigmatização da fala com interferências do italiano. Nesse caso, a concepção de que esse modo de falar é próprio do "colono grosso" resume boa parte da questão. A atitude negativa em relação a essa variedade de português é, inclusive, reforçada pela escola.

Por fim, analisamos a questão numa perspectiva mais geral, isto é, não apenas lingüística, mas também étnica. Através do confronto sociocultural no espaço delimitado da pesquisa, verificamos que os luso-brasileiros, ou simplesmente brasileiros são desvalorizados e inferiorizados pelos ítalo-brasileiros. A marca disso é representada pelos termos 'negri' e "brasiliani", que são pejorativos e sintetizam diversas noções negativas, principalmente que os brasileiros não são de confiança, não pensam no futuro e não gostam de trabalhar.

Por outro lado, a expressão *gringo*, que designa os descendentes de italianos no Rio Grande do Sul e no Oeste de Santa Catarina, apesar de também ter carga negativa, representando o que há de ruim nessa população, tem sentido pejorativo suavizado, a tal ponto de atualmente ser, simplesmente, sinônimo de italiano. De modo geral, os ítalo-brasileiros representam, para os luso-brasileiros, nas comunidades pesquisadas, exemplos de sucesso econômico, de ascensão social. Além disso, são considerados honestos, trabalhadores, religiosos e festeiros.

Entre os ítalo-brasileiros, as atitudes étnico-lingüísticas são, de certo modo, discrepantes: se, por um lado, os ítalo-brasileiros se consideram cada vez mais integrados ao

meio social brasileiro, abandonando a fala dialetal italiana e rejeitando a língua portuguesa com interferências do italiano, por outro lado, crescem as atitudes favoráveis ao resgate dos valores étnico-culturais. A mudança no comportamento lingüístico não significa, portanto, extinção da identidade étnica, pelo menos por enquanto.

A comparação dos resultados desta pesquisa com alguns mapas do ALERS² confirma nossa hipótese inicial relativamente às áreas de colonização italiana. O uso do [r] em início de sílaba, após consoante, por exemplo, foi cartografado pelo ALERS através do item *genro*, atestando que o [r] fraco ocorre no português de contato com o italiano e também no português de contato com o alemão e áreas do litoral catarinense. Quanto ao alçamento da vogal átona final [e], o ALERS não só demonstra que essa é uma característica do português de contato com línguas de imigrantes europeus, especialmente o italiano, mas também refuta o estereótipo que atribui esse traço à fala do gaúcho dos pampas e da fronteira com língua espanhola. Sobre a africacão de [t] diante de [i], o ALERS revela que se trata de um fenômeno comum a toda a Região Sul, mas com menos intensidade no litoral catarinense e nas áreas de contato com o italiano. Por outro lado, a africacão de [d] diante de [i], de acordo com o ALERS, é fenômeno pouco freqüente na Região Sul, a exemplo do que verificamos no português de contato com o italiano. Todavia, é mais comum no Rio Grande do Sul e em áreas do chamado corredor central (antigas rotas de tropeiros) do que em outras áreas.

Essas são as conclusões mais importantes com base nos dados coletados. Porém grande desafio desta pesquisa foi, desde o início, a elaboração de mapas pluridimensionais que permitissem visualizar o grau de difusão do português nas áreas delimitadas e em diferentes grupos sociais, a exemplo do que já vem sendo posto em prática no ADDU e no ALGR. Em nosso caso, optamos por representar a variação através de escalas percentuais associadas a cinco símbolos, indicadores da intensidade da difusão. Além disso, a apresentação simultânea e sucessiva de quatro diferentes grupos de informantes em cada ponto, permitindo o contraste entre a fala de falantes urbanos e rurais, mais velhos e mais jovens, mais escolarizados e menos escolarizados, além de falantes luso-brasileiros e ítalo-brasileiros, dá aos mapas não só a capacidade de representar a intensidade da variação, mas também o modo como ela acontece, ou seja, quais grupos de fatores atuam de modo mais intenso na variação.

² Os dados cartografados pelo ALERS ainda são incompletos, mas, com a publicação dos próximos volumes, as informações sobre a arealização dos traços aqui estudados, entre outros, será mais precisa.

Mas isso não era tudo. Um mapa pluridimensional, que representa a variação de um item fonético-fonológico (cf. os mapas em anexo, gerados pelo Sistema de Processamento de Dados Geolingüísticos), num determinado estilo de fala, pode indicar importante tendência de mudança lingüística. Todavia, ao juntar em um só mapa um conjunto de duas a três dezenas de mapas, representando a variação do mesmo traço fonético-fonológico em diferentes contextos lexicais e em diferentes estilos, aumentamos, sobremaneira, a capacidade de fazer generalizações sobre o fenômeno. Essa capacidade cresce ainda mais quando se agregam aos mapas pluridimensionais outras informações estatísticas através da legenda ou de gráficos. Foi isso que fizemos, principalmente através dos mapas numerados de 14 a 21, confirmando plenamente a hipótese inicial, de que os mapas geolingüísticos permitem visualizar o grau de difusão do português nas áreas de pesquisa, fornecendo argumentos mais consistentes para as conclusões.

Temos, assim, a convicção de que este trabalho, apesar de ser, quanto à metodologia, experimental em muitos aspectos, oferece subsídios importantes para a descrição do português falado no Sul do Brasil, mais especificamente nas áreas em que predominam populações de descendentes de italianos.

Entretanto, toda pesquisa é incompleta e gera inúmeras outras perguntas. Em nossa pesquisa, por exemplo, sentimos que os resultados poderiam ser mais seguros se o número de pontos, assim como o número de entrevistas por ponto, fosse maior. A falta de ortogonalidade entre alguns grupos de fatores também trouxe dificuldades na interpretação dos dados, como é o caso dos grupos de luso-brasileiros, de mais escolarizados e, sobretudo, da dimensão diagenérica. A escolha de uma rede de pontos rarefeita, numa área tão extensa, também frustrou a possibilidade de ter resultados adequados à análise da difusão diatópico-cinética.

Alguns procedimentos adotados no tratamento das variáveis lingüísticas também resultaram em limitações de análise. O fato, por exemplo, de ter amalgamado as variantes [ɾ] e [r] como uma única variante, para fins de processamento estatístico, acabou por inviabilizar um importante aspecto de transição entre a fala de português marcada pelo contato com o italiano e a fala não marcada por esse contato. Outro aspecto a ser reconsiderado diz respeito à inclusão, nos dados relativos às consoantes [t] e [d] seguidas de [i], das ocorrências de tais consoantes seguidas de [e], na expectativa de eventual alçamento desta vogal e, assim, haver contexto para palatalização e africacão.

Mesmo assim, se parte das eventuais falhas do presente trabalho são creditadas às limitações intelectuais e materiais do pesquisador, outras, certamente, devem ser atribuídas à ousadia de fazer uma pesquisa através de uma metodologia ainda pouco testada, no Brasil. De qualquer modo, nossa esperança é que este trabalho tenha contribuído para a descrição do português falado numa importante região do Brasil e também possa servir de estímulo para a realização de outras pesquisas geolinguísticas pluridimensionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, Maria B. M; PAGOTTI, Emílio G. Nasalização no português do Brasil. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (org.). *Gramática do português falado*. v. VI - Desenvolvimentos. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1996, p. 495-526.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

ALINEI, Mario. L'atlas linguarum europae: risultati, struttura, storia, prospettivi. In: MOUTON, Pilar Garcia (Ed.). *Geolingüística. Trabajos europeos*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1994. p. 71-93.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. O estudo de línguas de imigrantes no Brasil. O exemplo do hunsrückisch no Rio Grande do Sul. *Cadernos do Instituto de Letras da UFRGS*, Porto Alegre, n. 18. p. 17-26, 1997.

_____. O português em contato com as línguas de imigrantes no Sul do Brasil. In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (eds.) *Estudos de geolingüística do português americano*. Frankfurt am Main: TFM, 2000. p. 71-93.

_____. Áreas lingüísticas do português falado no Sul do Brasil: um balanço das fotografias lingüísticas do ALERS. In: VANDRESEN, Paulino. *Variação e mudança no português falado da Região Sul*. Pelotas: Educat, 2002a. p. 115-145.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Anhembi, 1953 [1922].

AMARAL, Luís I. C. *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações lingüísticas e sociais*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Tese de Doutorado.

AMARAL, Marisa Porto do. *As proparoxítonas: teoria e variação*. Porto Alegre: PUC, 2000. Tese de Doutorado.

ATLAS LINGÜÍSTICO DIATÓPICO Y DIASTRÁTICO DEL URUGUAY (ADDU). THUN, Harald (Dir.). *del Uruguay – Norte (ADDU-Norte). Parte cartográfica Atlas lingüístico diatópico y diastrático: Tomo I: Consonantismo y vocalismo del español. Fasc. A.1.: Lateral palatal (/λ/, <ll> y Fricativa Mediopalatal (/j/, <y>): Lleísmo, yeísmo, zeísmo y cheísmo en el español uruguayo)*. Kiel: Westensee-Verl., 2000. 166 p. (Dialectologia Pluridimensionalis Romanica; 10.)

ATLAS LINGÜÍSTICO DIATÓPICO Y DIASTRÁTICO DEL URUGUAY (ADDU) – THUN, Harald (Dir.).– *Norte (ADDU-Norte). Parte cartográfica: Tomo I: Consonantismo y vocalismo del portugués. Fasc. A.1 1/1: Laterales y palatales (A. 1/1: Palatalización de las oclusivas apicodentales (/t/ + [i], /d/ + [i]); A.1/2. Yeísmo y leísmo)*. Kiel: Westensee-Verel., 2000. 30 p. (Dialectologia Pluridimensionalis Romanica; 12.)

ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS). Volume 1: *Introdução*; Volume 2: *Cartas Fonéticas e Cartas Morfossintáticas*. ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo; KOCH, Walter (orgs.) et al. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC; Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

ATLAS LINGÜÍSTICO GUARANÍ-ROMÁNICO (ALGR-S). THUN, H. et al. *Sociologia*. Kiel: Westensee-Verl., v. 1 e 2, 2002.

_____. A síncope em proparoxítonas: uma regra variável. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 99-126.

APPEL, R.; MUYSKEN, P. *Language contact and bilingualism*. London et al.: Arnold, 1992.

AJZEN, I.; FISHBEIN, M. *Understanding attitudes and predicting social behavior*. Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1980.

BARBOSA, Fidélis D. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST, 1995.

BATTISTI, Elisa. *A nasalização no português brasileiro e a redução de ditongos nasais átonos: uma abordagem baseada em restrições*. Porto Alegre: UFRGS/PUC, 1997. Tese de Doutorado.

_____. A redução variável dos ditongos nasais átonos no português do Sul do Brasil. *Letras de Hoje*, Porto Alegre: EDIPUCRS, v.35, n.1, p. 255-274, 2000.

_____. A redução dos ditongos nasais átonos. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 183-202.

BEEBE, M. Leslie; GILES, Howard. Speech-accomodation theories: a discussion of second-language aquisition. *International Journal of the Sociology of Language* 46, New York, 1984. p. 5-32.

BELLMANN, Günter. Variação e deviação. *Cadernos de Tradução* do Instituto de Letras da UFRGS. Porto Alegre, n. 4, p.7-20, 1998.

_____. Arealidade e socialidade? *Cadernos de Tradução* do Instituto de Letras da UFRGS. Porto Alegre, n. 5, p. 7-29, 1999 [1991].

BISOL, Leda. *Harmonia vocálica: uma regra variável*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1981. Tese de Doutorado.

_____. Harmonização vocálica, uma regra variável. In: ENCONTRO SOBRE BILINGÜISMO NO SUL DO BRASIL, 1., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 1982. p. 71-103.

_____. A palatalização e sua restrição variável. In: ENCONTRO DE VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E BILINGÜISMO NA REGIÃO SUL, 6., 1986, Porto Alegre, *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 1986. p. 31-37.

_____. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v.5, n.2, p. 185-224, 1989.

_____. Ditongos Derivados. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v.10, n. especial, p.123-140, 1994.

BLANCH, J. L. La sociolingüística y la dialectología hispánica. *En torno a la sociolingüística*. México, Instituto de Investigaciones Filológicas. p. 33-58, 1978.

BOMBASSARO, Décio Osmar. A fascinante história da imigração italiana. In: SULIANI, Antônio (org.) *Etnias; carisma: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 387-397.

BONATTI, Mário. *O dialeto trentino de pomeranos, SC: um estudo de antropologia lingüística*. São Paulo: USP, 1968. Tese de Doutorado.

BORGHETTI, Osébio. Pesquisa deu novo rumo para a imigração italiana. In: SULIANI, Antônio (org.) *Etnias; carisma: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 838-847.

BOSO, Ivete Marli. *Análise contrastiva português/italiano: dificuldades do aluno brasileiro na aprendizagem do italiano*. Florianópolis: UFSC, 1989. Estudo monográfico inédito.

_____. *Entre passado e futuro: bilingüismo em uma comunidade trentino-brasileira*. Florianópolis: UFSC, 1992. Dissertação de Mestrado

BRESCANCINI, C. R. Análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 13-75.

BUNSE, H. A. W. *Estudos de dialetologia no Rio Grande do Sul: problemas, métodos, resultados*. Porto Alegre: UFRGS, 1969.

_____. *Dialetos italianos no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 1975.

_____. *O vinhateiro: estudo etnográfico-lingüístico sobre o colono italiano no RS*. Porto Alegre: UFRGS/IEL/DAC/SEC, 1978.

_____. Panorama dos estudos sobre trabalhos realizados referentes às línguas alemã e italiana. In: ENCONTRO SOBRE BILINGÜISMO NO SUL DO BRASIL, 1., Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 1982. p. 59-70.

BUSANELLO, Pio José. *A história da nossa gente*. Santa Maria: Ed. Pallotti, 1999.

CABREIRA, Sílvio Henrique. *A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre*. Porto Alegre: PUCRS, 1996. Dissertação de Mestrado.

_____. A monotongação dos ditongos orais decrescentes no Sul do Brasil. *Organon* v. 14, n. 28 e 29. Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, p. 143-155, 2000.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Elementos de fonética do português brasileiro*. Campinas: UNICAMP, 1981. Tese de livre docência.

_____. *Fonologia do português: análise pela geometria de traços*. Campinas/SP: Edição do Autor, v. 2, 1997.

CALLOU, Dinah; MOARES, João A.; LEITE, Yonne. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /R/ no português do Brasil. In: KOCH, Ingedore G. Villaça. *Gramática do português falado*. Campinas/SP: UNICAMP, 1996.

CAMARA JR., J. M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

_____. *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1969.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARDOSO, Suzana. Para uma delimitação das áreas dialetais do Brasil. CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA, 1., 1994, Salvador. Atas... Salvador: ABRALIN; FINEP; UFBA, v. 1, p. 181-186, 1996. Conferências e mesas-redondas.

_____. *A geolingüística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional?* ENCONTRO DO GELNE, 5., Fortaleza, UFC, 2002, 16 p. Cópia impressa.

CARDOSO, Suzana A. M.; MOTA, Jacyra A. Um passo da geolingüística brasileira: o Projeto AliB. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (orgs.). *Português brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 39-49.

CARNEIRO, F. F. *Imigração e colonização no Brasil*. Rio de Janeiro: Faculdade de Filosofia, 1950.

CARREIRA, Sílvio Henrique. *A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre*. Porto Alegre: PUCRS, 1996. Dissertação de Mestrado.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

COELHO, Izete L. *A ordem V DP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica*. Florianópolis: UFSC, 2000. Tese de Doutorado.

_____; VANDRESEN, Paulino. Ali encostava o navio Hoepke e o navio Hoepke encostava ali. In: VANDRESEN, Paulino. *Variação e mudança no português falado na Região Sul*. Pelotas: Educat, 2002. p. 315-342.

COLLISCHONN, Gisela. Um estudo da epêntese à luz da teoria da sílaba de Junko Itô. *Letras de Hoje*, Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 31, n. 2, p. 149-158, 1996.

_____. A epêntese vocálica no português do Sul do Brasil: análise variacionista e tratamento pela teoria da otimalidade. *Letras de Hoje*, Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 35, n. 1, p. 285-318, 2000.

_____. A epêntese vocálica no português do Sul do Brasil. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 205-230.

COSERIU, Eugenio. *La geografía lingüística*. Montevideo: Universidad de la Republica; Facultad de Humanidades e Ciencias, 1955.

_____. *Sentido y tareas de la dialectología*. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

CUNHA, C. F. *Língua, nação, alienação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CURI, José. *A importância do resgate da italianidade em Santa Catarina*, 1994. Fotocopiado.

_____. *O imigrante italiano de Rio dos Cedros*. Florianópolis: 1997. Estudo monográfico fotocopiado.

DACORÉGIO, Maria-Salete Monteiro. *Aspectos sociolingüísticos do distrito de Invernada – Grão-Pará – Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 1990. Dissertação de Mestrado.

DAL MAGO, Diane; GÖRSKI, Edair. “Quer dizer”: um elemento lingüístico com múltiplas funções. In: VANDRESEN, Paulino. *Variação e mudança no português falado na Região Sul*. Pelotas: Educat, 2002. p. 293-314.

DALL’CORNIO, Giselle Olívia Mantovani; SANTINI, Mara Suzana. Reações subjetivas à fala com sotaque italiano na Região de Colonização Italiana (RCI) do Rio Grande do Sul. *Coletânea CCHA: Cultura e Saber*. Caxias do Sul: UCS, 1998.

DE BONI, L. A.; COSTA, R. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul; Correio Riograndense, 1984.

DUBOIS et al. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1993.

ECKERT, Penélope. The whole woman: sex and gender differences in variation. In: COUPLAND, Nikolas; JAWORSKI, Adam. *Sociolinguistics – a reader and a coursebook*. London: Macmillan, 1997. p. 212-228.

ELIZAINCÍN, Adolfo. *Dialectos em contacto: español y portugues em España y America*. Montevideo: Arca, 1992.

ERIKSEN, T. H. *Ethnicity; Nationalism. Anthropological Perspectives*. London: Pluto Press, 1993.

ERTHAL, C. I. *A sociolinguistic analysis of bilingualism at Antônio Rebouças*. Curitiba: UFPR, 1977. Dissertação de Mestrado.

ESPIGA, Jorge W. R. *O português dos campos neutrais: um estudo sociolinguístico da lateral pós-vocálica nos dialetos fronteiriços do Chuí e Santa Vitória do Palmar*. Porto Alegre: PUCRS, 2001. Tese de Doutorado.

_____. A lateral posvocálica na fronteira dos campos neutrais: um estudo sociolinguístico da regra telescópica dos dialetos de Chuí e Santa Vitória do Palmar. *Letras de Hoje*, Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 37, n. 1, p. 49-68, 2002a.

_____. Como se combinam a mudança e o contato lingüístico: a regra telescópica da lateral posvocálica na fronteira dos campos neutrais. In: VANDRESEN, Paulino. *Variação e mudança no português falado na Região Sul*. Pelotas: Educatx, 2002b. p. 429-439.

FARACO, C. A. *Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Ática, 1998.

FERGUSON, C. A. Diglossia. In: HYMES, D. (Ed.). *Language in culture and society: a reader in linguistics and anthropology*. New York: Harper; Row, 1964. p. 429-439.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FISHMAN, J. A. *Sociolinguistique*. Paris: Nathan, 1971.

_____. *The sociology of language: an interdisciplinary social science approach to language in society*. Rowley, MA: Newbury House Publ., 1972.

FROSI, Vitalina M.; MIORANZA, Ciro. *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira*. Porto Alegre: Movimento, 1975.

_____. Comunicação lingüística na região de colonização italiana (os dialetos italianos e a língua portuguesa). In: *Imigração italiana: estudos*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979. p. 97-105.

_____. *Dialetos italianos: um perfil lingüístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul/RS: EDUCS, 1983.

_____. I dialetti italiani nel Rio Grande do Sul e il loro sviluppo nel contesto socio-culturale ed economico: prevalenza del dialeto veneto. In: LO CASCIO, Vincenzo (a cura di). *L'italiano in America Latina*. Convegno Internazionale svoltosi a Buenos Aires nei giorni 1/5 settembre 1986, Firenze, Felice le Monnier, 1987a. p.136-163.

_____. Interrelazione fra il dialetto e la lingua portoghese-brasiliana. In: ZILIO, G. Meo (org.) *Presenza, cultura, lingua e tradizioni dei veneti nel mondo*. Parte I: América Latina. Prime inchieste e documenti. Venezia: Giunta Regionale, Regione Veneto, 1987b. p. 215-237.

_____. *Provérbios dialetais italianos; uma linguagem em extinção*. Porto Alegre: PUC-RS, 1989. Dissertação de Mestrado.

_____. A linguagem oral da região de colonização italiana no Sul do Brasil. In: MAESTRI, M. (coord.) *Nós, os italo-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1996. p. 158-167.

_____. Os dialetos italianos no Rio Grande do Sul: convivência e mescla lingüística. In: CARBONI, Florence; MAESTRI, Mário. *Raízes italianas no Rio Grande do Sul: 1875-1997*. Passo Fundo: UPF, 2000. p. 83-98.

FURLAN, O. A. *Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina*. Florianópolis: EDUFSC, 1989.

_____. *Brava e buena gente, cem anos pelo Brasil*. Florianópolis: Edição do Autor, 1997.

GIANNI, Eliana. *Transferências lexicais da língua portuguesa para a fala dialetal italiana em uma comunidade bilíngüe do nordeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1997. Dissertação de Mestrado.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam; Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

GÖRSKI, Edair. Variação no uso do infinitivo pessoal. *Organon*, Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 14, n. 28 e 29, p. 95-113, 2000.

_____. et al. Variação nas categorias verbais de tempo e modo na fala de Florianópolis. In: VANDRESEN, Paulino. *Variação e mudança no português falado na Região Sul*. Pelotas: Educat, 2002. p. 217-268.

_____. et al. Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (orgs.). *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p.106-122.

GROSJEAN, F. Individual bilingualism. In: *The encyclopedia of language and linguistics*. Oxford: Pergamon Press, 1994. p. 1656-1660.

GUMPERZ, J. J.; HYMES, D. (orgs.). *Directions in Sociolinguistics: the Ethnography of Communication*. Nova York; Holt; Rinehart e Winston, 1972.

GUY, Gregory. *Linguistic Variation in Brazilian Portuguese*: aspects of the phonology, syntax and language history. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1981. Tese de Doutorado.

_____. VARBRUL: análise avançada. *Cadernos de Tradução* do Instituto de Letras da UFRGS. Porto Alegre, n. 1, p. 25-46, 1998. Tradução de Ana Maria Stahl Zilles.

_____. Identidade lingüística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação lingüística. *Organon*, Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 28 e 29, 2000, p. 17-32.

_____. Variationist approaches to phonological change. In: JOSEPH, Brian; JANDA, Richard (eds.). *Handbook of historical linguistics*. London: Blackwell, 2001.

HAERI, Niloofar. "Why do women do this?" Sex and gender differences in speech. In: GUY, Gregory et al. (eds.). *Towards a social science of language*. Volume 1: Variation and Change in Language and Society. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1996. p. 101-114.

HAUSEN, Telma. *Concordância verbal do pronome "tu" no interior de Santa Catarina*. Curitiba: UFPR, 2000. Dissertação de Mestrado.

HEREDIA, Christine de. Do bilingüismo ao falar bilíngüe. In: VERMES, G.; BOUTET, J. *Multilinguismo*. Campinas: UNICAMP, 1989. p. 177-218.

HOUAISS, Antônio. *O português do Brasil*. Rio de Janeiro: UNIBRADE, 1985.

IANNI, Octávio. Aspectos políticos e econômicos da imigração italiana. In: *Imigração italiana: estudos*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: UCS, 1979. p. 11-28.

IORDAN, Iorgu. *Introdução à lingüística românica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973 [1962].

JABERG, Karl; JUD, Jakob. *Der sprachatlas als forschungsinstrument*. Kritische grundlegung und einföhrung in den sprach- und sachatlas italiens und der südschweiz. Halle (Saale) : Niemeyer, 1928. 243 p.

KOCH, Walter. *Contribuição do Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul ao estudo da fronteira lingüística entre o Brasil e o Uruguai*. In: *Práticas de integração nas fronteiras: temas para o Mercosul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Instituto Goethe/ICBA, 1995. p. 192-206.

_____. O povoamento do território e a formação de áreas lingüísticas. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Chistine; SCHÖNBERGER, Axel (Ed.). *Estudos de geolingüística do português americano*. Frankfurt a M.: TFM, 2000. p. 55-69.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. Resolving the neogrammarian controversy. *Language*, v.57, n. 2, p. 267-308, 1981.

_____. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. In: *Language Variation and Change*, Cambridge University Press, v. 2, p. 205-254, 1990.

LEIRIA, Lúcia Lovato. *A ditongação variável em sílabas tônicas travadas por /S/*. Porto Alegre: PUC, 1995. Dissertação de Mestrado.

_____. A ditongação variável em sílabas tônicas finais travadas por /S/. *Organon*. Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 14, n. 28 e 29, p. 133-141, 2000.

LENARD, Andrietta. *Lealdade lingüística em Rodeio (SC)*. Florianópolis: UFSC, 1976. Dissertação de Mestrado.

LOREGIAN, Loremi. *Concordância verbal com o pronome tu na fala do Sul do Brasil*. Florianópolis: UFSC, 1996. Dissertação de Mestrado.

LOTTIN, Jucely. *Orleans 2000: história e desenvolvimento*. Florianópolis: Elbert, 1998.

LUCCHESI, D. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolingüística do português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, v.12, p. 17-28, 1994.

_____. *Sistema, mudança e linguagem*. Lisboa: Colibri Artes Gráficas, 1998.

LUZZATTO, Darcy L. *Talian (vêneto brasileiro): noções de gramática, história; cultura*. Porto Alegre: Sagra; D.C. Luzzatto, 1994.

_____. A nossa língua. In: MAESTRI, M. (coord.) *Nós, os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1996. p. 168-172.

MACKEY, William F. *The description of bilingualism*. In: FISHMAN, J. A. *Reading in the Sociology of Language*. Third printing, Paris, 1972.

MARGOTTI, Felício W. *Redução variável do ditongo nasal [-ãw] em Chapecó/SC e Flores da Cunha/RS*. ENCONTRO REGIONAL DO VARSUL, 12., Porto Alegre, 2001. Comunicação.

MARQUARDT, Lia Lourdes. *A vibrante no Rio Grande do Sul: uma análise computacional*. Porto Alegre: UFRGS, 1977. Dissertação de Mestrado.

MARZANO, Luigi. *Colonos e missionários italianos nas florestas do Brasil*. Florianópolis: EDUFSC; Prefeitura Municipal de Urussanga, 1985 [1904].

MATEUS, Maria Helena *et al.* *Gramática de língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1983.

MATTOS E SILVA, R. V. *Diversidade e unidade: a aventura lingüística do português*, 1991. In: <http://www.institutocamoes.pt/cvc/hlp/biblioteca/diversidade.pdf>. Acesso em: mar. 2003.

_____. *Contradições no ensino de português*. A língua que se fala x a língua que se ensina. Salvador: Edufba; São Paulo: Contexto, 1995.

MELLO, Heloísa Augusta de Brito. *O falar bilíngüe*. Goiânia: Ed. da UFG, 1999.

MENGARDA, Elias José. *Aquisição do dialeto vêneto no contexto familiar catarinense*. Florianópolis: UFSC, 1996. Dissertação de Mestrado.

MENON, Odete P. da Silva. Pronome de segunda pessoa no sul do Brasil: tu/você/o senhor em Vinhas da Ira. *Letras de Hoje*, v. 35, n. 1. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 121-164, 2000.

MENON, Odete: da Silva; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no Sul do Brasil. In: VANDRESEN, Paulino. *Variação e mudança no português falado na Região Sul*. Pelotas: Educat, 2002. p. 147-188.

MERCER, J. L. da V. *Áreas fonéticas do Paraná*. Curitiba: UFPR, v. 1 (165:), v. 2 (45 cartas), 1992. Tese Acadêmica.

MESCKA, Paulo Marçal. *Interferência fonológica do “dialeto italiano” na aprendizagem do português*. Porto Alegre: UFRGS, 1983. Dissertação de Mestrado.

MIORANZA, Ciro. O futuro dos dialetos italianos. In: DE BONI, Luís A. (org.) *A presença italiana no Brasil*, vol. II, Porto Alegre: Escola Superior de Teologia; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. p. 595-601.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 9-14.

MONARETTO, Valéria N. Oliveira. O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do Sul do Brasil. *Letras de Hoje*, v. 35, n. 1, mar. 2000, p. 275-284.

_____. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 253-268.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva; COELHO, Izete. Um estudo da concordância verbal de terceira pessoa em Florianópolis. In: VANDRESEN, Paulino. *Variação e mudança no português falado na Região Sul*. Pelotas: Educat, 2002. p. 189-216.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORELLO, Rosângela. A diversidade lingüística nos textos de gramáticas. In: ORLANDI, Eni (org.). *História das idéias lingüísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional*. Campinas, SP: Pontes; Cáceres, MT: Unemat Editora, 2001. p. 89-97.

MOTA, Jacyra. Variantes palatais do português do Brasil. CONGRESSO INTERNAZIONALE DI LINGUISTICA E FILOLOGIA ROMANZA, 21., 1995, Palermo. In: RUFFINO, Giovanni (org.). *Atti...* Tübingen: Niemeyer, 1998, v. 5, p. 475-483.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 43-50.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953 [1922].

_____. *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil*, I e II. Rio de Janeiro: Casa de Ruy Barbosa, 1958 e 1961.

OLIBONI, Bernardete Soldatelli. A estigmatização como fator determinante dos bloqueios de fala de descendentes de imigrantes italianos no Nordeste do Rio Grande do Sul. In: Revista *Ideas*. Universidad del Salvador. Ano I, nº 2, setembro de 2003
<http://www.salvador.edu.ar/publicaciones/ideas/ii/11.pdf>. Acesso em: jul. 2004.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito lingüístico. In: *O direito à fala: a questão do preconceito lingüístico*. Florianópolis: Insular, 2000. p. 83-92.

PAGOTO, Emílio G. *Identidade e Variação*. Campinas: UNICAMP, 2002. Tese de Doutorado.

PAIVA, Maria da Conceição. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.). *Introdução à sociolinguística*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. p. 69-73.

PAIVA, Maria da Conceição A. A supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: SHERRE, M. et al. (Orgs.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996. p. 218-236.

PAUL, Hermann. *Princípios fundamentais da história da língua*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.

PAVIANI, N. M. S. *O pronome ético: uma característica dialetal*. Porto Alegre: UFRGS, 1992. Dissertação de Mestrado.

_____. *Atuação do professor de português em situações de bilingüismo*. São Carlos/SP: UFSCar, 1997. Tese de Doutorado.

PELUSO JÚNIOR, Victor Antônio. *Aspectos geográficos de Santa Catarina*. Florianópolis: FCC; EDUFSC, 1991.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica historica*. São Paulo, Estado de São Paulo, 1919.

PIAZZA, F. Wálter. Colonização e migração. SIMPÓSIO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 4. In: DE PAULA, Eurípides Simões (Org.) *Anais...* São Paulo, 1969. p. 441-467.

_____. *A colonização italiana em Santa Catarina*. Florianópolis: IOESC, 1976.

PONSO, Leticia Cao. *A variação do português em contato com o italiano na comunidade bilingüe de São Marcos – RS*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Dissertação de Mestrado.

PONTES, Ismael. Alçamento do [e] pretônico: harmonização vocálica e distribuição diatópica. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (orgs.). *Português brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 90-95.

POP, Server. *La dialectologie. Aperçu historique et méthodes d'enquêtes linguistiques*, v. 1 e 2. Louvain: Chez l'Auteur; Gembloux: Duculot, 1950.

QUEDNAU, Laura Rosane. *A lateral pós-vocálica gaúcha: análise variacionista e representação não-linear*. Porto Alegre: UFRGS, 1993. Dissertação de Mestrado.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolinguística románica. Un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald. *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

RENK, Arlene. *Migrações: de ontem e de hoje*. Chapecó: Grifos, 1999.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Línguas indígenas. 500 anos de descobertas e perdas. In: *Ciência Hoje*, vol. 16, n. 95, nov.1993.

ROVEDA, Suzana Damiani. *Elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngües: português e italiano*. Porto Alegre: PUCRS, 1998. Dissertação de Mestrado.

SANTOS, Roselys Izabel Correa dos. A imigração italiana através de periódicos (1875-1899). In: SULIANI, Antônio (Org.). *Etnias; carisma: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1990. p. 53-62.

_____. *A terra prometida: imigração italiana: mito e realidade*. Itajaí/SC: Ed. da UNIVALI, 1999.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. O uso da fala dialetal italiana por falantes urbanos como marca de identidade cultural. *Cadernos do Instituto de Letras*, n. 20, Porto Alegre: UFRGS, 1998, p. 29-50.

_____. *O Radicci no contato italiano-português da região de Caxias do Sul: identidade, atitudes lingüísticas e manutenção do bilingüismo*. Porto Alegre: UFRGS, 2001. Dissertação de Mestrado.

SCHERRE, Maria Marta P. Preconceito lingüístico: doa-se lindos filhotes de poodle. In: HORA, Dermeval da; CHRISTIANO, Elizabeth (orgs.). *Estudos lingüísticos*. Realidade brasileira. João Pessoa: Idéia, 1999, p. 13-54.

SCHWINDT, Luiz C. *A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista*. Porto Alegre: PUCRS, 1995. Dissertação de Mestrado.

_____. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 161-182.

SEARA, Izabel Christine. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. *Organon*, Revista do Instituto de Letras da UFRGS, v.14, n. 28/29, , Porto Alegre, 2000, p. 179-194.

SILVA, Maria Cristina Figueiredo. Inovações morfológicas no português brasileiro. In: CABRAL, Loni Grimm; GÖRSKI, Edair. *Lingüística e ensino: reflexões para a prática pedagógica da língua materna*. Florianópolis: Insular, 1998. p. 181-198.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2001.

SPESSATTO, Marizete B. *Marcas da história: características dialetais dos imigrantes italianos na fala de Chapecó*. Florianópolis: UFSC, 2001. Dissertação de Mestrado.

TARALLO, Fernando. A estrutura na variação: do falante-ouvinte real ao falante-ouvinte real. *D.E.L.T.A.* São Paulo, v. 6, n. 2, 1990a, p. 195-222.

_____. *Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990b.

_____. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 2000.

TASCA, Maria. *A lateral em coda silábica no Sul do Brasil*. Porto Alegre: PUCRS, 1999. Tese de Doutorado.

_____. Variação e mudança do segmento lateral na coda da sílaba. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 269-302.

TAVARES, M. Alice; GÖRSKI, Edair. Disputa por um lugar ao sol: conectores seqüenciadores na fala de Florianópolis. In: VANDRESEN, Paulino. *Variação e mudança no português falado na Região Sul*. Pelotas: Educat, 2002. p. 269-291.

TAVARES, M. Alice. *A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações - estudo sociofuncionalista*. Florianópolis: UFSC, 2003. Tese de Doutorado.

TEKAVČIĆ, Pavao. *Grammatica Storica dell'Italiano – I – Fonematica*. Bologna: il Mulino, 2. ed., v. 1, 1974.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

THUN, H. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevidianos en Rivera. In: RADTKE, E.; THUN, H. *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 210-269.

_____. La géographie linguistique romane à la fin du XXe. Siècle. CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOLOGIE ROMANES, 22., 1998a, Bruxelas. *Actes...* v. 3. *Vivacité et diversité de la variation linguistique*. Tübingen: Niemeyer, 2000b, p. 367-388.

_____. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). CONGRESSO INTERNAZIONALE DI LINGUISTICA E FILOLOGIA ROMANZA, 21., 1995, Palermo. In: RUFFINO, Giovanni (org.). *Atti...* Tübingen: Niemeyer, 1998b. p. 701-729.

_____. O português americano fora do Brasil. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Chistine; SCHÖNBERGER, Axel (Ed.). *Estudos de geolingüística do português americano*. Frankfurt a M.: TFM, 2000a. p. 183-213.

_____. Introduction à la table ronde. CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOLOGIE ROMANES, 22., 1998a, Bruxelas. *Actes...* v. 3. *Vivacité et diversité de la variation linguistique*. Tübingen: Niemeyer, 2000b, p. 407-409.

TITONE, Renzo. *Bilingüismo precoce e educacyone bilingue*. Roma: Armando, 1993.

TONIAL, Honório. A respeito del talian. In: SULIANI, Antônio (Org.). *Etnias; carisma: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 527-531.

VANDRESEN, Paulino. O estudo do bilingüismo em Santa Catarina. ENCONTRO SOBRE BILINGÜISMO NO SUL DO BRASIL, 1., Porto Alegre, 1982. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 1982, p. 28-35.

_____. *Variação e mudança no português falado da Região Sul*. Pelotas: Educat, 2002. Apresentação.

VAZZATA-DIAS, Juçá; FERNANDES, Marisa. A inter-relação da concordância nominal e da concordância nos predicativos/participios passivos sob o enfoque da teoria da variação e mudança lingüística. *Organon*, Revista do Instituto de Letras da UFRGS, v. 14, n. 28 e 29. Porto Alegre: UFRGS, 2000, p. 115-131.

VEADO, Maria A. Redução de ditongos – uma variável sociolingüística. *Ensaio de Lingüística*, Belo Horizonte (MG), ano V, n. 9, dez. 1993. p. 209-229.

VIEIRA, H. G. Aspectos a considerar na Elaboração de um Atlas Lingüístico. ENCONTRO DO CELSUL, 1., Florianópolis, 1995. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 1997. v.1, p.307-315.

VIEIRA, Maria José Blaskovski. *Neutralização das vogais médias postônicas*. Porto Alegre: UFRGS, 1994. Dissertação de Mestrado.

_____. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 127-159.

VOTRE, Sebastião Josué. *Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: PUCRJ, 1978. Tese de Doutorado.

_____. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.). *Introdução à sociolingüística*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. p. 75-79.

WARDHAUGH, Ronald. *An introduction to sociolinguistics*. Oxford; Cambridge: Blackwell, 1993.

WEINREICH, Uriel. *Languages in Contact: Findings and Problems*. The Hague; Paris: Mouton, 1974 [1953].

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Ed.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.

WINKELMAN, Otto. La dialetologia pluridimensional y el análisis de situaciones de contacto lingüístico. In: RADTKE, E.; THUN, H. *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 342-353.

ZAGONEL, Carlos Albino. *Igreja e imigração: capuchinhos de Sabóia e seu contributo à Igreja do Rio Grande do Sul (1895-1915)*. Porto Alegre: EST de São Lourenço de Brindes, 1975.

ZAMBONIN, Loreno Luiz. *História de Sananduva*. Sananduva: Prefeitura Municipal, 1975.

ZANELLA, Fiorelo. *A mortalidade lingüística do dialeto italiano no município de Taió – SC*. Florianópolis: UFSC, 1985. Dissertação de Mestrado.

ZILIO, Giovanni Meo. *Ricerche di dialettologia veneto-latinoamericana*. Roma: Bulzoni Editore, 1995.

_____. Um altro veneto in Brasile: profilo per una storia dei veneti nel Rio Grande do Sul. In: SULIANI, Antônio (org.) *Etnias; carisma: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 493-497.

ZILLES, Ana Maria S. et al. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural na fala de Panambi e Porto Alegre, RS. *Organon*, Revista do Instituto de Letras da UFRGS, v. 14, n. 28 e 29. Porto Alegre: UFRGS/IL, 2000a. p. 195-219.

ZILLES, Ana Maria S. A posposição do sujeito ao verbo no português falado no Rio Grande do Sul. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 35, n. 1, 2000b. p. 75-96.

ANEXOS

Anexo 1 – Mapa de Antenor Nascentes



Mapa 1 – Divisão do Brasil em áreas lingüísticas, segundo Nascentes (ALERS, 2002, v. 1, p. 47).

Anexo 2 – Instrumentos de Coletas dos Dados

PARTE 1 – Identificação da entrevista

1. N° da Entrevista: ____ Área/Ponto: ____ Município: ____ Data: __/__/____
Parâmetros da entrevista: _____

2. Dados dos entrevistados:

participantes	nome	idade	escolaridade	profissão	etnia	
					do pai	da mãe
participante 1						
participante 2						
participante 3						
participante 4						
participante 5						

3. Outras informações sobre a entrevista (local, horário etc.): _____

PARTE 2 – Bilingüismo dos participantes da entrevista e da comunidade

a) Aspectos históricos e bilingüismo dos entrevistados

1. Fale(m) um pouco sobre os seus antepassados? De onde eles vieram? Como era a vida no começo da colonização? _____

2. Que língua(s) costumam falar na família? (quando? Quanto?). Se falam italiano, qual o tipo? _____

3. Quanto ao italiano, qual é o grau de bilingüismo dos entrevistados?

(+ = muito/bem; + - = às vezes/razoável; - pouco/mal)

	fala	entend e	lê	escreve	canta	Imita	blasfe ma	xinga	reza	faz conta	sonha
Informante 1											
Informante 2											
Informante 3											
Informante 4											
Informante 5											

4. Como aprendeu português?

	família	escola	quartel	trabalho	contato	outros
Participante 1						
Participante 2						
Participante 3						
Participante 4						
Participante 5						

5. Com quem você fala italiano?

	avós	pais	irmãos	parentes	vizinhos	amigos	outros
Participante 1							
Participante 2							
Participante 3							
Participante 4							
Participante 5							

6. Em que locais e situações você fala italiano?

	Em casa	no trabalho	na igreja	nas festas	na rua	em reuniões	outros
Participante 1							
Participante 2							
Participante 3							
Participante 4							
Participante 5							

b) Bilingüismo na comunidade

7. Todas as pessoas daqui falam italiano? Quem? (sugerir após resposta espontânea)

	avô	avó	pai	mãe	irmãos	tios	primos	amigos	vizinhos	professores	religiosos	outros
Participante 1												
Participante 2												
Participante 3												
Participante 4												
Participante 5												

8. Quando vem visita, que língua você(s) usa(m)? (Como é se a visita fala/falasse só português, ou só italiano?) Tem diferença o italiano que os outros falam? _____

9. Que língua(s) é(são) faladas na comunidade? Que outros nomes são atribuídos a essa(s) língua(s) _____

10. Qual é o dialeto italiano mais comum aqui? _____

11. Como avalia o italiano em termos de tipo de língua falada no lugar?

	legal	grosseira	bonita	feia	errada	engraçada	Outros
Participante 1							
Participante 2							
Participante 3							
Participante 4							
Participante 5							

Por quê? _____

c) Ensino de italiano

12. Você(s) sente(m) vontade de estudar italiano? ☐ sim ☐ não Por quê? _____

13. E, na sua opinião, o italiano deveria ser ensinado nas escolas? ☐ sim ☐ não Por quê? _____

14. E qual o italiano você acha que deveria ser ensinado?

- ☐ dialeto falado na região
☐ dialeto padrão / gramatical

Por quê? _____

d) Manutenção e mortandade do italiano

15. Você(s) faz(em) questão de passar o italiano para os seus filhos? ☐ sim ☐ não Por quê? _____

16. Os pais de você(s) fizeram questão de passar o italiano para os filhos?

☐ sim ☐ não Por quê? _____

PARTE 3 – Conversa Semidirigida

Roteiro:

1. Aqui existe alguma festa italiana? Qual (quais)? O que você(s) pensa(m) sobre ela(s)?
2. Que entidades daqui (clube, associação, fundação, jornal, revista ...) você(s) conhece(m) que valorizam a cultura italiana? Você(s) acha(m) isso importante? Por quê?
3. Você(s) gosta(m) dessa(s) festa(s) e dessa(s) entidades(s)? Por quê?
4. Na sua avaliação, o que existe e o que está sendo feito é suficiente para manter e promover a língua, os costumes e as tradições italianas? Qual é sua opinião sobre isso? Você(s) tem(têm) sugestões a fazer sobre isso?
5. Você(s) tem(têm) orgulho, ou vergonha, de seu modo de falar? Por quê?
6. Você(s) acha(m) que o italiano é valorizado pela comunidade? ☐ sim ☐ não Por quê?
7. O que você(s) pensa(m) sobre seu modo de falar? O português (ou o brasileiro) falado na comunidade tem características que o diferenciam do português (ou do brasileiro) falado em outros lugares? Quais são essas diferenças?
8. O que você(s) sabe(m) que as pessoas de fora dizem sobre as pessoas daqui? (língua, aspectos físicos, modo de trabalhar, religião...) O você(s) acha(m) que as pessoas de fora pensam, mas não dizem, sobre as pessoas daqui? (língua, aspectos físicos, modo de trabalhar, religião...).
9. Você(s) vê(em) vantagens em falar mais de uma língua? Quais?
10. Você(s) acha(m) que os falantes que só falam português têm inveja dos que falam mais de uma língua? Por quê? (só para informantes bilíngües)
11. Você(s) gostaria(m) de falar mais de uma língua? Qual? Por quê? (só para falantes monolíngües)
12. Em que casos/situações você(s) não fala(m), ou raramente, fala(m) português? Nesse caso, que língua é usada?
13. Você(s) acha(m) importante saber falar italiano? ☐ sim ☐ não Por quê?
14. Você(s) gosta(m) dos italianos? Por quê? Do que mais gosta(m)?

PARTE 4 – Questionário:

1. Que se diz para cumprimentar as pessoas? *[bom] dia, [boa] tarde, [boa] noite.*
2. Qual o dia que vem depois de hoje? *amanhã.*
3. Além de açúcar, o que se costuma pôr no café? *leite*
4. Em geral, se toma o café na ... *xícara*
5. Que você(s) come(m) no café da manhã? *pão*¹*
6. que se faz com farinha, trigo e ovos e se come no almoço? *Macarrão*
7. Qual é melhor e mais cara carne da vaca / do boi? *filé mignon*
8. Além de gente, o que tem nos bailes? *música e dança**
9. Em geral dormimos na ... *cama*
10. De madrugada, os galos ... *cantam**
11. Nas manhãs de inverno, se a gente não enxerga longe é porque tem ... *cerração*
12. Que se toma numa cuia, com bomba e água? *chimarrão*
13. Para esquentar a água e fazer comida, é preciso acender o fogo no ... *fogão*
14. No fogão a lenha, a fumaça sai pela ... *chaminé*
15. Que passa no céu e, às vezes, deixa uma mancha branca e comprida? *avião a jato*
16. Quem ama, abraça e dá ... *beijos**
17. Que se põe no pescoço do boi? *canga*
18. Onde ficam os porcos? *chiqueiro*
19. Quem nasce na Itália é ... *italiano*
20. Quem nasce nos Estados Unidos é ... *americano**²*
21. irmão de meu pai é meu ... *tio***
22. marido de minha filha é meu ... *genro***
23. filho de meu pai é meu ... *irmão**
24. mesmo que moço é ... *rapaz*
25. Eu sou velho, mas minha filha é ... *jovem**
26. Para comprar é preciso ter ... *dinheiro*
27. Onde se pesca? *rio*
28. Como se chama uma elevação de terra bem grande? *morro, serra*
29. Nos lábios, as mulheres usam ... *batom*
30. Para lavar a roupa, eu preciso de água e de ... *sabão*
31. Que se pesca no rio? *peixe*
32. Onde se guarda o vinho? *garrafa, garrafão*
33. Que arma é um trinta e oito? *revólver***
34. que custa muito dinheiro é ... *caro***
35. Para rebocar, usa-se cimento e ... *areia*
36. Para cercar o pasto, usa-se ... *arame*
37. Para cortar uma tábua, usa-se um ... *serrote*
38. que não está perto está ... *longe**
39. Como se chama a roupa curta usada pelos jogadores de futebol? *calção***
40. Para o jogo de futebol começar, os times precisam entrar em ... *campo**
41. Para plantar é preciso ter ... *terra, terreno*
42. Como se chama aquele jogo com oito bolas maiores e uma bolinha? *bocha*
43. Com que se joga bocha? *mão*
44. que é um fusca? *carro***
45. Ontem, a loteria ... *correu** (Ontem, para não chegar atrasado, ele ...)
46. Os gatos caçam ... *rato*
47. Qual é a cor da cebola de cabeça? *marrom, roxa*
48. Quem não está doente é porque está com ... *saúde**

¹ Um * indica palavras comuns ao questionário e ao texto “Parábola do Filho Pródigo”.

² Dois ** indicam palavras comuns ao questionário e ao ALERS.

49. Que flor também é nome de mulher? *rosa*
50. Fruta amarela, que dá em cachos e pencas? *banana*
51. Para quem a moça reza se quer se casar? *Santo Antônio***
52. contrário de verdade é ... *mentira***
53. Se num lugar existem muitas pessoas, costuma-se dizer que tem muita ... *gente*
54. Quando a gente não encontra um objeto é porque ele está ... *perdido**
55. Hoje estamos vivos, mas um dia vamos ... *morrer**
56. Que é um monte de gente na rua, atrás do padre? *procissão***
57. Que se empilha para construir uma casa? *tijolo*
58. Nome de ave que faz o ninho com terra? *joão-de-barro*
59. Depois do seis vem o ... *sete*** E depois do dezesseis, vem o ... *dezesete***
60. que se faz com leite e qualho? *Queijo ***

PARTE 5 – Leitura de texto:

Parábola do Filho Pródigo³

Um homem **tinha** dois filhos. **Disse** o mais moço a seu pai: Pai, me dá **parte** dos bens que me cabem. O pai **então repartiu** os seus bens entre **ambos**. Poucos **dias** depois, o filho mais **jovem juntou** todos os seus haveres e **partiu** para um país **distante** e dissipou tudo por lá, **vivendo dissolutamente**.

Depois **de** gastar tudo, eis que grande fome assolou aquele país, e começou a sentir privações. Pôs-se então a serviço de um dos **habitantes** daquele país, que o enviou para seu **campo** a guardar porcos. Bem que ele **almejava** faltar-se com as **vagens** que os porcos comiam, mas nem isso lhe davam.

Caíndo, então, em si, disse: Quantos empregados **existem** na casa de meu pai que têm **pão à vontade**... e eu a **morrer** de fome! Vou partir, vou ter com meu pai, e lhe **direi**: Pai, pequei contra **ti**, **já não mereço** ser **chamado** teu filho; trata-me como a um dos teus empregados. E partiu de volta para seu pai.

Estava ainda **longe**, quando o pai o avistou, foi tomado de **compaixão**, **correu-lhe** ao encontro, abraçou-o, e cobriu-o de **beijos**. Disse-lhe então o filho: Pai, pequei contra o céu e contra **ti**, **já não mereço** ser **chamado** teu filho. Mas o pai ordenou a seus servidores: Trazei depressa a melhor **roupa** e **revesti-o**, colocando-lhe um anel nos dedos e **sandálias** nos pés. Trazei **também** um novilho gordo e matai-o; **comamos** e **façamos** uma festa, porque meu filho estava morto e voltou à vida; estava **perdido** e foi encontrado. E começaram a festa.

O filho mais velho estava no campo. Quando, ao voltar, chegou perto da casa, ouviu a música e a **dança**, **chamou** um dos criados e perguntou-lhe o que significava aquilo. Este lhe respondeu: Voltou teu **irmão**. E teu pai mandou matar um novilho gordo, porque o **recuperou** com **saúde**. Encolerizou-se ele e não queria entrar, mas seu pai saiu e insistiu com ele. Ele, então, respondeu ao pai: Há **tantos anos** que te sirvo, sem transgredir jamais uma só de tuas ordens, e nunca me **deste** um cabrito para fazer festa com meus **amigos**. Mal volta, porém, esse teu filho, que **esbanjou** teus bens com prostitutas, e mandas matar para ele um novilho gordo!

Mas o pai lhe replicou: Filho, tu estás sempre comigo, e tudo que é meu é também teu. Por isso, é preciso a **gente** se **rejubilar** e se alegrar, porque teu irmão estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi encontrado."

³ Os vocábulos em negrito serão objeto de análise, tendo em vista os contextos relativos às variáveis que fazem parte da pesquisa.

ANEXO 3 – Mapas Pluridimensionais Gerados pelo Sistema de Processamento de Dados Geolingüísticos (SPDGL)

Variáveis lingüísticas	Leitura	Resposta ao Questionário	Conversa
Ditongo nasalônico [ãw̃]	Mapa 119.a	Mapa 207.a	Mapa 311.a
Realização de [r] forte	Mapa 140.a	Mapa 244.a	Mapa 301.a
Vogal [aN] + fechada	Mapa 135.a	Mapa 222.a	Mapa 323.a
Elevação da vogal final [e]	Mapa 147.c	Mapa 240.c	Mapa 331.a
Elevação da vogal final [o]	Mapa 126.c	Mapa 228.b	Mapa 336.a
Africação de [t] diante de [i]	Mapa 110.a	Mapa 255.a	Mapa 351.a
Africação de [d] diante de [i]	Mapa 107.a	Mapa 201.a	Mapa 356.a
Realização da fricativa [ʃ]	Mapa 128.a	Mapa 233.a	Mapa 341.a
Realização da fricativa [ʒ]	Mapa 147.a	Mapa 256.a	Mapa 346.a

